

FRANCISCO TADEU RIBAS SANTOS ROSA

A ALIANÇA E A DIFERENÇA: UMA LEITURA DO ITINERÁRIO INTELECTUAL
DE CHARLES WAGLEY.

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Departamento de Antropologia Social do
Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas da Universidade Estadual de
Campinas .

Este exemplar corresponde à
redação final da dissertação
defendida e aprovada pela
Comissão Julgadora em 11/08/93.

Quilômetro 100 km, 1º de 23

Yair

Agosto/1993

INTRODUÇÃO E AGRADECIMENTOS

ÍNDICE

INTRODUÇÃO E AGRADECIMENTOS	001
(A) ALGUMAS DATAS	027
(B) APRESENTAÇÃO: UM HOMEM NOS TRÓPICOS	039
(I) OS CHIMALTECOS TOMAM BANHO	040
(II) FM ANTHROPOLOGIST! OU ENTRANDO NUM MUNDO NOVO	064
(III) UM TRADUTOR CULTURAL	100
(C) TEXTOS: UMA MISSÃO CIVILIZATÓRIA	141
(I) A CONSTRUÇÃO DE UM MUNDO MELHOR	165
1. "UM SIMPÁTICO ENTENDIMENTO"	166
1.1 a "necessidade norte-americana de saber"	167
1.2. it is danger to our nation	168
1.3. pesquisas para a solidariedade hemisférica	186
2. O IDEAL NORTE-AMERICANO	193
2.1 quem fala em liberdade e democracia ?	205
2.2 consenso em toda a parte	206
2.3. uma cena política do Brasil	215
3. A REFORMA CULTURAL	220
3.1. a quem se destinam ?	230
3.2. o desenvolvimento e a redenção da da miséria humana	231
3.3. a educação como condição da reforma	234
(II) UMA CIÊNCIA SOCIAL SOCIALMENTE RESPONSÁVEL	262
1. ANTROPÓLOGO E ANTROPOLOGIA	273
1.1 o depositário da História do outro	274
1.2. sua ciência	275
1.3. o outro conhece seu interesse ?	282
2. ESTUDOS DE COMUNIDADE	290
2.1. a presença do passado	296
2.2. A Ciência da pequena comunidade	297
2.3. o trabalho de campo	299
3. A CULTURA	312

1.1. "Uma mensagem de esperança aos homens atormentados"	327
1.2. cultura, história e sociedade	328
1.3. a dinâmica cultural	357
(III) ENTRE A ALIANÇA E A DIFERENÇA	359
1. A AMAZÔNIA: falta e desenvolvimento	368
2. O BRASIL: um laboratório	387
3. A AMÉRICA LATINA: land of manana	420
(D) REFERÊNCIAS: ENTREVISTAS, BIBLIOGRAFIA GERAL E DE CHARLES WAGLEY ...	440

INTRODUÇÃO

0.0 que é esta dissertação?

0.1 Origem histórico-institucional

Esta dissertação é, em termos institucionais, um elemento numa série de pesquisas abrigadas sob o Projeto História da Antropologia no Brasil que procura mapear a memória de nossa disciplina e que - ao lado de outros, como o do IUPERJ sobre a História das Ciências Sociais no Brasil e dirigido por Sérgio Miceli - visam reconstruir nosso passado disciplinar sob múltiplos recortes, institucionais, temáticos e, também, biográficos.¹ Assim, é no interior do campo teórico-institucional aberto por aquele grupo de pesquisas que esta dissertação se situa e a ele pertence. É nele que busca inspiração. Por outro lado, num plano mais propriamente imediato, foi em 1987, quando na graduação me inscrevi no curso que Mariza Corrêa oferecia sobre a História do Pensamento Antropológico, que comecei a realizar esta pesquisa. Ou seja, foi a partir daquele curso e de um convite que Mariza Corrêa me fez para integrar seu grupo de pesquisas que aceitei, a partir de sugestão dela, fazer uma monografia sobre os Estudos de Comunidade, enfocando *Amazon Town: a Study of Man in the Tropics* e sua condição de texto exemplar àqueles estudos. A partir da monografia comecei, então, esta dissertação. Chegando à Pós-Graduação em 1988, pensei em fazer

¹ Sobre isto, ver a apresentação que Mariza Corrêa faz ao volume dedicado aos "Testemunhos" de Emilio Willems e Donald Pierson, volume 1 da *História da Antropologia no Brasil (1930-1960)*, Editora da Unicamp/Vértice, Campinas, 1987. Ver, também, Miceli, S. (org.), *História das Ciências Sociais no Brasil*, volume 1, Idesp/Vértice, 1989.

uma arqueologia dos estudos de comunidade, explicitar o solo comum onde tantos textos foram produzidos e classificados sob aquela categoria. Ou seja, explorar as categorias constitutivas daquele campo de estudos bem como a gramática pelas quais se combinavam. Desde uma abordagem histórica, desejava reunir as "condições de possibilidade" ao surgimento daqueles textos. Estava, como se vê, atado a uma perspectiva de pesquisa holística. Pois bem, o que descrevi imediatamente acima é aquilo que teria feito se uma visita de Sydel Silverman à UNICAMP não tivesse me apontado o caminho da biografia intelectual de Wagley. Inspirado em seu *Totems and Teachers* e em conversa com ela, deixei-me seduzir pela possibilidade de uma dissertação que tomasse a biografia de um autor como uma ante-sala para questões histórico-culturais mais amplas. Tal formulação teórica não é, como se sabe, nova, e pode ser reconhecida nas técnicas de campo da antropologia cultural e naquilo que se conhece como História das Mentalidades, particularmente em sua origem nos trabalhos de Lucien Febvre sobre Lutero e Rabelais.² Ou seja, a partir do

²Sobre a biografia como um elemento de acesso a questões culturais e, portanto, não estritamente individuais, ver Herskovits, M., *Antropologia Cultural, man and his works*, Mestre Jou, São Paulo, 1962 e, por exemplo, Febvre, L., *Le Problème de l'incroyance au XVII^e siècle. La religion de Rabelais*, 1942, Paris, Albin Michel. O texto de Febvre sobre Lutero é de 1929. Comentando Febvre, Chartier dirá que "Desembaraçando-se das etiquetas que, pretendendo identificar os pensamentos antigos, os mascararam na realidade, a tarefa dos 'historiadores do movimento intelectual' (como escreve Febvre) é acima de tudo reencontrar a originalidade, irreduzível a qualquer definição a priori, de cada sistema de pensamento, na sua complexidade e nas suas mudanças. (Chartier, 1988). Cito as palavras anteriores para registrar, a posteriori, uma tentativa que fiz em buscar a originalidade de Charles Wagley, identificável, a meu ver, na intersecção

autor enquanto indivíduo, atingir o autor enquanto uma "função social". Este seria meu porto seguro caso a fragmentação das informações e dos dados não me tivessem deslocado no sentido do registro de questões em Wagley e no estabelecimento de conexões de sentido em seu universo, na direção de significados locais. Não é demais lembrar que tal inflexão se dava no contexto de uma pesquisa coletiva e que tais propostas de pesquisa habitavam os horizontes de nosso grupo de estudos sobre a História da Antropologia.³ Assim, da idéia original a esta dissertação, algumas inflexões aconteceram e mudaram a direção da pesquisa num sentido que, eu espero, esteja mais próximo ao perfil de um mestrado tal qual ele foi redefinido pelas instâncias institucionais competentes: mapeamento de questões e rapidez em sua produção do texto.

0.2 Sua natureza de comentário.

Sendo um elemento na série de pesquisas abertas pelos projetos anteriormente citados, esta dissertação é, também, um comentário ao conjunto de textos de Wagley. Ou seja, em sua dimensão da pesquisa e do texto, propriamente ditos, esta dissertação se coloca como uma iniciativa intelectual e uma tentativa de tornar explícito - a partir de

entre política e cultura como conformadores de sua representação da alteridade. Não tive, por outro lado, nenhuma preocupação com sistemas de pensamento em sua complexidade ou mudança. Se quisermos etiquetar Wagley, entretanto, ele se será identificado ao culturalismo.

³ Esse grupo era coordenado por Mariza Corrêa e contava com Fernanda Massi, João Baptista Cintra Ribas, Yeda Bocalotto, Luis Henrique Passador. Cada um de nós trabalhou diferentes autores e produziu um material que junto a outras pesquisas feitas por outros pesquisadores da Unicamp mapeiam, com eficiência, o passado da disciplina no Brasil.

enunciados e citações, fragmentos de textos - elementos teóricos e políticos, culturais diria, do universo de Wagley. Tal dimensão se realiza, enfaticamente, na segunda parte do texto desta dissertação. Realiza-se naquela parte onde, diretamente, fui aos textos de Wagley para retirar de lá temas, fórmulas teóricas e políticas, elementos, enfim, que os textos continham em suas entrelinhas, fazê-los deixar sua condição de significados implícitos. Poder-se-á argumentar que assim procedendo estaria eu conjurando as potencialidades e os poderes que os textos de Wagley contêm. Tal objeção pode, inclusive, mobilizar uma análise feita por Michel Foucault em 1970, durante sua aula inaugural no College de France, acerca do "status" do comentário na História das Idéias. Foucault, naquele texto, aponta a negatividade do comentário. (Foucault, 1972). Reconheço aquelas objeções como pertinentes mas não interditantes do comentário, dado que o definem pelas suas dimensões negativas e, portanto, pelos seus limites enquanto uma prática heurística. Quanto à sua positividade, sua potencialidade, diria que um comentário amplia as informações sobre um universo cultural, por um lado, e por outro nos permite olhar certos textos de uma maneira diversa da que se olhava através do estabelecimento de conexões de sentido, linhas de coerência que não precisam, necessariamente, tornar plena nenhuma totalidade. Ele nos permite trazer aquilo que estava depositado no texto sob uma forma invisível para um horizonte novo de significação. Dito isto, é preciso que eu registre meu conhecimento da certeza consensual de que um

comentário jamais esgota um conjunto de textos. Um comentário não é, em termos heurísticos, um procedimento holístico. Ele serve a considerações parciais. Por outro lado, é preciso reconhecer, por exemplo, a partir de Rabinow e Bourdieu⁴, que o comentário enquanto uma prática de leitura que se situa no plano textual, onde o toma como campo de significações, não enfatiza o plano institucional. Ou seja, um comentário é, então, uma forma de se abordar um autor. Foi isto que desejei fazer em relação a Wagley. Dessa forma, a segunda parte da dissertação concretiza aquilo que o levantamento da rede de personagens, na primeira, prepara: A rede de personagens, na primeira parte, traz a dimensão de Wagley enquanto um ator individual e que precede, necessariamente, ao autor, na segunda parte.⁵ De qualquer forma, a dimensão do ator e sua rede de personagens e a do autor e seu conjunto de textos complementam-se no sentido do comentário, de trazer aquilo que for possível no sentido da constituição de arquivos disciplinares de época e da consolidação do passado

⁴ Bourdieu, P., 1989, "O Campo Científico". In Renato Ortiz, ed., *Pierre Bourdieu*, São Paulo, Ática e Rabinow, P., 1986, "Representations are social facts: modernity and post-modernity in anthropology". In James Clifford e George Marcus, eds., *Writing Culture - The Poetics and Politics of Ethnography*. Berkley, University of California Press.

⁵ Michel Foucault tematizou o autor enquanto uma função social. Isto é, o autor enquanto uma gramática parcial, às épocas e aos gêneros narrativos, que determina o texto. Ver Foucault, "What is an author?". Não foi esse o sentido que empreguei. Uso a categoria autor como sinônima de organizador de enunciados e de textos aos quais empresta uma singularidade. Aproxima-se mais, portanto de uma dimensão individual da escrita. Em Wagley, esta singularidade se expressa na articulação entre a noção de cultura e objetivos políticos como o da extensão da influência norte-americana. Sinteticamente, Wagley nos deixou a noção de reforma cultural.

disciplinar enquanto aquilo que nos permite projetar, coletivamente, o futuro da disciplina.

0.3 A origem das informações

Na construção de meu comentário ao conjunto de textos de Wagley, na realização desta dissertação, duas foram as origens das informações. Fiz uma série de entrevistas com amigos, ex-alunos e colaboradores, por um lado, e li o que me foi possível do conjunto de textos de Wagley, por outro. Digo que li o que me foi possível porque não tive acesso a todos os textos de Wagley. Isso se deve às limitações próprias ao exercício de uma dissertação num país com uma descontinuidade de informação como é o nosso.⁶ Para exemplificar minha afirmação, é suficiente lembrar que Wagley escreveu alguns textos sobre antropologia aplicada para o periódico carioca *O Jornal*, na década de 40, que se encontram na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Tais textos, entretanto, por ausência de pessoal para catalogá-los não estavam disponíveis - jogados num grande depósito quando os procurei no primeiro semestre de 1980. Uma outra fonte de informação foi a leitura de textos de autores citados por Wagley como Eduardo Galvão, por exemplo, ainda que sem uma preocupação de confrontar conteúdos teóricos em Wagley com estes ou quaisquer outros autores. Os li, primeiramente, para me situar em relação a alguns problemas colocados por Wagley e, em segundo lugar, para reconstituir a rede de personagens sobre a qual falo na primeira parte desta dissertação. Essas redes se definiram, ao

⁶ Sobre este tema ver Ruth Cardoso (org.), 1986. *A Aventura Antropológica: teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

longo da pesquisa, como uma leitura auxiliar. Assim, na primeira parte do texto usei informações que, basicamente, vieram de entrevistas que fiz e da correspondência que troquei com Charles Wagley complementadas pela leitura da introdução de livros seus e de outros autores. Não fiz, no corpo do texto, as devidas referências aos entrevistados para não criar no leitor a sensação de fragmentação. Isto não quer dizer, entretanto, que não atribua os créditos a quem de direito. Na primeira parte do texto, as informações vieram, majoritariamente, dos entrevistados cuja lista o leitor pode encontrar nas Referências desta dissertação. Resolvi não fragmentar o texto com inúmeras citações, não trazer a polifonia que de fato constitui a primeira parte da dissertação e, portanto, a substituí pela minha voz, para reforçar a sensações de totalidade e continuidade de que uma biografia se alimenta e onde se sustenta, ainda que ilusoriamente⁷. Assim, a dimensão de Wagley enquanto um ator numa rede de personagens tem origem nas informações que os demais atores da rede me prestaram através de entrevistas.

Na segunda parte do texto as informações que

⁷ Sobre a presença do autor e a pós-modernidade em antropologia, ver Caldeira, T., 1988. "A presença do autor e a pós-modernidade em Antropologia", *Novos Estudos Cebrap*, julho. (pp. 133-157). Não estou, obviamente, reivindicando nenhuma identificação intelectual, metodológica ou política com os autores que se dedicam, sob diferentes formas, a desconstruir a autoridade etnográfica, a etnografia e o realismo etnográficos. Apenas gostaria de registrar que, involuntariamente, minha dissertação possa, sob o aspecto da fragmentação e da busca de conexões de sentido, encontrar alguma relação com aqueles autores. Isto significa, propriamente, uma influência difusa de época e não uma escolha voluntária.

usos vieram dos livros de Charles Wagley e, secundariamente, dos livros de alguns outros autores como, por exemplo, Eduardo Galvão. O que posso dizer sobre elas é que me permitiram sob a unidade da leitura do tema, do enunciado e da citação comentar textos de Wagley e, portanto, tomá-lo como um autor.

0.4 O Plano do Texto e algumas decisões tomadas nele.

Gostaria, nesse momento dessa introdução, de falar alguma coisa sobre meu texto no tocante à sua composição e a algumas decisões que lhe são correlatas. Gostaria de apresentar meu texto.

Ele é composto de duas partes complementares. Na primeira, procurei colocar em cena a rede de personagens de Charles Wagley, tematizando-o como um ator nessa rede. Ou seja, procurei reconstruir a trajetória pessoal e institucional do antropólogo norte-americano no segmento relativo ao Brasil. Isto foi uma espécie de homenagem a alguém que durante toda sua vida acadêmica se preocupou com o destino das sociedades indígenas e, principalmente, com o Brasil, colocando-os na condição de outro e retirando-o, assim, do desconhecimento que sua identificação a uma mancha verde no mapa mundi trazia.⁸

Na segunda parte, tomei alguns enunciados e citações no conjunto de textos de Wagley para explicitar sua singularidade enquanto autor. Para tanto, fui do contexto às representações de alteridade. Ou seja, fui tentando

⁸ Até Charles Wagley, o Brasil era para os norte-americanos, por diversas razões (a língua sendo a mais imediata), uma mancha verde no mapa mundi.

estabelecer conexões e sentidos entre planos como o da geo-política norte-americana, o método e a noção de cultura com a representação que Wagley faz da Amazônia, do Brasil e da América Latina. Quando olhadas em perspectiva, as duas partes revelam que fui do ator ao autor. As conexões entre ambas são de natureza formal e de uma certa extensão de conteúdo porque como nos lembra Rabinow (*op.cit.*), as representações são fatos sociais. Isto é, o universo do autor é um conjunto que está contido no universo do ator mas que com ele guarda uma relação de derivação ou, talvez, implicação. Isto não quer dizer, entretanto, que tenha, sistemática e holisticamente, procurado as mediações entre ambos. Se elas aparecem, não são, exclusivamente, minha preocupação. Aliás, poder-se-ia lembrar que cada universo citado pode ser reconhecido como uma totalidade e, assim, cada parte da dissertação pode ser vista nela mesma.

Detalhando o conteúdo de cada universo, diria que com o primeiro capítulo da primeira parte quis trazer os momentos (em vários registros) imediatamente anteriores à vinda de Wagley ao Brasil. No segundo, quis reconstruir sua cena carioca, particularmente em sua dimensão não-acadêmica. No terceiro, procurei trazer *Amazon Town: a Study of Man in the Tropics* à cena. Trazer as críticas de Ianni e Woortmann. No último capítulo da primeira parte, quis falar do Projeto Bahia-Columbia e, assim, prestar, também, minha homenagem a Thales de Azevedo. Ao longo de toda a primeira parte não foi outro meu objetivo narrativo senão o de fazer emergir a rede

de personagens que contracenaram com Wagley ao mesmo tempo em que busquei apontar a existência de questões a essa rede associadas. Não foi minha intenção explicar os textos pela rede de personagens, produzindo algo como um determinismo sociológico das representações, nem esgotá-la em seus temas ou questões. Não tive preocupações holísticas em nenhum momento do texto.

Na segunda parte, *A Construção de um Mundo Melhor* é a busca da explicitação do quadro géo-político correlato aos textos de Wagley e neles presentes. Particularmente, me parece central a este quadro, a noção de reforma cultural, na medida em que articula a antropologia social, pelo seu conceito de cultura, aos objetivos políticos norte-americanos. *Uma Ciência Social Socialmente Responsável* é uma tentativa de registrar uma segunda dimensão do contexto onde Wagley representou a Amazônia, o Brasil e a América Latina. Trata-se da perspectiva aplicada de sua antropologia. O centro é, sem dúvida, *A Ciência da Pequena Comunidade*, ou seja, os Estudos de Comunidade enquanto metodologia que tem nas noções de comunidade e cultura suas dimensões fundamentais. Por último, *Entre a Aliança e a Diferença* é a conclusão onde procuro tornar visíveis as representações da Amazônia, Brasil e América Latina associadas aos contextos político e metodológico. Ao longo de toda a segunda parte, e algumas vezes na primeira, procurei as conexões entre planos de representações. Assim, procurei mostrar que as representações do outro estão associadas a representações mais

gerais como as géo-políticas e as metodológicas por um lado e que têm, por outro, na tensão entre tomar a diferença como um elemento para interpretação e sua subsunção à uma categoria política como aliança seu centro. Tal tensão deriva, a meu ver, de uma suspeita sentida por Wagley sobre a legitimidade em se colocar a antropologia a serviço de transformações sociais, quase um ceticismo ante sua aplicabilidade, quando já se aposentava.

Tanto na primeira como na segunda parte o que busquei fazer foi estabelecer conexões onde elas fossem possíveis. Tal decisão decorre menos de um posicionamento consciente pela narrativa pós-moderna e mais pelo caráter fragmentário das informações que consegui. Na segunda parte, em especial, optei pela tática do "corpo a corpo" com os textos na procura de circuitos de significações. De maneira geral, a busca por reconstruções e significados parciais foi o que, inconscientemente, orientou minha dissertação.

Como ponto de partida para esta narrativa, apresentei uma cronologia em *Algumas Datas*. Tal cronologia tem por objetivo situar o leitor do texto ante a trajetória de Charles Wagley em seus eventos mais importantes.

1. Inspirações e Proximidades Teóricas Possíveis.

A minha intenção ao escrever este item não é nenhuma outra senão aquela de apontar referências teóricas de meu texto e, assim, registrar que renuncio a qualquer pretensão ingênua de originalidade na narrativa ou na pesquisa. Por outro lado, é meu desejo mostrar proximidades e,

jamais, figuras paradigmáticas quer se tratem de autores ou de textos. Para tanto, mobilizo a categoria inspiração no sentido oposto ao de identificação ou filiação. Tais inspirações são buscadas no interior de um campo cultural e gostaria que estivessem além da reprodução pura e simples dos modelos de pesquisa.

1.1 Itinerários intelectuais.

A preocupação histórica com o campo científico em sua estruturação interna ou em suas conexões com os demais campos culturais, como se sabe, não é recente. É uma preocupação antiga que tem nas diferentes historiografias nacionais, para citar Chartier, uma inserção precisa e uma singularidade. História Intelectual versus História das Idéias; História das Mentalidades versus História Social das Idéias são apenas dois pares de oposição que estruturam aquele campo. As questões da relação entre os indivíduos e as sociedades, os temas das configurações culturais, como por exemplo em Elias, também não são recentes.

O que desejo é mostrar uma presença: a antiga tradição das preocupações com a produção científica e cultural. Uma outra dimensão dessa preocupação está, sem dúvida, na discussão sobre a preponderância de fatores internos ou externos na emergência de significações de um texto ou conjunto de textos. No interior dos fatores externos se seriam os macro-políticos ou os micro-políticos que determinariam estudos e textos. Pois bem, a partir daí é possível ver-se que um conjunto de oposições levaram a um

debate historiográfico onde uma negociação dessas oposições fosse necessária. Para o Professor Roberto Cardoso de Oliveira, se o leio com a devida acuidade, tal síntese viria com Khun e as noções de paradigma e matriz disciplinar. Estas noções poderiam, eventualmente, serem interpretadas como culturas e sub-culturas acadêmicas e disciplinares. Numa outra direção, convergindo entretanto para a síntese entre o que é interno e o que é externo, apareceram as preocupações de Clifford Geertz expressas na possibilidade de se tomar os cientistas e autores como "nativos" e fazendo-os passar de observadores a observados. Assim - sem que eu me estenda demasiadamente numa situação que já é por demais conhecida - gostaria de afirmar que minha dissertação tem como fundo histórico os contornos que, de maneira breve, procurei reconstruir. Mais precisamente, minha dissertação vai se situar no devir aberto pelas obras e textos daquele campo e junto à noção de "itinerário intelectual". Parece-me que esta noção foi a versão, no âmbito do Departamento de Antropologia da UNICAMP que se consagrou como uma modalidade da síntese anteriormente mencionada.

Desta forma, a biografia intelectual que fiz de Charles Wagley é uma tentativa de reconstruir, "etnograficamente", seu itinerário intelectual. Uma reconstrução que não visa uma continuidade absoluta e, muito menos, qualquer tipo de totalidade mas que serve, por outro lado, ao esforço de se reunir informações, "arquivos", sobre a disciplina. Colaborar nesse esforço foi o que procurei

fazer em minha pesquisa.⁹

1.2 Inspirações.

Se o fundo histórico sobre o qual é possível e legítimo se projetar esta dissertação tem nos contornos anteriores sua materialidade, é preciso que afirme, agora, as inspirações que, na maioria das vezes inconscientemente, regeram sem que eu soubesse minha escrita. Como disse anteriormente, não se trata de equivalências teóricas mas, fundamentalmente, de aproximações feitas e muitas vezes percebidas apenas a posteriori. A primeira delas é aquela de *Totems and Teachers* de Sydel Silverman. Foi a partir dele que percebi que uma biografia intelectual pode ser um passaporte para questões coletivas, institucionais e culturais. A segunda inspiração veio com James Clifford e seu estudo sobre Maurice Leenhardt. Sua leitura me mostrou a contemporaneidade de um estudo biográfico. Contemporaneidade que significa estabelecer conexões de sentido entre o passado e o presente, conexões diacrônicas de sentido. Nesse sentido, me foi exemplar o

⁹Se o leitor desejar uma verticalização nas questões que, sumariamente, enunciei ver Chartier, R., 1988. *A História Cultural, entre práticas e representações*, Difel e Bertrand do Brasil, Lisboa e Rio de Janeiro. Ver, também, Cardoso de Oliveira, "A vocação meta-disciplinar da Etnografia da ciência" (prefácio do livro *Sobre o Pensamento Antropológico*) e Geertz, C., *Local Knowledge: Further Essays in Interpretative Anthropology*. Basic Books Inc. Publishers. New York, 1983. Quanto a Chartier, lembraria o capítulo I "História Intelectual e História das Mentalidades: uma dupla reavaliação" e seu comentário à *A Sociedade de Corte*, de N. Elias, feito no capítulo III de seu livro e batizado de "Formação social e 'habitus': uma leitura de Norbert Elias". Para uma introdução à questão do ressurgimento da narrativa, da História enquanto narrativa, ver Stone, L., 1979. "The Revival of Narrative: Reflections on a New Old History", *Past and Present*, nº. 85, November 1979. (pp. 3-35)

estudo de Mariza Corrêa sobre a Professora Leolinda Daltro. Nesse estudo, Mariza mostra como uma preocupação com a relação entre o índio e a Sociedade Nacional estava presente numa feminista e etnóloga amadora muito antes de se constituir numa prioridade da agenda antropológica.¹

2. Categorias empregadas na construção da narrativa.

Na apresentação de *O Navio Encantado*, *Etnias e alianças em Tefé*, Priscila Faulhaber escreve:

Gostaria que este livro fosse lido como uma narrativa das incursões de um aprendiz de ensaísta pelo reino dos artifícios, até chegar, através de verdades e mentiras, ao ponto final de suas investidas: uma zona entre o conhecimento e a ficção, ainda em estado provisório e indecifrado. (Faulhaber, 1987)

Gostaria de me situar e à minha dissertação no devir aberto por essas palavras. Com efeito, se não me considero um aprendiz de ensaísta mas um mestrando, meu texto, entretanto, é uma narrativa para a qual o trabalho do leitor deverá lançar a interpretação que conjura a provisoriedade e o enigma. Para tanto, deverá olhar para a narrativa como uma negociação entre o autor e ele para se poder entrar no reino dos artifícios. Como toda negociação requer transparência e demanda, no âmbito dessa introdução, algumas colocações sobre as categorias onde busquei a sustentação para a construção de sua narrativa. Assim, três observações se fazem necessárias para codificar e, portanto, colocar em cena as categorias do enunciado e da citação, do conjunto de textos e da rede de personagens. Uma quarta deverá ser feita com o objetivo de

¹ Corrêa, M., 1988. "Os Índios do Brasil Elegante e a Professora Leolinda Daltro", *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.1 nº 2.

explicar a decisão que tomei em usar um fragmento de relatório de pesquisa sobre o qual não pude estabelecer o autor e nem situá-lo, nitidamente, em referências cronológicas.

2.1 Enunciado e Citação.

A categoria enunciado foi usada com o sentido de estabelecer séries de frases que, em perspectiva, projetavam algum tipo de significado. Como série de frases, enunciado ganha, nesta dissertação, uma identificação à citação, sendo, por conseguinte, sinônimas. Assim, não quis usar a categoria enunciado com o mesmo sentido que emprega Michel Foucault em *A Arqueologia do Saber*. Minha intenção não foi descrever discursos, ou estabelecer níveis de enunciados e suas relações como, minimamente, posso ler *A Arqueologia do Saber*. Meu objetivo foi mais local ou parcial. Quis estabelecer conexões entre enunciados para me situar e ao leitor em circuitos de significados. Assim, um enunciado tem, para mim, uma significação mínima e imediata: é um conjunto de frases, uma citação cujo valor estratégico, em termos do comentário, está na possibilidade de estabelecer linhas de significados, conexões de sentido.

2.2 O conjunto de textos

Usei a noção de conjunto de textos para me referir, única e exclusivamente, à produção intelectual de Charles Wagley. Não tive a intenção de substituir obra por conjunto de textos, dado que, a meu ver, não são equivalentes e, portanto, intercambiáveis. Aliás, conjunto de textos é mais um artifício narrativo que uma categoria propriamente dita.

Por seu caráter intuitivo, conjunto de textos me desobriga das tarefas intelectuais associadas à noção de obra.¹¹

2.3 A rede de personagens

Usei a noção de rede de personagens para caracterizar uma narrativa descompromissada com a descrição de valores e de dramas que acompanha a noção de rede social. Tal decisão não se deve a uma rejeição da noção de rede social e suas implicações e sim a uma tentativa em reconstruir a trajetória de Wagley segundo sua condição de ator individual. Rede de personagens é o conjunto de pessoas que, de alguma forma, interagiram com Charles Wagley e, em termos teóricos, uma simplificação da noção de rede social tal como aparece, por exemplo, na Escola de Manchester.

2.4 Anônimo, s/d

Por último, gostaria de apresentar ao leitor minhas razões para o uso de parte de um relatório que, em meu texto, aparece indicado como anônimo e sem data. Tal texto me foi entregue pelo Professor Mércio Gomes como parte de um pequeno arquivo de Eduardo Galvão. Ao lê-lo, pareceu-me repleto de significações interessantes como, por exemplo, aquelas relativas à imagem do antropólogo e de sua ciência. Assim, seu uso se justifica na medida em que se alinha de uma maneira harmoniosa e eficiente à narrativa que procurei construir. Mariza Corrêa ponderou-me sobre os inconvenientes desse uso mas decidi mantê-lo assim mesmo para que não ficasse com o

¹¹ Sobre uma crítica à noção de obra ver Foucault, 1968. "Réponse au Cercle d'épistémologie". *Cahiers pour l'Analyse*, Été, Paris, Éditions de Seuil. (pp. 9-44).

sentimento de mutilação do texto, dado que trazia significados por demais harmônicos à minha narrativa. Prescindir da identidade do autor, assim como de coordenadas temporais não quer dizer a morte do texto, sua inutilidade para a narrativa. Ao contrário expõe de maneira irreversível as significações que nele se pode ler pela preponderância absoluta das imagens.

3. Algumas implicações da estratégia de pesquisa e narrativa adotadas.

Gostaria de pedir a atenção do leitor para dois tipos de implicações decorrentes do encaminhamento que dei à minha dissertação. Isto é, desejaria mostrar que a impossibilidade em optar por um procedimento de pesquisa holístico tem, no plano do conteúdo do texto e da perspectiva da enunciação, seu preço. Assim, a leitura de minha dissertação trará ao leitor uma sensação que eu tenha variado no tratamento de temas e textos, repetido alguns temas e, possivelmente, não hierarquizado questões e assuntos. Tais implicações da recusa à reconstituição da totalidade se situam no plano do conteúdo da narrativa. Por outro lado, no plano da enunciação aparece uma certa ausência (não deliberada) de meu posicionamento ante temas como a influência norte-americana em nosso continente ou a legitimidade de uma perspectiva aplicada da antropologia social.

Quanto ao primeiro grupo de implicações, lembraria que a homogeneidade no tratamento de temas e textos está associada à perspectiva de um estudo da obra do autor, de um estudo, portanto, holístico. Assim, uma certa tolerância do

leitor para com a heterogeneidade aludida é própria à compreensão de que minha pesquisa e meu texto não tinha por finalidade descrever a arquitetura da obra de Wagley ou a estrutura na qual se sustenta. A variação no tratamento de temas e textos decorre de minha intuição quanto às potencialidades deles em estabelecer circuitos de significados. Ou seja, conduzido pelos padrões de pesquisa de reconstrução de totalidade o leitor acabará demandando de minha pesquisa e de meu texto perspectivas às quais eles não se integram. Requerer homogeneidade narrativa não é uma questão estética como possa parecer. É, antes de tudo, mobilizar padrões de leitura diametralmente opostos aos padrões que regeram meu encaminhamento da pesquisa e do texto.

Uma segunda implicação que pode, equivocadamente, ser lida como repetição, é aquela onde um mesmo tema é retomado em contextos significativos diferentes. Por exemplo, o tema da relação entre Charles Wagley e Carlos Lacerda. Na primeira parte do texto, este tema é mobilizado para a reconstrução da rede carioca de personagens de Charles Wagley. Associada a essa reconstrução está uma corrente de significados que articula questões culturais como a amizade entre eles e a eventual identificação ideológica. Na segunda parte do texto retomo esse mesmo tema para estabelecer uma cena política brasileira. Ou seja, para mostrar como Charles Wagley via lideranças políticas de matizes ideológicos opostos na década de sessenta e de como sua visão deles se conectava a uma perspectiva política maior e mais abrangente. A partir

daí, me foi possível ver a simpatia com que Wagley via uma forma de fazer política encarnada em Carlos Lacerda. Foi-me possível ver suas identificações no momento do Golpe Militar de 1964. Assim, se o leitor olhar o tema fora do contexto estratégico onde ele foi mobilizado, ficará com a sensação da repetição. Caso atente para o lugar que o tema ocupa na articulação de significados, verá, então, que não se trata de uma repetição, mas de um uso diverso ao tema.

Uma terceira implicação é aquela da ausência de uma hierarquização do material. Ao contrário do que possa parecer, ela existe. Na primeira parte, a hierarquização do material foi substituída pelo compromisso narrativo de se trazer para o plano do texto o que fosse possível, dado que a prioridade era estabelecer o palco onde Wagley atuou, de forma a mais abrangente possível. A segunda parte, entretanto, foi feita a partir de uma hierarquização que não visava o interior e a substância da obra de Wagley, mas visava o estabelecimento de planos sucessivos de contextos com vistas à articulação de significados. Nas três implicações o que se apresenta é a perspectiva parcial, a do significado restrito. Não tive condições, não desejei e me parece algo deslocada a tentativa da reconstrução holística à qual se filiam, a meu ver, as preocupações expressas naquelas implicações.

Num segundo grupo de implicações, encontra-se uma eventual ausência de posicionamento claro do autor. Tal ausência de posicionamento que não deve ser confundida com neutralidade, decorre da perspectiva adotada na pesquisa, o

registro algo impressionista de questões e temas em Charles Wagley. Não foi minha intenção prioritária discutir antropologia aplicada, relativismo cultural ou géo-política. Se quisesse fazê-lo deveria ampliar o leque de autores relativos ao tema na direcção da reconstrução do sub-campo intelectual a ele associado. Desejei registrar posições de Wagley quanto aos temas mas me mantento tangente a eles porque não me sentia suficientemente informado para debatê-los. De qualquer forma, não foi em nome de nenhum princípio metodológico de neutralidade que tangenciei as questões registradas, mas por desejar fazer com que os significados subjacentes aos temas viessem à luz. Daí o carácter fragmentário da narrativa que constitui a segunda parte da dissertação. Sob certo sentido quis que o comentário ocupasse o lugar do debate. Este fica para o leitor construir.

Por último, quanto às perspectivas de leitura que o texto possa comportar, gostaria de afirmar o carácter de homenagem a Charles Wagley que esta dissertação tem. Na segunda parte, em especial, onde os significados saídos da narrativa possam se conectar a significados presentes e daí tentar estabelecer uma identificação entre questões géo-políticas passadas e presentes, minha intenção foi apenas a de comentar os textos, de estabelecer sub-textos parciais e, jamais, de censurar ou acusar qualquer prática de Wagley. Acredito que ele teria, certamente, compreendido minhas colocações a esse respeito. Teria me olhado e à minha dissertação de uma maneira "rooseveltiana".

4.0 que procurei fazer.

Se o item anterior evoca eventuais negatividades do meu texto, ainda que (como espero ter demonstrado) por razões equívocas, neste, minha intenção é traçar o quadro de prioridades gerais que orientaram minha pesquisa. Assim, é preciso dizer que, desde meus tempos de graduação, Wagley ganhou, enquanto um autor, a condição de exemplo. Isto é, nele se encarnaram de maneira sintética as características que, dispersa e sem plenitude, habitavam tantos autores norte-americanos de sua geração e de geração posteriores. A preocupação com a aplicabilidade da pesquisa, a ênfase na pesquisa de campo, o uso da noção de cultura e, principalmente, a fusão de todos esses elementos na noção de reforma cultural. Tudo isso fez de Wagley um exemplo de autor a ser seguido. A condição de paradigma pode ser emprestada a *Amazon Town: a Study of Man in the Tropics*, também. Dessa forma, o que fiz foi mapear temas e circuitos significativos para estabelecer menos as raízes de sua obra e mais o registro de elementos biográficos e teóricos necessários a que num futuro próximo se possa, então, trabalhar no sentido de reconstruir a totalidade da obra e do autor. O que tentei fazer foi, também, saldar meus compromissos institucionais e intelectuais com a UNICAMP e, principalmente, homenagear alguém que o Brasil até bem pouco tempo desconhecia, para citar Nirlando Beirão.

AGRADECIMENTOS

Para a realização desta dissertação, uma

instituição foi de fundamental importância. Fundamental porque me ofereceu os meios intelectuais e as perspectivas para fazê-lo, mas, mais ainda, porque me possibilitou o encontro com pessoas que me mostraram o "caminho das pedras" quando eu imaginava que o trabalho intelectual consistia, apenas, em se narrar, sobre um determinado tema, aquilo que se tem na cabeça. Estas pessoas a que me refiro foram importantes para mim porque souberam tolerar uma certa descontinuidade na produção da pesquisa e da redação do texto, ora me encorajando a trabalhar e, noutros momentos, oferecendo contribuições como indicações de livros e sugestões. São minhas referências intelectuais. Ao Departamento de Antropologia do IFCH/UNICAMP gostaria, portanto, de agradecer por tudo o que me ofereceu nesses anos. Esta dissertação é dele. Em seu interior, gostaria, entretanto de, especialmente, agradecer a Mariza Corrêa. Em 1987, recebi, dela, a confiança de que pudesse realizar uma biografia de Charles Wagley. Ela me acolheu, ainda na graduação, no Projeto que, sob sua direção, tematizava a História da Antropologia no Brasil. Por outro lado, sempre recebi de Mariza Corrêa o estímulo e a orientação para deixar um certo espontaneísmo intelectual e passar à profissionalização. Agradeço a ela por isso e, também, pelas inúmeras e incansáveis iniciativas que tomou no sentido de criar as condições materiais para a realização dessa dissertação (e isto inclui sugestões de pesquisa a partir da leitura de prolixos relatórios bem como o aval institucional para bolsas e financiamentos). Gostaria de agradecer, também,

a Mauro Almeida, posto que foi a partir de sugestão dele que procurei Mariza Corrêa, em 1985 quando fiz seu curso de Antropologia I.

Além de Mariza Corrêa, gostaria de agradecer a Roberto Cardoso de Oliveira e a Guillermo R. Rúben pelas generosas contribuições feitas durante meu exame de qualificação. O Professor Roberto concedeu-me, ainda, a gentileza de me receber em sua casa para uma entrevista, pelo que agradeço, também. Além deles, meus colegas de pós-graduação foram um constante estímulo à finalização dessa dissertação. Ainda quanto à UNICAMP, gostaria de agradecer o trabalho das bibliotecárias na obtenção de textos de Charles Wagley assim como me desculpar por uma certa impaciência que julgo ser própria a todo mestrando quando os textos, na ótica do mestrando, demoravam a chegar. A todos, muito obrigado.

Durante a pesquisa, foi-me necessária a realização de uma série de entrevistas no Rio de Janeiro, Belém, Natal e Salvador. No Rio de Janeiro, fui recebido no Museu Nacional e no Museu do Índio. Assim, gostaria de agradecer aos Professores Luís de Castro Faria, Berta Ribeiro Yonne Leite e Carlos Moreira Netto pelas entrevistas que me concederam e a Mércio Gomes pela entrevista e material sobre Wagley e Galvão, inclusive o fragmento de texto anônimo e sem data a que me referi na introdução. Um agradecimento especial a Pompéia Lima pela maneira como me recebeu no Museu do Índio, generosa quanto aos materiais de pesquisa e prática na indicação de contatos.

Do Rio de Janeiro fui a Belém onde entrevistei Exedito Arnaud, Adélia Ingrácia de Oliveira e Celeste Braga a quem agradeço pelas entrevistas. Além destas, pesquisei na Biblioteca do Museu Goeldi e, portanto, gostaria de agradecer às bibliotecárias que me facilitaram o acesso ao material. Gostaria, por último, de agradecer a Lourdes Furtado pela hospitalidade com que me recebeu em Belém e pela maneira sempre pronta com que me ajudou lá. De Belém fui a Natal e, assim, gostaria de agradecer a Nassaro Nasser pelas sugestões que me fez para a dissertação. Em Salvador, o Professor Thales de Azevedo me concedeu a honra de entrevistá-lo em sua casa e de me mostrar sua fabulosa biblioteca. Além de Thales de Azevedo, gostaria de agradecer a William Hutchinson pela gentileza em me receber para uma entrevista. De volta a Campinas, conversei com o Professor Octávio Ianni a quem agradeço as sugestões feitas.

Num plano diverso daquele da UNICAMP, gostaria de agradecer ao Center for Latin American Studies da Universidade da Flórida por haver me propiciado o encontro com Charles e Cecília Wagley. Fui a Gainesville no início do ano de 1991 e pude, então, entrevistar o Professor Charles Wagley (antes nos correspondemos). Ele me recebeu em sua casa e durante quatro horas, em duas sessões, pudemos conversar sobre Antropologia, sobre o Brasil e sobre sua relação com o nosso país. Registro a atenção e o carinho com que o professor Wagley ouviu minhas idéias sobre seu trabalho, bem como a maneira elegante com que respondeu às minhas questões.

Lembraria, ainda, sua sábia tolerância aos mais diversos aspectos de minha pesquisa, principalmente àqueles nos quais fosse, diretamente, questionado. Infelizmente, apenas posso ficar, quanto a ele, ao nível do registro pelos motivo de nos ter deixado em 1992. Além do agradecimento) póstumo a Charles Wagley, gostaria de agradecer a Cecília Wagley pelo modo carinhoso como me recebeu e me concedeu uma entrevista. A ela, pela cordialidade oferecida e pelas informações prestadas, meu muito obrigado.

Meu encontro com os Wagley não teria sido possível sem a intervenção de Marianne Schiminck e Pennie Magee. A elas meus agradecimentos.

Por último, gostaria de agradecer à CAPES, FAPESP e ANPOCS e FAEP pelo apoio material à pesquisa em seus diversos momentos.

(A) ALGUMAS DATAS

1913

Nasce Charles Wagley no dia 9 de Novembro em Clarksville, Texas.

1926

Roy Nash publica *The Conquest of Brazil*.

1931

Wagley vai para a Universidade de Oklahoma e John Frederic Normano escreve *The Struggle for South America*.

1934

Wagley deixa a Universidade de Oklahoma e vai para o Columbia College.

1936

Wagley deixa o Columbia College com seu B.A. e entra para a Columbia University.

1937

Wagley faz pesquisa na Guatemala sob a direção de Ruth Benedict.

1938

Buell Quain, William Lipkind e Ruth Landes viajam ao Brasil para fazer pesquisa. Landes na Bahia, Lipkind entre os índios Carajá e Quain entre os Trumai do alto Xingú e, posteriormente, entre os Krahó do Maranhão.

Heloísa Alberto Torres, diretora do Museu Nacional, escreve a Franz Boas, da Universidade de Columbia, pedindo especialistas americanos para a Instituição que dirigia.

Wagley escreve a A. Métraux em Yale pedindo uma indicação para estudos etnológicos no Brasil e Métraux sugere a ele o estudo dos Tapirapé.

1939

Wagley termina seu *Graduate School*.

Chegada de Wagley ao Brasil, ao Rio de Janeiro.

1940

Charles Wagley encontra Cecília Roxo, bolsista do DASP em New York.

Wagley volta aos EUA onde torna-se instrutor no Columbia College.

Publicação de "World View of the Tapirapé Indians" no *Journal of American Folklore* e de "The effects of depopulation upon social organization, as illustrated by Tapirapé Indians" no *Transactions of the New York Academy of Science*.

1941

Wagley retira seu Ph.D. e retorna ao Brasil após deixar seu cargo de instrutor no Columbia College. De 1941 a 1942 serve como *Visiting Lecturer* no Museu Nacional com uma bolsa do Governo Norte-Americano e lidera uma expedição de campo para estudar os Tenetehara.

William Varian - professor de literatura, muito interessado no ensino de português e ligado à Fundação Rockefeller - organiza com a ajuda de Luís Borba de Moraes o primeiro colóquio luso-brasileiro em Washington.

Publicação de "Economics of a Guatemalan Village" no *Memoirs of the American Anthropological Association* nº 58.

1942

Os governos dos EUA e do Brasil fazem um esforço comum de

guerra e criam o SESP, Serviço Especial de Saúde Pública, para oferecer assistência médica aos seringueiros do Vale Amazônico e, assim, melhorar as condições de saúde da força-de-trabalho com vistas ao objetivo imediato de incremento da produção de latex. Tal incremento foi uma resposta aos mercados criados com a guerra. Wagley ocupa o lugar de membro da missão técnica brasileira do Instituto de Assuntos Inter-Americanos, órgão ligado ao Departamento de Estado, até 1945 e, simultaneamente, o posto de Diretor da Divisão de Educação Sanitária e de Diretor do Programa de Migração.

Visita, pela primeira vez, Itá, numa viagem de estudos que antecedeu ao planejamento do SESP no Vale Amazônico.

Tradução para o Português do texto *The effects...* e publicado na revista *Sociologia*.

Publicação do texto "O Estado de Extase do Pagé Tupi" na revista *Sociologia* nº IV(3)

De 1942 a 1945, integra o *Field Staff* do Instituto de Assuntos Inter-Americanos.

1943

Wagley faz pesquisa no Brasil sob os auspícios do Instituto de Assuntos Inter-Americanos.

O SESP instala um posto de saúde em Itá

Publicação de "Notas Sobre Aculturação entre os Guajajara (Tenetehara)" no *Boletim do Museu Nacional, Antropologia*, Nº 2 e de "Tapirapé Shamanism" para o mesmo Boletim.

1944

Wagley visita Juazeiro, coleciona livros e sonha escrever uma obra sobre Padre Cícero. Desiste, mas passará a idéia a Ralph della Cava, seu aluno preferido, na década de sessenta.

1945

Integra, na condição de membro, o *Committee on Latin America* do National Research Council, posição que só deixará com sua morte.

Wagley recebe, na qualidade de Oficial, a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul.

De 1945 a 1947, Wagley integra o *Staff* da John Simon Guggenheim Foundation.

Wagley deixa o Instituto de Assuntos Inter-Americanos.

Volta a Itá

Publicação de "Um Tapirapé atinge a Maioridade" na *Revista do Museu Nacional* 3, de Estudos Regionais e Problemas Sociais para a *Revista do Instituto Brasil Estados Unidos* III(9) e re-impressa na *Revista do I.N.E.P.*, de "Antropologia Aplicada" para a *Revista de O Jornal* em 29 de Abril, de "Algumas Lendas Indígenas (Tenetehara)" para a *Revista de O Jornal* em 27 de Maio (I), 24 de Junho (II) e 15 de Julho (III) e de "A Educação Sanitária do Povo Brasileiro na Zona Rural" na *Revista de O Jornal* de 5 de Agosto.

Resenha Plainville, USA de James West na *Revista de O Jornal* de 13 de Maio

1946

Wagley representa a A.A.A. no National Research Council até 1949, representação que tornaria a exercer de 1952 a 1953.

Wagley ocupa a Secretaria da Secção de Antropologia da *New York Academy of Sciences* até 1947.

Wagley recebe a Medalha de Guerra do Brasil.

De 1946 a 1949, Wagley ocupa o cargo de Professor Assistente de Antropologia na Columbia University.

Publica "O Museu Nacional Como Centro de Pesquisas Antropológicas" em *O Jornal* de 8 de Janeiro; "Tupi-Guarani Kinship" no *Boletim do Museu Nacional de Antropologia* Nº 6 em parceria com Eduardo Galvão (edição bi-língua Inglês-Português) e "O Parentesco Tupi-Guarani: Considerações à Margem duma Crítica" com Eduardo Galvão.

Colabora com Beatrice Berle, *Problemas de Medicina Prática e Preventiva no Brasil*, escrevendo o texto "Métodos Educativos de Saúde Pública".

Resenha a tradução para a língua inglesa de *Casa Grande e Senzala* de Gilberto Freyre, *The Masters and the Slaves: a study in the Development of Brazilian Civilization* para *Political Science Quarterly* LXI (4)

Em Dezembro, vai ao Ceará onde uma seca acontecia e Fortaleza estava, então, plena de retirantes.

1947

Resenha *The Eastern Timbira* de Curt Nimuendaju para o *American Antiquity* 12 (4)

Ocupa a posição de vice-presidente da Divisão de Psicologia e Antropologia do National Research Council, até 1949.

1948

De 1948 a 1949, Wagley integra o Staff da Social Science Research Council e é o Secretário Executivo do Comitê de Pesquisa de Área.

Faz pesquisa no Vale Amazônico sob os auspícios da UNESCO, *Hylean Amazon Survey*.

Integra, na condição de membro, o *Committee on Area Research Fellowships*, SSRC, até 1951.

Wagley, de junho a setembro faz um estudo da Amazônia, realizado para a Organização Cultural, Científica e Educacional das Nações Unidas para o Instituto Internacional da Hiléia Amazônica e colhe, com a ajuda de Cecília Roxo Wagley, Clara e Eduardo Galvão os dados para *Amazon Town: a study of man in the tropics*.

Publica em *Items*, Social Science Research Council 2(1) o texto "The Study of World Areas: A Report on the National Conference"; "Regionalism and Structural Unity in Brazil", *Social Forces* 26 (4) com tradução para o Português e publicação no *Boletim Geográfico*, Ano VI; "Area Research and Training: a Conference Report on the Study of World Areas" para o Social Science Research Council, *Pamphlet* 6.

Colabora com Julian Steward escrevendo, em parceria com Eduardo Galvão, *The Tapirapé* para o *Handbook of South American Indians* e *The Tenetehara* para a mesma enciclopédia.

Escreve "A Social Survey of an Amazon Community with Recommendations for Future Research" originalmente em inglês e com traduções para o Espanhol e o Francês para a UNESCO.

Wagley compõe, até 1951, o *Board of Directors* da *American Ethnological Society*.

1949

Wagley faz pesquisas em Portugal, institucionalmente ligado à Columbia University e Viking Fund.

É consultor e conferencista ocasional do *Foreign Service Institute, U.S. Department of State*, até 1953.

De 1949 a 1953, Wagley ocupa o cargo de Professor Associado de Antropologia na *Columbia University*.

O *Social Science Research Council* cria um comitê de estudos de área (*Area Studies*) e, uma destas regiões era a América Latina, onde o Brasil era o centro.

Início do Projeto Bahia-Columbia.

Colabora com Ralph Linton escrevendo o capítulo "Brazil" para *Most of the World*.

Escreve (e publica), em parceria com Eduardo Galvão, *The Tenetehara Indians of Brazil*.

Publica "The Social and Religious Life of a Guatemalan Village" no *Memoir of The American Anthropological Association* Nº 71.

Resenha Cunha: *Tradição e Transição em uma Cultura do Brasil* de Emilio Willems para o *American Anthropologist* 51(2).

Escreve "Experiment in the Amazon Valley" para *The Story of our Time*.

Faz o necrológico de Ruth Benedict para o *Boletim Bibliográfico de Antropologia Americana* XI

Ruth Landes publica *The City of Woman*.

1950

Em junho, Charles Wagley acompanhado de Marvin Harris, Harry W. Hutchinson e Ben Zimmerman chega à Bahia.

Alfred Métraux, do Departamento de Ciências Sociais da UNESCO, propõe uma pesquisa adicional sobre relações raciais ao Projeto Bahia-Columbia.

Wagley sugere a Iris Myers, especialista em Psicologia e Antropologia, que passe várias semanas em Itá fazendo experiências psicológicas.

Resenha *The Awakening Valley* de John Collier, Jr. e Anibal Buitron para o *Hispanic American Historical Review* de Novembro e *Empire's Children: The People of Tzintzuntzan* de George Foster também para o *Hispanic American Historical Review* de Maio.

Escreve, em parceria com Thales de Azevedo e Luis A. Costa Pinto, "Uma Pesquisa sobre a vida social no Estado da Bahia" para as *Publicações do Museu do Estado* Nº 11 com tradução para o Inglês.

1951

Consultor e Colaborador ao *Preliminary Report on the World Social Situation*, Divisão de Assuntos Sociais das Nações Unidas, até 1952.

É, até 1955, diretor do *Committee on Latin America* do *National Research Council*.

Escreve "The Brazilian Amazon: The Case of an Under-Developed Area" em *Four Papers Presented in the Institute for Brazilian Studies* para a *Vanderbilt University*.

Escreve "The Indian Heritage of Brazil" em *Brazil: Portrait of Half a Continent*.

Escreve, em parceria com Thales de Azevedo, "Sobre Métodos de Campo no Estudo de Comunidade" para a *Revista do Museu Paulista* V.

Escreve "Social and Cultural Influences on Population in Two

Tupí Tribes" para a *Revista do Museu Paulista*.

1952

Wagley é encarregado do Sub-Comitê e organizada a seção sobre o Brasil da Conferência sobre Desenvolvimento Econômico em Áreas Sub-desenvolvidas, Comitê de Desenvolvimento Econômico, SSRC.

Eduardo Galvão defende sua tese "A vida religiosa em uma comunidade amazônica", na Universidade de Columbia.

Escreve "The Folk Culture of The Brazilian Amazon" para os *Proceedings and Selected Papers of the XXIX International Congress of Americanists*.

Participa como editor e colaborador de *Race and Class in Rural Brazil* para a UNESCO.

Escreve *Cultural Hints for Personnel Going to Latin America* para o Foreign Service Institute.

Escreve *Race Relations in Brazil: Attitudes in The Backlands* para o *UNESCO Courier* V de Agosto-Setembro, Nº 8-9 com tradução para o Espanhol.

Escreve, em parceria com Sidney Mintz, *Social Conditions in Latin America* para o Preliminary Report on World Social Situation, United Nations.

Revisa *Exploration of the Valley of the Amazon* de William Lewis Herndon, para o New York Times Book Review de 11 de Maio; *Cruz das Almas: A Brazilian Village* de Donald Pierson, para *Americas* IV de Outubro; *The Culture of Security in San Carlos: a Study of a Guatemala Community of Indians and Ladinos* de John Gillin, para o *Hispanic American Historical Review* de Fevereiro e *The Black Carib of British Honduras* de Douglas MacRae Taylor para o *American Anthropologist* LIV(4).

1953

É indicado Consultor do Ministério da Educação do Brasil.

De 1953 a 1965, Wagley ocupa o cargo de Professor de Antropologia na Columbia University.

Breve visita aos Tapirapé.

Escreve *An Introduction to Latin American Culture*, Foreign Service Institute e *Amazon Town: a Study of Man in The Tropics*.

Escreve *Enter the European Into Brazil, Half of South America*, *The Beaver*, Setembro.

Revisa *Life in a Mexican Village: Tepoztlan Restudied* de Oscar Lewis em *The Americas* IX(3).

1954

Escreve "Estudos de Comunidade no Brasil sob Perspectiva Nacional", *Sociologia* XVI(2) e "The Problem of the Amazon", *Britannica Book of The Year*.

Resenha *Bibliografia Selectiva de las Culturas Indígenas de las Americas* de Juan Comas para o *Hispanic American Historical Review* XXXIV de Maio.

1955

Faz um "survey" na África Portuguesa: Angola, Moçambique e Guiné Portuguesa.

Wagley participa da 2ª Reunião Brasileira de Antropologia em Salvador, representando o C.B.P.E. (Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais), ao lado de Josildeth Gomes e do Congresso de Americanistas e, na condição de vice-presidente,

ao lado de Florestan Fernandes, presidente, organizam um "Symposium Ethno-Sociológico" sobre comunidades no Brasil. Eduardo Galvão publica *Santos e Visagens* e Thales de Azevedo, *Les Elites de Couleur dans une Ville Brésilienne*.

Maria Isaura Pereira de Queiroz estuda movimentos messiânicos na Bahia.

Escreve "Tapirapé Social and Cultural Change, 1940-1953" e *Brazilian Community Studies: A Methodological Evaluation* para os *Papers of The XXXVI International Congress of Americanists*, realizado em São Paulo.

Escreve, ainda, "Race and Class Barriers to Access to Knowledge in the Americas, para *Responsible Freedom in the Americas*, Angel del Rio (ed.); em parceria com Marvin Harris "A Typology of Latin American Subcultures" para o *American Anthropologist* 57(3).

Prefacia *As Elites de Cor: Um Estudo da Ascensão Social* de Thales de Azevedo e *The Trumai Indians of Central Brazil* de Robert Murphy and Buell Quain

Resenha *Aventura e Rotina: Sugestões de Uma Viagem à Procura das Constantes Portuguesas de Caracter e Ação* de Gilberto Freyre para o *Hispanic American Historical Review*; *Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira* de H. Baldus em *American Anthropologist* 57(4)

Faz o necrológio de Ralph Linton para a *Revista do Museu Paulista* IX.

1956

Marvin Harris publica *Town and Country in Brazil*.

É traduzido "Race and Class Barriers to Access to Knowledge in the Americas" para *Educação e Ciências Sociais*, Ano 1, Vol. 1, nº 2 de Agosto com o título de "Barreiras à Educação nas Américas".

Wagley volta ao campo, na Guatemala, para re-examinar problemas que havia tematizado na pesquisa em 1937.

1957

Recebe o título de *fellow of The Center for Advanced Study in the Behavioral Sciences*.

William Hutchinson publica *Village and Plantation Life*.

Visita os Tapirapé.

Resenha *The People of Puerto Rico* de Julian Steward para o *Scientific Monthly*.

Colabora com o texto "Plantation America: A Culture Sphere" para a obra coletiva organizada por Vera Rubin *Caribbean Studies: a Symposium*.

Publica, em parceria com Marvin Harris, "The Situation of the Negro in the United States" para o *International Social Science Bulletin* da UNESCO, vol. IX, nº 4.

Surge, no Brasil, a tradução de *Amazon Town: a Study of Man in the Tropics* feita por Clotilde da Silva Costa que recebe o nome de *Uma Comunidade Amazônica: Estudo do Homem nos Trópicos* e em espanhol, na Guatemala, *Santiago Chimaltenango: Estudio Antropológico-Social de una Comunidad Indígena de Huehuetenango, Guatemala*.

1958

Wagley volta aos EUA e no final do ano irá, com Frank Tannenbaum, organizar o Instituto de Estudos Latino-Americanos

de Columbia.

Octávio Ianni critica *Amazon Town*.

Resenha *Culturas e Línguas Indígenas do Brasil*, de Darcy Ribeiro, para o *Hispanic American Historical Review*; *Vassouras: a Brazilian Coffee County*, de Stanley Stein, para o *HAHR*; *WAI-WAI: Through the Forest North of the Amazon*, de Nicholas Guppy, *HAHR*.

Escreve, em parceria com Marvin Harris, *Minorities in the New World: Six Case Studies*.

1959

Participa do XXXIII Congresso Internacional de Americanistas em San José, Costa Rica, com o texto "On the Concept of Social Race in the Americas" para as atas do Congresso.

Escreve artigos para Enciclopédias: "Arawak", "Carib", "Tupi-Guarani", "Jivaro", "Gê" e "Ona" para *The World Book Encyclopedia* e "Brazil" para a *Encyclopedia Britannica*.

Charles Wagley preside a "American Ethnological Society".

Acontece a revolução cubana e o governo norte-americano decreta o *National Defense Educational Act*, cujo conteúdo declarava as seguintes línguas urgentemente necessárias: russo, chinês, japonês, árabe e português.

Integra, até 1962, o Comitê Executivo da A. A. A.

1960

O Instituto de Estudos Latino-Americanos, sob a direção de Wagley, se estabelece comportando 32 bolsas de pós-graduação. Escreve *A Revolução Brasileira, Uma Análise de Mudança Social desde 1930* com tradução de Archimedes P. Guimarães para a Publicação Nº 2 do Programa de Pesquisas Sociais da Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia.

Colabora com *In the Company of Men* de J. Casagrande através do texto "Champakwi of the Village of the Tapirs".

Resenha *Comment on Social and Cultural Pluralism* de M. G. Smith em *Social and Cultural Pluralism in the Caribbean*, publicação nos *Annals of the New York Academy of Sciences*, vol. 83.

Integra, até 1966, o *Joint Committee on Latin American Studies* (SSRC e ACLS).

Wagley conduz uma série de conferências para o Instituto Superior de Estudos Ultramarinos de Lisboa.

1961

De 1961 a 1969, Wagley ocupa a Direção do Instituto de Estudos Latino-Americanos na Universidade de Columbia.

Publica, em *Social Change in Latin America*, "The Brazilian Revolution: Social Change since 1930".

1962

Wagley recebe o título de Doutor Honoris Causa da Universidade da Bahia.

Inicia-se uma nova série de estudos na Bahia, no caminho aberto pelo Projeto Bahia-Columbia, na região de Abrantes-Arembepe que vai até 1964.

Forma-se uma parceria universitária entre Columbia, Harvard e Cornell para estudos na América Latina. Harvard se estabelece na área de San Cristóbal de las Casas, no México; Cornell em Vicos Hacienda no Perú e Columbia na Bahia. Comandando a equipe de Columbia está Marvin Harris, substituído no ano seguinte por Carl Whithers.

Thales de Azevedo publica *Social Change in Brazil*.
Charles e Cecília Wagley voltam a Gurupá.

1963

Resenha a tradução de *Sobrados e Mocambos* de Gilberto Freyre:
The Mansions and the Shanties: The Making of Modern Brazil
para o New York Times de 12 de Maio.

Publica *An Introduction to Brazil*.

Columbia possuía 63 bolsistas, entre eles: Bradford Burns,
Ralph della Cava, Herbert Klein, Riordan Roett.

Criação de Centros de Estudos sobre a América Latina.

Wagley integrará a primeira comissão da USAID.

1964

Participa como membro do Conselho Consultivo do *Brazilian American Cultural Institute (Brazilian Embassy)*, até 1968.

Anne Morton publica *The Candomblé of Senhora e Thales de Azevedo. As Ciências Sociais na Bahia*.

Golpe Militar no Brasil.

A Ford Foundation financia junto ao Instituto de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Columbia o *Metropolitan Graduate Summer Field Training Program*.

Republica, com um novo epílogo, *Amazon Town: a Study of Man in the Tropics e Race and Class in Rural Brazil* com um novo epílogo e um prefácio de Wagley, o editor, para a UNESCO Press.

Escreve *Brazil: Crisis and Change* para o Foreign Policy Association; *The Dilemma of the Latin American Middle Class* para Proceedings for the Academy of Political Science at Columbia University on Economic and Political Trends in Latin America de 5 de Maio; *Social Science Research on Latin America: Summary of Possibilities and Needs from the Report of The Summer Seminar, 1963* para ITEMS, 18 (4), Dezembro, Social Science Research Council.

Colabora com John J. Johnson em *Continuity and Change in Latin America: "The Peasant"*; com Joseph Maier e Richard Weatherhead em *Politics of Change in Latin America: "Luso-Brazilian Kinship Patterns: The Persistence of a Cultural Tradition"*.

Edita *Social Science Research on Latin America*.

Faz o obituário de A. Métraux.

Wagley é promovido de Oficial a Comendador da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul em Dezembro.

Recebe o título de *Doctor of Laws* da University of Notre Dame.
É nomeado membro da American Philosophical Society.

1965

Membro do Comitê de Pesquisa do *American Philosophical Society* até sua morte.

Consultant-Lecturer of Latin American Area Studies, Foreign Service Institute, Department of State, até 1969.

Ocupa, na condição de membro, o Conselho de Relações Exteriores, até 1980.

De 1965 a 1971, ocupa o cargo Professor Franz Boas de Antropologia na Columbia University.

Reimprime "A Typology of Latin American Subcultures" em *Contemporary Cultures and Societies of Latin America*, obra editada por D.B. Heath e R.N. Adams e "Regionalism and Cultural Unity in Brazil" na mesma obra e "On the Concept of Social

Race in the Americas", também na mesma obra.

Wagley fica seis semanas na aldeia Tapirapé, acompanhado por Cecília Roxo Wagley e David Epstein, então estudante de Graduação na Universidade de Columbia. Verifica as notas tomadas em 1939-40 e acrescenta outras; observa as mudanças ocorridas na sociedade Tapirapé num período de 25 anos.

Daniel Gross publica *Sisal and Social Structure in Northeastern Brazil*.

Como desdobramento do Projeto Bahia-Columbia, Judith Shapiro, estudante de graduação da Columbia University faz uma viagem de campo aos Tapirapé e um grupo de estudantes de Ciências Sociais, sob a direção de Susan Bouquet e Daniel Gross, retorna à Bahia por três meses, de junho a agosto, dentro da parceria Columbia-Cornell-Harvard-Illinois Universities.

1967

Ocupa o cargo de membro do Centro para as relações inter-americanas, até 1972.

Faz a Introdução de *Latin American Sociological Studies*, *The Sociological Review*, Monograph Nº 11 de Paul Halmos, editor.

Judith Shapiro faz, em agosto, sua segunda viagem aos Tapirapé.

1968

Reune seus textos sobre a América Latina e publica, acrescentando um texto sobre a organização da Cultura Latino-Americana, *The Latin American Tradition: Essays on the Unity and Diversity of Latin American Culture*.

Thales de Azevedo analisa as condições de exercício das ciências na Bahia e publica *A Evasão de Talentos*.

1969

Integra o National Institute of Mental Health, Social Science Review Committee, até 1972.

Colabora com o *Handbook of Middle American Indians*, Volume 7, Ethnology, Part I, Austin, TX através do artigo "The Maya of Northwestern Guatemala".

1970

É nomeado membro da *American Academy of Arts and Sciences*.

Resenha *The View from the Barrio* de Lisa Redfield Peattie em *Political Science Quarterly* LXXXV (4) e *Human Ways* de John Gillin para o *American Anthropologist* 72(6)

Escreve "What Happened to Ariel?", *SECOLAS Annals* 1 e "Research Opportunities and Problems in Latin America in 1968" para *Latin America in Transition* de Stanley R. Ross, editor.

Wagley deixa New York e muda-se para a Flórida. Preside a *American Anthropological Association* até 1971.

Herbert Baldus publica *Tapirapé: Tribo Tupi do Brasil Central*.

1971

Wagley ocupa o cargo de *Graduate Research Professor of Anthropology and Latin American Studies* na Universidade da Flórida.

Tradução para o japonês de *The Latin American Tradition: Essays on the Unity and Diversity of Latin American Culture*.

Escreve uma biografia de Ralph Linton em parceria com Adelin Linton: *Ralph Linton: The Man and his Theories*.

Conta sua versão do Projeto Bahia-Columbia, *Serendipity in Bahia: The History of Research Cooperation*, Universitas 6/7, Revista da Universidade da Bahia.

Élio Gaspari assina uma reportagem na revista *Veja* do mês de novembro com o título *A história do Brasil: o passado do país está sendo escrito em inglês*.

1972

National Fellowship Committee, Inter-American Foundation, até 1979.

Klaas Woortmann critica *Amazon Town*.

Surge uma tradução japonesa para *An Introduction to Brazil*.

Escreve "Latin America" para *Higher Education: From Autonomy to Systems* de James A. Perkins, editor.

1973

Re-imprime "Cultural Influences on Population: A Comparison of two Tupi Tribes" em *Peoples and Cultures of Native South America* (D.R. Gross, editor) e "Champukwi of the Village of the Tapirs" em *Understanding Sociology through Research* de D.R. MacQueen.

1974

Escreve, em parceria com Solon Kimball, *Race and Culture in School and Community* e *The Road of Brazilian Indians* para o Center for Inter-American Relations.

Edita *Man in the Amazon*, contribuindo com um texto.

Re-imprime "The Effects of Depopulation upon Social Organization as illustrated by the Tapirapé Indians" e "A Comparison of Two Tupi Tribes" em *Native South Americans: Ethnology of the Least Known Continent* de Patricia J. Lyon.

Colabora com L.J. Bartolome e E.E. Gorostiaga em *Estudios Sobre el Campesinato Latinoamericano: la perspectiva de la antropologia social*, através do artigo escrito com Marvin Harris sobre a Cultura Latino-Americana: "Una Tipologia de Subculturas Latinoamericanas".

Darrell and Linda Miller passam três semanas em Gurupá.

1976

Resenha *Brazilian Society* de T. Lynn Smith para HAHR de Fevereiro.

Escreve "Time and Tapirapé" para as *Actes du XLII Congres International des Americanistes*, Paris.

Republica *Amazon Town: A Study of Man in The Tropics* acrescido de um capítulo escrito por Darrel L. Miller.

Nirlando Beirão entrevista Charles Wagley no número de Março: *Uma paixão pelo trópico, o decano dos brasilianistas fala de 37 anos de estudos sobre um país que o desconhece*.

1977

Publica *Welcome of Tears: The Tapirapé Indians of Central Brazil*.

1979

Prefacia *Dialectical Societies: The Gê and Bororo of Central Brazil* de David Maybury-Lewis.

Maxine Margolis e William E. Carter editam um volume em homenagem a Wagley, *Brazil: Anthropological Perspectives*. Wagley escreve nesse volume o texto "Anthropology and Brazilian National Identity".

1980

Richard Pace faz várias viagens a Itá.

Wagley é agraciado com a Medalha para a Ciência na Amazônia do Instituto Nacional para a Pesquisa Amazônica.

1984

Wagley se aposenta com o título de Professor Emeritus.

1987

Pace escreve sua tese de doutorado sobre a vida Política e Econômica em Itá.

Wagley reconhece que desconhecia o Brasil quando aqui chegou. Charles Wagley recebe José Carlos Sebe para uma entrevista onde fala dos projetos importantes para o brasilianismo: estudos regionais, feitos por John Wirth, Robert Levine e Joseph Love; os estudos comparativos de temas gerais, em especial sobre a escravidão, feitos por Carl Degler, Eugene Genovese e "a velha mania americana" de se estudar comunidades.

1988

Recebe o *Kalman Silvert Award* do *Latin American Studies Association*.

1991

Morre Charles Wagley, em Novembro.

(B) APRESENTAÇÃO: UM HOMEM NOS TRÓPICOS

(1) OS CHIMALTECOS TOMAM BANHO

Los chimaltecos son personas limpias que se bañan cuatro a cinco veces a la semana y que escarnecen a los san juaneros, porque no lo hacen a menudo. (Wagley, 1957:XXIX)

Mi primera impresión acerca de este pueblo aborigen es la de que sus habitantes son más amistosos y hablan mejor el español y se muestran más deseosos de ayudar que los de Aguacatán. (Juan de Dios Rosales, em Wagley, 1957:299)

I

O ponto de partida para esta narrativa, o itinerário de Charles Wagley, é o ano de 1936. Nele, nosso autor iniciava sua pós-graduação na Universidade de Columbia. Nascido em Clarksville, Texas, em 1913, Wagley descreveu um movimento ascendente rumo a New York e, posteriormente, à notoriedade. Nosso autor, que começara sua vida como vendedor de enciclopédias e garçom, chegaria, anos mais tarde, ao título de pai dos brasilianistas e, principalmente, à admiração de boa parte dos acadêmicos norte-americanos e brasileiros.

Quando se diz garçom, rapidamente nos lembramos, em termos de universitários norte-americanos, aquele trabalho feito por jovens de Boston ou da Filadélfia como uma prestação de contas com a cultura puritana e "quaker" herdada e, conservadoramente, mantida geração após geração. Para Wagley, entretanto, o trabalho tinha outro sentido: era uma forma de ganhar dinheiro e sobreviver. É a partir daí, que muitos

explicam, Yonne Leite por exemplo, a amizade e, mais, a admiração intelectual mútua entre Wagley e Florestan Fernandes. Afinal, Florestan Fernandes também trabalhou como garçom enquanto fazia seu curso de Sociologia.

Portanto, o ponto de partida desta biografia é o movimento de entrada de nosso autor para uma rede de personagens formada pelos professores do Departamento de Antropologia da Universidade de Columbia, na década de 30.

Até o ano de 1936, quando com vinte e três anos iniciaria seu doutorado, Wagley tem um pré-itinerário onde aparece uma relação de solidariedade e amizade com Carl Whithers, decisivas para que Wagley se mantivesse na carreira.

Nosso autor estudou em escolas públicas de Kansas City, Missouri, e antes de ir para New York, foi aluno da Universidade de Oklahoma, de 1931 a 1934. Posteriormente, foi aluno do Columbia College, de 1934 a 1936, onde fez seu bacharelado.

Wagley não pensava em fazer um curso universitário. Considerava outras prioridades como trabalhar, por exemplo. Então, ele encontra Carl Whithers. Este, precisando de vendedor para uma enciclopédia que administrava, conhece Wagley e logo se encanta com sua capacidade para vender. Whithers logo atribui a produtividade de Wagley à performance verbal de nosso autor. Aquela performance é tomada, por Whithers, como um indicativo de inteligência, compatível, portanto, com um curso universitário.

Carl Whithers, pesquisador da comunidade norte-americana de Plainville e autor de *Plainville, USA*, sob

o pseudônimo de James West, foi, também, o responsável pela ida de Wagley a um centro de pesquisas de maior projeção, a Universidade de Columbia. Como me informou Cecília Wagley, aquele "wasp" do meio-oeste norte-americano ao ajudar Wagley estava, em verdade, colocando em ação um tipo de solidariedade que a mesma Cecília afirma ser, também, comum entre os judeus ortodoxos e os negros.

Anos mais tarde, na década de 50, Wheters se tornaria padrinho da primeira filha de Wagley, Elizabete. Por outro lado, na década de 50, o mesmo Wheters ficaria anos sem falar com os Wagley e sem oferecer uma explicação para tal comportamento.

Dessa forma, o percurso social de Wagley do meio-oeste para New York e para a construção de uma autoridade sobre os temas do Brasil e da América Latina segue o arquétipo lincolniano de "from log to White House", que o próprio Wagley menciona no texto de 1943 *An Introduction to Latin American Culture* como um objeto de admiração dos brasileiros e dos latino-americanos. Isto é, é um movimento ascendente no interior da sociedade norte-americana, acompanhando a mística do homem que se faz por si.

II

Quando chegou, em 1936, à Universidade de Columbia para fazer seu "Graduate School", nosso autor logo se viu no interior de uma rede de personagens, e, particularmente intelectual, que faziam de Columbia um destaque no cenário da

Antropologia norte-americana, na mesma medida em que Harvard o era em linguística e Antropologia Física. Boa parte, senão a totalidade, do prestígio e "status" de Columbia derivava de um nome, um mito da Antropologia norte-americana: Franz Boas.

Boas, que formara a iniciante comunidade acadêmica norte-americana, e prepararia profissionalmente nomes como Kroeber, Lowie, Ruth Benedict, Ruth Bunzel, Gene Weltfish, Alexander Lesser, constituiria uma genealogia que chegaria a nosso autor na terceira geração.

Charles Wagley não sofreu influência direta de Franz Boas. Segundo suas próprias palavras, o temia. Em Columbia, Boas ocupava a posição da Lei. Isto é, aquelas coordenadas institucionais que possibilitam a limitação dos movimentos alheios. Esta pode ser uma razão para o temor que Wagley sentia diante dele.

Se quisermos buscar um nome de Columbia com o qual Wagley sentisse uma identificação, este é Ruth Benedict. Para ambos, e Wagley recebeu tal imagem de Benedict, um antropólogo seria uma espécie de quebra-nozes, sendo a noz, evidentemente, a sociedade à qual o antropólogo dirige seus cuidados. Caberia ao antropólogo, na visão de ambos, estabelecer uma pressão suficiente para fazer emergir a cultura como conteúdo da sociedade.

Wagley foi, formalmente, aluno de Boas no último curso dado por ele. Tal curso girou em torno da discussão presente no livro *The Mind of Primitive Man*. O curso não atraía muito a Wagley que não via nada de novo no ensinamento de Boas, tomando, por referência, o livro citado.

Como todos que estavam em Columbia nos anos 30, Wagley encontrou Boas muitas vezes. Entretanto, dele não se aproximou. Além de Boas, Wagley frequentou cursos de Gene Weltfish, Ruth Benedict, Alexander Lesser e Ralph Linton.

De seus professores, Wagley, talvez, tenha nutrido mais carinho por Alexander Lesser. Foi talvez este especialista em parentesco, uma das pessoas, juntamente com Linton, que mais influenciaria o então jovem Wagley. Foi de Lesser que Wagley recebeu os estímulos para continuar na universidade como antropólogo. Se os cerca de sessenta doutores formados por Wagley, a maioria deles especializados em Brasil e América Latina devessem algum retorno afetivo a outros que não Wagley, como reciprocidade pela transformação de seus temas em temas legítimos ao campo acadêmico norte-americano, este seria Alexander Lesser.

A influência exercida por Lesser foi pessoal, no sentido do parágrafo anterior, mas foi, também, uma influência teórica, embora esta tenha sido, com certeza, muito menor em relação à anterior. Entretanto, em 1946, portanto quando Wagley já estava no Brasil há sete anos, ele e Eduardo Galvão escrevem *Tupi-Guarani Kinship* para o *Boletim do Museu Nacional de Antropologia*, número seis, onde uma das referências principais, ao lado dos textos de Lévi-Strauss baseado em cronistas, é o texto de Lesser *Some aspects of Siouan Kinship*, escrito para o vigésimo terceiro Congresso Internacional de Americanistas, de 1928 e publicado em suas *Notas*. O texto de Wagley e Galvão, escrito sob a inspiração de Lesser, foi patrocinado pelo *Columbia University Social Science Research*

Council. Além de Lesser, Wagley cita nomes como o de Carlos Drummond, do Padre Antonio Araújo, do Padre José de Anchieta e, entre outros, de Rodolfo Garcia, um historiador que, na década seguinte seria diretor da Biblioteca Nacional e padrinho de casamento de Charles Wagley. Esta intersecção entre campo intelectual e parentesco, nos lembra que, no Brasil, profissão e carreira são, também, um negócio de família.

Assim, naquele texto, Wagley dialoga com aqueles que, primeiramente, etnografaram os Tupi, desde uma perspectiva de descrição linguística e, dialoga, também, com especialistas como Virginia Drew Watson e o próprio Alexander Lesser.¹

¹ Os trabalhos citados por Wagley são: Watson, Virginia Drew, "Notas sobre o Sistema de Parentesco dos índios Cayuá", *Sociologia*, vol. VI, número 1, p. 31-48, 1944; Lesser, Alexander, "Some aspects of Siouan Kinship", *Notas do 23º Congresso Internacional de Americanistas*, p. 567, Setembro, 1928; Drummond, Carlos, "Designativo de parentesco no Tupi-Guarani", *Sociologia*, vol. V, nº 4, 1943; Garcia, Rodolfo, "Nomes de parentesco em língua Tupi", *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, vol. LXIV, Rio de Janeiro, 1942; Araújo, Antonio Pe., *Catecismo Brasilico de Doutrina Christã, com o Ceremonial dos Sacramentos, dos mais actos Parochiaes*; Anchieta, José, Pe., *Arte de Gramatica da Lingua mais usada na costa do Brasil*, 1595, este texto, em particular, mostra por um lado o pouco material existente quando Wagley fez a pesquisa e, por outro, o desejo de Wagley em situar-se numa continuidade diferenciada em relação a cronistas e viajantes. Diferenciada porque, ao contrário daqueles, Wagley era portador de uma Ciência e de um Método para abordar o Brasil; Almeida Nogueira, Batista Caetano de, "Vocabulário das palavras guaranis usadas pelo tradutor da Conquista Espiritual" do Padre A. Ruiz de Montoya: *Anais da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*, vol. VII, Rio de Janeiro, Typographia Nacional, 1879; Figueira, Luiz, Pe., *Arte de Grammatica da Lingua Brasilica do Pe. Luiz Figueira, Theologo da Companhia de Jesus*, Lisboa, 1687. Nesse fragmento de campo intelectual há uma referência a Plynio Ayrosa, Professor de Etnografia da Língua Tupi-Guarani da USP e engenheiro que se tornara uma autoridade em Tupi e, mais precisamente, em Língua Geral e que teria sua autoridade contestada pelo Museu

Além de Lesser, no final dos anos 30 em Columbia, um outro personagem que já faz parte da História da Antropologia influenciou nosso autor. Seu nome é Ralph Linton. Conhecido por seu entusiasmo nos estudos sobre aculturação e pela forma como colocava o Homem na condição de objeto da Antropologia, Linton, de diversas maneiras, está ligado a Wagley. A força desta ligação se expressou, após a morte de Linton, numa biografia intelectual escrita por Adelin Linton, sua viúva, e por Charles Wagley. O texto, de 1971, é algo semelhante na narrativa ao *Antropólogos e Antropologia*, de Adam Kuper. *Ralph Linton* foi escrito para a série *Leaders of Modern Anthropology*.

É interessante registrar a imagem que aparece na contra-capá do texto de Wagley e Adelin Linton, tomando por objeto o antropólogo. Esta imagem, propõe uma inter-textualidade com outra, cinematográfica e fruto da indústria cultural. Na contra-capá de *Ralph Linton* pode-se ler:

Anthropology is now an important discipline in the Social Sciences, but its appearance within the halls of academia is relatively recent. The scholars who were responsible for the recognition of modern anthropology were typically unusual personalities, some what different from others who inhabit libraries and laboratories. Adventurous explorers in an unknown world of strange places, strange world views, and strange customs, they gave us new perspectives on every kind of man and all ways of living²

Nacional onde Wagley e Galvão escreveram seu texto.

² Wagley, C. e Linton, A., *Ralph Linton*, Columbia University Press, New York, 1971. A apresentação dessa imagem tem, por finalidade registrar a pertinência a um mesmo campo, a biografia de Wagley, de imagens do antropólogo de natureza diversas como as românticas e aquelas da antropologia do desenvolvimento. Um passo adiante na investigação é, certamente, a busca das constantes geradoras daquela pertinência, sua "condição de possibilidade", que fica como uma tarefa por realizar.

O primeiro encontro entre Wagley e aquele que seria o padrinho de batismo de seu segundo filho, Carlos, e que tanto se encantaria com a liturgia católica do batismo, aconteceria no segundo ano de pós-graduação de Wagley, em 1937. Nesse ano, Linton iria para Columbia a partir de Wisconsin. Wagley faria diversos cursos com ele. Nesse momento, em Columbia, havia poucos estudantes de pós-graduação e eles formavam um grupo fechado. Havia, por outro lado, uma competição pela lealdade dos alunos e a consequente formação de grupos políticos no interior da instituição. Como decorrência, Linton e Ruth Benedict "não se olhavam nos olhos".³

Uma terceira pessoa foi importante para Wagley em Columbia, no final dos anos 30. Importante, na medida em que ofereceu a ele uma iniciação na pesquisa. Seu nome é Ruth Bunzel. Por volta de 1935, ela começaria uma pesquisa na Guatemala, um estudo de uma comunidade que, posteriormente, em 1953, seria publicado com o nome de *Chichicastenango*. Esta pesquisa catalizaria uma série de pesquisas seguintes na Guatemala, entre as quais a de Wagley.

III

Até aqui, falei do ingresso de Wagley no mundo acadêmico, com o qual não sonhara, e com alguns de seus protagonistas mais importantes. Portanto, já se faz necessário

³Esta informação me foi dada pelo próprio Charles Wagley em carta.

escrever alguma coisa sobre as duas pesquisas que fez no final dos anos 30. Ambas foram estudos de comunidade e ambas levaram para o centro da problemática de pesquisa a questão da aculturação.

A primeira foi feita na Guatemala e a segunda em Goiás, no Brasil. Neste capítulo falarei da pesquisa feita a partir da Universidade de Columbia, na Guatemala. A pesquisa feita no Brasil, embora ainda na década de 30 foi feita sobre a base institucional do Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Quando Wagley transitava entre o primeiro e o segundo ano de pós-graduação, em meados 1937, aparece a ele a oportunidade de fazer pesquisa de campo na Guatemala. Como já mencionado, tal oportunidade foi fruto, em termos institucionais, da pesquisa realizada por Ruth Bunzel. Esta pesquisa seria seu doutorado, sendo o texto de lá resultante, seu texto para o PhD.

Os fundos para a pesquisa vinham de uma bolsa de Ruth Benedict e, como já assinalai, a escolha da Guatemala deveu-se a Ruth Bunzel, antiga professora de Wagley, que começara uma pesquisa lá três anos antes. É certo que, ao lado da satisfação dos requisitos institucionais, a pesquisa se fez em Santiago Chimaltenango porque a comunidade escolhida encaixava-se no desenho epistemológico de época, que tinha na questão da aculturação seu centro. Assim, uma comunidade de descendentes dos Maia em processo de integração à sociedade nacional guatemalteca sob a ditadura de Jorge Ubico, apareciam como um objeto de pesquisa ideal. A comunidade escolhida falava Mam, um dialeto indígena, o que obrigou Charles Wagley

a abrir um novo item na coluna das despesas: um intérprete.

Das pesquisas feitas na Guatemala, Wagley publicaria dois opúsculos posteriormente traduzidos para o espanhol e publicados num único volume, *Santiago Chimaltenango*, nome da comunidade estudada. Aquela época ainda não parecia ser relevante a ocultação do nome da comunidade com vistas a protegê-la, cujo efeito simbólico seria o de despertar a confiança dos habitantes e dos informantes na e da comunidade. Nessa segunda forma, por exemplo, nosso autor pesquisou na Amazônia.

O custo total da pesquisa, incluindo os custos de transporte de New York à Guatemala e volta, mais uma permanência ao redor de cinco meses e o pagamento do intérprete na comunidade foi de apenas quinhentos dólares!

O primeiro livro sobre Santiago Chimaltenango, *The Economics of a Guatemala Village* foi seu texto para o doutorado. Uma razão não-acadêmica determinou mudanças no texto e adiou a titulação de Wagley para 1941. Aquela época, a titulação só era conferida ao candidato após a apresentação de setenta e cinco cópias do texto à biblioteca. Como Wagley não pudesse pagá-las e, portanto, quitar sua "dívida" com a Biblioteca de Columbia, sua titulação ficou adiada.

Assim, em 1941, o *Memoirs of the American Anthropological Association* publicava o texto sobre a economia da comunidade, enquanto o texto *The Social and Religious Life of a Guatemalan Village*, seria publicado em 1949 pelo mesmo *Memoirs of the American Anthropological Association*.

Em 1957, Charles Wagley publica, efetivamente e

em edição bi-língua a pesquisa feita vinte anos antes. Pode-se, também, considerar a publicação em espanhol e inglês, simultaneamente, um tipo de reciprocidade entre o autor da pesquisa e aqueles que, no imaginário do antropólogo permitiram, num duplo sentido, a pesquisa. Duplo sentido porque consentiram na pesquisa e porque nela entraram como objeto.

Se em 1937, data da pesquisa, pensada como produção de dados e acontecimento institucional, nosso autor era um iniciante, em 1957, após vinte anos ele já se tornara um nome bem conhecido ao campo das Ciências Sociais norte-americanas e, mesmo, continentais. O capital simbólico que reunia e que dava a ele uma posição privilegiada no campo de estudos latino-americanos, uma crescente autoridade, derivava das pesquisas feitas, na década de quarenta, no Brasil e da posição de interlocutor do Departamento de Estado para assuntos e questões latino-americanas. Não é de se admirar, por conseguinte, que na década de noventa quando fazia um balanço de sua carreira, Wagley tenha se auto-definido como especialista em América Latina e Brasil⁴.

O texto bi-língua foi editado como parte de um seminário realizado na Guatemala, em 1953, e que se chamou *Seminário de Integración Social Guatemalteca*. Como

⁴ Ver, sobre o balanço citado, Sebe, J.C., *A colônia brasilianista*. Da mesma forma, quando o entrevistei, Charles Wagley se auto-definiu como um especialista em América Latina e em Brasil. Tal definição se distancia da identidade que a ele foi proposta pelos organizadores da homenagem que recebeu dois anos antes de morrer, na Universidade da Flórida. Com o nome de *Índios e Caboclos*, a homenagem referida tentou resgatar a imagem do Wagley como especialista em Etnologia Indígena e na Amazônia.

interlocutores, no Conselho Consultivo daquele Seminário, estavam Hugo Cerezo Dardon, Vicente Díaz Samayoa, Jorge Skinner-Klee, David Vela, Juan de Dios Rosales e Adolfo Molina Orantes. Desse grupo, apenas Dios Rosales participou das pesquisas de campo e, como alguns dados indicam, dividiu, com Wagley a tarefa etnográfica.

Assim, voltando a 1937 e à pesquisa, pode-se ver que o sentido do fluxo de decisões e de conhecimento era, obviamente, da Universidade de Columbia para a Guatemala. Juan de Dios Rosales representa, na cadeia simbólica e de conhecimento que ligam os Estados Unidos à Guatemala, o receptor da mensagem.⁵

Adolfo Molina Orantes foi o intelectual responsável pelo texto de abertura, o prólogo, de *Santiago Chimaltenango*. Nele, Molina Orantes descreve o *Seminario de Integración Social*, afirma as causas de sua realização. Suas descobertas se destinam aos funcionários do governo mas, também, aos cidadãos, querendo dizer, com isso, que a tarefa do consenso trazida no título seria um trabalho do Estado mas da Sociedade Civil também. Este, aliás, um tema muito ouvido por anos a fio na América Latina. O consenso ou integração social, a fuga da anomia viria pela palavra dos especialistas, numa espécie de tecnocracia para arranjos políticos cujo equivalente só, atualmente, pode ser encontrado na chamada

⁵Para comprovar esta afirmação basta, ao leitor, comparar a inter-textualidade existente, na descrição dos chimaltecos (*Habitantes de Santiago Chimaltenango*), entre o Prefácio de Wagley e os fragmentos de Diário de Campo de Dios Rosales no final do livro. A posição relativa entre ambos já expõe a hierarquia existente entre Wagley e Dios Rosales.

engenharia política. Os verdadeiros donos do seminário são os "eminentes especialistas procedentes de varios países del mundo". (Wagley, 1957: V)

Molina Orantes, com certeza, inclui, merecidamente, Wagley no time de sábios reunidos pelo governo guatemalteco para reconstruir social, política e economicamente a Guatemala. Aquela altura, 1957, Wagley já possuía uma invejável posição no campo intelectual dos estudos sobre a América Latina. Isto levaria Molina Orantes a assumir uma posição de reverência, algo determinada pela topologia do campo e algo por uma tendência geral e difusa de valorização desmesurada daqueles que são estrangeiros e, em particular, norte-americanos. Atitude que, certamente, não teve a aprovação de Wagley. Molina Orantes escreve:

El autor de este estudio es el doctor, Charles Wagley, personalidad bien conocida en el mundo de las disciplinas sociales, en las que ha descollado por sus acuciosos estudios sobre antropología social realizado en varios países de la America Latina, especialmente en el Brasil.

Mais adiante Molina Orantes se representa no texto:

*Quizás el menos indicado para hacer a los lectores la presentación del doctor Wagley es el autor de estas líneas, quien no es un especialista en ciencias sociales, pero ha tenido el honor de ser llamado a integrar el Consejo Consultivo del Seminario de Integración Social Guatemalteca, y se vale de esta calidad, en ausencia de otros meritos, para escribir las palabras introductorias de este brillante estudio que hoy se publica en su versión española*⁶

Molina Orantes encantado com a fama de Wagley, ainda atribui a ele alguns predicativos etnográficos que, dificilmente, a menos que se aceite a hipótese da antropologia

⁶A forma como Molina Orantes se representa e a representação que faz de Wagley é um dado que se soma à inter-textualidade já mencionada no sentido de recompor uma hierarquia entre guatemaltecos e norte-americanos.

como vocação, estariam presentes num iniciante. Molina Orantes deixou-se conduzir pela privilegiada posição de Wagley em seu campo de estudos para observar que:

El hombre Chimalteco aparece en la obra de Wagley con perfiles netos y firmes, que evidenciam el experimentado espíritu de observación y la capacidad del autor para seleccionar los rasgos personales y sociales que son característicos del grupo social objeto de su estudio

Parece-me muito pouco provável que em sua primeira pesquisa pudesse Wagley, ou qualquer um, projetar-se como se fizesse pesquisas há alguns pares de anos. O que desejo registrar, com a citação, anterior, é a possibilidade da autoridade alcançada por Wagley haver sobre-determinado a percepção que dele fazia Molina Orantes. Se isto for, ao menos possível, então formas e representações presentes determinariam a maneira de se perceber o passado, nas palavras de George Stocking⁷, Molina Orantes olharia o passado com um presentismo esclarecido.

Na verdade, a integração social guatemalteca, condição para a transição entre a ditadura de Jorge Ubico e a democratização proposta pelo governo progressista de Jacob Arbenz, supunha - e aí Charles Wagley contribui - a convivência de dois atores sociais distintos como os ladinos e os indígenas. Era preciso saber como acontecia a aculturação dos últimos, dado que a integração só pode ser pensada sobre uma base cultural comum.

O seminário referido tinha por objetivo estudar os fenômenos de aculturação, sua velocidade, e a migração de

⁷Stocking, G.W.Jr., *History of Anthropology*, Vol IV, Malinowski, Rivers, Benedict and others, University of Wisconsin Press, 1984.

elementos culturais entre os atores já referidos, tomando-os sob a perspectiva política do consenso e, assim, modificando o sentido original da pesquisa feita em 1937.

Por outro lado entre a especulação acadêmica e a aplicação das pesquisas, tanto Wagley como Molina Orantes tomam a posição da segunda, segundo a perspectiva do desenvolvimento e da melhoria do bem-estar social. Assim, Wagley iniciou sua pesquisa em 1937 para estudar aculturação e obter o título de doutorado. Em 1957, vinte anos depois e sob um contexto de democratização, a elite ladina a usava para a formulação de um consenso. Para Molina Orantes, Wagley levava os guatemaltecos a refletir com sua monografia. Uma reflexão política muito antes que antropológica.

Como exemplo das proposições, a um tempo, práticas e políticas que orientavam a reflexão ladina na Guatemala, Molina Orantes escreve:

Qué resultados positivos podría, por ejemplo, producir una campaña alfabetizadora en Santiago Chimaltenango, donde toda la vida social y aun el pensamiento religioso giran cardinalmente alrededor de la agricultura del maíz, donde el hombre, desde muy temprana edad, se habitúa a trabajar todo el día en el campo, y se recoge al crepúsculo; donde acostumbra alumbrarse con ocote o astilla de pino; donde el periódico, si llegara, tendría escasisimo interés noticioso para gentes que viven aisladas...?

Molina Orantes aponta o lugar para a elite ladina nas pesquisas feitas por Wagley e outros como Richard Adams e Julian Steward que para lá foram em 1958 para colaborar no Programa de Reconstrução Social da Guatemala conduzido por Jacob Arbens. Os especialistas, Wagley incluído, trariam com suas pesquisas as motivações e o cotidiano, os valores, dos indígenas para a elite ladina, tornando mais

fácil um entendimento com eles.

Se a elite guatemalteca representada por Molina Orantes precisava de uma certa distância reverencial para representar o Wagley de 1957, o mesmo não se pode dizer dos chimaltecos. Estes esperaram notícias de nosso autor durante vinte anos. Como não as houvesse, resolveram "matar" o antropólogo. Wagley escreve:

Al restablecerse mi familiaridad con muchos antiguos amigos, tanto ladinos como indígenas, me di cuenta de que estaba ante las mismas personas tímidas, amistosas y llenas de simpatía que había conocido veinte años antes. El hecho de que yo no hubiese escrito a ninguna persona del pueblo durante más de diez años, dió origen al rumor de que había muerto durante la Segunda Guerra Mundial. Una compañía de marimba llegó a tocar al cabillo en mi obsequio.^a

O texto de Santiago Chimaltenango é um texto feito em Columbia mas sob o contexto dado pelas pesquisas de Redfield em Yucatán. Ruth Bunzel ajudou na análise dos dados de campo e criticou uma primeira versão do texto. Oliver La Farge ofereceu uma múltipla assessoria a Wagley o que inclui a preparação da viagem a Guatemala. Carl Whitters lê o manuscrito.

Robert Redfield lançou, com sua pesquisa feita na década de vinte em Yucatán, uma fórmula de estudos, os estudos de comunidade, cuja origem remonta a um engenheiro de minas francês, Frederic Le Play,^b preocupado em resolver

^aEsta citação, no conjunto do capítulo, tem por função assinalar uma possível resistência à pesquisa e mostrar que ladinos e indígenas se posicionaram diferentemente ante Wagley.

^bFrederic Le Play foi um engenheiro de minas francês que teve uma preocupação semelhante à de Wagley: desejava conhecer o modo de vida dos operários franceses, no final do século XIX, com vistas a aumentar a produtividade das minas de carvão da França. Ou seja, preocupou-se com questões aplicadas, como Wagley. Um comentário sobre Le Play está em Mousinho Guidi, M.L., 1962, "Elementos de Análise dos Estudos de Comunidades

problemas práticos com os mineiros. A pesquisa de Wagley segue, sob o ângulo político, esses estudos. Por outro lado a questão que anima a pesquisa foi colocada, por ele, em termos da migração de elementos culturais dos ladinos para os indígenas e categorizados sob o nome de trans-substanciação cultural. Em Columbia, Ralph Linton que viera de Wisconsin, já assinara com Melville Herskovits um manifesto sobre aculturação em 1928, criando, assim, a unidade necessária ao campo de estudos e, simultaneamente, a jurisprudência epistemológica sobre a questão. A Wagley não cabia, naquele momento, nenhum desvio à ortodoxia, o que a rigor nunca aconteceu com ele.¹

Para estudar aquela comunidade que lhe fizera o enterro à revelia, Wagley descreveu a cultura de Santiago Chimaltenango segundo os planos das vidas econômica, social, religiosa, política e cerimonial. Repetirá a fórmula anterior muitas vezes como, por exemplo, entre os Tapirapé ou os caboclos da Amazônia. Para obter informação, Wagley procurará os habitantes da comunidade melhor posicionados, como o dentista Gregório Martin. Ele repetirá tal opção metodológica nos demais estudos de sua trajetória.

Ao escrever *Santiago Chimaltenango*, Wagley dialoga com Oliver La Farge, Richard Adams, H.H. Bancroft, Robert Redfield e Ruth Bunzel, entre outros.

Charles Wagley, com o estudo de comunidade feito realizados no Brasil e publicados de 1948 a 1960, in *Educação e Ciências Sociais* - 10 (19) jan/abril, Rio de Janeiro.

¹Linton, R., Redfield, R. e Herskovits, M.J., "Memorandum for the study of acculturation", *American Anthropologist* 38, Nº 1:149-52, 1936.

entre os chimaltecos, inicia uma articulação entre pesquisa e intervenção política. Na verdade, pelo menos nessa pesquisa e nesse texto, Wagley recebe a valorosa colaboração de elementos da elite guatemalteca como Juan de Dios Rosales, Molina Orantes e Jorge Luis Arriola no sentido de efetuar aquela associação. Daqueles personagens recebeu o reconhecimento pela sua dedicação aos problemas da Guatemala.

Por outro lado, há uma distância cronológica entre a pesquisa e a publicação do texto, o que não impediu o posicionamento de *Santiago Chimaltenango* na série de textos que trazem o registro narrativo de Wagley: descritividade, cultura e estudos de comunidade.

IV

A decisão de vir ao Brasil fazer pesquisas passa por alguns interlocutores importantes para Wagley, já àquela altura, ou que, posteriormente, viriam a sê-lo. O final da década de trinta, momento em que a viagem ao Brasil foi concebida, é o momento onde ele faz uma série de contatos e amizades que, ao longo do tempo, mostrar-se-iam suas referências profissionais.

Por mais estranho que possa parecer, a vinda de Wagley ao Brasil começa, indiretamente em São Paulo, na Universidade fundada nos anos trinta pelos Mesquita, a USP. Nela, a vinda de Wagley, assim como de outros norte-americanos para o Brasil e, especificamente, ao Rio de Janeiro, passa pelo cátedra de Língua Tupi, ocupada por Plínio Ayrosa. Nessa

cátedra, Ayrosa discorria sobre a Língua Geral, versão jesuítica da língua Tupi sem nunca, entretanto ter ao menos visto algum Tupi. Engenheiro, Ayrosa se pautava, ao oferecer seus cursos, na tradição deixada pela Missão Francesa, a erudição que tanto encantou a sociedade paulistana da época.

A situação dos estudos Tupi descrita acima, não passava, entretanto, longe das vistas da diretora do Museu Nacional, Dona Heloísa Alberto Torres¹¹. Movida em parte pelo profundo senso de necessidade científica, somada à autoridade de quem era filha do senador Torres, Dona Heloísa, como a chamavam, julgou que seria necessário estudar o Tupi contemporâneo, tomando uma posição antagônica à erudição de Ayrosa. Assim, Dona Heloísa em conversas com seus colaboradores, entre os quais Luís de Castro Faria, argumentava ser necessário mapear o tronco Tupi uma vez que o tronco Gê já estava sendo coberto pelo trabalho de Curt Nimuendajú.

Foi, por conseguinte, no contexto acima, que aconteceu um convênio entre o Museu Nacional do Rio de Janeiro e a Universidade de Columbia com vistas a enviar ao Brasil jovens pesquisadores para mapear o tronco Tupi. Dona Heloísa deparou-se, evidentemente, com a escassez de pesquisadores para realizar uma tal tarefa, precisando, por conseguinte, apelar ao estrangeiro.

Assim, no final dos anos trinta, ela escreve a

¹¹As informações que apresento sobre a origem das pesquisas de Etnologia Indígena no Museu Nacional me foram oferecidas por Luís de Castro Faria em entrevista. Entretanto, para um ponto de vista diferente ver Viveiros de Castro, E., *Os Deuses Canibais*, Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 19

Franz Boas arguindo pela existência e disponibilidade de pesquisadores jovens que, vindo ao Brasil, ganhariam experiência e contribuiriam com as Ciências Sociais brasileiras. Franz Boas responde afirmativamente e a Universidade de Columbia envia para cá nomes como Ruth Landes, que escreveria *A Cidade das Mulheres*, Buell Quain, William Lipkind e Jules Henry. Este último fez pesquisa entre os Kaingang, sofrendo severa censura de Herbert Baldus.

Como se pode ver, Wagley não veio no primeiro grupo ao Museu Nacional e nem viria ao Brasil, se o conflito Mundial da década de quarenta não estivesse em vias de acontecer.

Em 1939, Ralph Linton recebeu uma bolsa do Columbia University Council of Social Sciences para desenvolver seu projeto sobre aculturação. Os fundos vinham da Rockefeller Foundation. Linton, então, convida Wagley para fazer pesquisas em Madagascar, o que era inviável dada a iminente situação de guerra que atingia as colônias francesas e alemãs. Wagley decide, então, não ir dada a situação muito precária lá. Enquanto a decisão de não ir a Madagascar era gerada nas conversas entre Wagley e Linton, Ruth Benedict recebe uma carta de Heloísa Alberto Torres pedindo mais especialistas para o Museu Nacional.

Dona Heloísa propunha uma pesquisa financiada pelo Museu Nacional com a intenção de desenvolver o seu Departamento de Antropologia e opor à erudição de Ayrosa a pesquisa de campo. Desde 1938, já estavam aqui Landes, Quain, Lipkind trabalhando sob os auspícios do Museu Nacional. Landes

fazia pesquisa na Bahia, Lipkind entre os Carajá e Quain entre os Trumai do alto Xingu e, posteriormente, entre os Kraho do Maranhão Ocidental.

Além de Dona Heloísa e de Linton, personagens importantes para a Antropologia e para Wagley, também, a decisão de mudança para o Brasil, contou com a participação de um ex-aluno de Mauss e de Rivet, um suíço-argentino professor em Yale em 1938 e uma das maiores autoridades, àquela altura em Etnologia Sul Americana. Seu nome é Alfred Métraux. A autoridade científica de que Métraux era possuidor permitia que sugerisse a Wagley o grupo indígena a estudar. Métraux, que havia escrito artigos baseado em cronistas como *Migrations Historiques des Tupi-Guarani* para o *Journal de la Société des Américanistes* de 1927 e livros como *La Civilization Matérielle des Tribus Tupi-Guarani* e *La Religion des Tupinambá et ses Rapports avec celle des autres Tribus Tupi-Guarani* de 1928, sabia muito bem que a problemática da aculturação poderia ser estudada entre os Tapirapé, um grupo que havia feito contato com a Sociedade Nacional há menos de quinze anos. Ralph Linton concorda com a escolha e Wagley escreve aos norte-americanos que já estavam no Brasil dizendo que os encontraria em janeiro de Assim, após defender sua tese de doutorado e sem receber a titulação, Wagley embarca no S.S. Argentina para o Rio de Janeiro. Na viagem, contaria com a companhia de Alfred Métraux que viria para a Argentina e para o Chaco fazer pesquisas.¹²

Portanto, se quisermos fazer um balanço daquilo

¹²Sobre o contato entre Wagley e Métraux, ver, deste último, *Itinéraires, I*, Paris, Plon.

que, até aqui, apontei como relacionado com a vinda de Wagley ao Brasil, poderia dizer que esta teve como condicionantes gerais a necessidade de se mapear o tronco Tupi, o Projeto sobre aculturação dirigido por Ralph Linton, uma certa crítica a Plínio Ayrosa e a colaboração de Métraux. Teve, também, a atuação institucional de Heloísa Alberto Torres.

V

Na viagem ao Brasil, a bordo do S.S. Argentina, dois personagens monopolizaram a atenção de Wagley, foram seus interlocutores e definiram, por conseguinte, o significado da viagem.

O primeiro é, obviamente, Alfred Métraux. Este era, para Wagley, uma companhia, em primeiro lugar. Mas era, também, alguém que, além de sua presença, poderia oferecer a ele sugestões e incentivos acadêmicos. Tais qualidades se somavam na figura do experiente Professor de Yale. Por outro lado, Métraux possuía, naquele momento, a posição no campo intelectual para ser uma espécie de mentor intelectual de Wagley em temas indígenas.

Wagley, entretanto, não viajou apenas com Alfred Métraux. Durante a viagem, conheceu uma representante da burguesia brasileira que, mostrou a ele, o que a vida no Brasil poderia se tornar. Ele e Métraux conhecem uma jovem paulistana, Vera Prado, que voltava de uma viagem à Europa e aos Estados Unidos. Alegre e comunicativa, cosmopolita, como

convém a uma representante da elite de um país, Vera oferecia a Wagley e a Métraux, a vivacidade de sua presença, assim como simultaneamente, deixava entrever ao jovem Wagley o que poderia ser o Brasil.

No Rio de Janeiro, Wagley ainda encontrará Vera Prado no Carnaval, quando dividirá, com ela e suas duas amigas, as alegrias dos bailes do Bola Preta, Municipal e Jockey Club. Além de colocar Wagley na alta sociedade brasileira, Vera Prado ainda o apresentará a sua tia, Dona Hermínia Prado Monte de Barros, parente de uma futura personagem muito importante em sua vida: Cecília Helena de Oliveira Roxo.

Se com Métraux, Wagley recebeu uma indicação para estudos, com Vera Prado ele começava a ganhar uma representação do Brasil. Esta, gerada em seus contatos com a elite brasileira seria detalhada através de seus estudos na década de quarenta e cinquenta.¹³

¹³Marvin Harris, no texto *Charles Wagley's Contribution to Anthropology*, escrito para uma homenagem a Wagley prestada pela Universidade da Flórida, argumenta a favor da relação entre a representação de Brasil feita por nosso autor e sua inserção na sociedade brasileira, cuja origem, é por Harris colocada no casamento com Cecília Roxo. As informações de que disponho e apresento, sob certo modo, convergem para a interpretação de Harris.

(II) I'M ANTHROPOLOGIST! OU ENTRANDO NUM MUNDO NOVO

Numa manhã, entramos na linda baía de Guanabara, onde as montanhas surgiram abruptamente por detrás das praias. Esta visão espetacular deixou-me sem fôlego. Nem mesmo os problemas com a Alfândega - tanto linguísticos quanto legais - por causa dos estranhos itens da minha bagagem, arrefeceram meu entusiasmo, pois tinha a premonição que estava entrando em um mundo novo. (Wagley, 1977:31)

I

Para Claude Lévi-Strauss, o Rio de Janeiro e, mais precisamente, a Baía da Guanabara não pareceram muito belos. A referida Baía, inclusive, pareceu, a ele, "uma boca banguela" (Lévi-Strauss, 1955).

Ao contrário de Lévi-Strauss, para quem os trópicos, aliás tristes, não eram nada mais que um início de carreira e uma metonímia da Europa, Charles Wagley representou o Rio de Janeiro desde uma perspectiva diferente, sentindo, ao navegar nas águas da Baía, que entrava num "mundo novo", um anagrama de "Novo Mundo", noção com a qual ele, em seus textos sobre a América Latina irá se referir às Américas (do Sul e do Norte), lá pensadas como uma alteridade à Europa de onde ambas, historicamente, derivariam.

Lévi-Strauss, aparentemente, não esperava muito desse mundo novo que, para ele era, aliás, uma continuação da Europa e com o qual se aborrecera, quando tomado por um discípulo de Dürkheim, o que aceitaria anos mais tarde

acrescido do adjetivo "inconstante"¹.

Wagley, ao contrário, tudo tinha a esperar desse mundo: pesquisas, cátedra e uma nova rede de personagens. Esta, aliás, já mostrara seu perfil durante a viagem a bordo do S.S. Argentina. Dessa forma, não foi sem grandiloquência que ele, ao chegar ao serviço de migração, diria no item profissão: *I'm anthropologist!* Mais que a afirmação de uma identidade profissional, aí estava a afirmação de uma ruptura com a condição de aluno de Columbia.

Para Lévi-Strauss, o Brasil seria algo como uma grande extensão a disciplinar intelectualmente. Wagley, em 1939, quando chegava, via o Brasil como uma experiência a ser vivida.

Ao entrar nesse "novo mundo", Charles Wagley estabeleceu dois centros para a rede de personagens carioca e, conseqüentemente, projetou os dois eixos onde a experiência do novo mundo puderam acontecer. Esses eixos são a elite carioca, aquilo que nos depoimentos e entrevistas de Wagley é identificado à dimensão colorida da experiência, e o Museu Nacional do Rio de Janeiro, o lugar da pesquisa, da Ciência e do Conhecimento.

A entrada na sociedade carioca e na vida no Rio de Janeiro têm, em Wagley uma simbologia que revela a potencialidade intrínseca, para um estrangeiro, da vida brasileira. Tudo começa, em território brasileiro, com Buell Quain. Este americano que viera junto com Landes e Lipkind, e

¹ Sobre Lévi-Strauss e sua passagem pelo Brasil, ver a dissertação de Mestrado de Fernanda Peixoto Massi, entre os textos recentes escritos sobre o antropólogo francês.

que depois faria pesquisas entre os índios Trumai, e entre os Kraho foi quem recebeu Wagley, foi seu primeiro contato no Rio de Janeiro.

Quain, numa manhã, foi até a marina esperar seu companheiro de Columbia e levou Wagley até o Hotel Belvédéré, em Copacabana. Assim, Quain que já possuía uma certa experiência em Brasil pode livrar Wagley dos problemas com a alfândega gerados em parte pelo seu pouco domínio do português -aprendera o idioma três meses antes de deixar New York- e em parte pela sua estranha bagagem formada, majoritariamente, na "Abercombrie and Fitch", a "mais famosa loja de esportes de Nova Iorque" e que continha, entre outros itens, roupas e equipamentos. (Wagley, 1977)

Entretanto, o nome de Quain estará, ao menos nos primeiros momentos de Wagley no Rio de Janeiro associado à sorte e a um sentido de vitória, ao sucesso, portanto. Na mesma noite em que chega ao Brasil, eles vão ao, então, famoso Cassino da Urca. Lá, Wagley aposta na roleta os "tickets" de entrada dele e de Quain, ganhando duzentos dólares. Com o dinheiro, eles jantam e assistem Carmem Miranda e seu Bando da Lua.

Se Quain, na trajetória de Wagley no Rio de Janeiro, representou o papel de uma espécie de guia afortunado - livrando-o da alfândega e estando junto a ele na memorável noite do Cassino da Urca - coube a Wagley o triste papel, numa espécie de parceria inversa e assimétrica, de identificar e embarcar para os Estados Unidos o corpo de Quain, após seu suicídio, no final de 1939.

Além da inserção proporcionada por Quain, que a rigor não era uma inserção e sim a companhia solidária entre norte-americanos num país estrangeiro, Wagley encontrou a sociedade carioca a partir de Dona Hermínia Prado Monte de Barros. Esta era tia de Vera Prado, com quem ele e Métraux tiveram convívio social durante a viagem ao Brasil. Dona Hermínia que, posteriormente Wagley viria a saber, era tia de sua futura mulher Cecília Roxo.

A inserção na elite carioca e brasileira começaria, para nosso autor, quando Vera Prado e duas amigas de São Paulo fossem ao Rio de Janeiro para o Carnaval de 1939.

Lá chegando, telefonaram a Wagley no Hotel Belvédère convidando-o a encontrá-las no apartamento de Dona Hermínia, na Praia do Flamengo. Wagley então percebeu que estava no mais luxuoso lugar que jamais havia visto, segundo suas próprias palavras. Entre tantos signos de riqueza presentes no apartamento havia aquele do garçom de luvas brancas servindo o jantar. Durante todos os dias de Carnaval Dona Hermínia enviou seu chofer para apanhar Wagley no hotel e para passear pelas ruas e avenidas durante a tarde. À noite frequentava, em companhia de Dona Hermínia e seu grupo, os bailes da cidade.

Na década seguinte, Dona Hermínia seria sua madrinha de casamento: ele, ao longo de sua trajetória, aprenderia muito bem o valor prático e o significado teórico da parentela brasileira e sul-americana.²

²Sobre a tematização da família e do parentesco brasileiro e sul-americano em Wagley, ver "An Introduction to Latin American Culture" de 1953, presente em *The Latin American*

Buell Quain e Dona Hermínia Prado Monte de Barros representam, pode-se dizer assim, momentos diferenciados na chegada de Wagley ao Rio de Janeiro, interlocutores que, a seu respectivo modo, colocaram Wagley em contato com a sociedade brasileira e carioca.

Na vinda de Wagley ao Rio de Janeiro, eles representam momentos distintos mas, muito mais que isso, representam lugares distintos naquela experiência. Quain, americano e de uma geração próxima a Wagley; Dona Hermínia de uma geração algo anterior e da burguesia. Quain cumpriu um papel de intermediário entre as duas culturas, norte-americana e brasileira. Dona Hermínia representou a entrada de Wagley no Brasil.

Há, certamente entre ambos na experiência de Wagley, uma certa complementaridade no sentido de firmar uma perspectiva e um significado positivo à própria experiência, afinal ambos confirmavam, a seu modo, o otimismo depositado por Wagley em sua vinda e coberto pelo sentimento de estar num mundo novo.

Com Quain, Wagley aprendeu os caminhos microscópicos da sociedade brasileira, ao menos começou a aprendê-los aí. Experimentou, também a sorte. Com Dona Hermínia, Wagley aprendeu o estilo de vida das famílias da elite carioca.

Por último, há, ainda, uma aproximação possível entre Lévi-Strauss e Wagley. Quando ambos vieram ao Brasil na *Tradition: Essays on the Unity and Diversity of Latin American Culture* de 1968 e *An Introduction to Brazil* de 1964.

década de trinta, 1934 e 1939 respectivamente, um momento importante na sociedade brasileira estava acontecendo. Wagley, na verdade, chegou junto à modernidade da língua inglesa e do modo americano de vida. Nesse sentido, representava uma modernidade que deveria se mostrar na nova adoção de uma segunda língua, assim como nas mentalidades e na forma de fazer ciência.

Com Wagley e os outros chegavam os estudos de comunidade e a questão da aculturação. Esta, aliás, atravessaria décadas de discussão sobre a relação entre a Sociedade Nacional e as Sociedades Indígenas, assim como sobreviveria ao SPI e à FUNAI.

É, certamente, sob este contexto que a grandiloquência da afirmação de identidade profissional feita por Wagley ao chegar ao Brasil ganha seu sentido.

Lévi-Strauss deixava o Brasil, após haver trabalhado na missão francesa que ajudou a fundar a USP.⁹

II

O Rio de Janeiro foi o lugar no qual Wagley começou uma trajetória e uma experiência brasileiras. Foi identificado a um mundo novo e, portanto, positivamente simbolizado. Lá, dois foram os pontos onde estabeleceu laços

⁹ Lévi-Strauss e Charles Wagley foram, por mim, aproximados como um artifício narrativo. Não tenho por objetivo compará-los dado que minha base documental não é, propriamente, extensa. Suas respectivas opiniões sobre a profissão de antropólogo bem como suas inserções no Brasil demandam mais dados e permanecem como uma tarefa por realizar.

de sociabilidade, ou seja, na experiência brasileira de Wagley, sua sociabilização na nova sociedade começou pela elite carioca e através dela se processou, ao mesmo tempo em que experimentava o, então, pequeno mundo acadêmico do Brasil.

A experiência acadêmica inicial de Charles Wagley e a rede de personagens que a sustentou tiveram seu centro institucional no Museu Nacional. Lá, Heloísa Alberto Torres, sua diretora e futura madrinha de casamento, era uma interlocutora constante. Esta presença de Dona Heloísa na vida de Wagley (como superior mas, simultaneamente, parente) faz coro ao conteúdo do capítulo cinco de *Raízes do Brasil*, onde Sérgio Buarque de Holanda mostra a inseparabilidade entre o público e o privado como uma tendência da sociedade brasileira oriunda de seu patriarcalismo rural.⁴

Sérgio Buarque de Holanda, que ao lado de Gilberto Freyre e Caio Prado Júnior é identificado por Antônio Cândido como um dos fundadores da moderna historiografia brasileira⁵, liberado que estava de certas análises autoritárias presente em Oliveira Vianna e defensor de uma ruptura com as raízes rurais como uma condição para a superação da herança rural que tem nas relações baseadas em laços familiares sua essência, muito influenciou Wagley.⁶

⁴ Holanda, S.B. de, *Raízes do Brasil*, José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1982 (23ª edição).

⁵ Cândido, A., "O Significado de *Raízes do Brasil*", em Holanda, S.B. de, *op. cit.*

⁶ A tese de S.B. de Holanda, que, resumidamente, poderia ser descrita em termos da oposição entre moderno e arcaico como um dilema para a sociedade brasileira imediatamente precedente ao Estado Novo, aparece em alguns textos de Wagley relativos ao Brasil, configurando uma inter-textualidade e uma influência. A propósito da inter-textualidade mencionada sugiro a

Como uma eloquente convergência de dados historiográficos, Freyre e Buarque de Holanda escreviam sua obra na mesma década em que Wagley chegava.

Caio Prado Júnior que, segundo o mesmo Antônio Cândido, inaugurou a síntese marxista da sociedade brasileira ⁷influenciaria a Escola Paulista de Sociologia que sob a liderança intelectual de Florestan Fernandes teria um enfoque antagônico ao de Wagley sobre a sociedade brasileira, sobretudo o manifestado em *Amazon Town: a study of man in the tropics*, na década de cinquenta.

O enfoque antagônico a que me refiro tem sua oposição entre a noção de cultura, sua perspectiva reformista e um "esquecimento" da natureza de classes de nossa sociedade que a ela é correlato, pelos culturalistas.

A concepção marxista da sociedade, cuja perspectiva política previa algo mais profundo que reformas, defendeu a idéia de que as classes têm uma anterioridade epistemológica à cultura. Isto implica, obviamente, que uma reforma cultural (como defenderia Wagley) deixaria intacta a própria sociedade brasileira, não atingindo sua essência. Um momento significativo dessa oposição está nas críticas que Octávio Ianni faz ao livro *Amazon Town: a Study of man in the tropics* e cujos detalhes optei por apresentar no capítulo posterior a este.

O importante, me parece, é que uma aproximação comparação de *Raízes do Brasil* e de *An Introduction to Brazil*.

⁷cândido, A., op. cit.

entre Charles Wagley e Florestan Fernandes não pode ser feita pelo caminho teórico mas por uma atitude de cordialidade pessoal e intelectual que ambos mantiveram ao longo de décadas, um reconhecimento recíproco do outro, através daquilo que ele tem de diferente.

Charles Wagley chegou ao Museu Nacional em janeiro de 1939 e lá encontraria seus colegas de Columbia.

Dessa forma, a experiência carioca de Wagley ganhava um novo ponto concreto de apoio e uma nova rede de personagens, condição para o processo de sociabilidade, começava a se formar.

Para narrar a experiência carioca de Wagley, uma primeira e fundamental distinção deve ser feita. É aquela que opõem o Museu Nacional à "elite" carioca. No Museu Nacional, pontificava a figura de Dona Heloísa Alberto Torres, poliglota, entusiasta das Ciências e hábil no contorno dos impedimentos burocráticos à movimentação e ao trabalho de pesquisadores estrangeiros, através da mobilização de uma extensa rede de personagens espalhada pelo, então nascente, Estado Novo.

Para Charles Wagley, Dona Heloísa no primeiro momento do encontro entre ambos foi uma anfitriã. Logo no primeiro dia no Rio de Janeiro, à tarde, ela envia um carro do Museu Nacional ao Hotel Belvédère e Wagley o utiliza o resto do período no reconhecimento do Rio de Janeiro. Posteriormente, o encontro entre ambos evoluirá para uma sólida amizade. Dona Heloísa será madrinha de Wagley e Cecília Roxo. Wagley, por sua vez, demonstrará seu carinho por ela no

livro de 1948, escrito em parceria com Eduardo Galvão, *The Tenetehara Indians of Brazil*. Este estudo sobre os Guajajara do Maranhão Ocidental será a ela dedicado.

Em termos da experiência carioca de Charles Wagley, seu momento inicial vivido no final dos anos trinta, Dona Heloísa representa a via de acesso ao mundo das pesquisas e conseqüentemente, a pessoa capaz de oferecer, no Brasil, as condições para a realização da auto-denominação profissional quando desembarcou no Brasil.

Se Dona Hermínia era o fascínio e o encanto com um mundo jamais visto e, portanto, um grande passo na construção da ascensão social ao mesmo tempo em que representava uma certa inserção na classe alta da sociedade carioca, Dona Heloísa simbolizava uma ligação com a profissão e uma constante lembrança de seus deveres profissionais e de compromisso com o mundo científico.

No Museu Nacional, além do contato com sua diretora, isto é, da interlocução com quem controlava o seu "ir e vir" científico, Charles Wagley foi interlocutor de outros personagens uns mais outros menos conhecidos na história da disciplina. Entre eles, para citar apenas alguns exemplos, lembraria Edison Carneiro, Raymundo Lopes e Luís de Castro Faria.

O primeiro foi um constante colaborador nas pesquisas de Ruth Landes na Bahia e aparece ao lado de Wagley numa foto de 1939 onde, entre outros estão também a própria Ruth Landes, Claude Lévi-Strauss e Dona Heloísa Alberto Torres. Esta ao centro, ladeada pelos estrangeiros Wagley e

Lévi-Strauss e, mais lateralmente por Ruth Landes e Edison Carneiro. Ao fundo pode-se ver a arquitetura do Jardim da Princesa, na Quinta da Boa Vista.⁸

A experiência carioca, brasileira e científica de Wagley foi constantemente alimentada pela presença de interlocutores, elementos da rede de personagens, com ofertas que possibilitaram a ele uma continuidade da própria experiência. Durante as primeiras semanas no Museu Nacional, Wagley estudou português com Luís Jardim, um jovem artista de Pernambuco. As lições eram informais e pontuadas por discussões políticas regadas a "caipirinha".

Ao mesmo tempo em que estudava português, Wagley estudava, também, arte e cultura material dos Tapirapé sob a instrução de Raymundo Lopes e lia *Casa Grande e Senzala* de Gilberto Freyre. Foi no Museu Nacional, ainda, que conheceu Luís de Castro Faria, o então jovem que apanhara malária na expedição com Lévi-Strauss aos Bororo. Wagley convidou Castro Faria a ir ao campo, mas Dona Heloísa interviu apontando a necessidade de tratamento para Castro Faria.

III

No Rio de Janeiro, Wagley pertenceu, desde sua chegada lá, a uma rede de personagens que, em seu conteúdo,

⁸ Sobre a fotografia a que me refiro, ver Da Matta, R., "De Volta aos Tristes Trópicos: notas sobre Lévi-Strauss e o Brasil", *Ciência Hoje*, A(21), nov/dez, Rio de Janeiro, 1985 e Corrêa, M., "Traficantes do Excêntrico. Os Antropólogos no Brasil dos anos 30 aos anos 60", *Revista Brasileira de Ciências Sociais* 6(3), 1988.

constituía a elite carioca. Na verdade, sua ligação a essa rede, continuou após os anos trinta. A continuidade acima afirmada aconteceu através de uma verticalização dos laços com a cidade e, por conseguinte, com o Brasil. Assim, Wagley passou a estabelecer relações de amizade e, mesmo, de parentesco na cidade.

Na reconstituição narrativa da rede de personagens de Wagley ao longo dos anos, no Rio de Janeiro, quatro personagens aparecem como fundamentais, na medida em que foi com eles, em parceria intelectual, política ou afetiva, que Wagley teceu os fios de sua história pessoal. São eles: Cecília Helena de Oliveira Roxo, Eduardo Enéas Augusto Galvão, Darcy Ribeiro e Carlos Lacerda.

Casando-se com Cecília Roxo, Wagley estabeleceu uma relação de parentesco, com um conteúdo afetivo, que o ligou definitivamente ao Brasil. Esta representa, em termos existenciais, sua mais forte ligação bem como a mais duradoura.

Eduardo Galvão, por sua vez, representa a amizade. Simboliza, também, a contra-prestação ao Brasil e aos brasileiros pelo início de carreira feito aqui: afinal, Eduardo Galvão foi o primeiro antropólogo brasileiro a fazer doutorado em Columbia e foi levado pelas mãos de Charles Wagley.

Os dois personagens acima pertencem a uma região da rede que poder-se-ia denominar o espaço privado de Wagley, suas relações estritamente pessoais, embora esta qualificação possa esbarrar nos ensinamentos de Sérgio Buarque de Holanda

sobre a cordialidade da vida brasileira, sua informalidade.

Carlos Lacerda e Darcy Ribeiro, ao contrário de Cecília Roxo e Eduardo Galvão, representam relações para o espaço público. Lacerda e Ribeiro representam, com efeito, diferentes formas políticas de estar no mundo; diferentes posições ideológicas e diferentes propostas para a sociedade brasileira.

O encontro entre Wagley e Carlos Lacerda aconteceu na década de quarenta. Vizinhos, eles entretiveram longas conversas políticas, "intermináveis" para usar uma expressão de Yonne Leite.

Carlos Lacerda, que em dado momento de sua trajetória política estaria próximo ao Partido Socialista e ao lado de intelectuais como Paulo Emílio Sales Gomes, Ruy Coelho, Antônio Cândido e Décio Almeida Prado foi governador da Guanabara e teve uma oferta rejeitada pelos Wagley quando, após o célebre atentado da Rua Toneleiros, ofereceu seu carro oficial a eles. Polidamente, Charles e Cecília Wagley fizeram-no ver o risco físico que correriam caso aceitassem aquela oferta.

Em seu livro *Brazil: crises and change*, de 1964, Wagley dedica um capítulo à política brasileira, tomando como fio condutor de sua narrativa algumas lideranças da época. Lá, descreve os partidos políticos, as personalidades e as tendências conservadora e moderada. Carlos Lacerda aparece incluído no conjunto de lideranças políticas tematizadas no capítulo.

Wagley o descreve num quadro onde aparece oposto

a Goulart, Brizola, Jânio Quadros e Miguel Arraes , líderes "nacionalistas e esquerdistas"(Wagley, 1964:37-8).

Carlos Lacerda é representado como um moderado e sobre ele Wagley escreve:

Opposed to nationalist-leftist leaders (and more might be mentioned) were a number of prominent moderates and conservatives. Outstanding is Carlos Lacerda, the present governor of Guanabara state. Lacerda has played a crucial role in Brazilian politics in the last 15 years as a critic and opponent of administrations in power. The founder and the ex-editor of Tribuna da Imprensa, an afternoon newspaper in Rio de Janeiro, he began his career as an extreme leftist and was long associated with the Communist party until he broke with it and became a vigorous anti-Communist. His violent criticism of the Vargas regime created a climate that led to an attempt on his life in 1954. In turn this was regarded as one of the factors which caused Vargas to take his life. He bitterly denounced Quadros for his pro-Castro sympathies, and his continual criticism of the Goulart regime had something to do with its downfall. Lacerda is an astute debater and likes to appear on television. As governor of the state of Guanabara he has proved to be an excellent administrator. (Wagley, 1964:40)

Como se pode ver pelas linhas anteriores de Wagley, Carlos Lacerda tinha, então, uma excelente reputação junto ao nosso autor e que será super-dimensionada, por ele, através de uma comparação positiva com os líderes da esquerda nacionalista.

Na verdade, ao escrever tais enunciados em 1964, Wagley estava se posicionando ante o conflito que levou à interrupção do processo institucional no Brasil. Wagley acreditava que a intervenção dos militares seria saneadora e rápida. Ou seja, imaginava que uma vez afastada a ameaça de uma república sindicalista dirigida por algum demagogo, o processo institucional seria retomado sob um novo registro, diferente do conflito.

Carlos Lacerda é, aos olhos de Wagley, o

personagem que sofreu uma espécie de purificação política, inscrita na sua própria trajetória e que, a partir do abandono do radicalismo, torna-se um aliado político para nosso autor.

Darcy Ribeiro, como Carlos Lacerda, iniciou sua vida política no Partido Comunista e sentia-se, como todo comunista o era até recentemente, responsável pelo destino humano, em seu sentido universal.

Filho de uma família de fazendeiros de Minas Gerais, estudou Medicina durante algum tempo e, então, resolve vir a São Paulo para estudar Sociologia com Donald Pierson, na Escola Livre de Sociologia e Política. Lá, conhecerá Herbert Baldus e lerá boa parte da biblioteca que a Fundação Rockefeller comprara para a Escola. Nos anos sessenta ligar-se-á a João Goulart, o mesmo que Wagley chamará de demagogo, como seu Chefe do Gabinete Civil.

Wagley e Darcy Ribeiro colaboraram inúmeras vezes desde o primeiro contato entre ambos na década de quarenta: SPI, Museu do Índio e CBPE. Darcy Ribeiro, como Wagley, era defensor de uma Ciência Social aplicada, a que chama "Ciência Social socialmente responsável".⁹

No interior de um contexto de messianismo científico que propunha a redenção da população pela Ciência, no final da década de 50, Darcy Ribeiro formou um grupo, no CBPE, que fez uma série de estudos para conhecer a população brasileira e sua sociedade pelo método dos estudos de comunidade, trazidos ao Brasil pelos norte-americanos, entre

⁹ Darcy Ribeiro, entrevista ao mestrando e a Luís Henrique Passador.

elcos, Wagley. Aqueles estudos visavam estabelecer uma ponte teórica para uma mudança educacional e receberam o nome de cidades-laboratório.¹

Do ponto-de-vista político e de projeto para a sociedade brasileira, Carlos Lacerda e Darcy Ribeiro representam posições antagônicas e até contraditórias entre si. Na verdade o golpe militar de 64, apoiado por Lacerda, colocou Darcy Ribeiro no exílio e longe de suas funções públicas. Se os tomarmos em relação ao acontecimento político-institucional de 1964, Lacerda simbolizará a manutenção do *status-quo* ao passo que Ribeiro simbolizará a redenção populista das massas prometida por Vargas e João Goulart.

É curioso notar, hoje, que os dois personagens - representativos de dois pólos no conflito que interrompeu o processo institucional brasileiro na década de sessenta - possam ser reunidos, conjuntamente, sob a categoria amigos de Wagley¹¹. Será, somente, a capacidade de diálogo tantas vezes afirmada por Wagley- e hoje um valor que parece firmar-se num novo período histórico mundial- o elemento e processo capaz de tornar legítima a associação anterior. Tal princípio custou a Wagley, muitas vezes, a intolerância e o radicalismo incompreensível de grupos e de pessoas aqui no Brasil e nos

¹ Sobre o estudo a que me refiro, ver Mousinho Guidi em texto já citado anteriormente.

¹¹ Sobre a amizade entre Wagley e Darcy Ribeiro é preciso lembrar que Ribeiro se referia a Wagley como "gringo de esquerda", expressão que, evidentemente, alude à possibilidade de aliança entre eles no sentido das reformas sociais ou de outro processo político mais "ousado".

Estados Unidos. Para a direita, Wagley era um comunista e para a esquerda um agente do imperialismo.

Como um reconhecimento, simultaneamente intelectual e pessoal, Darcy Ribeiro, no prefácio ao livro *Encontro de Sociedades* de Eduardo Galvão¹², afirmará uma certa "trindade fundadora da Etnologia Brasileira", composta por Nimuendajú, Baldus e Charles Wagley.

Eduardo Galvão diferentemente de Lacerda e Darcy Ribeiro é alguém situado proxivamente a Wagley segundo uma relação de amizade que começou em 1939, no segundo momento da expedição aos Tapirapé e que terminou, somente, em 1976 por ocasião da morte dele. Uma proximidade que ultrapassa a esfera política.

Como Cecília Roxo e de maneira oposta a Carlos Lacerda ou Darcy Ribeiro, Galvão está num plano da rede de personagens que descreve relações pessoais, onde eram construídas as principais relações na sociedade brasileira. Nesse sentido, numa intersecção entre parentesco e pesquisa, Eduardo e Clara Galvão foram padrinhos de Wagley no momento religioso de seu casamento com Cecília Roxo. Ao mesmo tempo, acompanharam nosso autor ao Amazonas para pesquisar a comunidade de Itá.

Eduardo Enéas Gustavo Galvão nasceu no Rio de Janeiro em 25 de janeiro de 1921 e começou sua carreira no Museu Nacional, em 1939 como estagiário da Divisão de Antropologia. Nesse ano, junto a Rubens Meanda, Pedro Lima e

¹² Galvão, E., *Encontro de Sociedades: índios e brancos no Brasil*, RJ, Paz e Terra, 1979

Antenor Leitão de Carvalho, participa de uma expedição aos Tapirapé, onde conhece Charles Wagley.

A carreira de Galvão passará a ser, então, profundamente influenciada por Wagley. Naquele momento, começará, também, uma longa parceria intelectual, cujos efeitos cobrem a Etnologia Indígena e o estudo dos caboclos da região amazônica. Na década seguinte, Wagley e Galvão farão pesquisas junto aos tenetehara e na comunidade de Gurupá na Amazônia. Em 1946, Galvão obtém o título de Bacharel em Geografia e História pela Faculdade de Filosofia do Instituto Lafayette, posterior Faculdade de Filosofia do Rio de Janeiro e, em 1949, conclui o curso de Pós-Graduação em Antropologia na Universidade de Columbia, levado que fora por Wagley.

A pesquisa que deu a ele o doutorado, outorgado em 1952, fora feita na Amazônia, com Wagley, e tinha como o objeto a esfera religiosa de Gurupá, nome verdadeiro da comunidade estudada na década de 40 por Wagley e Galvão. Posteriormente publicaria esse estudo do imaginário religioso do cabloco amazônico sob o título de *Santos e Visagens, um estudo da vida religiosa de Itá*, em 1955 e que seria sua tese de doutorado.

Colaboraria com Wagley, também, na série de estudos de comunidade realizados na Bahia no início da década de cinquenta, o Projeto Bahia-Columbia..

Em relação a Wagley, Galvão representa a amizade e a parceria intelectual. Esta seria experimentada inúmeras vezes em textos como "*O Parentesco Tupi-Guarani*"(1946), "*The Tapirapé*" e "*The Tenetehara*"(1948), *The Tenetehara Indians of*

Brazil: a culture in transition(1949) e "Caboclicização das comunidades Tenetehara" (1972).

IV

Na experiência carioca de Wagley começa a se organizar, a partir de sua passagem pelo Rio de Janeiro, um território importante do campo intelectual¹³ por ele descrito em sua trajetória acadêmico-pessoal: os estudos de Etnologia Indígena.

A partir desses estudos, ele reuniu a legitimidade para prescrever certos enunciados gerais de política indigenista que são muito claros, por exemplo, no capítulo onde Wagley conta a *Tragédia dos índios brasileiros* em *Welcome of Tears*.¹⁴

A autoridade de Wagley na questão indigenista derivou de suas pesquisas com os Tapirapé, na década de trinta e seqüentes - configurando um estudo de longo alcance- e com os tenetehara, do Maranhão, no final dos anos quarenta. É importante notar que o estudo dos tenetehara não possui a mesma posição que os estudos dos Tapirapé têm nos depoimentos e documentos que deles falam. Isso se deve ao fato de, na década de quarenta, poder ter havido um deslocamento do

¹³ Uso a expressão campo intelectual para designar um espaço dialógico constituído a partir da atualização de discursos, isto é, uma região com autores, palavras e conceitos e, também, uma rede de relações sociais que lhe são imanentes.

¹⁴ Ver, também, a entrevista feita por Nirlando Beirão com Wagley para a *Revista Veja* de março de 1976.

interesse intelectual e político dos grupos indígenas para a questão do desenvolvimento e, por conseguinte, da Sociedade Nacional.

O final da década de quarenta, data do estudo com os tenetehara feito em parceria com Eduardo Galvão, foi dominada nas Ciências Sociais pela questão do desenvolvimento, da extensão, em escala planetária do "welfare state" e do "american way of life", tornados legítimos após a segunda guerra mundial.¹⁵

Os artigos e textos publicados por Wagley em Etnologia Indígena têm suas raízes no final da década de trinta no Museu Nacional do Rio de Janeiro. A rigor, os artigos precedem os livros, em particular, *Welcome of Tears*, de 1977. Tudo se passa como se Wagley fosse reunindo elementos e, simultaneamente, os submetendo à consideração do público leitor, composta de alunos e especialistas. Em dado momento, sob o estímulo no Brasil de Berta Ribeiro e Yonne Leite, entre outros, Wagley decide agrupar textos anteriores sobre os Tapirapé no livro a que me refiro.¹⁶

Sob a categoria livros pode-se reunir, além dos estudos sobre os Tapirapé, os estudos sobre os tenetehara, *The Tenetehara Indians of Brazil*, de 1948. Foi nesse trabalho

Não pretendo aqui, defender nenhuma tese sobre o welfare state e o Brasil. Limito-me a registrar a presença do tema nos textos de Wagley, em particular *Amazon Town: a study of man in the tropics*.

¹⁶ A publicação de *Welcome of Tears* está, também, determinada pelo fato daquela sociedade também ter sido objeto da atenção de Herbert Baldus. A publicação de *Welcome of Tears* aconteceu após a morte de Baldus, o que pode sugerir a existência de algo como uma cautela de Wagley no assunto.

acadêmico e sobre ele que Wagley deixou traços e enunciados sobre o indigenismo. Desde logo, é preciso que se afirme o reconhecimento, por Wagley, de uma inferioridade diferencial dos grupos indígenas em relação à Sociedade Nacional. Por outro é preciso que se afirme uma mudança de posição de Wagley quanto às intervenções sobre populações como bem o demonstram algumas passagens de *Welcome of Tears*¹⁷, onde Wagley faz a crítica, velada, das mudanças sociais dirigidas e de que é um intocável exemplo o Projeto Vicos Hacienda no Peru.¹⁸

Em 1976, Charles Wagley foi o convidado de honra da Reunião Nacional de Antropologia realizada em Salvador e, durante a reunião, concede uma entrevista a Nirlando Beirão que é publicada na Revista Veja número 392. Nessa entrevista, pode-se ler uma verdadeira proposta de política pública, ao menos em seus princípios gerais, para a questão indígena. Lá, autodefinindo-se como um "irremediável otimista", dirá que se deve "conciliar progresso e sobrevivência do índio. Garantir a ocupação e o uso da terra pelo índio. Criar reservas como o Parque Nacional do Xingu. Lutar contra a ganância das grandes empresas. Fortalecer a FUNAI. Ocupar a Amazônia, integrá-la ao resto do país. Controlar, disciplinar e organizar o

¹⁷ A Antropologia feita por Charles Wagley é uma antropologia aplicada. Nas suas primeiras pesquisas e, principalmente, em *Amazon Town: a Study of man in the tropics* a preocupação com a intervenção direta na realidade é uma constante. No final de sua carreira, porém, sua posição quanto ao tema parece haver mudado como indica *Welcome of Tears* de 1977.

¹⁸ Ver, sobre o Projeto Vicos, os textos de Dobyns, Henry F. e Paul Doughty (eds), *Peasants, Power and Applied Social Change: Vicos as a model*, Beverly Hills, Calif., Sage Publications, 1971 e Holmberg, Allan R., "Changing Community Attitudes and Values in Peru: a Case Study in Guided Change", in *Social Change in Latin America Today*, New York, Vintage Books, 1960

progresso". (Beirão, 1976)

Embora as propostas acima tragam a moderação e o espírito "rooseveltiano"¹⁰ da conciliação, houve quem, na época, sugerisse que Wagley deveria se ocupar da resposta à pergunta de porque os índios norte-americanos tinham desaparecido. Esse nacionalismo xenófobo que tentava interditar a palavra a quem não fosse brasileiro em questões sobre o Brasil, apareceu na *Revista Veja*, na secção do leitor, no número seguinte ao da entrevista de Charles Wagley.

Um outro registro importante sobre enunciados políticos de Wagley a respeito dos índios brasileiros é o capítulo oito de *Welcome of Tears*. Ali, por exemplo, lê-se uma referência positiva ao Marechal Rondon e ao General Gomes Carneiro. O primeiro, exemplo maior do Humanismo brasileiro e imortalizado na frase "morrer se preciso for, matar nunca" é descrito por Wagley, também humanista, como uma figura excepcional para qualquer sociedade. Gostaria de registrar a existência desses enunciados de política indigenista para afirmar a posição de um Wagley preocupado, também, com as sociedades indígenas.

V

¹⁰ A expressão "rooseveltiano" me foi sugerida por Carlos Moreira Netto em entrevista à se refere, evidentemente, a um conjunto de valores de Wagley que o aproximaria do período da história norte-americana relacionado a Roosevelt. Poderia lembrar que o adjetivo cunhado por Moreira Netto nos levar à Política da Boa Vizinhança. Lá, então, poderíamos atribuir um significado mais amplo à admiração de nosso autor por Carmen Miranda, a embaixatriz do samba. Para Wagley, Carmen Miranda está associada à fortuna, em seu sentido de destino, mas, também, está associada à construção da hegemonia norte-americana no continente.

A autoridade e a segurança com as quais Charles Wagley postulava uma razão política ao relacionamento entre as sociedades indígenas e nacional derivavam de suas pesquisas em Etnologia Indígena cuja origem remonta ao final da década de trinta, no ano de 1939.

As Pesquisas de Etnologia Indígena, por sua vez, têm seu conteúdo fundamental nos estudos feitos com os grupos de língua Tupi, obedecendo a uma diretriz do Museu Nacional cuja autoria nos leva a Heloísa Alberto Torres.

Charles Wagley estudou os Tapirapé e os tenetehara, na década seguinte. Nessas pesquisas de Etnologia Indígena, Wagley gostaria de se situar na genealogia aberta por cronistas, missionários e viajantes.

Wagley, entretanto, desejava, também, teorizar sobre o Brasil, possuindo, para tanto, um método, o dos estudos de comunidade e uma problemática, a questão da aculturação. Foi, efetivamente, esta questão, que mobilizou os esforços intelectuais de Wagley no estudo dos Tapirapé e dos tenetehara.²

Como conteúdo editorial, as Pesquisas de Etnologia Indígena podem ser descritas em termos de duas categorias, aparentemente, antagônicas mas que no conjunto

² O que desejaria indicar, aqui, é o modo pelo qual Wagley tematizou as sociedades indígenas. Ele o fez, a partir de uma constante preocupação com a sociedade nacional. Ou seja, ele desejava saber de que modo os conflitos decorrentes do encontro de sociedades afetavam as sociedades indígenas. A partir daí, Wagley buscava influenciar decisões na sociedade nacional quanto à questão indígena. Ele chegará a dizer que o papel do antropólogo seria o de educar as populações nacionais para o contato com as sociedades indígenas. (Wagley, 1977)

de textos de Wagley - assim como em qualquer outra - mostram-se, antes de tudo, complementares. São categorias que, simultaneamente, pertencem à narrativa historiográfica sobre Wagley e à própria obra dele, ou seja, os artigos e os livros.

Como categorias, e não como acontecimentos editoriais, os artigos e os livros propõem uma diferenciação espontânea entre si, não necessitando de uma caracterização sistemática: ambos trazem a materialidade da obra para uma extensão do texto e segundo uma perspectiva Histórica. Artigos e livros têm sua história, sua reconstrução.

Na obra de Wagley, o exemplo de complementaridade entre artigos e livros está representado pelos textos "Xamanismo Tapirapé" de 1943 e *Welcome of Tears* de 1977. Aquele artigo tornou-se um capítulo do livro de 1977.

Colocadas sob a diacronia suposta numa periodização, os artigos e os livros de Wagley sobre Etnologia Indígena, suas Pesquisas de Etnologia Indígena, transcendem à década de trinta. Sua contribuição a um entendimento da Etnologia Sul Americana continuaram pelos anos quarenta, cinquenta e sessenta. Não é inoportuno lembrar que sua última viagem aos Tapirapé foi feita em 1965.

Assim, ao tematizar tal contribuição no âmbito de um capítulo dedicado ao Rio de Janeiro e às primeiras pesquisas, o que se busca é mostrar que a inspiração, em Wagley, para tais estudos estão associadas com o Museu Nacional em sua origem.

Ao longo de suas Pesquisas em Etnologia Indígena, cujo início está no final da década de trinta,

Charles Wagley, ele mesmo ou em parceria, escreveu dezoito artigos, distribuídos em diferentes publicações e fez várias resenhas de livros.

Os dois primeiros artigos apareceram em 1940 e tematizavam a cosmovisão Tapirapé e a relação entre depopulação e organização social. Ambos foram publicados nos Estados Unidos, respectivamente no *Journal of American Folklore* e *Transactions of the New York Academy of Science*. Este seria traduzido para o português e publicado na *Revista de Sociologia IV*, em 1942.²¹ Em 1942 e 1943, Wagley trabalharia uma temática importante nos estudos de Etnologia Indígena. Assim, saem um estudo sobre o estado de extase no pagé Tupi e sobre o Xamanismo Tapirapé, respectivamente na *Revista de Sociologia* e no *Boletim do Museu Nacional, série Antropologia*.²² Nesses artigos, Wagley dialogará com Herbert Baldus, autoridade nos estudos sobre os Tapirapé. Será no ano de 1943, ainda, que publicará seu primeiro estudo sobre a aculturação entre os Guajajara. Nele, nas citações aparecem os nomes de Gustavo Dodt, H. Snethlage, S. Fróes Abreu e, obviamente, Curt Nimuendaju. A publicação será feita no *Boletim do Museu Nacional, série Antropologia*.

Em 1945, tentando atingir um público maior que o

²¹ Refiro-me a "World View of the Tapirapé Indians", *Journal of American Folklore* 53(210):252-260 e "The effects of depopulation upon social organization, as illustrated by Tapirapé Indians", in *Transactions of the New York Academy of Sciences*, Ser. II, 3(1):12-16 com a tradução portuguesa para *Sociologia IV* (4):407-412, São Paulo, 1942.

²² "O Estado de êxtase do Pagé Tupi", *Sociologia IV*(3):285-292, São Paulo, 1942 e "Tapirapé Shamanism", *Boletim do Museu Nacional, Antropologia*, Nº 2, p. 12, Rio de Janeiro, 1943.

acadêmico, seus leitores nos artigos anteriores, escreverá para um suplemento dominical de *O Jornal* sobre lendas tenetehara. Ainda em 1945, escreve *Um tapirapé atinge a maioridade*. Em 1946, estabelecerá uma parceria com Eduardo Galvão, escrevendo sobre o parentesco Tupi-Guarani. No mesmo ano, um outro artigo sobre o parentesco Tupi-Guarani será escrito para *Revista de Sociologia*. Em 1948, para o *Handbook of South America Indians*, organizado por Julian Steward e em co-autoria com Galvão, os capítulos sobre os Tapirapé e os tenetehara.

Na década de 50, o ímpeto com que Wagley se lançara à publicação de artigos baseados nas pesquisas iniciadas em 1939, iria arrefecer. Entretanto, nessa década irá aparecer o capítulo *The Indian Heritage of Brazil*, escrito para o livro de T.Lynn Smith, *Brazil: Portrait of Half a Continent*.

Ainda em 1951, analisará as influências sociais e culturais em duas tribos Tupi para a *Revista do Museu Paulista*.

Passar-se-ão quatro anos até que publique um texto sobre a mudança social e cultural entre os Tapirapé para os "papers" do XXVI Congresso Internacional de Americanistas. Nele, Wagley tematizará a rivalidade entre os Carajá e os Tapirapé, os Xamãs, a arte de fazer cestos e alguns tabus alimentares.

Em 1959, escreverá sobre os Arawak, Carib, Tupi-Guarani, Jivaro, Gê, e Ona para *The World Book Encyclopedia*. Na década de sessenta escreverá um capítulo para

um livro organizado por Joseph Casagrande, *In the Company of Men*, "Champakwi of the Village of The Tapirs".²³

Em 1969, colaborará com o *Handbook of Middle American Indians*. Seus dois últimos artigos, em *Etnologia Indígena* sairão na década de setenta, 1974 e 1976, *The Road of Brazilian Indians* e *Time and the Tapirapé*, respectivamente para *Review 1974 do Center for Inter-American Relations* e *Atas do XLII Congresso Internacional de Americanistas*, realizado em Paris.

Todo o conjunto de artigos anteriores, sua rede intelectual e seu grupo de problemáticas integram-se nos textos que compõem seus dois livros nas Pesquisas de Etnologia Indígena. Mesmo *The Indian Heritage of Brazil*, importante porque propõe uma intersecção temática e porque lá Wagley dialogará com autores como Gilberto Freyre, Alexandre Marchant e o próprio T. Lynn Smith, pode ser lido como um elemento de um conjunto maior, em sentido epistemológico e editorial e que tem na concepção culturalista de nação como uma fusão de culturas o seu princípio.²⁴

Em oposição aos artigos, dois foram os livros saídos das Pesquisas de Etnologia Indígena. Diferentes nos grupos abordados, partiram da mesma problemática da aculturação, e devem sua origem institucional ao Museu Nacional.

²³ Para uma visualização do conjunto de textos que compõem a bibliografia de Wagley ver a Bibliografia desta dissertação.

²⁴ A respeito da articulação entre as noções de nação e cultura em Wagley, é exemplar o texto *An Introduction to Brazil*.

The Tenetehara Indians of Brazil foi escrito em 1948 em co-autoria com Eduardo Galvão.

Os autores explicam que aquele texto se deve ao programa de pesquisas iniciado em 1939-40, através de um convênio firmado entre o Museu Nacional e o Council for Research in the Social Sciences da Columbia University para estudos sobre aculturação entre os Tapirapé. Os autores, então, colocam, empírica e historicamente a pesquisa com os tenetehara na trilha aberta com a expedição aos Tapirapé. Wagley, dirá, também, que "*The Tenetehara were selected as a logical succeeding step to the investigations among the Tapirapé*" (Wagley, 1949:VII). Na verdade, o sucedâneo lógico resulta do fato de os tenetehara se assemelharem mais aos habitantes da Sociedade Nacional e, portanto, estarem mais aculturados que os Tapirapé.

As pesquisas, para a coleta de material, foram feitas em duas visitas aos tenetehara. A primeira, entre Novembro de 1941 e Março de 1942, foi feita por Nélson Teixeira, Rubens Meanda, Eduardo Galvão e Charles Wagley. A segunda visita só foi feita em 1945, em fevereiro, por Eduardo Galvão, Nélson Teixeira e Pedro Lima, um antropólogo físico que depois se tornaria médico²⁵. Esta segunda visita objetivava verificar as observações originais e colher mais dados. Na coleta de dados, a equipe faz alianças com as principais lideranças da comunidade - uma iniciativa que, aliás, compõe a prioridade inicial na agenda dos trabalhos de campo com vistas

²⁵ Estas informações me foram prestadas por Pompéia Lima, bibliotecária do Museu do Índio e podem ser confirmadas nos prefácios dos livros de Wagley em questão.

a um estudo de comunidade. Sobre um de seus principais informantes, Wagley escreve:

José Viana stands out among our principal informants for his meticulous and precise statements. (Wagley, 1948)

Bom informante é, por conseguinte, aquele que vai ao detalhe, matéria-prima do trabalho antropológico. Após conseguir as informações, Wagley as discute com Curt Nimuendajú, um conhecedor dos tenetehara.

Para reunir o conjunto de dados, para a etnografia, Wagley ainda contou com a colaboração da Inspetoria Regional do Maranhão do SPI e dos inspetores José Mendes e José Maria Malcher. Heloísa Alberto Torres, que para Wagley havia tornado o Museu Nacional um importante e estimulante centro de estudos científicos do Brasil, oferece o suporte institucional desde o Rio de Janeiro. Métraux lê os manuscritos e faz críticas. No Prefácio do texto, Wagley atribui a seu estímulo a escolha de pesquisar no Brasil.

Como livro, *The Tenetehara Indians of Brazil* segue a fórmula dos estudos de comunidade que alia dados históricos sobre a comunidade, com uma concepção objetivista de história, à uma descrição das esferas da organização social, vida econômica, vida pessoal e religiosa, mitologia e folklóre. Por último, os autores fazem um capítulo para discutir mudanças culturais, um tema que nos coloca no centro do paradigma da Escola Histórico-Cultural Norte-Americana.²⁶

²⁶ Sobre paradigmas, ver Scholte, B., "Cultural Anthropology and the Paradigm Concept: a brief history of their recent convergence", in *Functions and Uses of disciplinary histories. Volume VII*, 1989, Graham, L. W. Lepenies e P. Weingart (orgs). e "Epistemic Paradigms: Some Problems in Cross-Cultural Research on Social Anthropological History and Theory", in *American Anthropologist*, 68, 1966, pp 1192-1201 R. Cardoso de Oliveira,

Como a pesquisa sobre os tenetehara, aquela sobre os Tapirapé, na fase da coleta de dados, foi feita em duas expedições. A diferença, entretanto, está nas viagens que Wagley e seus alunos fizeram aos Tapirapé ao longo de décadas.²⁷

Quando Wagley recebeu a sugestão de Métraux para um estudo com os Tapirapé, não sabia que Herbert Baldus já os estudava para publicar, muito mais tarde, *Os Tapirapé: Tribo Tupi do Brasil Central* (1970). Wagley não desconhecia, também, que seu colega de Columbia Jules Henry que para cá viera estudar os Kaingang, já sofrera uma censura de Baldus, o que, portanto, já colocava a ele um obstáculo. Assim, as pesquisas de Wagley para se realizarem, estas mesmas que geraram inúmeros artigos e *Welcome of Tears*, deveriam supor um trabalho diplomático junto a Baldus para conseguir sua aceitação.

Wagley procura Baldus na Escola de Sociologia e Política e depois de um encontro frio, onde nosso autor teria temido pelo seu estudo, Baldus o encoraja a fazer a pesquisa. Como retribuição, Wagley dedica a Baldus seu livro.

"A Vocação Metadisciplinar da Etnografia das Ciências", in *Sobre o Pensamento Antropológico*, Rio de Janeiro, Edições Tempo Brasileiro, 1988 e R. Cardoso de Oliveira, "Tempo e Tradição: Interpretando a Antropologia", in *Anuário Antropológico/84, 1985*, pp. 191-203 (tb. in *Sobre o Pensamento Antropológico*, o.c.) e Kuhn, Th., *A Estrutura das Revoluções Científicas*, São Paulo, Editora Perspectiva, 1975. A bibliografia em questão, bem como o debate sobre paradigmas, recebi em curso dado pelo professor Roberto Cardoso de Oliveira.

²⁷ Para um histórico dessa pesquisa feita pelo próprio autor, ver o Prefácio e Capítulo 1, "A caminho dos Tapirapé".

VI

Na construção do texto de *Welcome of Tears*, Wagley mostra um intransigente desejo de se situar na continuidade histórica aberta pelos cronistas. Tal desejo o leva a abrir o texto com citações de Claude d'Abeville, *História da Missão dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão* (1614), Jean de Léry, *Le Voyage au Brésil* (1578) e Fernam Cardim, *Tratado da Terra e da Gente do Brasil* (1665) a respeito da saudação lacrimosa dos Tapirapé a alguém que chega.

Assim a inspiração é dada por esses cronistas e muitos outros dos quais Wagley se sente um continuador superior, isto é, melhorado porque detentor de um discurso que interroga a comunidade.

Esses estudos, por sua vez - antigos e que nos levam à França de Le Play - foram modernamente definidos por Robert Redfield e suas pesquisas em Yucatán. Assim é de uma tradição norte-americana que Wagley recebe as categorias e noções para descrever a comunidade segundo a perspectiva criada pela problemática da aculturação. Esta seria definitivamente formulada na década de trinta e tomaria uma segunda expressão acadêmica em Linton e seu *Acculturation in seven American Tribes* de 1940²⁸. Nesse final de década iria se

²⁸ Em meu exame de qualificação, o Professor Roberto Cardoso de Oliveira chamou minha atenção para a importância do *Memorandum for the study of acculturation*, de 1936, pelo que agradeço. As referências bibliográficas desses textos são, precisamente, Linton, R., Redfield, R. e Herskovits, M. J., "Memorandum for the study of acculturation", *American Anthropologist* 38, Nº 1:149-52 e Linton, R. (ed), *Acculturation in seven American*

definir aculturação como o impacto permanente da civilização ocidental sobre os povos primitivos. Wagley queria saber quais os itens culturais que os Tapirapé, recém contatados, aceitavam e quais os que ele rejeitavam no contato com a civilização ocidental.

Desde um ponto de vista que tematize um conhecimento da temática concreta que trataria, Wagley havia lido os textos de Métraux sobre os Tupi e baseados em cronistas: *Migrations Historiques des Tupi-Guarani* (1927), *La Civilization Matérielle des Tribus Tupi-Guarani* (1928) e *La Religion des Tupinambá et ses Rapports avec celle des autres Tribus Tupi-Guarani* (1928) Além de Métraux, Wagley havia lido *Ensaios de Etnologia Brasileira* (1937) de Herbert Baldus.

Assim, passam por Wagley as discussões da aculturação, da competência científica, dos estudos de comunidade, além, da temática concreta dos Tapirapé. Em termos teóricos, aí estão as principais discussões de Wagley. Há uma outra, filosófica, e que perpassa o sentido de sua obra. Em *Welcome of Tears*, esta problemática está representada pela leitura de cabeceira feita por Wagley, entre os Tapirapé, *Guerra e Paz* de Leon Tolstói.

As linhas-de-força do campo intelectual, em termos teóricos são as linhas acima. Há, por outro lado, uma vertente de debate indigenista em *Welcome of Tears*. Ele se concentra, prioritariamente, em torno da possibilidade das Ciências Sociais intervirem nos conflitos, das mais diversas ordens, entre os grupos indígenas e as Sociedades Nacionais. *Indian Tribes*, New York, Appleton-Century, 1940.

Nos textos que materializam a discussão está uma série de documentos feitos por antropólogos relatando as condições indígenas, na década de sessenta. Entre eles, "Relatório dos Trabalhos Realizados pela Inspetoria do SPI durante o ano de 1916" de L.B.Horta Barbosa de 1954, "A Situação Atual dos Tapirapé" de Roberto Cardoso de Oliveira, 1959, "The Politics of Genocide Against The Indians of Brazil" de 1974; *Indian Survival in Brazil* de Walter Dale Kietzman e "Genocide" de Lewis Norman. Há, ainda, *Peasants, Power and Applied Social Change: Vicos as a Model* de Henry F. Dobyns e Paul Doughty e Allan R. Holmberg "Changing Community Attitudes and Values in Peru: A Case Study in Guided Change" de 1960.

VII

No primeiro capítulo de *Welcome of Tears*, Charles Wagley compara os Tapirapé com os Maia de Santiago Chimaltenango. Assim procedendo, faz uma espécie de história espontânea de suas pesquisas iniciais sob o termo da alteridade. Ele escreve:

Apesar de ter tido sempre o mais vivo interesse pelo trabalho de campo, a pesquisa entre os Tapirapé nunca foi inteiramente satisfatória. Meu estudo anterior tinha sido realizado numa aldeia Maia da Guatemala. Os Maia eram um povo organizado. Trabalhavam o dia inteiro em seus campos de milho. Poucos falavam espanhol; no entanto, pude encontrar intérpretes que me ajudaram a traduzir ao espanhol, orações e entrevistas muito elaboradas. Tive informantes regulares aos quais pagava dez centavos de dólar por meio dia de trabalho para repor sua perda de um dia no campo. Os Maia ajudaram-me nas mensurações, por exemplo: o consumo de comida, e o tamanho e a produção de suas roças. Eram aplicados e racionais, com um certo senso de formalismo. Pareciam com os habitantes das pequenas cidades do meio-oeste dos Estados Unidos- os quais eu conhecia bem, uma vez que lá havia nascido- embora mais exóticos e retraídos. Era uma forma de se auto progerem dos séculos de exploração a

que haviam sido submetidos. Os Maia eram bons trabalhadores e conheciam o valor de dinheiro e da terra. Em Santiago Chimaltenango (Guatemala), informantes Maia podiam sentar horas a fio falando de sua sociedade e cultura. Comparada com essa, a pesquisa de campo entre os Tapirapé foi muito diferente. Primeiro, tentei encontrar informantes que trabalhassem comigo de maneira ordenada. Procurei registrar foneticamente canções e histórias de forma que pudesse analisar a língua. Combinava com um informante para vir cedo ditar-me ocasionalmente responder questões sobre coisas que tinha visto ou ouvido- mas tal informante nunca aparecia. Quando vinha, passados 30 minutos cansava-se de minhas insistentes perguntas. Um homem contava-me um mito que eu entendia pela metade e quando pedia para repeti-lo, ele saía no meio da história para somente retornar dias mais tarde.(...). Os Tapirapé eram abertos, irreverentes, sociáveis e amigáveis, mas nunca foram bons informantes para o trabalho antropológico. Coletar genealogias e termos de parentesco era um pesadelo. Apenas poucas pessoas tinham tempo suficiente para a realização de tais tarefas. Mas, coletivamente, adoravam falar e explicar. (Wagley, 1977:43-4).

A comparação feita por Wagley, entre os chimaltecos e os Tapirapé, coloca, certamente, a questão do informante, do bom informante. Por outro lado, coloca, também, a questão da interação com o outro na situação de campo, numa etnografia.

Para Wagley, o bom informante é aquele que fala de uma maneira disciplinada, colocando-se sob as demandas epistemológicas abertas pelo pesquisador. É aquele que responde, muito antes do que fala. Os Tapirapé, sob essa ótica, não pareceram bons informantes para Wagley. Para ele, o bom informante se assemelha aos habitantes de seu país e, mais, aos habitantes de uma região que ele conheça muito bem posto que é sua de origem. Na verdade, esta é a maneira carinhosa e pessoal do antropólogo tornar o diferente em próximo, conjurar o estranhamento de que fala Roberto Da Matta²⁰ e em certo limite lançar uma suspeita sob a própria

Sobre o estranhamento como o sentimento que expressa a curiosidade antropológica ver Da Matta, R., *Relativizando uma*

idéia da possibilidade antropológica enquanto um encontro com o outro. Nesse sentido, não há porque estranhar que os chimaltecos tomem banho.

Introdução à Antropologia Social, Petrópolis, Vozes, 1981 e "O ofício do etnólogo ou como ter *anthropological blues*" em *A Aventura Sociológica*.

CIID) UM TRADUTOR CULTURAL

Na minha opinião, a nossa era será principalmente lembrada, não por seus crimes horripilantes ou suas espantosas invenções, mas por ter sido a primeira, desde o alvorecer da civilização, há cinco ou seis mil anos atrás, em que os homens cusaram pensar em estender a toda a raça humana os benefícios da civilização.

(Arnold J. Toynbee, em Wagley, 1957)

A man in a remote Amazonian village decides to become a *sacaca*, a witch doctor who works with water spirits. The river dolphin is believed to have supernatural powers; Luandinha is a river spirit associated with the moon; and the *pirarucú* is a fish weighing up to four hundred pounds. These and other details on which this poem is based are from "Amazon Town", by Charles Wagley. (Bishop, E., The Riverman)

I

Em termos teóricos, a década de trinta foi a década da questão da aculturação na trajetória intelectual de Charles Wagley. Isto é, foi a década das pesquisas que tematizaram o encontro entre a Sociedade Ocidental, mais propriamente designada civilização, e as Sociedades Indígenas.

Na década de quarenta, ao contrário, está a questão do desenvolvimento, pensado como extensão de tecnologia e da "civilização ocidental" a todo o planeta. Os países capitalistas do Ocidente e, em particular, os Estados Unidos da América, não se perguntavam mais pela aceitação de seus padrões e valores como na aculturação, e sim se impunham

sob a bandeira do desenvolvimento e do *welfare state*.

Amazon Town: a study of man in the tropics coloca-se no contexto acima e tem na problemática do desenvolvimento seu *a priori* epistemológico.¹

Se a década de trinta, em termos pessoais marcou uma inflexão na trajetória de Charles Wagley, a vinda ao Brasil e os contatos com as sociedades carioca e Tapirapé, a década de quarenta foi aquela que, em termos pessoais e profissionais marcou uma fase de consolidação da carreira. Ligados a essa fase de consolidação e, também, de polêmica estão alguns nomes importantes para Charles Wagley. Nomes que propiciaram a ele o desenvolvimento de seu conjunto de textos.

O primeiro desses nomes é, sem dúvida o de Cecília Wagley, àquela altura- final da década de trinta e início da década de quarenta- Cecília Helena de Oliveira Roxo. Filha de uma família da burguesia carioca, cuja participação na vida política do Império estava ligada à ocupação de ministérios, Cecília conheceu Wagley em New York quando lá esteve para estudar biblioteconomia em Columbia com uma bolsa do DASP.

Quando fora aos Estados Unidos para estudar, Cecília já era formada em biblioteconomia e trabalhava na Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro. Sua viagem a Columbia, acontecida em 1941, visava uma reciclagem profissional e

¹ Sobre a noção de *a priori* epistemológico ver Foucault, M., *A Arqueologia do Saber*, Forense-Universitária, Rio de Janeiro, 1986. (Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves).

obedecia a uma demanda da Biblioteca Nacional que buscava mudar seus sistemas de catalogação de origem francesa para algo "mais moderno", nas palavras da própria Cecília, de origem norte-americana. O inspirador dessa mudança era sem dúvida o Estado Novo e se colocava, exemplarmente, no ideário com o qual Getúlio Vargas tomou o poder dos cafeicultores da República Velha: a modernização do país.

A direção da Biblioteca Nacional era exercida pelo historiador Rodolfo Garcia, paraibano como João Pessoa, e que não falava nenhuma língua estrangeira. Desta forma, precisava sempre do concurso de um intérprete quando algum estrangeiro fosse ao seu encontro. Cecília Wagley, segundo suas próprias informações, muitas vezes o ajudou.

Quando foi para New York Cecília Wagley levou uma carta de Dona Hemínia Prado, sua tia, para um certo Professor Charles Wagley. Imaginava encontrar alguém com uma idade correspondente ao título designado na carta e espanta-se, no primeiro contato, com a pouca idade de seu interlocutor. Daí ao casamento passou-se pouco tempo.

Ainda na década de quarenta, Cecília acompanhará Wagley a Gurupá, participando da pesquisa de campo e do compilamento dos dados levantados sobre a comunidade de Itá. Cecília Wagley, nas pesquisas em Gurupá, aplicou questionários e fez um diário de campo. Além de Gurupá, Cecília iria, na década de sessenta, aos Tapirapé.

O casamento com Cecília, dizem alguns, ofereceu elementos para a afirmação de uma versão do Brasil que

começara a se esboçar quando de sua primeira passagem pelo Rio de Janeiro e Museu Nacional. Por outro lado, Cecília ofereceu a Charles Wagley um lugar na elite brasileira e, simultaneamente por força das próprias alianças forjadas num casamento, um compromisso de classe.

O casamento com Cecília representou, também, para Charles Wagley, uma inserção junto à intelectualidade brasileira de então visto que por sua casa transitavam figuras daquela intelectualidade e que ela mesma situa-se numa genealogia cujo membro mais ilustre é Carlos Delgado de Carvalho.

Assim, na trajetória de Charles Wagley, o encontro com Cecília simboliza uma união com uma certa visão do Brasil e uma realização do mundo pleno em potencialidades anteriormente vivenciado por ele na sua chegada ao Brasil.

Uma outra presença importante para Wagley na década de quarenta, sob um registro notadamente diferente, seria a de um oficial médico norte-americano, o General Durhan. Wagley o encontrou a bordo de um avião da Pan Air quando voltava às pressas para o Rio de Janeiro de onde voaria para os Estados Unidos para se alistar nas forças norte-americanas recém ingressas na Segunda Guerra Mundial.

O General Durhan, ofereceria a Wagley a possibilidade de ficar no Brasil servindo num organismo bi-lateral, o Serviço Especial de Saúde Pública, criado pelos governos do Brasil e dos Estados Unidos com vistas a melhorar

as condições da força-de-trabalho nos seringais da Amazônia².

Durhan - que não falava uma só palavra de português e que chefiava os serviços norte-americanos de saúde para o continente o que incluía, além do Brasil, a Argentina, Paraguai, Equador, Bolívia e Uruguai - tinha como seu problema número um fazer com que médicos sanitaristas norte-americanos, que também não falavam português e nem tinham nenhuma experiência com a população amazônica, levassem uma cultura médica e hábitos de higiene para os habitantes daquela região.

Durhan viu em Wagley o intermediador entre as culturas norte-americana e brasileira em sua versão cabocla. Atribuiu a ele o papel de tradutor cultural. Na verdade, para Durhan, Wagley estava duplamente capacitado para tal tarefa, na medida em que sua condição de antropólogo permitia uma palavra legítima e autorizada sobre o outro, nesse caso os caboclos amazônicos e os imigrantes nordestinos que iriam compor os famosos soldados da borracha.³

Por outro lado, Durhan não desconhecia o casamento de Wagley com Cecília que colocava o nosso autor numa posição privilegiada junto à elite brasileira. Uma

² A melhoria das condições de vida da força de trabalho obedecia à necessidade aliada de incrementar a produção de borracha com vistas a satisfazer o mercado aberto com a Segunda Guerra Mundial. Sobre o SESP, ver Peçanha, Angela Maria de Menezes, "Fundação Serviços de Saúde Pública - FSESP. Um Estudo de Desenvolvimento Institucional", *Revista da Fundação SESP*, vol. XXI (1), 1976, RJ.

³ Soldados da borracha é o nome pelo qual ficaram conhecidos os imigrantes nordestinos levados, principalmente do Ceará, para a Amazônia para incrementar a produção de borracha já citada.

terceira razão a pesar no convite feito por Durhan a Wagley foi a experiência de Wagley em saúde pública estabelecida numa passagem por Fortaleza onde ele trabalharia, entre outros com Hyder Corrêa Lima, e que valeria a ele, anos mais tarde, uma suspeita de abrigar uma célula comunista com reuniões regadas a água de côco.⁴

Durhan, ao propor a Wagley um cargo de direção no SESP, sabia que poderia contar com alguém hábil na construção de consensos parciais, mas desconhecia estar possibilitando o caminho para um importante ponto de estruturação das Ciências Sociais no Brasil, estar contribuindo para *Amazon Town: a Study of Man in the Tropics*.⁵

Dessa forma, Cecília Roxo e o General Durhan aparecem como os primeiros interlocutores importantes para Wagley no início da década de quarenta. Cecília o acompanhou até sua morte e o General Durhan, involuntariamente, criou as condições para que Charles Wagley atualizasse uma virtualidade daquela década, a articulação entre ciência e política num texto que se tornaria famoso, *Amazon Town: a Study of man in the tropics*.

⁴ Sobre o tema saúde pública, Wagley escreveu "A Educação Sanitária do Povo Brasileiro na Zona Rural", *Revista de O Jornal*, 5 de Agosto de 1945, Rio de Janeiro; "Métodos Educativos de saúde pública", in *Problemas de Medicina Prática e Preventiva no Brasil*, Beatrice Berle, ed., Rio de Janeiro, Agir editora, 1946.

⁵ Sobre a Amazônia, o General Durhan dizia que só se está adaptado a ela quando se consegue dormir numa rede. Parece-me curioso que alguém completamente desconhecedor do português pudesse ajuizar hábitos culturais e a identidade cultural amazônica.

II

Na história de *Amazon Town: a study of man in the tropics*, alguns nomes devem, necessariamente, ser lembrados dentre aqueles relacionados ao texto.

Após o nome do General Durhan, um verdadeiro ponto na trama do conjunto de pessoas ligadas ao episódio da construção de *Amazon Town* é o de Cléo Bernardo de Macambira Braga.

Falar de Cléo Bernardo é falar, simultaneamente, da história do socialismo tomada numa versão regional- com todas as renúncias e messianismo que comporta- falar da elite paraense e, numa extensão, da intelectualidade regional do norte brasileiro.

Advogado, como bem convém a um defensor de causas populares numa região onde o analfabetismo chega a tomar um registro de fato social, poeta, jornalista e ensaísta, Cléo Bernardo é um dos exemplos de intelectual que se deixou seduzir pelo discurso de Wagley. Socialista, Cléo Bernardo manteve uma correspondência constante com lideranças importantes como François Mitterrand, Mário Soares e Felipe Gonzáles.

Segundo Celeste Braga, nunca quis deixar o Brasil e, mais especificamente, a Amazônia para viver, estudar ou fazer política na Europa a partir dos convites que recebeu. Parece-me claro que, ao prestar aquela informação, Dona

Celeste tinha por objetivo afirmar a profundidade do compromisso de seu marido com as causas populares ao mesmo tempo em que sua coerência política.

Cléo Bernardo, aparentemente, queria redimir o homem amazônico, o caboclo. Portador dessa missão, não foi difícil a ele aproximar-se de Charles Wagley. Tal aproximação era permitida pelo contexto representado pela guerra onde havia uma relativa empolgação em torno da aliança entre Roosevelt e Stálin contra o nazismo. Imaginou-se, àquela altura, uma corrente progressista onde, perfeitamente, se encaixavam a missão de Cléo Bernardo e o humanismo de Charles Wagley.

Charles Wagley tinha a possibilidade de experimentar um humanismo cuja realização aconteceria em dois registros. O primeiro, certamente, era aquele da intervenção concreta, prática e palpável no sentido de aproximar as culturas dos sanitaristas norte-americanos à dos caboclos e índios amazônicos e assim melhorar as condições de existência deles.

O segundo registro, universal e abrangente, era o de colaborar na vitória sobre o nazismo. No jogo histórico desenhado nos marcos das alianças anteriores, aconteceu o encontro de Cléo Bernardo e Charles Wagley.

Charles Wagley, após suas expedições aos Tapirapé, voltou aos Estados Unidos onde ensinou na Universidade de Columbia. Em 1941 retorna ao Brasil com os salários e despesas pagas por um comitê presidido por Henry

Allen Moe da Guggenheim Foundation. Este comitê era parte de um programa que visava providenciar cientistas norte-americanos para instituições da América Latina e estava ligado, política e institucionalmente, ao Coordenador de Assuntos Inter-Americanos, Nelson Rockefeller.

Wagley volta, então, ao Museu Nacional onde ensina Antropologia. Após um breve curso, viaja para São Luís do Maranhão com Eduardo Galvão, Rubens Meanda e Néilson Teixeira para visitar os tenetehara.

Em junho de 1942, nosso autor viaja para Belém onde o SESP estava estabelecido. Trabalha com o SESP até 1946. Será nesse período o encontro com Cléo Bernardo.

Assim, pelo contato com Cléo Bernardo e pelo casamento com Cecília, Wagley reforça a sua inserção na sociedade brasileira e, ao mesmo tempo, exercita uma certa capacidade de dialogar com diferentes interlocutores individuais, atribuindo a cada um a dimensão da própria importância.

III

Há que se fazer uma Arqueologia dos Estudos de Comunidade e, assim, colocar em relevo e descrever sua importância epistemológica, política e civilizatória para o Brasil. Por outro lado, há que se descrever suas raízes num movimento que chegue mesmo a Le Play.

Amazon Town, o estudo de comunidade feito por

Wagley na Amazônia e que contou com a interlocução da elite regional, da qual Cléo Bernardo é um exemplo, situa-se, no campo histórico-epistemológico que se chama os estudos de comunidade feitos no Brasil, em posição de importância e destaque.

Tal posição é devida aos embates que suscitou como, por exemplo, aqueles que opõem Wagley a Octávio Ianni e Wagley a Klaas Woortmann. Nessas oposições pode-se ver um ponto de estruturação da disciplina Antropologia e mesmo das Ciências Sociais no Brasil, na medida em que se revelam um campo de problemas teóricos, algo ingênuos, e uma forma de exercício político, cujo conteúdo é dado pelas questões da reforma social e da legitimidade pela condução delas.

Antes de considerar-se as oposições citadas, é necessário proceder-se a uma breve revista do que pensam alguns autores sobre os estudos de comunidade com o objetivo de criar um contexto, ao menos narrativo, para *Amazon Town: a study of man in the tropics*. Os estudos de comunidade, afinal, são uma "velha mania americana", se quisermos parafrasear Wagley.⁶

Júlio César Melatti no texto "A Antropologia no Brasil: um roteiro" faz uma periodização daquilo que considera a Antropologia no Brasil. A origem dessa periodização é a afirmação que coloca a História como "a melhor maneira de dar conta do desempenho da Antropologia no Brasil" (Melatti, 1984).

⁶Wagley em Sebe, J. C., "Visita ao Velho Senhor: Charles Wagley", Entrevista, *Revista da USP* nº 5, junho de 1987.

Sobre os estudos de comunidade escreve:

As décadas de quarenta e cinquenta foram marcadas pela realização dos chamados estudos de comunidade, isto é, [estudos] fundamentados na observação direta, de pequenas cidades ou vilas com as técnicas desenvolvidas pela Etnologia no estudo de sociedades tribais (Melatti, 1984)

Melatti, no trecho anterior, representa os estudos de comunidade como uma marca teórica de época, um sinal diferencial das décadas sobre as quais já se falou existir uma amnésia.

Por outro lado, os estudos de comunidade são, para ele, uma transposição metodológica que liga as sociedades tribais às sociedades complexas. Dessa forma, a construção da representação dos estudos de comunidade acontece, nos enunciados anteriores de Melatti, segundo os registros da metodologia e da História.

Efetivamente, aqueles enunciados mostram um indisfarçável entusiasmo com os estudos e que podem ser compreendidos na positividade própria ao sentido de uma marca de época.

Numa outra passagem do texto, Melatti relaciona os estudos de comunidade e os estudos regionais, descrevendo um movimento histórico e epistemológico que aconteceu como um problema ao campo dos estudos de comunidade, a relação entre a uma parte, a comunidade, e uma totalidade, região, área ou nação. Ele escreve:

De certa maneira, os chamados estudos de comunidade do período anterior (décadas de quarenta e cinquenta), muito criticados, foram substituídos pelo que poderíamos chamar de estudos regionais, um termo que não tem a divulgação do primeiro." (Melatti, 1984)

Assim, as citações de Melatti tomadas em sua

diferença. mostram os estudos de comunidade, também, como objetos de crítica e como uma espécie de antecedente cronológico, mas fundamentalmente, teórico dos estudos de área.

É preciso lembrar que a continuidade teórica entre os estudos de comunidade e os estudos de área afirmada por Melatti foi feita sobre a crítica da não-representatividade da comunidade para estudos que buscassem uma perspectiva holística da sociedade. A crítica a que me refiro aconteceu ainda que os autores que usassem os estudos de comunidade como metodologia os defendessem pela intermediação da noção de cultura e por uma homologia funcional entre a comunidade e a área, região ou nação.⁷

Um segundo texto necessário à contextualização visada, é o texto de Maria Laís Mousinho Guidi, "Elementos de análise dos estudos de comunidade publicados entre 1948 e 1980", escrito em 1982. Nesse texto, a autora faz um inventário da produção teórica brasileira sob a inspiração metodológica dos estudos de comunidade. Lista autores, agências de financiamento das pesquisas, projetos e críticas.

Para ela, os estudos de comunidade são "uma derivação ou aplicação do método de estudo de povos primitivos a populações civilizadas" e a integração dos diversos estudos

Sobre a contribuição de Wagley ao debate dos estudos de comunidade, ver "Estudos de Comunidade no Brasil sob Perspectiva Nacional", *Sociologia* XVI (2):3-22, São Paulo, 1954 e "Brazilian Community Studies: A Methodological Evaluation", *Papers of the XXVI International Congress of Americanists*, São Paulo, 1955.

feitos seriam " um vetor do aumento do campo de conhecimento para a compreensão de uma área cultural"(Mousinho Guidi, 1962).

Para ela, portanto, os estudos de comunidade são tematizados sob o registro da acumulação de conhecimento e do conseqüente progresso a ele associado. Mousinho Guidi apenas expressa o otimismo e a convicção naqueles estudos que, nos enunciados de Melatti, aparecem como um sinal diacrítico de época. Não é difícil de se entender aquele otimismo, na medida em que se lembre a ligação institucional de Mousinho Guidi aos estudos que, para Darcy Ribeiro, compreenderiam o Brasil arcaico e o substituiriam pelo Brasil moderno operando uma mudança que, para acontecer, precisariam mais que cidades-laboratório para o exercício de uma "Ciência Social socialmente responsável".⁸

Entre os autores anteriores há uma continuidade que tem, em perspectiva, a representação positiva dos estudos de comunidade. Esta entretanto, atingirá seu maior grau e intensidade em Oracy Nogueira, um verdadeiro entusiasta daqueles estudos. Ele escreve:

Os estudos de comunidade no Brasil foram um verdadeiro movimento intelectual, o mais vigoroso até o momento, na história da pesquisa sociológica no país e, ao que tudo indica, com tendência a absorver uma parte cada vez mais considerável do interesse, energia e dos recursos com que contam os especialistas que, no futuro imediato, se empenharem

⁸ Foi com a expressão anterior que Darcy Ribeiro nomeou, em entrevista que me concedeu e a Luís Henrique Passador, aquilo que se conhece como Antropologia Aplicada. Naquele momento, desejava ele fazer um contra-ponto a "seus inimigos" que, para ele, representam a Antropologia Aplicada como um alicate.

no levantamento de dados sistemáticos para o conhecimento da realidade nacional. (Nogueira, 1955)

Como se pode ver, pela clareza de Oracy Nogueira, os estudos de comunidade são representados como um movimento, isto é, deixam o registro teórico pelo qual foram representados em Melatti e Mousinho Guidi, para situarem-se no espaço da política intelectual. Ou seja, ganham uma abrangência e perdem a timidez que a representação pelo registro teórico os confinava.

Oracy Nogueira é, sem dúvida, um expoente na defesa dos estudos de comunidade. Com ele, os estudos ganham a legitimidade para conhecer a "realidade nacional", e, simultaneamente, absorver a "energia e os recursos dos especialistas". Na defesa dos estudos de comunidade, Oracy Nogueira não poupou esforços.

Uma posição intermediária na batalha da legitimidade dos estudos de comunidade é a de Florestan Fernandes, "nosso maior intelectual", nas palavras de Wagley. Na Introdução da coletânea *Comunidade e Sociedade*, ele escreve ao "estudante", elegendo um interlocutor que parece perpetuar nele a figura do professor paternal. Ao estudante fala sobre os estudos de comunidade:

O estudante precisa aprender, desde logo, que mesmo as melhores realizações, que contêm contribuições analíticas e interpretativas de maior envergadura, foram realizadas em condições intelectuais deficientes(...) os nossos estudos de comunidade estão longe de fornecer padrões de trabalho intelectual, seja no que diz respeito à coleta e aproveitamento de dados empíricos, seja no que se refere à análise sistemática e à explicação de problemas. Eles representam um avanço contínuo feito em condições adversas. (Fernandes, 1970)

Ponderado, como convém a alguém que fala do

lugar de um professor, Florestan Fernandes, o mesmo que no livro de 1968, *Sociedade de Classes e Subdesenvolvimento*, se confessa dividido em relação aos Estados Unidos⁹, representa, também, os estudos de comunidade sob o signo da acumulação e do progresso cognitivos. Afirma que o progresso com eles não é tão grande como desejariam, por exemplo, aqueles que veem nos estudos de comunidade um movimento, mas que, entretanto, há progresso.

Os estudos de comunidade são, para Florestan Fernandes, uma experiência estóica do pensamento, um crescimento na adversidade e que, portanto, de lá retira a legitimidade de sua existência.

Para Florestan Fernandes os estudos de comunidade trariam uma espécie de virtude ao relacionarem teoria e prática tendo na expressão "*nem teoria sem fatos, nem fatos sem teoria*" sua pedra de toque.

Em perspectiva contrária aos autores anteriores está Guerreiro Ramos. Ele assim representou os estudos de

⁹ No Prefácio daquele livro, Florestan Fernandes afirma ter descoberto "duas faces nas relações dos Estados Unidos com a América Latina. Ao lado de uma tortuosa política das grandes empresas e do Departamento de Estado, que exporta a doutrina da submissão passiva e do controle militar como se a democracia constituísse um artigo de luxo, proibido para as "nações jovens" e "pobres", existem nos Estados Unidos forças verdadeiramente democráticas e esclarecidas, que divergem radical e frontalmente daquela política. Essas forças estão espalhadas por toda a sociedade norte-americana. Elas são mais fortes e concentradas entre os jovens universitários e, especialmente, entre professores e intelectuais" (Fernandes, 1968: 8). O trecho anterior, parece-me, é uma das expressões da demanda brasileira por interlocutores norte-americanos ao qual se alinha o gringo de esquerda de Darcy Ribeiro.

comunidade:

No estágio atual de desenvolvimento das relações latino-americanas e em face de suas necessidades cada vez maiores de investir em bens de produção é desaconselhável aplicar recursos na prática de pesquisas sob minudências da vida social, devendo-se estimular a formulação de interpretações das sociedades. (Guerreiro Ramos, 1957)

Para Guerreiro Ramos os estudos de comunidade são representados como algo ilegítimo. Uma metodologia a ser excluída do campo de pesquisas das sociedades latino-americanas a partir do imperativo do desenvolvimento. O que Guerreiro Ramos esqueceu é que *Amazon Town: a Study of Man in the Tropics* é uma iniciativa intelectual que visou responder à pergunta de como fazer tal desenvolvimento. De qualquer forma, a vontade de ilegitimar os estudos se fundamenta, para Guerreiro Ramos, na oposição entre minudências e as interpretações da sociedade. Ou seja, baseia-se na oposição entre estudos holísticos e estudos parciais da sociedade.

Por outro lado, os enunciados anteriores fazem uma clivagem disciplinar algo velada através da identificação dos estudos de comunidade ao estudo de minudências. Através daquela identificação, Guerreiro Ramos opõe Antropologia e Sociologia e articula esta à posição de alavanca epistemológica do desenvolvimento, antecipando um discurso que aos ouvidos antropológicos atuais não é tão distante e nem tão irreconhecível.

Guerreiro Ramos, entretanto, coloca no enunciado a questão do desenvolvimento que nas décadas de quarenta e cinquenta mobilizou os cientistas e políticos. Assim, na

tentativa de legislar sobre o campo dos estudos sociais na América Latina. Guerreiro Ramos propõe uma Sociologia Aplicada e coloca-se, ao representar os estudos de comunidade, numa perspectiva antagônica à de Melatti, Mousinho Guidi, Florestan Fernandes e principalmente, Oracy Nogueira.

Na verdade, quis construir um contexto narrativo que colocasse em evidência o que me parece ser fundamental a uma teoria, sua legitimidade. A sua possibilidade enquanto uma formação discursiva para ser reconhecida como competente.

Por outro lado, um dos enunciados traz a questão do desenvolvimento. Não é difícil de se perceber, nesse contexto, a relevância e a pertinência política de *Amazon Town*. Ou seja, a partir de um contexto onde os estudos de comunidade revelam sua dimensão de embates políticos- sob os registros epistemológico e público, efetivamente- o livro de Wagley, publicado em 1953, se reveste de uma multiplicidade de conteúdos que vão desde a proposição de princípios gerais para o desenvolvimento do Vale Amazônico à afirmação do culturalismo norte-americano pelas positividades científicas e políticas contidas na noção de cultura.

Charles Wagley não foi um defensor dos estudos de comunidade, no sentido de posicionar-se na polêmica, foi antes um praticante deles. Desde sua pesquisa na Guatemala até as generalizações sobre a sociedade brasileira, abrigadas em *An Introduction to Brazil*, sua metodologia não mudou e, para ele, não perdeu a juventude.

IV

O debate em torno de *Amazon Town: a study of man in the tropics*, tem, quando tomado o plano de sua história, três interlocutores nítidos. Aqule debate deve sua existência atual a um artifício narrativo mais que a uma atualidade teórica. Na verdade, o livro de Wagley (1953) e as críticas de Octávio Ianni (1957) e Klaas Woortmann (1972) cobrem um período longo, estendo-se por, pelo menos, três décadas.

Na trajetória profissional de Charles Wagley, o estudo de Gurupá - nome verdadeiro da comunidade estudada primeiramente por Wagley e Galvão - situa-se como pesquisa na década de quarenta. Pela metade de 1940, Charles Wagley volta aos Estados Unidos para a Universidade de Columbia onde será encarregado de Leituras. Em 1942, os governos norte-americano e brasileiro contratam um esforço comum de guerra e criam o SESP, Serviço Especial de Saúde Pública, para oferecer assistência médica aos seringueiros do Vale Amazônico. O SESP tinha por objetivo melhorar as condições de saúde da força-de-trabalho dos seringais com vistas ao conseqüente aumento da produção de látex e borracha, a partir do incremento da demanda derivado da Guerra.

De 1942 a 1945, Wagley ocupará o lugar de membro da missão técnica brasileira do Instituto de Assuntos

Inter-Americanos, e, simultaneamente, a Direção do Programa de Migração e da Divisão de Educação Sanitária¹.

Será em 1942 que visitará pela primeira vez Itá, numa viagem de estudos que antecedeu o planejamento do SESP para a região. Durante essa visita, desce, na companhia de Cecília e de Cléo Braga o Rio Amazonas numa lancha cuja tripulação não suscitava um firme entusiasmo, o que tornaria a viagem um tanto arriscada.

O envolvimento com o SESP e com os programas de migração e saúde pública aparecerão no texto de *Amazon Town* sob a forma de dados biológicos e de medicina social. Em 1943, o SESP instala um posto de saúde em Itá, onde haverá uma produção de relatórios médicos. Ao mesmo tempo, instala hospitais e centros de saúde em Belém e Manaus, dotando a região de uma rede hospitalar e de condições de infra-estrutura de serviços básicos. Será nesse contexto de missão civilizatória que Wagley escreverá *Amazon Town: a study of man in the tropics*.

Tendo Santarém como base, Wagley voltará a Itá em 1945, após ter reunido uma grande quantidade de dados sobre o que já chamará comunidade. Entretanto, será em 1948, de junho a setembro durante um estudo da Amazônia, realizado para a Organização Cultural, Científica e Educacional das Nações

¹A contribuição de Charles Wagley para o campo da Saúde Pública não é negligenciável. Muito ao contrário, seu trabalho vem sendo avaliado positivamente como o demonstra o artigo de Samuel e Elisa Sá, "Wagley no Espelho Triangular", escrito para *Florida Journal of Anthropology, Special Publication*, number 6, 1990, pp.105-10.

Unidas para o Instituto Internacional da Hiléia Amazônica que, com a colaboração de Cecília Wagley, Eduardo e Clara Galvão colherá os dados definitivos da pesquisa.

O grupo, ou talvez se devesse chamar a equipe uma vez que a hierarquia entre eles estava garantida e fundamentada na experiência de Wagley e na clivagem de gênero, realiza estudo de caso com cento e treze famílias da comunidade de Gurupá, ficticiamente chamada Itá. Os pesquisadores verificam condições de alimentação, despesa, rendimentos e anotam relatos da comunidade sobre medicina, mitologia, organização econômica.

O levantamento das informações, assim como a sua catalogação numa forma que permitisse a utilização foi feita por Cecília Wagley e Clara Galvão. Os diários de Cecília Wagley mostram que a comunidade se pensava em termos de metades que tomavam a expressão de metades de gênero, com assuntos de homem e assuntos de mulher, ou metades sociológicas que nas categorias comunitárias apareciam sob a forma da oposição entre ricos e pobres, "gente de primeira" e "gente de segunda". Embora soubesse usar muito bem essas formas comunitária de classificação para a obtenção de informações, Wagley não especulou sobre elas, não a problematizou, optando por descrevê-la.¹¹

¹¹ Um ponto que me pareceu interessante foi o gênero narrativo usado por Charles Wagley, sua marca como autor: a descrição. Opções no encaminhamento desta dissertação implicaram, no entanto, o abandono da problematização de tal gênero narrativo em Wagley.

Amazon Town não é o primeiro estudo de comunidade feito no Brasil. Antes disso, em 1947, Emílio Willems publicaria *Cunha* e, no ano seguinte, Lucila Hermann publicaria *Evolução da Estrutura Social de Guaratinguetá num período de trezentos anos*. Em 1951 seria vez de Donald Pierson, que animaria intelectualmente os estudos de Sociologia na Escola de Sociologia e Política de São Paulo, publicar *Cruz das Almas: a Brazilian Village*. Em 1952, aparece um outro estudo de Emílio Willems, em parceria com Gioconda Mussolini, *Buzios Island, a Caiçara Community in Southern Brazil*.

O livro de Wagley não é a primeira publicação daquilo que Oracy Nogueira chamou de movimento. Entretanto, sua condição de detentor de respostas a demandas por desenvolvimento, comunitárias ou norte-americanas, para o Vale Amazônico colocam *Amazon Town* no centro de um debate que pode ser o equivalente acadêmico do "petróleo é nosso".

Amazon Town se colocava como propósito superar desigualdades sociais através da intervenção racional na realidade. Sendo escrito no pós-guerra, o livro incorporou - como a epígrafe de Toynbee mostra - a exportação do "welfare for all". A partir daí, buscava modernizar o Vale Amazônico. Modernização que, como a de hoje, tinha feições etnocêntricas, dado que o moderno era representado pela renúncia da identidade comunitária e sua conseqüente identificação aos EUA. Em *Amazon Town*, as comparações entre Itá e Plainville exemplificam tal prática etnocêntrica.

A positividade de *Amazon Town* e sua eficácia residem no sentido que oferece ao discursos antropológico. Isto é, se sustenta na idéia de que a Antropologia - e aí tem-se uma bela mitologia profissional - pode dar voz àqueles que não a tem. Na verdade, a idéia de que uma disciplina nascida do colonialismo possa vocalizar interesses mudos já constitui em si mesmo um interessante objeto cultural.

Entretanto - e nessa ambigüidade se alinha a recorrência histórica da prática de vocalizar grupos mudos - não se pode esquecer que a presença do discurso antropológico feito um intermediário ou tradutor entre sub-culturas absolutamente ou dificilmente incomunicáveis é um mal menor. Só uma espécie de realismo político sustenta, até hoje, a prática de falar pelo outro e falar no lugar dele.

No que concerne às sociedades latino-americanas, *Amazon Town* propunha-se a resolver uma espécie de inequação tecnológica. Ou seja, o problema consistia em estender os conhecimentos e habilidades técnicas que parte do mundo já possuía às partes ou sociedades que não a tinham. Sobre tal questão, Charles Wagley cita o discurso de posse de Harry S. Truman:

Mais da metade da população do mundo livre vive em condições que se aproximam da miséria. Sua alimentação é insuficiente. São vítimas das doenças. Sua vida econômica é primitiva e estagnada. E a sua pobreza é um empecilho e uma ameaça, não só a eles próprios, como às áreas mais próximas. (in Wagley, 1953)

Em que pese parte da atualidade dos enunciados acima, sua pertinência não está na confluência entre seu sentido e uma certa situação de mal estar vividos no Brasil contemporâneo. Ela está, por outro lado, no tipo de

compromisso que articula a partir de uma constatação aparente. Tal compromisso não é outro senão o de colocar as disciplinas universitárias na luta contra a fome e aquilo que imaginava-se decorrente dela: a mudança de esfera de influência.

Amazon Town tem oito capítulos. Pensados numa perspectiva epistemológica, eles teriam por papel responder às seguintes questões:

A população esparsa, as péssimas condições sanitárias, os padrões de vida deploravelmente baixos e a ausência de indústria serão um indício de que o ambiente da Amazônia é um obstáculo insuperável ao desenvolvimento? (Wagley, 1955: 22) (I)
(...) o ambiente tropical, quente e úmido, imporá limitações ao desenvolvimento humano a ponto de tornar quase impossível o aumento do padrão de vida nessas regiões? (Wagley, 1955: 22) (II)

Nas condições específicas da Amazônia, será esta uma fronteira que deverá ser habitada e desenvolvida em benefício da fome do mundo, ou estará ela fadada a ser para sempre o "deserto verde"? (Wagley, 1955: 23) (III)

O que dizer dos efeitos enervantes do calor sobre o homem? (Wagley, 1955: 25) (IV)

Quais são os equipamentos técnicos de que dispõem os habitantes da Amazônia para explorar seu ambiente? (Wagley, 1955: 38) (V)

O que representa uma "boa vida" para o homem da Amazônia? Em outras palavras, quais são seus incentivos, suas motivações, sua escala de valores? (Wagley, 1955: 38) (VI)

Se, como afirma François Jacob¹², "uma época ou uma cultura caracteriza-se mais pela natureza das questões que coloca do que pela extensão de seus conhecimentos", os enunciados das perguntas propostas por Wagley para organizar seu discurso em Amazon Town, podem expressar os códigos de um arquivo de época¹³, exatamente o das décadas de quarenta e

¹² Jacob, F., *A lógica da vida, uma história da hereditariedade*, Rio de Janeiro, Graal, 1989. (Tradução de Ângela Loureiro de Souza)

¹³ Foucault, M, *op. cit.*

cinquenta.

Tais perguntas e as questões nelas contidas expressam, também, a natureza do livro escrito. Assim, nas três primeiras perguntas estão as questões do desenvolvimento e de sua relação com a geografia física, por um lado, mas com os padrões tecnológicos por outro. Pode-se ver que na apresentação da problemática do desenvolvimento, em sua origem estão os limites impostos pela natureza e pela cultura.

Nesse sentido, *Amazon Town* é uma espécie de experimento político para saber quais os limites do desenvolvimento e da *americanização do mundo livre*. Por outro lado, pode-se ver nas questões anteriores a relação de contigüidade entre a Antropologia Aplicada e o desenvolvimento. Não será sem razão que Wagley numa das perguntas abrirá, na verdade, um espaço para uma tomada de decisão, *habitar e desenvolver ou abandonar*.

É interessante notar que a decisão de abandonar seria imposta pelo ambiente e nunca pelas limitações da técnica que se quer difundir. Desde sua origem, a questão do desenvolvimento amazônico está problematizada nos marcos de sua relação com o clima e pensada, também, através da metáfora da fronteira, algo como um novo oeste para os norte-americanos.

Dois são os fatores ou variáveis a controlar num processo de desenvolvimento que, em última palavra, é um processo cultural de transferência tecnológica e um processo duplamente político, em seus objetivos- evitar mudança na

esfera de influência- e em seu conteúdo cultural, a exportação de um modo de vida.

Será nesta última variável, a população, que o antropólogo pode atuar. Ou seja, se para desenvolver uma dada região e assegurar, portanto, um controle sobre seu devir político é necessário conhecer a população, então nada mais justo que se cumpram os sonhos expressos no livro de Clyde Kluckhohn, *A mirror for man*, da antropologia como uma parceira dos atores da grande cena política.

Quando se pergunta pela população do Vale Amazônico, Charles Wagley coloca a questão da relação entre o homem e a natureza, intermediado pela cultura.

Os equipamentos técnicos, de que o enunciado de Wagley nos traz notícia, são a cultura e devem promover, pela sua eficácia, o domínio da natureza. Nesse sentido, e apenas como parênteses, seria interessante uma aproximação do culturalismo e sua noção de equipamento técnico, com a noção de equipamento cultural presente em Lefèvre e na historiografia dos *Annales*. Além de trazer a questão da cultura como um intermediador entre o homem e a natureza, o livro de Wagley traz, numa das perguntas, a questão da cultura como representação, denunciando uma certa presença durkheimiana.

Ao se perguntar pelo que representa uma boa vida para o homem amazônico, Wagley estava atualizando uma concepção da cultura como representação, mas, atualizava também, a questão cara à Antropologia, sua própria razão de

ser, de ouvir o outro pela legitimidade que sua forma cultural enseje em si mesma.

Não se pode esquecer, porém, que há uma hierarquia nas questões atualizadas pelas perguntas e que, nela, ocupa o topo a questão do desenvolvimento quer pelo seu caráter de época, quer pela articulação geo-política que coloca. Será sob ela que as questões antropológicas da cultura e do outro ganham seu lugar.

Por último, ao problematizar sob o signo do desenvolvimento, o Vale Amazônico, Wagley colocará a questão das "motivações", "incentivos" e "escala de valores" do caboclo amazônico. Mais do que qualquer outra coisa, o que aparece lá são os padrões da etnografia clássica inglesa. Aliás, não poderia haver maior certeza disso quando se observa a palavra incentivo. Wagley não se omite a esse respeito e no próprio texto de *Amazon Town*, mencionará seu débito teórico para com Raymond Firth: Segundo Wagley, *We, The Tikopia*(1936), *A Primitive Polynesian Economy*(1939) e o famoso *Elements of Social Organization*(1951) são seus modelos de pesquisa antropológica para pequenas populações.

Dessa forma, inspirado na Antropologia Social Inglesa, Wagley partiu para o debate sobre o desenvolvimento amazônico, centrando-se na relação entre a população, a cultura e a natureza, por um lado e por outro nas mentalidades para promover, mais facilmente, a tradução das culturas brasileira, versão cabocla, para os sanitaristas norte-americanos e vice-versa.

Para responder aos que argumentavam não ser possível desenvolver o Vale Amazônico dada a insuperabilidade climática, Wagley escreve o capítulo "O problema do Homem nos Trópicos". Ali, debate com Ellsworth Huntington a quem chama de extremista por suas colocações. Para Wagley, aquele autor teria chegado ao absurdo de declarar que os ambientes tropicais provocam o enfraquecimento da vontade e que este se manifestaria na falta de indústria, na embriaguez, no temperamento irascível, e na complascência sexual.¹⁴

Esta passagem lembra que sob a decisão de desenvolver e habitar ou abandonar, situava-se a questão da relação entre clima e cultura, tomados numa perspectiva racista. Wagley, nesse capítulo, irá mostrar que se algum impedimento ou limite há ao desenvolvimento, ele será de ordem cultural e de natureza tecnológica. Nesse capítulo ainda, avaliará as condições de saúde da população e fará considerações sobre a relação entre cultura e ecologia.

O capítulo dois, "*Uma comunidade Amazônica*" é uma descrição da cultura de Itá, concebida como um produto e uma consequência da fusão entre as culturas européia, negra e indígena. Nesse capítulo, ele escreverá:

Nem a eficientíssima técnica européia, nem a organização social e a ideologia grandemente avançadas do Ocidente penetraram no Amazonas. Se, entretanto, as razões do atraso do Vale Amazônico são principalmente de natureza social e cultural, e portanto, determinadas pelo homem, então não há barreiras intransponíveis à capacidade do homem para planejar e controlar a direção de seu futuro desenvolvimento. E é no

¹⁴ Ver *Civilization and Climate*, terceira edição, New York, 1939, do autor com quem Wagley debate.

plano da comunidade que o antropólogo está mais apto a auxiliar o planejador social e o administrador, encarregados da execução de programas de saúde, de reformas agrícolas, de campanhas educativas e de outros esforços destinados a melhorar as condições econômicas e sociais. (Wagley, 1955)

Para responder pelo desenvolvimento, os interlocutores legítimos são os planejadores sociais e os administradores, deixando antever uma resposta tecnocrática. Assim, na relação política que liga a população aos técnicos, o antropólogo ocupa uma posição intermediária, cria as condições para uma tradução cultural isenta de conflito.

O capítulo três, "O meio de vida nos trópicos" é um discurso sobre a organização econômica e sua relação com a agricultura da mandioca - num paralelo interessante, que se pode fazer, com Santiago Chimaltenango e sua agricultura do milho - mas é, também, a evidenciação de uma relação comunitária, o "puxirão" ou convite onde há uma associação de moradores com vistas ao plantio da mandioca e que envolve uma série de prestações e contra-prestações como, por exemplo, o almoço pela ajuda no plantio.

Nesse capítulo, ainda, Wagley descreve a pesca, a extração da borracha, as migrações envolvendo a comunidade e, fundamentalmente, apresenta uma relação de reciprocidade que, no Vale Amazônico, toma o nome de aviamento.

Se o aviamento enquanto uma relação de reciprocidade que liga os seringueiros aos bancos do sudeste brasileiro e aos bancos internacionais, passando pelos comerciantes é importante, também o é o rumo e o jogo de interpretações, as versões, que ele toma no debate acadêmico e que opôs Charles Wagley a Klaas Woortmann.

Wagley descreve o aviamento que, basicamente, consiste num sistema fundado na reciprocidade. Sistema comercial regulador do fluxo da borracha no Vale Amazônico e que o ligava às companhias de importação e exportação de Belém e Manaus. Dessas companhias iam, a crédito, mercadorias e bens de consumo aos comerciantes de Itá e das comunidades ribeirinhas. Dos comerciantes iam, para as companhias, borracha e produtos locais. Tem-se aí, portanto, um momento da troca que liga companhias e comerciantes.

Por sua vez, o comerciante local troca as mercadorias e bens de consumo com os seringalistas que oferecem a borracha extraída. Cada um fica a dever ao outro: o seringueiro ao comerciante e este à firma de exportação e importação. As companhias de Belém e Manaus, por sua vez, devem aos bancos do Rio de Janeiro, Londres ou New York.

Na crítica que fez aos estudos de comunidade como metodologia e ao livro *Amazon Town*, em particular, Klaas Woortmann argumentará que Charles Wagley tomara o aviamento em si mesmo, esquecendo ou ignorando, negando enfim, o contexto capitalista do qual, para Woortmann, receberia seu significado.

Quando, entretanto, uma epidemia de malária aconteceu no Vale Amazônico, o SESP, valendo-se das informações colhidas por Wagley sobre o aviamento, considerou-o o mais seguro método para a distribuição de atebrina, medicamento anti-maléico.

O capítulo quatro tematiza as relações sociais

em Itá. Isto é, tem por objeto a maneira como os habitantes da comunidade se classificam desde um ponto de vista dos sinais exteriores de riqueza e prestígio. Assim, "*As relações sociais em uma comunidade amazônica*" tem por objetivo a estratificação social de Itá.

Wagley partirá da representação da estratificação presente na mentalidade de Itá. A partir daí, e sempre com agudo senso empírico, discutirá a mobilidade vertical, as categorias da divisão social do trabalho que opõe trabalho manual a trabalho intelectual e campo a cidade.

O capítulo cinco, "*Os assuntos de família em uma comunidade amazônica*", apresentam a família como o locus privilegiado das reformas sociais. Tal proposição não é incoerente e nem se baseia apenas na observação etnográfica feita por Wagley, afinal o que são as *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Hollanda, senão a demonstração de que o caráter agrário da vida brasileira se funda, sociologicamente, na família e que a liquidação daquelas mesmas raízes passam pela urbanização e, por conseguinte, por formas não-familiares de sociabilidade?

A família, portanto, colocada no lugar de vetor das reformas sociais, posto que é nisso que implica o desenvolvimento, é apenas a instrumentalização pragmática de uma tese formulada, aproximadamente, vinte anos antes de *Amazon Town*.

Se o capítulo cinco trata da família, o capítulo seis- se fosse possível para Itá fazer uma oposição entre a

casa e a rua- trata de um tema pertinente ao espaço público, por um lado, e ao seu imaginário, especificamente: as festas religiosas. Em "*A gente se diverte*", Wagley irá descrever a relação entre estratificação social e festas religiosa, mostrando, por exemplo, a existência de festa de "gente de segunda" como a festa de São Benedito e festa de "gente de primeira" como Santo Antônio.

No capítulo sete, "*Da Magia à Ciência*", Wagley contrapõe o discurso científico ao discurso mágico. Para ele, ambos fundamentam-se no princípio de causa-e-efeito e diferenciam-se pelo tipo de verificação proposta para as explicações.

Para Wagley, a Ciência experimenta seus postulados ao passo que a magia contenta-se em estabelecer analogias de um campo cognitivo a outro. Para Wagley, ainda, a mais nobre função do desenvolvimento, sua condição mesmo, seria "converter" a população do Vale Amazônico ao discurso científico, o que - a julgar por uma passagem contada por Darcy Ribeiro - seria praticamente impossível.¹⁵

O capítulo oito conclui o livro e parece ser o capítulo que mais argumentos fornece aos seus críticos, dadas

¹⁵ Conta Darcy Ribeiro que certa feita Wagley teria sido encarregado de explicar aos caboclos amazônicos as causas da malária, detendo-se, obviamente, em seu vetor de transmissão, o mosquito *Anopheles*. Munido de uma espécie de projetor descreveu- seu verbo predileto- a anatomia do *Anopheles* e sua atuação. Ao terminar suas colocações foi aparteado por um caboclo que, após ver o tamanho do *Anopheles* projetado, argumentou que em Ilá os mosquitos eram muito menores, não tendo o tamanho de uma vaca!

certas comparações que pela pressa com que são feitas tendem a ser etnocêntricas.

"Uma comunidade de uma área sub-desenvolvida" afirma a necessidade de desenvolvimento do Vale Amazônico condicionando-a à existência de especialistas, entre os quais o antropólogo, o especialista em cultura. Para legitimar a presença do antropólogo, como se já não fosse o bastante o necessário papel de tradutor que lhe cabe, Wagley invoca o valor da noção de cultura que, no interior de seu paradigma, é constituída historicamente e, simultaneamente, intermedia a relação do homem com a natureza. Ele escreve:

Ocupou-se este livro com a cultura de Itá, e o conceito antropológico de cultura é a mais importante contribuição que a Antropologia pode oferecer aos programas de assistência técnica. Por cultura, diz Clyde Kluckhohn, "entende a Antropologia todo o modo de vida de um povo, o legado social que o indivíduo recebe do grupo a que pertence. Ou pode a cultura ser compreendida como parte do ambiente que foi criado pelo homem" (Kluckhohn, Mirror for man, N.Y., 1949 in Wagley, 1955)

Com a legitimidade conferida pelo conceito de cultura e podendo-se ver como um especialista entre especialistas, Wagley reafirma a necessidade do Vale Amazônico aceitar uma nova configuração econômica, apontando os elementos constituintes desse processo: alfabetização, substituição da magia pela ciência como centro de sua cosmologia e, por último uma maior influência das metrópoles do sul do país sobre Itá. Evidentemente, nesse processo está a substituição do sistema popular tradicional de orientação e que se baseia na extração de borracha por uma versão brasileira do capitalismo ocidental.

Para fechar o livro Wagley fará uma opção

teórica congruente com a posição que ocupa no campo intelectual àquela altura. Colocará um limite ao relativismo, deixando claro que entre Herskovits e Kluckhohn, numa escolha simbólica, ficaria com o segundo:

Os antropólogos culturais discutiram muitas vezes a "relatividade" cultural. Salientaram que o progresso, o bem e o mal, o êxito e o fracasso, a beleza e a feiura são valores relativos à cultura determinada em que se encontram. É difícil, dizem eles, julgar se um modo de vida é superior ou inferior ao outro. Um povo, como o hindu, dá um grande valor ao desenvolvimento da investigação religiosa e filosófica; outro dá mais valor à técnica, como na Europa e nos EUA. Este ponto de vista está certo quando nos ensina a compreender, respeitar e tolerar o modo de vida de outrem. Entretanto, quando uma cultura, em vista da falta de equipamento técnico e por motivos de organização social, deixa de prover as necessidades materiais do homem, além do mínimo indispensável à sua subsistência, esse povo e essa cultura terão que ser considerados inferiores. (Wagley, 1955)

Amazon Town é, a tentativa de mostrar que o desenvolvimento, enquanto questão, engendra uma discussão antropológica, ou seja, suscita uma série de questões e perguntas acerca da natureza da relação de domínio que o homem, pela cultura, impõe à natureza. Fundamentalmente *Amazon Town* é um exercício humanista cuja confirmação irrompe das próprias palavras e enunciados anteriores de Wagley: compreender, respeitar e tolerar até prover.

V

Nem todo o mundo acadêmico gostou de *Amazon Town*. O texto não foi uma unanimidade. O que mais irritava, nele, era a vontade de legislar lá contida. Vontade de legislar sobre o campo de problemas políticos brasileiros.

Numa espécie de reserva de mercado

epistemológica, alguns autores brasileiros tentaram, sob a aparência de um debate científico, fazer Wagley ver o seu próprio lugar. Isto é, fizeram-no ver que em matéria de intervenção racional na realidade, para usar uma expressão de Octávio Ianni, o Brasil ia muito bem com seus especialistas.

No campo intelectual que contém o texto *Amazon Town* ou - se preferível - que se abre a partir dele, o nome do sociólogo Octávio Ianni aparece como um dos primeiros críticos e, mais precisamente, da metodologia empregada por Charles Wagley.

Ianni a pretexto de questionar a legitimidade metodológica de Wagley, parece querer desqualificá-lo como um sujeito na "intervenção racional na realidade". Herdeiro de uma tradição teórica que remonta a Caio Prado, apresentava-se também, como o detentor de uma virtude derivada da suposta superioridade racional de seus esquemas conceituais e teóricos.

Assim, escreverá sua resenha de *Amazon Town* para a *Revista de Sociologia*, número vinte e que dará o nome de "O método em uma comunidade amazônica".

No horizonte mais geral da crítica de Octávio Ianni está uma questão de natureza metodológica que aparece no texto com o seguinte enunciado:

Tanto o interesse prático como o teórico de uma monografia ligam-se às possibilidades que a análise de um caso isolado pode ter para o conhecimento de um conjunto ou uma série determinada. É da própria natureza do conhecimento científico a generalização de uma descoberta a todos os casos semelhantes, em que repetem in re, a fim de que possa ser utilizada com eficácia ulteriormente. Para que esse conhecimento seja alcançado é necessário que o evento estudado seja típico com relação à série toda, contendo, pois, os

caracteres comuns fundamentais que interessem à generalização. Mas, como saberá o investigador qual é o exemplar típico de uma série? (Ianni, 1958:574)

A questão feita por Octávio Ianni visa apontar os limites e os fundamentos da metodologia de Wagley. Serve para dizer que Wagley - no enunciado anterior incluído na categoria de investigador - não poderia generalizar se não demonstrasse porque escolheu Itá como típica de um conjunto maior. Esta parece ser a principal questão metodológica aos estudos de comunidade, a questão da sua representatividade teórica em relação a uma totalidade da qual seria parte.

Num segundo momento de questionamento no texto Octávio Ianni levantará questões de natureza antropológica. Nelas, argumentará que a transferência de tecnologia de uma comunidade "mais desenvolvida" para outra "menos desenvolvida", não é um processo tão simples e pode se revelar etnocêntrica e ineficaz. Argumentará que *Modificar ou introduzir uma técnica de produção é atuar sobre a cultura e, muitas vezes, sobre a organização social de uma comunidade (Ianni, 1958:579)*

Afinal, o que queriam os norte-americanos?

Assim, para deslegitimar a proposta teórica do culturalismo quanto às sugestões para a reforma social do Vale Amazônico, Octávio Ianni se vale de duas ordens de questões. Na primeira, metodológica, tenta negar o fundamento do trabalho de Charles Wagley pela evidenciação de uma certa carência metodológica presente nele. Num segundo momento da crítica, colocará a questão da complexidade de um choque cultural. Neste segundo momento, suas baterias se voltam contra o conteúdo da monografia dado que pode-se resumí-la

numa tentativa de saber as conseqüências de um choque cultural na região.

As críticas de Octávio Ianni fundam-se na oposição entre Ciência e senso comum. Wagley, pelos seus procedimentos metodológicos, habitaria a segunda categoria. Ou seja, Ianni não coloca em causa a legitimidade da Ciência na redenção humana. Ele apenas reafirma a existência entre bons e maus cientistas e aos primeiros, caberia conduzir uma reforma. De qualquer modo, a opinião da população não importa.

O que seria mais grave, uma proposta de colocar a Ciência como um veículo civilizatório e transformador da sociedade estaria na curiosa situação de ser exercida por alguém, um "investigador", que não conhecesse suas regras. Além do mais, para Ianni, Wagley teria se equivocado ao identificar o estudo de Itá, da Amazônia Brasileira e do Brasil rural. Ou seja, Wagley não só teria escolhido arbitrariamente a comunidade, mas te-la-ia identificado indevidamente a conjuntos mais amplos dos quais não é representativa.

Um terceiro equívoco seria o de ter identificado uma democracia racial lá. Wagley teria, também, justaposto e hierarquizado elementos sociológica e historicamente diferentes, comparado incomparáveis. Ou seja, Wagley teria, ao longo do texto, caracterizado Itá sempre em relação a comunidades da França ou a Plainville. Itá estaria sempre definida por uma relação de falta a elas, caracterizando um procedimento etnocêntrico em Wagley.

Uma outra crítica a *Amazon Town* foi feita em 1972 por Klaas Woortmann¹⁶. Woortmann faz uma crítica aos estudos de comunidade e toma o livro de Charles Wagley como exemplo daqueles estudos. Critica os pressupostos daquela metodologia - pesquisa empírica, culturalismo, conceito de comunidade, a-historicidade - para mostrar que uma metodologia que se fundamentasse neles seria um fator de limitação ao conhecimento de sociedades nacionais.

O argumento fundamental de Woortmann diz que a concepção de comunidade implicaria a negação da concepção de sociedade fundada em classes sociais. Woortmann cita Lipset e Bendix para dizer que

Esta abordagem (a dos estudos de comunidade) das classes sociais abandona tudo que diz respeito à teoria social (...). A perspectiva warneriana, adotada na maioria dos estudos de comunidade constitui uma curiosa reação contra a concepção de classes mantida por Marx, acusada de ideológica. (Woortmann, 1972)

Após suas considerações gerais sobre o culturalismo e a noção a-histórica de cultura que é sua substância, Woortmann tomará *Amazon Town* como um caso concreto de aplicação daquela metodologia. Para ele, o propósito de Wagley seria apresentar, além de um retrato do modo de vida amazônico, também uma explicação do sub-desenvolvimento daquela região.

Wagley, entretanto, teria identificado sub-desenvolvimento à noção de atraso ou pobreza relativa. Para Woortmann, a explicação das condições de

¹⁶ Woortmann, K., "A Antropologia Brasileira e os Estudos de Comunidade", *Universitas 11*, Salvador, 1972.

sub-desenvolvimento passa pela

retenção da especificidade histórica do sub-desenvolvimento (modalidade particular do capitalismo moderno) pela utilização das categorias de dependência e satelização, e dentro de um quadro de referências fundado nas categorias analíticas de sistema de classes e estruturas de dominação, tomadas do ponto de vista da totalidade da Sociedade Nacional. (Woortmann, 1972)

Através de uma proposta muito mais complexa de análise, uma grade de leitura¹⁷ muito mais abrangente, Woortmann pretende, no limite, excluir o culturalismo do leque legítimo de teorias para explicar o Vale Amazônico e, simultaneamente, propor reformas sociais.

Para Woortmann, o culturalismo apresenta uma noção reificada de cultura, isto é, uma concepção onde a cultura aparece como uma transcendência e não como o efetivo produto das relações entre grupos ou classes. Por outro lado, a História seria, para Wagley, uma noção de eventos passados. A partir daí, Woortmann lança uma interdição sobre as passagens onde Wagley, em *Amazon Town*, interpreta a origem da cultura de Itá como uma fusão entre as culturas européia, negra e índia.

Um exemplo sobre as diferenças entre os esquemas conceituais ou grades de leitura entre Wagley e Woortmann está na questão do aviamento. Para Wagley, este seria uma rede de distribuição de atebrina, medicamento anti-maléico. Para Woortmann, o aviamento seria um fator obstaculizante ao desenvolvimento, na medida em que, através de sucessivas

¹⁷ Uso a expressão grade de leitura como um sinônimo de um conjunto organizado de noções que construiriam a percepção da realidade. Sob um registro mais simples, grade de leitura se identifica a pressupostos.

dívidas, liga subordinadamente a economia da região aos mercados internacionais.

VI

Amazon Town é significativo de uma década. É o registro do momento de expansão da hegemonia norte-americana. Expansão política e expansão cultural. O livro de Charles Wagley traz os dois registros. Nele, a associação entre política e cultura assinala uma maneira de fazer Antropologia.

Colocado em seu contexto, *Amazon Town* representou a exportação de uma metodologia científica. Foi, também, a exportação de uma maneira de transformar o mundo; impor a ele uma marca: o *american way of life*.

Na trajetória intelectual de Charles Wagley,

Amazon Town simboliza o início de uma procura sistemática por uma interpretação de Brasil, uma resposta aos críticos dos estudos de comunidade e que apareceu na década de sessenta com *An Introduction to Brazil*.

(IV) O DOUTOR WAGLEY

A ligação de brasileiros com os norte-americanos se deu muito lentamente e através de contatos pessoais. O Gilberto Freyre era uma ponte muito importante. O Anísio Teixeira também. O Anísio achava que o sistema educacional americano funcionava bem e por isso devotou estudos sobre a reforma educacional brasileira voltada para o nosso modelo. Outro brasileiro muito importante, particularmente para mim, foi o Thales de Azevedo; ele ajudou muito e sempre. (Charles Wagley em Sebe, 1987)

I

Nas palavras anteriores de Charles Wagley aparecem, seus dois principais interlocutores na região baiana de sua rede social: Anísio Teixeira e Thales de Azevedo.

Anísio Teixeira seria aquele que faria um convite para Wagley dirigir, com Thales de Azevedo, uma série de estudos de comunidade na Bahia que tinham por objetivo levantar elementos para a formulação de um "diagnóstico" sobre as transformações pelas quais passava a sociedade baiana do final dos anos quarenta e início dos anos cinquenta. Com o conhecimento produzido, poderiam, então, intervir racionalmente na realidade.

Thales de Azevedo, seria co-diretor do projeto que ligava o Estado da Bahia à Universidade de Columbia. Sob o registro pessoal, pode-se dizer que Thales de Azevedo viria a se tornar uma das maiores amizades feitas no Brasil por nosso autor, "seu irmão mais velho" como mais tarde diria em carta

trocada com o mesmo Thales de Azevedo.

O projeto que Anísio Teixeira, Thales de Azevedo, Charles Wagley e L.A. Costa Pinto conceberiam no interior de uma demanda por informações com vistas à produção de políticas públicas educacionais, sanitárias e de migração, estava ancorado na década de quarenta e na ânsia por um conhecimento da sociedade nacional, de que é um exemplo *Amazon Town: a study of man in the tropics*.

Charles Wagley afirmará, num texto em que constrói sua versão do Projeto Bahia-Columbia, "Serendipity in Bahia: 1950-70" escrito para *Universitas* 6/7, que sua tentativa de sintetizar o Brasil em *An Introduction to Brazil* de 1964 teve uma de suas origens nos estudos de comunidade realizados na Bahia na década de 50.

Por outro lado, o Projeto Bahia-Columbia, enquanto uma série de estudos com uma metodologia baseada em monografias de comunidade, tem um de seus antecedentes cronológicos e, por outro lado, seu cenário epistemológico nos chamados estudos de comunidade que, no Brasil, tinham começado com Emilio Willems.

Estes estudos estariam, lá, a serviço da possibilidade de intervenção na realidade social, de um certo voluntarismo científico e uma vontade política de conhecer para mudar.

II

No final da década de quarenta, os EUA percebem que havia pouco conhecimento da "Rússia, China e Índia"

(Sebe,1987). Tal constatação é precedida pelo questionamento, na sociedade, do papel social da Academia Americana, feito a partir da guerra, como geradora de informações.

O governo norte-americano se posiciona e propõe a substituição dos "China hands", missionários que atuavam na China, por sofisticados "scholars". É na esteira do processo de retirada dos olhos de si para colocá-los sobre regiões géo-politicamente estratégicas que inicia-se, em 1949, o *Bahia State-Columbia University Social Science Research Program*, uma série de estudos de comunidade no Estado da Bahia.

A iniciativa do projeto coube, pelo lado baiano, a Anísio S. Teixeira, Secretário de Educação e Saúde do Estado da Bahia, que havia estudado em Columbia com John Dewey.

Assim, durante o ano acadêmico de 1949-50, Thales de Azevedo, representando o governo baiano, coleta, com a ajuda de assistentes de pesquisa, informações sobre a população, a produção, imigração interna e outros aspectos pertinentes à vida numa comunidade baiana. Thales de Azevedo levantará, também, uma bibliografia geográfica, histórica e sociológica para o projeto.

Os recursos para o Bahia-Columbia vinham do Estado da Bahia e da Columbia University. Em junho de 1950, após ter saído do Brasil em 1949, Charles Wagley, acompanhado de Marvin Harris, Harry W. Hutchinson e Ben Zimmerman, chega à Bahia. Ainda em 1950, Alfred Métraux, do Departamento de Ciências Sociais da UNESCO, propõe uma pesquisa adicional sobre relações raciais ao Bahia-Columbia.

Charles Wagley e Eduardo Galvão montam um plano de estudos para a comunidade. Em 1952, Wagley publica *Raças e Classes no Brasil Rural* como um primeiro resultado das pesquisas nas comunidades baianas.

O objetivo do Projeto era estudar os processos de mudanças sociais e culturais, especialmente as relacionadas com as transformações ligadas ao aparecimento de diferentes tipos de economia, de moderna tecnologia, novas ideologias e o concomitante complexo articulado a uma sociedade não desenvolvida tecnicamente. (Wagley, 1970).

Para que este objetivo fosse alcançado, o Projeto dividiu o estado da Bahia em seis zonas ecológicas: Recôncavo, Sertão, Florestas do Sul, Montanhas Centrais, Vale do São Francisco e Planalto do Oeste. Três dessas zonas ecológicas são excluídas e é possível que tal decisão esteja ligada a uma partilha da região entre o projeto Bahia-Columbia e o projeto Vale do São Francisco dirigido por Donald Pierson (conforme carta de Pierson a Anísio em 1950, Corrêa, 1987:26).

Restaram três áreas: Recôncavo, Sertão e Montanhas Centrais. Marvin Harris e Nilo Garcia vão para as montanhas. Ben Zimmerman e Lincoln Allison Pope para o Sertão e Harry Hutchinson e Maria Carmelita Junqueira Ayres para o Recôncavo.

Thales de Azevedo e Charles Wagley supervisionam as pesquisas nas várias comunidades e fazem análises comparativas. Em 1953, passa pela Bahia, Carlo Castaldi, para pesquisar problemas urbanos e cultos afro-brasileiros em

Itaparica. Ele era, então, pós-graduando da Universidade de Columbia. Em 1955, com o projeto em andamento, Wagley participa da segunda Reunião Brasileira de Antropologia, em Salvador, como representante do CBPE, criado oficialmente em dezembro de 1955, ao lado de Josildeth Gomes (Corrêa, 1988). No mesmo ano, Thales de Azevedo publica *Les Elites de Couleur dans une Ville Brésilienne*. Ainda em 1955, Maria Isaura Pereira de Queiróz estuda movimentos messiânicos na Bahia.

Em 1956, Marvin Harris publica *Town and Country in Brazil* e em 1957 William Hutchinson publica *Village and Plantation Life*. Em 1958, Charles Wagley e Marvin Harris publicam *Minorities Groups in the New World: six case studies*. É importante lembrar que as publicações anteriores, aparentemente dispersas, são resultados das pesquisas do Projeto Bahia-Columbia e que, simultaneamente a ele, iniciou-se um projeto similar sob a direção de Donald Pierson, focalizando o Vale do São Francisco e financiado pelo Institute of Social Anthropology of the Smithsonian Institution e pela Comissão Nacional do Vale do São Francisco. Participaram Esdras Borges Costa, Fernando Altenfelder Silva, Levy Cruz, Alceu Maynard Araújo e Alfonso Trujillo Ferrari. (Wagley, 1970). Para Wagley, os resultados de projeto Bahia-Columbia foram um acúmulo de informações sobre comunidades baianas e a produção de um bem treinado pessoal.

Entretanto, Wagley volta aos EUA e no final de 1958 vamos encontrá-lo com Frank Tannenbaum organizando o Instituto de Estudos Latino-Americanos de Columbia. Tannenbaum

aposenta-se e é substituído por Lewis Hanke. Escreve Wagley: "a grande coisa que fizemos foram os Seminários. Tannenbaum os inventou". (Wagley, 1987). Estes Seminários aconteciam às quintas-feiras, as quatro horas na sala de Tannenbaum, sem uma programação prévia, mas com um "speaker", um apresentador. Sempre que ia a New York, Gilberto Freyre falava nesses seminários, (Sebe, 1987).

Em 1960, o Instituto se estabelece, comportando 32 bolsas de estudo de pós-graduação. No final dos anos cinquenta, Charles Wagley preside a *American Ethnological Society*. No contexto internacional, acontece a revolução cubana de 1959. Este acontecimento influenciou diretamente na ação do governo norte-americano, isto é, o caso de Cuba ajudou a mostrar a necessidade de renovação da política educacional norte-americana quanto à sua dimensão géo-política. Isto implicou a decretação do *National Defense Educational Act*, cujo conteúdo declarava as seguintes línguas como urgentemente necessárias: russo, chinês, japonês, árabe e português. (Sebe, 1987). No sentido de evitar eventuais reveses géo-políticos, as fundações americanas estiveram, segundo Wagley, à frente do Departamento de Estado. Como exemplo, há a Fundação Carnegie que criou centros dirigidos de estudos auxiliando financeiramente Stanford com estudos sobre China, Harvard com especialização em União Soviética e Columbia com o Brasil.

Como resultado desse processo histórico, em 1963 Columbia possuía 63 bolsistas, entre eles: Bradford Burms,

Ralph Della Cava, Herbert Klein e Riordan Roett. O Brasil passa a ser um foco renovado de atenção do *National Defense Educational Act* e o Social Science Research Council escolhe Columbia como centro de pesquisadores interessados no Brasil, confirmando e reconhecendo o longo trabalho de Charles Wagley.

Em 1962, uma nova série de estudos começam na Bahia como resultado das políticas americanas pós-Cuba e pode-se entendê-los como uma continuação do original *Bahia State-Columbia University Program*. Ainda em 1962, forma-se uma associação entre as universidades de Columbia, Harvard e Cornell para um programa de treinamento de campo, tendo como objeto a América Latina. Harvard se estabelece na área de San Cristóbal de las Casas no México, Cornell em Vicos Hacienda no Peru e Columbia na Bahia.

Comandando a equipe de Columbia que veio em 1962, está Marvin Harris que foi substituído no ano seguinte por Carl Whithers. Em 1963, Thales de Azevedo publica *Social Change in Brazil*.

De 1962 a 1964, ainda como reflexo do projeto Bahia-Columbia de 1949, estudantes americanos trabalham na região de Abrantes-Arambepe. (Wagley, 1970). Em 1964, Anne Morton publica *The Candomblé of Senhora* e Thales de Azevedo, *As Ciências Sociais na Bahia*. Também em 1964, a Ford Foundation financia, no Instituto de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Columbia, o *Metropolitan Graduate Summer Field Training Program*.

Margolis e Carter dizem que ex-alunos de Wagley

dominavam nas décadas de sessenta e setenta o campo de estudos brasileiros (Margolis e Carter, 1970), e a maior parte deles, pode-se dizer, foi formada nos projetos de cooperação a partir do Bahia-Columbia.

III

O ano de nascimento do Projeto Bahia-Columbia é 1949. Foi então que Anísio Teixeira, depois de pensar em Donald Pierson, convida Charles Wagley para representar a Universidade de Columbia na associação político-científica com o Estado da Bahia.

Anísio Teixeira havia estudado em Columbia onde fora aluno de Dewey e era o secretário de saúde e educação do governo de Otávio Mangabeira, encarregado de encaminhar o Projeto.

Entretanto, se o nascimento do projeto data de 1949, seus limites metodológicos e suas perspectivas políticas foram traçados anteriormente.

Em entrevista a José Carlos Sebe, em 1983, Wagley recorda que, em 1948/49 e após o final da segunda guerra mundial, os Estados Unidos perceberam que havia pouco conhecimento sobre regiões tornadas geo-politicamente estratégicas com o advento da guerra fria. Ele diz:

Com a guerra, a academia americana começou a perceber que não cumpria seu papel. Por volta de 48, 48/49, os Estados Unidos perceberam que só havia pouco conhecimento de Rússia, China e Índia. Foi em 49 que o Social Science Research Council criou um comitê de estudos de área (Area Studies) e, uma dessas regiões era a América Latina onde o país mais visado era o Brasil. (Sebe, 1987:123)

Assim, o Projeto Bahia-Columbia é contemporâneo

de uma inflexão, nos Estados Unidos, do papel do sistema universitário e, em particular, seus centros de Ciências Sociais. Ou seja, no processo de construção da hegemonia norte-americana, agressivamente afirmada no pós-guerra, o papel reservado aos cientistas sociais é o de se ocupar na produção de informações socialmente relevantes- leia-se, estrategicamente relevantes- para seu país.

A América Latina que ocupou, continuamente, a imaginação dos políticos americanos como um lugar de miséria e golpes, ou seja ingredientes essenciais para uma certa representação de revolução, satisfaz a condição de área a ser estudada.

Assim, metodologicamente os norte-americanos optaram, no processo de produção de conhecimento sobre regiões estratégicas, pela especialização. Sobre este ponto Wagley afirma na mesma entrevista:

O americano era voltado para estudar os Estados Unidos, assim mesmo poucos aspectos da própria história. No mais, havia os China hands. China hand era um missionário ou pessoa que aprendeu chinês por acaso; depois de 48, resolveram fundar uma área de estudos baseada na China e então os China hands cederam lugar a sofisticados scholars. (Sebe, 1987:123)

Apesar de o orientalismo norte-americano não ter surgido em 1948 e pela substituição dos *China hands* como se pode ler em Said¹, a passagem anterior de Wagley sugere a maneira como a produção de conhecimento sobre os outros politicamente perigosos aconteceria. Só a Ciência, com aquilo que comporta de previsibilidade poderia ser mobilizada para a manutenção do processo de hegemonia. Por outro lado, a

¹ Said, E.W., *O Orientalismo*, São Paulo, Companhia das Letras, 1990. (Trad. de Tomás Rosa Bueno).

academia norte-americana, que só parcialmente havia se preocupado com seu país, terá que produzir uma representação do outro na China ou na América Latina.

Os elementos anteriores fornecem uma boa moldura, um contexto ao projeto Bahia-Columbia, onde, certamente, o elemento político expresso na demanda pelas informações sobre um outro, géo-politicamente estratégico, é fundamental. Tal quadro terá desdobramentos, assim como o projeto Bahia-Columbia.

Assim, só se pode aceitar parcialmente o argumento de Wagley em texto de 1970, "*Serendipity in Bahia: 1950-70*", onde dirá que o projeto Bahia-Columbia gerou sucessivos projetos individuais e coletivos de pesquisa numa espécie de fermentação a que dá o nome de "*serendipity*", em expressão tomada de R.K.Merton com ligeira alteração de significado.

O que "*serendipity*" quer dizer aí é que o próprio projeto teria uma capacidade de por si mesmo gerar novos e novos projetos, numa inesgotável continuidade administrativa, política e epistemológica.

Se por um lado pode-se aceitar que a existência do Bahia-Columbia suscitou novos projetos como, por exemplo a associação Cornell-Harvard-Columbia-Illinois, não se pode perder de vista que o próprio desdobramento da guerra fria referenciou os interesse norte-americano pela América Latina. Na série histórica desse desdobramento estão, sem dúvida, a Revolução Cubana de 1959 e o *National Defense Educational Act*.

Como o próprio Wagley expõe na entrevista já mencionada, existem duas brincadeiras, na verdade. Uma é que diz que todos somos filhos de Castro e que ele produziu a oportunidade de estudos e bolsas. Mas existe também uma outra versão, que diz que foram os latino-americanistas que prepararam, nos Estados Unidos, o caminho de Castro. Logicamente, isto é um exagero, mas o fato é que Castro influiu diretamente na ação do governo, as fundações Ford, Rockefeller e Carnegie já estavam nas paradas, antes(...). Depois o caso de Cuba ajudou, pois mostrou a necessidade de renovar a política de educação e o governo decretou o National Defense Educational Act; com esta legislação, as seguintes línguas foram declaradas urgentemente necessárias: russo, chinês, japonês, árabe e português(...) (Sebe, 1987:124)

Assim, o que se pretende aqui é afirmar uma correlação, que a muitos parecerá óbvia, entre o projeto Bahia-Columbia e seu contexto caracterizado pela guerra fria.

A partir daí pode-se entender a iniciativa como um reflexo e um passo no processo de construção da hegemonia norte-americana, o que, para Wagley, fica simplificado numa espécie de vitalidade imanente ao Projeto.

IV

A bibliografia específica sobre a história do Projeto Bahia-Columbia não é muito extensa. Há o texto de Wagley já citado e um ensaio de Thales de Azevedo sobre a história das Ciências Sociais na Bahia. *As Ciências Sociais na Bahia*.

Em seu artigo, Wagley cita o ensaio de Thales de Azevedo pelo seu caráter de painel das Ciências Sociais na Bahia e por seu caráter panorâmico e exploratório.

Thales de Azevedo, no texto citado acima, faz uma periodização e uma longa cronologia onde insere o

pensamento social baiano. Suas datas apanham desde os primeiros cronistas, viajantes e missionários, séculos XV e XVI, e suas preocupações com a catequese e o contato com o outro; passam pelos séculos XVIII e XIX e a problemática do crime e sua natureza sociológica ou inata e alcançam o século XX e aquilo que Thales de Azevedo argumenta ser uma preocupação com as questões empíricas e concretas. Nessa última fase situa o Projeto Bahia-Columbia.

Em "Nota à 2ª edição", Thales de Azevedo defende a tese da primazia da literatura como fonte de pesquisa e de representações sobre a sociedade sobre as obras sociológicas propriamente ditas.

Tal afirmação representa, no autor, um contra-ponto ao próprio projeto Bahia-Columbia consensualmente aceito por seus protagonistas como uma iniciativa intelectual de caráter empírico e científico que visava uma redenção de grupos sociais pelo conhecimento sociológico aplicado.

A página dezesseis define o livro *As Ciências Sociais na Bahia*:

Este segundo prefácio, que pretendi breve e sumário, é como que novo capítulo acrescentado a As Ciências Sociais na Bahia, que não passa de preliminar resenha para uma história das idéias no Estado (...) (Azevedo, 1984:16)

Será através do extenso levantamento de fontes associado a pequenas incursões teóricas como aquela onde relaciona, no Prefácio da primeira edição, os planos das representações e da economia por uma similaridade, que Azevedo irá falar do Projeto Bahia-Columbia.

Ele, que fora o representante do governo baiano

no Projeto, coloca-se, no texto, como um historiador do próprio projeto e, assim, une o papel de narrador da história e de sua fonte.

Num texto amplo sobre o pensamento social baiano e suas relações com problemáticas trazidas por europeus e norte-americanos é que Thales de Azevedo irá mencionar o Projeto Bahia-Columbia:

Se bem que, entre 1930 e 1950, progredissem os estudos etnológicos sobre elementos culturais de origem africana, a sociedade nacional como quadro da vida baiana só começou a despertar a curiosidade e a pedir explicação e compreensão aproximadamente em 1950, quando se inaugura uma fase caracterizada pela análise e observação, com fundamento na evidência empírica e objetiva, não raro em perspectiva histórica e fundada não apenas na intuição. (Azevedo, 1984:72)

Como se pode ver acima, uma certa ingenuidade interessada perpassa os enunciados de Azevedo. Não me parece, a partir dos elementos afirmados como contexto mais geral ao Projeto e onde se destaca a Guerra Fria, que o grupo de estudos de comunidade do Projeto Bahia-Columbia possam ter derivado de uma "curiosidade sobre a sociedade nacional".

Ao relacionar o Projeto com uma certa curiosidade, Azevedo despolitiza-o tanto na dimensão cotidiana e microscópica da relação entre pesquisadores e cidadãos das comunidades estudadas, como no contexto mais amplo e geral caracterizado e definido no encontro de duas sociedades, duas culturas em posição diferente no cenário mundial e que colocou a cultura baiana como objeto de pesquisa.

Nos enunciados anteriores, pode-se ver, também, como Thales de Azevedo representa, parcialmente, o projeto de que foi diretor.

Para ele, o Projeto é, primeiramente, uma extensão de questões colocadas sobre a sociedade nacional. Esta, por sua vez, atualiza-se e tem um de seus momentos na sociedade baiana. Na verdade, Azevedo faz uma ponte entre aquilo que é parcial, a sociedade baiana, e aquilo para o que deve projetar-se um estudo de comunidade: a sociedade nacional como uma totalidade. Por outro lado, ao Projeto Bahia-Columbia é reservado um lugar de "fase" associada a certos predicativos como análise e observação, evidência empírica e objetiva, perspectiva histórica sobre intuição.

O conjunto de predicativos acima citados formam uma imagem de Ciência que tem por função naturalizar a sociedade, dotá-la de uma dimensão cujo conhecimento seria um desdobramento do distanciamento entre o sujeito e o objeto do conhecimento. Isto pode ser lido na ênfase do objetivo empírico e na subordinação da intuição ao conhecimento histórico.

Nesse mesmo texto, Thales de Azevedo faz um resumo do Projeto, nele inserindo uma origem, um texto preliminar, os objetivos, desdobramentos, assim como a bibliografia resultante dele:

É a partir de 1949 que se enceta o planejamento e a discussão de hipóteses e abordagens consubstanciados na publicação Uma Pesquisa sobre a vida social no Estado da Bahia, da autoria conjunta de Charles Wagley, Thales de Azevedo e Luiz A. Costa Pinto, para uma investigação destinada "primariamente a adquirir um conhecimento da sociedade e da cultura dos habitantes da região rural da Bahia e uma compreensão da dinâmica das mudanças de cultura" que então se verificavam e que se podiam esperar naquela ampla área do Brasil. (Azevedo, 1984:74)

O Projeto Bahia-Columbia, que na representação

de Thales de Azevedo nascera de uma curiosidade e que tinha na crença científica um de seus motivos, projeta, agora, novas perspectivas, explicita diferentes elementos.

O primeiro deles é, certamente, o trabalho em equipe, representado no enunciado pela referência a "*planejamento e discussões de hipóteses e abordagens*". No interior desse enunciado, algo entrelaçado ao trabalho em equipe, está a referência a uma engenharia social, uma ciência social socialmente responsável ou, mais propriamente, uma Antropologia Aplicada: o planejamento.

Desta forma, junto à imagem de uma certa ingenuidade que uma curiosidade sobre a sociedade nacional traz, somam-se as imagens dos especialistas reunidos em equipe a planejar saídas para uma sociedade que tendia à urbanização.

No enunciado anterior, o Projeto Bahia-Columbia passa a ser representado num registro científico e concebido como investigação, superando o registro individual da curiosidade. Na representação anterior não há mais lugar para o indivíduo e sim para o cientista. Portanto, será na condição de um exercício investigativo em equipe que o Projeto irá "adquirir" um conhecimento sobre a sociedade baiana.

O verbo adquirir que, nesse contexto, se opõe a constituir evoca a naturalização das Ciências Sociais pela concepção da informação como uma mercadoria, algo a se adquirir e reforçando, assim, a imagem de uma ciência onde o sujeito e o objeto se relacionam por um distanciamento e não por uma recíproca constituição.

No desdobramento da representação do Projeto Bahia-Columbia como um esforço bi-nacional de aquisição de informações sobre uma sociedade, Thales de Azevedo irá afirmar o alvo do Projeto:

mira coligir dados em que se fundassem projetos racionais de educação, saúde, administração pública. (Azevedo, 1984:74).

Ou seja, para Thales de Azevedo, o Projeto Bahia-Columbia ainda evoca uma imagem cujo conteúdo é o de uma força motriz, uma usina de idéias para a produção de políticas públicas. Isto foi, na verdade, o significado do Projeto.

Assim, os enunciados anteriores apontam para uma imagem do Projeto Bahia-Columbia como um espaço da técnica e da racionalidade científica, uma região onde a política estaria no devir aberto pela técnica e sob a forma de políticas públicas.

O trabalho em equipe, a crença na Ciência como um valor civilizatório e proposição de soluções para uma sociedade que se transformava organizam-se na perspectiva de uma imagem do Projeto Bahia-Columbia como redenção social e abertura de perspectivas a áreas do capitalismo dependente.

V

É necessário ouvir o que nos diz Wagley sobre o Projeto no texto escrito em 1970 por ele e Cecília Wagley, *Serendipity in Bahia*.

Escrito para o número de *Universitas* dedicado a Thales de Azevedo, o artigo dos Wagley guarda, na tematização

do Projeto, uma continuidade em relação ao texto de Thales de Azevedo. Trata-se, porém, de uma continuidade diferenciada.

Ao mesmo tempo em que Wagley se vale do texto de Thales de Azevedo na construção de seu artigo, marca, ante ele, uma maneira diferente de ver o Projeto.

O texto *Serendipity in Bahia 1950-70* é um balanço do Projeto Bahia-Columbia. É, também, uma espécie de elegia a uma suposta ou real capacidade do Projeto em gerar outros projetos.

Na verdade, os desdobramentos históricos e institucionais do Bahia-Columbia apontam, concretamente, para um grupo de pesquisas situados nas décadas de 60 e 70. Estas pesquisas sob o campo epistemológico dos estudos de área (uma consequência política e epistemológica dos estudos de comunidade) tomaram, na interpretação de Charles Wagley, o Projeto Bahia-Columbia como modelo.

Entre eles, para Wagley, os principais são o Projeto sobre relações raciais da UNESCO de 1950, a associação entre Columbia, Harvard, Cornell e Illinois no Programa de Treinamento de Campo que tomou a Bahia como ponto de aplicação na década de 60 e o *Metropolitan Graduate Summer Field Training Program* financiado pela Fundação Ford em 1964.

É preciso lembrar que entre os projetos citados, o mais importante, quer pelas verbas mobilizadas ou pela área de estudos coberta (América Latina) foi a associação entre Columbia, Harvard, Cornell e Illinois. Pode-se dizer que aquela associação foi um dos maiores eventos na direção de uma

cruzada civilizatória e uma aplicação, numa macro-escala, dos princípios de mudança social dirigida. Por conseguinte, foi um exercício de uma Antropologia Aplicada.

Harvard se estabeleceu na área de San Cristóbal de las Casas no México. Cornell em Vicos Hacienda no Peru, Illinois no Equador e Columbia na Bahia.²

Em *Serendipity in Bahia, 1950-70*, os Wagley, defendem a tese de que o Projeto Bahia-Columbia foi o catalizador e o referencial dos projetos anteriormente citados.

A este predicado de catalizar e referenciar chamam *serendipity*, Debitando a origem da noção R. Merton.³

Assim, para eles, o Projeto Bahia-Columbia funcionou como uma bola de neve. Nesse processo de catalizar e referenciar, o Bahia-Columbia informava novos projetos coletivos e viagens individuais de pesquisadores ao continente.

Quanto ao Projeto escrevem:

One can only conclude that social science research works by strange but highly human and humanistic routes. In financial terms, no money was ever better invested than those funds provided by the State of Bahia, Columbia University, and other sources in 1949 and 1950. In terms of the contribution of that original project to educational planning in Bahia, the project

² Sobre este exercício de antropologia aplicada em escala continental bem como seus resultados, ver Allan R. Holmberg, *Changing community and attitudes and values in Peru: a case study in guided change*, em *Social Change in Latin America Today*, Council on Foreign Relations, New York, 1960 e Allan R. Holmberg e Henry F. Dobyns, "The process of accelerating community change", *Human Organization* 21: 107-09, 1962.

Wagley e Wagley, 1970, *op. cit.*

failed. In terms of the advancement of knowledge in general and of Bahia in particular it was a success beyond all expectations. In terms of human development, it created a group of specialists upon whom Brazil and United States can be proud. (Wagley, 1972:38)

Wagley faz um balanço do Projeto. Aponta suas positivities ou os objetivos cumpridos e suas negatividades, as falhas.

Investimento, aplicação, progresso e aliança política são os principais traços de um desenho que a todo momento não cessa de evocar o jogo político da diplomacia criado a partir do advento da Guerra Fria.

Wagley começa por considerar o investimento, positivo, e vai para a aplicação, negativa. O investimento e os resultados da aplicação formam, assim, um ponto de contraste na versão que nosso autor nos propõe do Projeto.

Da consideração da aplicabilidade, Wagley vai para uma afirmação de progresso humano e de conhecimento, para fechar sua versão na aproximação, pela existência de um orgulho compartilhado, entre o Brasil e os Estados Unidos.

Assim, Wagley que iniciara a representação sob o signo do investimento, termina-la-á sob o signo da aliança. Por outro lado, Wagley sugere uma certa frustração quanto aos objetivos. Mesmo assim, ele serviu para aproximar pelo orgulho Brasil e Estados Unidos.

VI

Na conjunto de textos onde se pode ler a experiência política do Projeto Bahia-Columbia, os primeiros

que tentei evidenciar foram os comentários. Dotados da particularidade de serem escritos por protagonistas do Projeto, tais textos são suas versões do mesmo. Compõem juntos uma história espontânea do Bahia-Columbia.

As narrativas de Thales de Azevedo e dos Wagley, onde se pode reconstituir imagens do Projeto, apontam para o trabalho em equipe como profissão de fé na Ciência. Esta, por sua vez, seria a condição de transformação das sociedades.

Não podemos nos esquecer de que os acontecimentos trazidos pelas versões dos protagonistas se deram no contexto onde se vê a Guerra Fria e a aliança que ela implicava entre o Brasil e os Estados Unidos.

Há três textos, entretanto, que pertencem ao Bahia-Columbia. Textos que podem, pela sua proximidade ao Projeto serem vistos como documentos primeira ordem. São extratos de uma materialidade histórica que sustenta a memória do Projeto: *Sugestão a um plano para o estudo de comunidades no Estado da Bahia*, anônimo, *Uma Pesquisa sobre a vida social no Estado da Bahia*, escrito por Wagley, Azevedo e Costa Pinto, 1950, e *Sobre métodos de campo no estudo de Comunidade*, escrito em 1951 por Wagley e Azevedo.

Em conjunto os textos citados imediatamente acima apresentam as linhas da metodologia e do planejamento, mediadores pelos quais a Ciência deveria cumprir sua missão de acelerar as transformações na sociedade baiana. Como exemplar do tipo de preocupação que orientou os pesquisadores do Bahia-Columbia, escolherei o primeiro deles para o registro de

alguns dos pontos de referência ao projeto.

Sugestão a um plano para o estudo de comunidades no Estado da Bahia é rico em imagens sobre a pesquisa de campo. Toma por eixos constitutivos os objetivos do Projeto e a relação entre Antropologia e Engenharia Social. Nele pode-se, também, reconhecer uma definição de cultura e seus usos na gênese de do espaço político da Antropologia Aplicada.

O texto organiza-se segundo alguns planos de enunciados reunidos em categorias como a introdução, análise regional, planejamento da pesquisa de campo, pesquisa de campo propriamente dita, estudo comparativo e financiamento. Escrito, ao que sua arquitetura indica, como um texto para a obtenção de verbas, não se pode reconhecer nele outra coisa que não seja a coerência do Projeto e, por conseguinte, sua legitimidade política. Esta garantiria as verbas.

A introdução tematiza as competências ou a divisão tarefas entre antropologistas e engenheiros sociais.

É para esse ponto que se dirigem, como uma perspectiva, os outros traços da introdução, sua rede temática e de noções. Na abertura da introdução e do texto como um todo pode-se perceber a correspondência bi-únivoca que para os planejadores do Bahia-Columbia havia entre planejamento e conhecimento, assim como uma relação de anterioridade do último ao primeiro:

O planejamento como a execução de de programas de assistência social, educação e saúde pública, dependem em última análise de um conhecimento adequado dos grupos humano a serem beneficiados por tais atividades.

Adiante, mas na introdução ainda, aparece o

papel da cultura como o mediador que possibilita o conhecimento dos grupos humanos e, portanto, que permite um planejamento.

Pode-se ler:

Esses grupos se caracterizam por uma composição, meio de vida, organização, hábitos, valores, mais propriamente, por uma cultura que os distingue entre si e lhes empresta uma fisionomia própria.

Assim, na materialidade representada pelo conteúdo das imagens da Ciência como veículo civilizatório e de redenção das populações, o trabalho em equipe tem sua organização a partir da combinação das noções de grupos humanos, cultura, conhecimento e planejamento. Se o objeto do conhecimento e do planejamento são os grupos humanos, não se conhece mais que suas culturas enquanto propriedade. Esta num duplo sentido, como algo que os grupos humanos têm e que lhes empresta uma característica, que os torna próprios.

Para planejar é preciso conhecer a cultura de cada grupo humano que lhes empresta um sinal diferencial:

Um programa educacional planejado para uma zona urbana, costeira, terá se estendido à zona do sertão que ser modificado e adaptado às condições locais como aos agrupamentos humanos cujos padrões culturais contrastam marcadamente.

Desse modo, a eficácia da política pública a ser proposta impõe uma relação de correspondência entre seu conteúdo e o grupo ao qual se dirige. Uma correspondência intermediada pelo conhecimento de seus padrões culturais e que tem, na figura do antropólogo, seu especialista.

Toda a preparação anterior onde grupos humanos, cultura, conhecimento e planejamento formam uma série de noções em sentido ascendente e ligados, respectivamente, por relações de pertinência e pressuposição tem por objetivo instaurar uma

divisão do trabalho, estabelecer competências. Constituir, enfim, uma substância para o Projeto Bahia-Columbia:

Simples generalizações sobre a natureza dos grupamentos urbanos em contraste com aqueles rurais deixam muito a desejar ao engenheiro social que tem lidar com situações específicas. Estudos detalhados conduzidos sob uma orientação científica se fazem necessários. A natureza diversa dos problemas de administração e investigação científica impõe uma divisão de trabalho. O antropologista através do estudo de comunidades consideradas típicas de cada região determina os elementos básicos de sua cultura, o engenheiro social aplica esses conhecimentos.

Para finalizar a introdução, há uma divisão das áreas e comunidades a serem estudadas. Os contornos dessa divisão aparecem segundo as oposições entre urbano/rural e progressista/tradicional.

Na verdade, esse texto apócrifo é uma consideração sobre a relação dos atores na equipe de especialistas do Bahia-Columbia. É, também, um discurso sobre o lugar de cada um e sobre sua competência política e epistemológica. É, sobretudo, a atualização da solidariedade entre os especialistas e a legitimação do trabalho do antropólogo pela afirmação de uma utilidade para seu saber. Este associa-se ao conhecimento da cultura.

(C) TEXTOS: UMA MISSÃO CIVILIZATÓRIA

(I) A CONSTRUÇÃO DE UM MUNDO MELHOR

1. "UM SIMPÁTICO ENTENDIMENTO"

I.1.1 A "NECESSIDADE NORTE-AMERICANA DE SABER"

Arnold Strickon, numa coletânea organizada por Charles Wagley em 1964 e intitulada *Social Science Research on Latin America*, oferece uma série de elementos que nos permitem abordar a questão dos interesses norte-americanos na América Latina. O texto de Strickon é um balanço e uma contabilidade das atividades de Antropologia Social no continente e, ao lado de outros textos (inclusive um do próprio Charles Wagley), coloca-se na tentativa de responder o que os norte-americanos sabiam sobre a região nas diversas áreas das Humanidades. É um texto saído de um seminário sobre pesquisas na América Latina e que fora realizado em Stanford no ano de 1964. Nesse texto, Strickon aponta *The Folk Culture of Yucatan*, escrito em 1941, como um marco histórico nas pesquisas no continente, por sua condição de origem do trabalho antropológico intensivo. É claro que Strickon não ignora a existência de uma certa curiosidade norte-americana anterior à data acima e, como exemplos dela, poderíamos lembrar as pesquisas feitas por cronistas e viajantes europeus e norte-americanos. Citaria, a título de ilustração, *The Conquest of Brazil* (1926) e *The Struggle for South America* (1931) escritos, respectivamente, por Roy Nash e John Frederic Normano. O próprio Wagley fora à Guatemala em 1937 para descrever uma comunidade Maia, na esteira das pesquisas de Ruth Bunzel naquele país. É interessante, também, notar que a expressão pela qual Strickon oferece um conteúdo ao marco por ele afirmado faz uma metáfora com a Medicina. Tudo se passa como se a América Latina

precisasse de um trabalho intensivo para ser, como um paciente, salva de algum mal que não é muito difícil antever e que, certamente, estaria relacionada com a configuração géo-política surgida no final da segunda Guerra Mundial. Em seu estilo descritivo, que lhe confere uma neutralidade capaz de potencializar suas afirmações escreve Strickon:

The publication of Redfield's Folk Culture of Yucatan (1941) may be taken as convenient historical marker for the start of intensive anthropological work with traditional Latin American culture. (Strickon, A. em Wagley, 1964:136)

Note-se que o objeto das pesquisas antropológicas é, para ele, a cultura latino-americana tradicional e será no contexto de intensificação das pesquisas, de mudança de seu caráter aleatório e fortemente não-institucionalizado que Charles Wagley começará a crescer no campo de estudos que, posteriormente, ajudará a consolidar. Datam da década de 40 suas pesquisas na Amazônia e seu trabalho junto aos Tenetehara no Maranhão. Entretanto, o que poderia permitir a prática de se estudar a América Latina através de um trabalho antropológico intensivo? Quais as condições e elementos disponíveis para que a produção de conhecimentos sobre a América Latina passasse de uma espécie de . . . artesanato, representados pelos estudos não-institucionalizados de cronistas e viajantes, para outra semelhante à produção industrial e onde o caráter intensivo fosse um sinal de distinção, representados pelos estudos feitos a partir da década de 40?

A continuação da leitura de Strickon pode nos trazer algo a respeito. Nela podemos ficar sabendo que o

conceito de especialização regional já era usado pela Antropologia Norte-Americana, garantindo um operador epistemológico na totalidade representada pelas condições institucionais e de conhecimento. Ou seja, havia um elemento heurístico que condicionasse a produção de conhecimento acerca de uma unidade que não fosse a comunidade, a nação ou o país. Era, sim, uma macro-unidade de estudo, um continente. É preciso lembrar que os estudos de área, correlatos à especialização regional, já eram praticados pelos norte-americanos sobre outras regiões do globo e do que pode-se conseguir confirmação em Said, *O Orientalismo*¹. Por outro lado, não preciso lembrar o caráter géo-político desses estudos, aliás contidos na própria expressão área. Como Strickon descreve, muitos acadêmicos já haviam feito e se auto-designavam especialistas em América Central ou do Sul. Parece-me interessante afirmar, também, a neutralidade que tais estudos e seus praticantes buscaram e de que a palavra especialistas é testemunha. No interior dessa neutralidade, a especialização parece ter sido o caminho mais curto para a dissimulação das relações políticas presentes ao contato entre aquele que estuda ou planeja e aquele que recebe os planejamentos. Se isto não bastasse para mostra o caráter político da empresa científica norte-americana (a reunião de especialistas), seus conhecimentos serviram, como se sabe muito bem, para políticos, empresários, banqueiros e planejadores proporem políticas para a América Latina,

¹ Said, E.W., *O Orientalismo*, op. cit.

administrarem-na.

Entretanto, a existência de especialistas de área não é a condição suficiente, embora necessária para a intensificação das pesquisas onde, individualmente, veio Wagley a se colocar. Continuando a leitura de Strickon, pode-se ver que foi a segunda Guerra Mundial o elemento fundamental para que se processasse a inflexão anteriormente mencionada e que levou as pesquisas sobre o continente de uma situação artesanal e individual para a da empresa científica institucional. Com a segunda Guerra Mundial veio a divisão do mundo em nos blocos geo-políticos antagônicos e o maniqueísmo político como condição de inteligibilidade histórica. Assim, foi no devir aberto com o final da segunda guerra mundial que coube à América Latina a Política de Boa Vizinhança de F.D. Roosevelt. É claro que o encadeamento histórico desses elementos não é mecânico e automático como a minha narrativa pode levar a supor. Entretanto não me proponho aqui a historiografar o pós-guerra e sim afirmar, ainda que circunstancialmente, um conjunto de elementos políticos que formam o contexto do discurso com o qual Charles Wagley se comprometeu e se engajou; o discurso que lhe propiciou os temas e a gramática pela qual combiná-los.

Em relação ao papel desempenhado pela segunda guerra como alavanca das pesquisas norte-americanas no continente, o próprio Wagley se pronunciou a respeito numa entrevista dada a José Carlos Sebe. Quando questionado sobre a relação entre a guerra e o brasilianismo, Wagley respondeu: *Foi um deles [a guerra] enquanto elemento aglutinador do*

brasilianismo]. O Brasil era o maior aliado dos Estados Unidos. (Sebe, 1987)

A palavra aliado para descrever a relação entre Brasil e Estados Unidos mostra, a meu ver, uma variação no tema da natureza das pesquisas no Brasil e, por extensão, na América Latina. Entretanto, sobre a especialização, a segunda Guerra Mundial e a Política de Boa Vizinhaça como elementos constituintes, em planos diversos, da inflexão que levou ao trabalho intensivo já mencionado, escreve Strickon:

The concept of regional specialization is not new to anthropology. Many anthropologists have long been Middle American or South American specialists. It was not until the eve of World War II, however, that anthropologists became concerned about Latin American culture per se, and the appearance of Latin American specialists began to crystalize out of the more traditional ethnographic matrix. The catalyst was the interest in Latin America expressed by the New Deal prior to and during the war - the so-called "Good Neighbor Policy". (Wagley, 1964:137)

O fato de haver escolhido, sob certas circunstâncias, registrar antes que detalhar ou substantivar suficientemente os elementos géo-políticos que compõem a base da pesquisa antropológica de Wagley não me levam a banalizar os interesses norte-americanos como promotores da pesquisa. Escrevo isto para comentar o seguinte trecho de Strickon que, uma vez tendo apontado os elementos condicionantes do processo de pesquisas na América Latina, neutraliza-os pela arma sutil e eficaz da banalização:

There can be little doubt, I think, that the continuing interest of cultural anthropology in Latin American culture is connected with the increasing awareness of the American government and public with the underdeveloped nations in general and those of Latin America in particular. (Strickon, A. em Wagley, 1964:136-37)

Strickon começa por banalizar a conexão entre o contínuo interesse da antropologia norte-americana na América

Latina e o aumento da virtual responsabilidade do governo e do público norte-americano sobre uma área sub-desenvolvida. Se estivéssemos noutra capítulo e, portanto, fora dos limites impostos pela composição do texto, haveria muito que explicitar sobre o paternalismo do governo e do público norte-americano ante uma América Latina representada sobre uma falta, a do desenvolvimento, e concebida, por conseguinte, negativamente. Entretanto, gostaria apenas de apontar a neutralização e a banalização do tema tentados por Strickon a partir da afirmação da inexistência de dúvida quanto à relação entre política e pesquisa, e a conseqüente legitimação que aquela obviedade impõe. O que tenho para dizer é em que medida pode ser legítima e, digamos, eticamente sustentável uma situação onde práticas científicas são usadas para produzir informações com vistas à construção e manutenção de uma ordem mundial criada fora e longe dos indivíduos que a irão experimentar ? Ou seja, qual a posição ocupada pelo outro no espaço descrito pelo encontro entre uma sociedade que estuda, planeja e administra e outra que é estudada, planejada e administrada ? Sei que não sou original ou novo em minha argumentação, que a linha argumentativa que segui já se cristalizou em muitas expressões políticas, entretanto não deixarei de registrar que a banalização feita por Strickon, a forma rotineira e óbvia como se reporta ao tema contribuem, a meu ver, para um recalque das implicações éticas e políticas, antropológicas diria, do comportamento ante o outro. Recalque que se mostrou historicamente indispensável ao exercício de

uma antropologia que se colocara como suporte das ações diplomáticas e políticas: uma pré-condição para a administração do continente.

Se é certo que houve uma institucionalização das pesquisas na América Latina a partir de 1941 e se tal acontecimento se deve à uma conjunção de um elemento epistemológico e uma conjuntura onde não se pode esquecer a relação entre o plano ético e o plano científico - causa de uma sub-valorização do papel do outro nas políticas públicas - então é preciso saber quais foram os elementos concretos da conjuntura acima mencionada. Ou seja como os EUA trataram de viabilizar sua influência sobre a América Latina em cujo devir as pesquisas de Wagley foram desenvolvidas ? O próprio Strickon nos responde:

With the coming of World War II the U.S. government inaugurated a number of programs aimed at cultural cooperation among the American republics. One of the results was the production of the Handbook of South American Indians, (...) by the Bureau of American Ethnology of the Smithsonian Institution with the cooperation of the U.S. Department of State. As part of this program of cooperation, the Institute of Social Anthropology of the Smithsonian Institution was established. It published a number of monographs dealing with Latin American cultures. Some of these studies involved the cooperation of Latin American (and especially Mexican) scholars as well as the training of students from both the host nation and the United States. (Strickon, A. em Wagley, 1964:137)

A resposta que Strickon nos oferece em seu texto é positiva porque reconhece os programas culturais como o veículo concreto para a realização dos interesses norte-americanos ou, antes, os meios pelos quais poderiam eles desde um ponto de vista próprio, obter informações sobre a América Latina. Seria necessário lembrar que antes de 1941, já

havia cooperação intelectual entre os Estados Unidos e a América Latina e de que são prova as expedições intelectuais de Wagley à Guatemala e ao Rio de Janeiro. De qualquer maneira é preciso reconhecer-se que foi no final da década de 30 e meados da década de 40 que os programas culturais emergiram no quadro composto pela institucionalização motivada das pesquisas, oferecendo um conteúdo à institucionalização das mesmas.

O que eu gostaria, entretanto, de apontar é a maneira neutra, desprovida de conteúdo aparente pela qual Strickon retrata a iniciativa dos programas culturais. É evidente que uma tal neutralidade decorre do estilo descritivo adotado por ele, mas isso não nega que as palavras empregadas guardem uma relação histórica com a década de 40. O que se vê na citação anterior de Strickon ? Primeiramente, toda uma série que busca neutralizar o acontecimento e retirar dele sua substância política. O Departamento de Estado inaugurou, como se inaugura uma loja ou um "shopping center", os tais programas culturais. Os programas visavam à cooperação cultural. Aliás a palavra cooperação também é usada para conceitualizar as relações entre as "Repúblicas americanas". De tão grande neutralidade, só poderiam vir "resultado" e, entre eles, o treinamento de estudantes. Não importa que *The Handbook of South America Indians* seja uma tentativa de catalogar naturalisticamente os habitantes de sociedades diferenciadas. Todorov em *A Conquista da América*², mostra como

² Todorov, T., *A Conquista da América: a questão do outro*, Martins Fontes, São Paulo, 1982. (Trad. de Beatriz Perrone

a atitude dissimulada de Cortez ante os astecas favoreceu a conquista. Na verdade, ao agir dissimuladamente, Cortez nada mais fazia do que, segundo Todorov, seguir uma espécie de espírito de época que teria sido concretizado em Maquiavel e seu *O Príncipe*. Da mesma forma, a dissimulação do conteúdo geo-político das pesquisas norte-americanas favorece a construção da hegemonia norte-americana do pós-guerra no continente enquanto, simultaneamente, já simboliza uma influência.

Os programas culturais atravessaram as décadas de 40, 50, 60, 70 e 80. Ou seja, foram uma iniciativa eficiente a se julgar pela sua longevidade e, na perspectiva da descrição anterior de Strickon, foram iniciativas onde a cooperação e não o confronto entre os Estados Unidos e as Repúblicas Americanas caracterizariam a parceria. Assim, o consenso em torno da solidariedade hemisférica parece ter sido um grande tema a ser tratado pela sociedade e pelos governos norte-americanos, através dos programas culturais e alianças de diversos tipos.

Wagley, por exemplo, participou dos programas SESP, Projeto Bahia-Columbia, acordo MEC/USAID entre outros programas culturais e de assistência que tinham por horizonte a cooperação já citada. Gostaria, entretanto, de dizer que não considero, desde o ponto de vista individual de Wagley, tais participações como negativas em si mesmas. As vejo, principalmente, como a confirmação da fórmula onde o indivíduo (Moisés).

jamais escapa à sua época, nunca a transcende.

Na continuidade de seu texto, Strickon aponta alguns dos "resultados das pesquisas":

Some of the research published by the Institute of Social Anthropology dealt with aboriginal peoples in South America (Holmberg 1950; Oberg 1949). Most of the publications, however, such as the work of Beals (1946), Brand (1951), a cultural geographer, Foster (1948), Tax (1953), Gillin (1947), and Pierson (1951), dealt with cultures that were intimately involved historically and structurally with the larger cities in which they were located. (Strickon, A. em Wagley, 1964:137)

É claro que o trecho acima traz uma lista sumaríssima sobre a produção acadêmica e intelectual norte-americana em sua tematização da América Latina. Ela nos serve, porém, para uma aproximação de um outro elemento que todos conhecemos do plano géo-político ao qual venho tentando localizar e oferecer um contorno a partir do próprio texto de Strickon. Trata-se, evidentemente, dos povos sobre os quais os norte-americanos colocaram suas "antenas pioneiras e intensivas". Sobre esses "povos", escreveu Strickon:

The people who lived in some of these communities did not even speak the national language (Spanish or Portuguese) and identified with the nation although the historical source of their culture was the early period of Indian-Iberian contact. The changes that they were experiencing was comprehensible only as a part of the changes which their respective national societies were undergoing. (Strickon, A. em Wagley, 1964:137)

Assim, a institucionalização das pesquisas sobre a América Latina a partir de 1941 que deve sua existência à noção de área cultural e aos eventos desencadeados a partir da segunda guerra mundial, principalmente à formação de blocos géo-políticos, ganhava seu objeto de aplicação tão bem traduzido por Strickon em seu estilo descritivo. O que as Ciências Sociais norte-americanas precisavam conhecer eram as

mudanças; saber qual o seu sentido, sua intensidade e saber quais as forças vivas da sociedade com as quais se poderia trabalhar para agir como convém a um país que se quer hegemônico. O tema das mudanças, enquanto um aparente tema sociológico, esconde ou revela (depende de onde se olhe) uma preocupação com a intervenção e com a condução das repúblicas americanas. Por outro lado, esse mesmo tema é um elemento central no processo de hegemonização do continente pelos Estados Unidos na medida em que seu estudo oferece parâmetros para a ação. Ou seja, oferece elementos para as decisões diplomáticas estruturantes do processo em questão.

Para conhecer as mudanças nas sociedades americanas, através dos programas culturais e de assistência, é que uma política de produção de informações traduzidas no texto de Strickon como uma necessidade de saber foi projetada e realizada. Necessidade de saber sobre a qual escreveu:

Government sponsorship of research in anthropology in Latin America was obviously motivated by national interests. In an increasingly complex world there was a "need to know" about these countries whose policies and activities were of direct and immediate concern to the United States. Although direct government support was withdrawn in the years following the war, the "need to know" increase rather than decreased. The increasing support in recent years for anthropological research from both public and private sources reflects this growing need to know about Latin America at the grass-roots level. (Strickon, A. em Wagley, 1964:137-38)

Como a hegemonia norte-americana se afirmava a partir da segunda guerra mundial, suas redes de pesquisa aumentavam em volume e em extensão. Os programas culturais e de assistência impunham, em espiral, um aumento das informações disponíveis. Segundo Strickon:

In the years following the war, anthropological interest in Latin America culture increased. After the World War II, the proportion of articles and books reviews in the American Anthropologist devoted to contemporary Latin America as against native South and Middle America was reversed. Articles or book reviews on the aboriginal cultures of the area became relatively rare, while articles and reviews devoted to research on peoples involved in the complex socio-political system of Latin America were most frequent. This phenomenon, of course, was not limited to the Western Hemisphere, but was part of a growing social anthropological concern with complex societies all over the world. (Strickon, A. em Wagley, 1964:138)

Entretanto, embora Strickon nos ofereça os elementos essenciais no sentido de registrar um modelo da relação entre os interesses géo-políticos norte-americanos e as pesquisas na América Latina, ele é muito reticente quando menciona o objeto dos estudos, as mudanças. Falar em mudanças é admitir que estas possam ser reformas ou revoluções, pacíficas ou violentas. De qualquer forma, não se fica sabendo ao certo, a partir de Strickon, qual o caráter das mudanças. Ao menos não se sabe, a partir da leitura de seu texto, que tipo de inflexões seriam positivas para a construção da hegemonia norte-americana, embora o que aconteceu, quanto ao tema mudanças no continente nas últimas décadas, seja quase, um segredo de polichinelo.

Bem mais eloquente que Strickon, nesse sentido, é Kenneth L. Karst. Este autor, na mesma coletânea de Wagley donde retirei as citações de Strickon, fala dos interesses norte-americanos de pesquisas a partir do campo de estudos jurídicos. Tomando a metáfora do diálogo (como se a História fosse uma grande troca de palavras e discursos entre nações, os interlocutores) e pagando um tributo à sua condição de jurista (ele é encarregado de fazer um balanço das pesquisas

em direito comparado), Karst expõe claramente os porquês das pesquisas norte-americanas. Para ele, o surgimento do interesse norte-americano sobre a América Latina faz parte de uma resposta geral norte-americana à revolução social no continente:

The current surge of law-school interest in Latin America is part of our general national response to the region's social revolution. (Karst, K.L. em Wagley, 1964: 290)

E acrescenta,

It is also curiously parallel to a similar sudden increase in interest in Spanish law around the turn of the century, just after the United States had acquired new responsibilities in the Caribbean and Philippines. (Karst, K.L. em Wagley, 1964: 290)

Se em Strickon havia um estilo descritivo que impunha uma neutralidade à narrativa, em Karst o que encontramos é um estilo afirmativo para expressar a responsabilidade de uma nação hegemônica. O dado importante no enunciado, parece-me, é a idéia de que se deveria conter a revolução social. Este tipo de acontecimento histórico colocaria em perigo a cooperação entre as Repúblicas Americanas, tornando-se impertinente à ordem mundial do pós-guerra. Por outro lado, a institucionalização das pesquisas e suas crescentes verbas viriam satisfazer a "necessidade norte-americana de saber".

Além de Strickon e Karst, Wagley também faz considerações sobre as pesquisas norte-americanas na América Latina e sua relação com o contexto géo-político.

Usando citações de *Social Science Research on Latin America* de 1964 e *Latin American Tradition: Essays on the Unity and Diversity of Latin American Culture* de 1968,

gostaria de trazer Wagley ao espaço da minha narrativa quanto à questão em foco. *Latin American Tradition: Essays on the Unity and Diversity of Latin American Culture* é um conjunto de textos sobre a América Latina, em diferentes abordagens, produzidos por Charles Wagley ao longo de sua carreira. *Social Science Research on Latin America*, como expressei anteriormente, é um balanço das atividades norte-americanas de pesquisa na região. Em ambos há bons elementos para uma abordagem do contexto géo-político das pesquisas de Wagley.

Ao contrário de Strickon ou de Karst, Wagley fala a partir de uma reivindicação estrita do lugar do cientista para si e na condição de alguém que está engajado no processo de construção da hegemonia norte-americana, em seu interior. Aliás, seria mais apropriado dizer que Wagley desejasse ser um instrumento da Ciência, veículo da hegemonia. Isto é, que a Ciência falasse através dele a partir de uma renúncia de si enquanto sujeito para uma aceitação da Ciência enquanto um outro que desse a ele voz e, por extensão, ao projeto géo-político no qual ele se inseria. A partir daí, é compreensível, Wagley buscava a máxima neutralidade alcançável como condição para o bom exercício científico. Confirmando a neutralidade que ele se auto-propõe, nos dirá que seu interesse no Brasil deriva de problemas epistemológicos. É, portanto, um interesse em conhecer e seria assim que Wagley faria sua contribuição à solidariedade inter-continental. Por outro lado, na visão de Wagley, caberia aos Estados Unidos uma contribuição para que o Brasil, alcançasse seu futuro e

destino de grande potência.

Contribuição e plano político, questões teóricas e plano epistemológico formam um par correlato que nem mesmo a neutralidade desejada por Wagley pode esconder a essência: a intersecção entre as pesquisas e o plano político. A neutralidade desejada por Wagley é tamanha que ele lamentará o fato de ao proferir palavras sobre a cultura Latino-Americana não poder se despir totalmente de seus pressupostos de Anglo-Americano. Algo como se autor e pessoa pudessem, pela vontade, formar uma dicotomia, uma divisão.

Wagley, em sua pretendida neutralidade científica, desejaria superar pelo trabalho como especialista, as diferenças culturais entre Anglo-Americanos e Latino-Americanos. Tais diferenças, na perspectiva de Wagley, levariam a desentendimentos fundamentais entre as duas Américas formadoras do Novo Mundo. O que cumpre indagar é os motivos que levam um antropólogo a conceber diferenças como negatividades, perturbações à comunicação. Parece-me que, para um antropólogo, as diferenças deveriam ser o princípio mesmo dessa comunicação. É claro que podemos avançar algumas linhas nisso e dizer que a necessidade política e o projeto teórico culturalista com sua noção reificada de cultura levaram à concepção negativa das diferenças. Por outro lado, Wagley deseja uma política de ajuda construtiva e simpático entendimento. Ao mesmo tempo, Wagley quer falar pelo outro, atribuindo-se, a partir de sua condição de especialista, a capacidade de devolver aos latino-americanos uma sobre-visão

de si.

Em Strickon, necessidade de saber; em Karst resposta às revoluções e em Wagley, simpático entendimento. As três figuras políticas anteriores se encaixam na política de produção de informações que os Estados Unidos reservaram para a América Latina com o objetivo de promover a cooperação entre as repúblicas americanas, formar um bloco político e posicionar-se ante uma situação histórica que tinha por característica a bi-partição do mundo em esferas de influência. A citação seguinte, retirada de Wagley, não poderia conter maior eloquência quanto ao tema em questão:

The cultural differences between Anglo-America and Latin America have been a barrier to understanding between the peoples of the western hemisphere. Aside from economic and political differences of opinion and interests, there have been fundamental misunderstandings of each other's culture values, ideology and aspirations. The papers in this volume are attempts to understand, explain, and analyze such cultural differences between Anglo-America and Latin America. Yet the point of view in these papers is not explicitly comparative. Rather, they focus upon Latin America, in an attempt to explain Latin American culture to Anglo-Americans. Such a point of view, unfortunately, sometimes contains Anglo-American presumptions; it often implicitly assumes a knowledge of Anglo-America habits, behavior patterns, and institutions. Nevertheless, the point of view is objective and attempts to seek out some of the basic common features and fundamental variations in the way of life of Latin America and to provide an overview that often escapes Latin American themselves (Wagley, 1968:2)

Sobre seu interesse no Brasil e a tão almejada neutralidade, Wagley diz:

I have long been aware that a local society must be projected against the background of the region or nation in order to understand the wider implications of its local institutions and the place it occupies in the range of variation of the national society. For this reason, I became interested in Brazil (...). (Wagley, 1963:VIII)

Na América Latina, o Brasil é a nação, para Wagley, de maior importância. O sentido pleno da frase

anterior poderá ser conseguido no capítulo III desta dissertação, mas é suficiente que se diga por ora que Wagley é reconhecido por muitos pesquisadores tanto no Brasil como nos Estados Unidos como o fundador de uma linhagem, aquela que conhecemos pelo nome de brasilianismo. No interior do brasilianismo é que Wagley concebeu uma imagem do Brasil.

A imagem do Brasil feita por Wagley que gostaria de evocar é aquela que, a meu ver, tem, em seus textos, o "status" de recorrência. Na imagem em questão, o Brasil é representado como uma virtualidade positiva, como um país do futuro. A principal razão para Wagley assim representar o Brasil não está, ao contrário do que mais facilmente se possa pensar, na dimensão empírica de seus discursos. Wagley, tal como um profeta, não teria adivinhado por métodos quantitativos ou qualitativos o futuro da realidade brasileira. Na verdade, parece-me muito mais justo atribuir tal "profecia" à convivência de Wagley com a elite brasileira através de um constante intercâmbio. Espero, na ênfase que dei ao grupo social como origem da representação, não estar propondo uma redução sociológica da trama histórica. Na verdade, tal interpretação da representação que Wagley faz do Brasil é de Marvin Harris³. Este, em texto de homenagem a Wagley fala que a visão dele do Brasil é oriunda da rede de personagens que seu casamento com Cecília Roxo teria possibilitado, como já afirmei anteriormente.

Mas o que, historicamente, pode comprovar na

³ Harris, M., *op. cit.*

representação feita do Brasil por Wagley a virtualidade em causa? Para Wagley, é "o velho sistema econômico e social" que segura o Brasil, que o impede de realizar a virtualidade promissora. É curioso notar que o argumento que afirma estar o Brasil preso ao seu passado arcaico é anterior a Wagley. Sérgio Buarque de Holanda em seus *Raízes do Brasil* fala da superação da base agrária da sociedade brasileira, suas raízes, como condição da "nossa revolução". Na década de 60 falou-se muito na superação do Brasil arcaico e, contemporaneamente, tal tese tem, como se sabe, voltado num campo diferente do acadêmico. Embora com toda a certeza se possa argumentar que a expressão superação tem significados diferentes em cada época e em cada autor, não é menos verdade que ela atravessou o século no Brasil, talvez como uma tarefa por se realizar.

Nos parágrafos anteriores, falei da principal imagem que Wagley faz do Brasil, me arriscando a transgredir a ordem dos capítulos. Para repor minha narrativa nos limites da composição do texto, em que o Brasil como um país do futuro se relaciona com o tema dos interesses norte-americanos? Parece-me que a relação é de complementariedade uma vez que seriam os interesses norte-americanos que motivam as pesquisas aqueles que promoverão uma "política construtiva de ajuda e simpático entendimento", no interior do qual a imagem em causa foi projetada. Se nos detivermos em olhar esta fórmula de Wagley veremos que nela existe uma positividade em espiral, uma positividade crescente. A política é construtiva; a ajuda

é uma característica dos generosos é o entendimento é simpático. Como escreveu Wagley,

Potentially, Brazil is one of the most important nations in the modern world. The struggle to reshape the old economic and social system and to realize its potential is a monumental task which has been under way for only a few decades. More than in any other way, perhaps, the United States can contribute to the outcome by a policy of constructive aid and sympathetic understanding (Wagley, 1963: 59-60)

Assim, o que desejei fazer neste item foi registrar os elementos mais gerais do contexto onde Wagley viveu, a partir de sua condição de antropólogo e pesquisador, as experiências de alteridade. Tais elementos têm na história do pós-guerra e, principalmente, no acontecimento decisivo da formação de blocos géo-políticos antagônicos, o seu referente mais externo. A partir daí os interesses norte-americanos puderam ser afirmados nas pesquisas e por meio delas. Pesquisas sistemáticas como quer Strickon; feitas a partir de uma "necessidade de saber" promotoras de um discurso sobre as mudanças e revoluções, mas que, na perspectiva de Wagley, seria "rooseveltianamente" exercida em nome de um simpático entendimento e de uma boa vizinhança.⁴

1.1.2 IT IS DANGER TO OUR NATION

Se os interesses norte-americanos, que todos reconhecemos como um fator óbvio à promoção e realização das pesquisas na América Latina, foram a causa imediata e positiva das pesquisas e dos programas culturais e de assistência, o que significaria, para os norte-americanos, um desconhecimento

⁴ Sobre o papel das ciências sociais norte-americanas na construção da hegemonia a que me refiro, ver Micelli, S., *A desilusão americana*, São Paulo, Sumaré/Idesp, 1979.

sobre os povos do Centro e do Sul? Ou, que caminhos as pesquisas deveriam apontar no sentido de viabilizar aqueles interesses, superando um desconhecimento que teria como efeito um distanciamento imprudente entre anglo e latino-americanos? Em outras palavras, qual seria o grande perigo, nas representações construídas por Wagley sobre o tema das pesquisas, à existência de uma hegemonia norte-americana?

Ao escrever sobre a ignorância americana do Brasil - e tomaremos suas palavras sobre o Brasil como exemplares em relação à América Latina ao mesmo tempo que paradigmáticas de um comportamento epistemológico - Charles Wagley escolhe para si a figura do amigo que mostra o caminho a seguir. Sua reivindicação da palavra amiga, aparentemente neutra, busca convencer os norte-americanos sobre a tese do investimento de menor risco. Nesse sentido, falará a eles e suas advertências quanto à ignorância americana do Brasil assim foram enunciadas:

Ignorance about Brazil and its significance in the present and in the future on the international scene has become almost danger to our nation. So, I have for many years wanted to write a book that would help explain Brazil to my fellow North Americans. (Wagley, 1963: IX)

A negatividade da ignorância americana sobre o Brasil não está no desconhecimento puro e simples; a falta de conhecimento, em si, não é negativa, ao menos no âmbito da citação acima. O que confere uma negatividade à ignorância do Brasil é o que ela pode representar de perigo para os norte-americanos. Perigo indireto, já que o Brasil era e continua sendo militarmente insignificante quando comparado aos Estados Unidos. Assim, a negatividade atribuída ao

desconhecimento do Brasil, por Wagley, só atingiria sua concretude na "cena internacional" e, portanto, no conjunto de alianças que caracterizaram a Guerra Fria. O que seria perigoso, ou poderia vir a tornar-se, é a saída do Brasil da esfera de influência norte-americana. Seria perigosa a quebra da ordem mundial nascida no pós-guerra. Com a insuspeição que caracteriza um amigo, Wagley diz que é melhor conhecer o Brasil e, por extensão, a América Latina; fazer daquela necessidade de saber um veículo para que a ordem mundial não seja ameaçada e, também, a esfera norte-americana de influência na América Latina.

Na cena internacional, os atores se repartiram em dois blocos a partir de Yalta e é muito bem conhecido o jogo político maniqueísta que se travou desde então até que Gorbachev conseguisse devolver um mínimo de racionalidade ao grande palco da política internacional. Aquele jogo levou os Estados Unidos a reconhecerem a necessidade de reformas sociais, num amplo sentido, na América Latina. Não é demasiado afirmar que se as pesquisas institucionalizadas em programas não eram originariamente reformistas, as informações por ela levantadas serviram para fundamentar um projeto reformista contrário às revoluções sociais no continente. A angústia coletiva ante a possibilidade de revoluções sociais no continente aparece nos textos de Wagley quando ele, por exemplo, tematiza as Ligas Camponesas:

In recent years, still another type of movement has appeared in the arid Northeast. This type is political and economic, but it is nevertheless a reaction to the ill of the physical and social environment. These are the so-called Peasant Leagues, so publicized in the United States in 1960 and 1961.

(Wagley, 1963:50)

Apesar da citação anterior não explicitar, as Ligas Camponesas são percebidas, por Wagley, negativamente. Ele, entretanto, tenta dissimular aquela carga representacional afirmando serem as Ligas uma reação ao ambiente físico e social. Em certo sentido, Wagley as legitima pela subtração de seu conteúdo ideológico. O movimento social fica, então, definido em relação ao ambiente e à natureza portanto. Wagley resolve a angústia de sua sociedade ante os movimentos sociais na América Latina, relacionando-os ao ambiente. Definindo-os como uma reação à natureza ao invés de reconhecê-los como afirmação de uma vontade política.

Se as Ligas Camponesas são ideologicamente desculpadas ao leitor norte-americano e aos colegas acadêmicos de Charles Wagley pelo argumento da reação ao ambiente, o mesmo não acontece com sua principal liderança, Francisco Julião. Wagley desculpa os camponeses, anônimos, mas não perdoa aquele que tem a identidade conferida pela liderança:

Julião has shown irrefutable leftist leanings; he has traveled to China and to Cuba, and he is outspoken in his admiration for Mao Tse-tung and Fidel Castro. The peasant Leagues movement has political implications which have caused considerable concern in the United States. It has been instrumental in calling attention both in Brazil and in the United States to the serious problems of the landless peasants in northeastern Brazil and to the dangers of generalized agrarian unrest or revolution. (Wagley, 1963:50)

Julião e suas "irrefutáveis inclinações esquerdistas", exemplificadas por sua admiração a Mao Tsé-Tung ou Fidel Castro e por suas viagens a países comunistas, compõem uma citação impertinente à imagem liberal de Wagley, uma vez que se assemelham mais a uma ficha policial que a uma

descrição científica. Por outro lado, a citação anterior nos deixa ver, quando relacionado às anteriores, onde o desconhecimento do Brasil poderia levar os Estados Unidos. O que os norte-americanos, aparentemente, ignoravam é que se as reformas sociais não fossem iniciadas, particularmente aquelas que tocassem no "sério problema dos camponeses sem-terra do Nordeste Brasileiro", haveria o perigo de uma generalizada revolução de base agrária com a possível ameaça à influência norte-americana. Wagley tenta mostrar o preço do desconhecimento do Brasil e, por extensão, da América Latina. Para intermediar a superação desse desconhecimento é que os norte-americanos, entre eles Charles Wagley, irão fazer pesquisas e oferecer um papel a elas, atribuir a elas um sentido. Tais pesquisas, substancializadas em programas de cooperação cultural têm por função criar uma alternativa política para o continente. Alternativa à miséria do continente, a base social da revolução, que não se opusesse à hegemonia norte-americana como uma revolução, semelhante a que Mao ou Fidel fizeram respectivamente na China e Cuba, se oporiam.

É claro que sei serem as informações acima veiculadas parte da memória coletiva latino-americana. Entretanto, se a existência dessa memória é certa, não é menos certo que no lugar reservado a estas palavras está a intenção de abordar os condicionamentos mais gerais à percepção que Wagley tem do outro. Como compreender que ele, simultaneamente, ao representar o outro - sejam índios,

caboclos, brasileiros ou latino-americanos- afirme diferenças no plano da descrição mas as reduza a uma iguade sem conteúdo? Parece-me que uma das raízes dessa prática está no imperativo de descrever amigos, outros que se tornarão aliados e compartilharão de um ideal político e civilizatório comum representado, paradigmaticamente, no "american way of life".

Esquerda, camponeses sem terra e revolução são os componentes de uma representação política do mundo e da História. Para neutralizar o perigo real ou simbólico por ela representado, bem como a angústia por ela gerada, às pesquisas coube o papel positivo de gerar saber, produzir o fermento da neutralização acima referida. Assim, nas palavras de Wagley, o Nordeste brasileiro, palco da Ligas Camponesas, doente física e socialmente, poderia tornar-se, como um vírus para um organismo sadio, um perigo. Como escreveu Wagley,

This region [Nordestelhas long been a problem area for Brazil, and is now becoming one for the Western world. (Wagley, 1963: 51)

Os efeitos das pesquisas foram, como se sabe, um pessoal bem treinado, muita informação e monografias a respeito da América Latina. Entretanto é curioso olhar para certos enunciados feitos por Wagley a respeito de um desses programas, a Aliança para o Progresso em sua relação com as elites agrárias e urbanas. Ele diz:

For economic reasons, some leading businessmen and politicians profess to see considerable danger to the country from foreign economic penetration, especially by the United States. They tend to resist tax and agrarian and other measures of reform stipulated in the Alliance for Progress as condition for receipt of United States aid. (Wagley, 1964b: 30)

Como a citação acima expressa, a ajuda norte-americana deveria passar por uma intermediação feita

pelo discurso técnico, por uma neutralidade em que os termos "medidas de reforma" e "razões econômicas" são, na citação acima, testemunhas. Por outro lado, tal intermediação deveria ter como objetivo apagar o temor suscitado pela própria ajuda, o temor da "penetração econômica estrangeira".

Sabendo que tais programas de cooperação e a Aliança para o Progresso, em particular, são acima de tudo um elemento na construção da hegemonia norte-americana no continente, é que Wagley suavizará a intermediação técnica apontando para o componente político da relação, o medo suscitado pela "penetração econômica norte-americana", e para o papel privilegiado que uma aliança com as elites regionais assume nesse processo. Ele escreve:

It should be noted that, for better or worse, given the present power structure of Brazil, the success or failure of the Alliance for Progress depends on the goodwill and cooperation of the upper class. (Wagley, 1962b: 31)

Sem sombra de dúvida e sem hesitação, pode-se dizer que a tarefa científico-política de Charles Wagley na América Latina e, em especial no Brasil, contou com a boa vontade e a cooperação da elite. Boa vontade, cooperação e ajuda norte-americana são, com efeito, complementares; são elementos de uma mesma série política e cultural: a definição de uma ordem política mundial de origem norte-americana pela construção de um mundo melhor. Para Wagley, tal definição seria política e teria no convencimento seu conteúdo. Seria a vitória da boa vontade sobre o conflito e da diplomacia sobre a guerra. Não é desnecessário lembrar que a História, muitas vezes, contrariou seus princípios.

1.1.3 PESQUISAS PARA A SOLIDARIEDADE HEMISFÉRICA

Até agora venho construindo minha narrativa sobre a tematização de alguns elementos da géo-política norte-americana em sua relação com a América Latina e tentando mostrar aquilo que se tornou uma evidência histórica no continente: que as pesquisas norte-americanas na área têm como objetivo fornecer elementos para uma consolidação de uma hegemonia nascida no pós-guerra. Se isto é correto ou ao menos tão óbvio quanto alguns interlocutores tentaram me afirmar no decorrer da pesquisa, então é legítimo, teoricamente, que se postule uma relação entre a percepção que Charles Wagley tem do outro, sua prática da alteridade, e os elementos géo-políticos em questão. Noutras palavras, o que venho tentando fazer é reconstruir o limite máximo, o mais externo, para a experiência de alteridade em Wagley. Limite que tem por conteúdo práticas políticas tomadas num contexto mundial. Ou seja, venho tentando afirmar uma relação entre a construção da hegemonia norte-americana no continente, os problemas que o desconhecimento do outro leva àquela construção e, agora, parece-me ser o momento de trabalhar a questão das pesquisas, de seu papel, veículo ou intermediador privilegiado daquela experiência. Ao menos, é o momento de mostrar como tais pesquisas são representadas por Wagley e por Strickon. Assim, gostaria de completar a série aberta com um registro de leitura que aponte a relação entre os temas anteriores (necessidade de saber e a virtualidade perigosa do desconhecimento da América Latina) e o papel das pesquisas.

No livro *Social Science Research on Latin America*, de 1964, é que estão os principais elementos sobre o papel das pesquisas, pensados sob os registros da aplicabilidade dos estudos, sobre o significado do conhecimento da América Latina para os EUA e sob o registro do papel das pesquisas em si mesmo.

Naquele texto está, também, um importante tema político, simultaneamente demográfico, que os norte-americanos enfrentam na região. É o tema do crescimento populacional, assim representado por Charles Wagley:

Never before has knowledge of Latin American societies been so important to the United States. In Latin America there are over 200 million people in twenty nations. Their numbers increase each year as Latin America undergoes one of the most severe population explosions in the modern world. At the present rate of population growth, there would be 300 million Latin Americans by 1975 and over 600 million by the end of this century - twice as many as North Americans. The future of these Latin American nations and of these rapidly expanding peoples is crucial to our life. (Wagley, 1964:1)

Como se pode ver a partir das palavras acima, uma explosão populacional que levasse a América Latina num, espaço de tempo, relativamente, curto ao dobro da população norte-americana é um evento sociológico, demográfico e político que requer a atenção das pesquisas norte-americanas. Ainda que suavizado pelo uso de uma noção de Demografia como taxa de crescimento populacional, uma explosão populacional é algo que poderia colocar obstáculos, problemas e até mesmo inviabilizar a construção da hegemonia já mencionada. Aquele obstáculo se baseia no fato da hegemonia norte-americana fundamentar-se, positivamente, na extensão do "american way of life". Assim, uma população duas vezes maior que a

norte-americana, sem educação formal e acesso ao consumo num conjunto de sociedades que teriam por paradigma a democracia liberal e de consumo norte-americanas seria um imenso problema. Seria uma espécie de laboratório revolucionário onde os Estados Unidos queriam um laboratório científico.

Entretanto, é a partir dos virtuais perigos implícitos à situação historicamente dada que Wagley retira a positividade do estudo sobre a América Latina. Para ele, conhecer o futuro latino-americano e a rápida expansão populacional é o conteúdo parcial dos estudos sobre o nosso continente. Nessa direção, um acréscimo violento da população torna o processo político imprevisível e o que cumpre, no consenso continental, é evitar revoluções. Cumpre, para Wagley, conhecer as mudanças e ao conhecê-las, predizer o futuro. Sobre isso ele escreveu:

Today, Latin American revolutions are symptoms of profound and rapid social and economic change. (Wagley, 1964:1)

Praticando ou ao menos propondo uma semiologia para o continente (sintomas), Wagley faz uso de uma metáfora orgânica para representar o continente, como se a América Latina fosse um organismo em mudança e em evolução. De qualquer modo, o referente revolução se apresenta na perspectiva das idéias dos enunciados anteriores. Tentando chamar a atenção dos políticos e burocratas de Washington é que Wagley identificará a importância da América Latina à da Ásia, África e Europa:

In many ways, Latin America is no less important to us than Asia, Africa, or even Europe. We should maintain our financial aid and technical assistance programs to the area. We must support those forces in Latin America which promote economic, social and political progress by peaceful and

democratic means. We must work with Latin Americans on their own terms to help them in the education of their people, the training of technicians to build up their industry and exploit their natural resources, and the over-all modernization of their societies. (Wagley, 1964:2)

Sem sombra de dúvida, a melhor maneira para dominar o futuro latino-americano, contornando a severa explosão populacional e seu correlato, os processos revolucionários, é o reconhecimento de que a região é tão importante para os EUA como outra qualquer. Tal reconhecimento leva à atuação na área. Aliás, na citação anterior aparecem as figuras do consenso hemisférico para o qual Charles Wagley acreditou ter contribuído com sua Antropologia Aplicada. Pode-se ver acima as figuras da cooperação, da solidariedade hemisférica e, principalmente, da intervenção em assuntos estrangeiros. Afinal, nada mais eficaz para evitar o caos anunciado na própria palavra explosão do que o apoio às forças políticas comprometidas com reformas, isto é, com mudanças democráticas e pacíficas que levem ao progresso econômico e social. Cooperação, solidariedade, progresso por meios pacíficos e democracia são o modelo norte-americano para o desenvolvimento e a modernização, etnocêntrica por certo, da região.

A cooperação, aliás, como uma figura neutralizada e, ao mesmo tempo dissimuladora, da influência norte-americana na região é objeto de uma citação de Wagley:

In order to cooperate with Latin Americans, we must know what they are like and what social, economic, and political problems they face. Knowledge of Latin American societies should be available to our decision-makers on the many levels of government, of business, and of private foundations. Policy-makers, diplomats, technicians, administrators, and others involved in extending United States cooperation to Latin America should need a thorough grounding in the nature

of Latin American society and culture. (Wagley, 1964: 3)

Dessa forma, o papel das pesquisas é o de abastecer os responsáveis pela política e diplomacia norte-americanas com informações sobre a natureza das sociedades latino-americanas e, assim, possibilitar iniciativas que levem à cooperação inter-hemisférica, condição, por sua vez, para a construção da influência norte-americana na região segundo o programa géo-político do final da segunda guerra mundial.

Para realizar, entretanto, a cooperação e a solidariedade inter-hemisféricas que tipos de pesquisas seriam necessárias? Tal questão será tratada por Wagley na abertura de *Social Science Research on Latin America*. Lá, ele reconhecerá, expressando uma posição comum aos participantes do "meeting" que produziu o livro, a existência de falhas ou descontinuidades nos estudos sobre a América Latina. O uso mesmo da noção de falha já implicaria, uma reflexão ou, modestamente, um comentário acerca da natureza do conhecimento para um grupo de Antropologia Aplicada na sociedade norte-americana. Ao reconhecer a descontinuidade, Wagley nos transmite uma imagem evolutiva do conhecimento, bem como revela o quanto uma falta como o desconhecimento pode ser geradora de pesquisas.

Wagley deseja indicar possibilidades aos pesquisadores. Temas que levem a pesquisas "sérias e objetivas". Seriedade intelectual e objetividade são, com efeito, valores científicos para Wagley e seu grupo. No interior da seriedade e objetividade, o papel das pesquisas é

obturar ou suturar os desconhecimentos e as falhas através do estudo empírico. Na totalidade, a citação diz que,

There are important gaps in our knowledge of Latin America in all the Social Sciences, and in some disciplines serious and objective research has just now begun. Each of the chapters in this volume attempts in part to indicate the possibilities and the needs of a particular discipline. It would be repetitious to describe these possibilities and needs. Yet, there are a group of research topics and fields which were singled out repeatedly by the various panels. Some of them lend themselves to study by several disciplines, while others actually demand interdisciplinary research. The very fact that these topics and fields of inquiry were mentioned by scholars in various disciplines indicates their high priority in Latin American studies. (Wagley, 1964:19)

Com a função de preparar intervenções políticas e diplomáticas que levassem à cooperação e à construção da influência norte-americanas no continente, Wagley inventaria, no duplo sentido, os temas a serem pesquisados. Para entendê-los é interessante relembrar os fins que a géo-política e as pesquisas norte-americanas se propõem bem como o quadro de referências políticas de que se utilizam para a consecução daqueles fins.

Para cumprir o papel que Wagley reserva às pesquisas, alguns temas teriam de ser, necessariamente, abordados em detrimento de outros. Ou seja, o conjunto de questões que, para ele, mereceriam os esforços e a atenção epistemológicos, são os mesmos que fundamentam as figuras positivas do entendimento simpático, da solidariedade inter-hemisférica e da cooperação. O que desejo dizer é que a ligação entre construção de uma influência que leve a resultados políticos concretos, as reformas sociais com vistas a impedir o caos simbolizado por revoluções, e as pesquisas, passa pela constituição de uma agenda epistemológica, um grupo

de problematizações que, sem nos levar a uma relação mecânica entre o conteúdo das pesquisas e seu contexto sociológico, nos informam e explicam os caminhos pelos quais as pesquisas poderiam se atualizar em elementos políticos concretos, deixando que a virtualidade de seu papel se realize na concretude dos temas. Assim, mais do que decompor a agenda epistemológica proposta por Wagley, tomá-la em seus elementos constituintes mínimos, gostaria de explicitar alguns de seus elementos, apontando seus nexos com o papel de produção de informações para a realização de políticas que objetivassem a cooperação, o consenso e as reformas por meios pacíficos e democráticos, valores num programa político que sustenta a atuação de Charles Wagley como antropólogo. Poderia arriscar dizer que para ele importou muito mais transformar e organizar sociedades do que especular sobre elas.

O grupo de temas a que me referi aparece no texto *Social Science Research on Latin America*. Para Wagley, *Whithout any attempt to stablish relative priority or to be exhaustive, some of these areas of research are listed below. Studies were recommended in the following areas:*

1. Land tenure systems.
2. Power structures at all levels of Latin American societies.
3. The ideology, changing compositions, and role of elite groups in individual countries.
4. The dimensions, ideology, and role of the middle sectors of one or more Latin American societies.
5. The role of education in political and economic modernization.
6. The process of decision-making in various Latin American contexts.
7. Nationalism in its various forms.
8. The process of political socialization, including the assimilation of Indians and peasants into a dominant national society.
9. New groups, such as Protestant sects, voluntary organizations, and interest groups, which are appearing in Latin American societies.
10. Latin American political parties in one country.

11. Latin American revolutions.
12. Large agricultural establishments such as haciendas, plantations, and estancias.
13. The rapid process of urbanization and of rural-urban migration.
14. Inflation and social tensions engendered by it.
15. The "dual" economies of many Latin American nations.
16. The processes at work and the trends in Latin American demographic growth.
17. Latin America national character and national self-images.
18. The economic balance between various sectors of the Latin American economies (for example, industry versus agriculture). (Wagley, 1964:19-20)

A leitura da lista acima mostra que importante para Wagley, com vistas a uma política da boa vizinhança, era tematizar questões sociológicas e de Ciência Política, afirmando, com algum exagero, uma diferença entre ele e os antropólogos que, classicamente, trabalharam questões como a dos universos simbólicos, do parentesco, entre tantas que são reconhecidas como próprias à disciplina. Abstenho-me de comentar a lista acima porque, me parece, seja ela eloquente em relação ao papel das pesquisas na construção da influência norte-americana na região. Uma simples revista nos permite ver a pertinência de temas como os conflitos, a ideologia e o processo de produção das decisões. Entretanto, minha intenção ao expor a lista acima foi comprovar a partir dos próprios textos de Wagley, a afirmação de que as pesquisas norte-americanas no continente expressam a preocupação política da hegemonia e que é neste quadro onde Wagley projetará sua atividade profissional e a experiência de alteridade que o definem como antropólogo.

A eficácia quanto ao papel das pesquisas não se realiza apenas pelo conjunto de temas escolhidos para objeto, pela sua semântica. Além das problematizações corresponderem

aos temas do conflito, da tomada de decisão, da propriedade da terra, enfim, de temas que possam oferecer uma perspectiva ao pesquisador da direção do processo social e de suas mudanças, a garantia de que elas serviriam para a consolidação de uma cooperação inter-hemisférica, de um entendimento simpático, está em seu destino, a quem os pesquisadores escrevem. Charles Wagley sabia que a eficiência política das pesquisas não derivava apenas de sua capacidade heurística, mas, principalmente, da capacidade que elas teriam em sensibilizar formuladores da política e diplomacia norte-americanas. A esse respeito escreveu Wagley:

The makers of U.S. policy toward Brazil as well as those who work face to face with Brazilian problems must understand the process, the trends, and the full import of the Brazilian Revolution. Policy toward any country must be based on awareness of dynamic trends and new forces, and this is especially true of Brazil. From the turn of the century, and especially since 1930, Brazilian society has changed profoundly, and this revolution has not yet come to an end. In fact, it is only now in full swing and the changes in the next two decades will surely be more drastic than those of the recent past. (Wagley, 1960:227)

Embora o trecho acima se refira especificamente ao Brasil, parece-me verdadeiro que o seu espírito se adicione aos elementos que venho agregando no sentido de substantivar o papel das pesquisas. Na citação acima, Wagley começa por afirmar um de seus principais valores, o entendimento. Ao se dirigir aos formuladores da política norte-americana perora a eles que entendam sua verdade científica. Wagley não os ameaça ou impõe seu discurso, antes convoca seus interlocutores, no espaço do trecho acima citado, a entender, isto é, a deixar-se levar por essa virtude humanista que traria no devir da aceitação a verdade sociológica das tendências, processos e do

"awareness of dynamics trends and new forces". Ou seja, quer por prática de um princípio democrático ou por habilidade na relação com o outro (Wagley possuiu ambas) a eficácia do papel das pesquisas supõe a conversão de políticos, burocratas e diplomatas ao ideal científico. Entre muitas leituras que a citação acima comporta, uma é aquela onde se vê o messianismo científico correlato ao tipo de empresa científica onde Wagley se inscreve, ser por ele atualizado.

Um exemplo do que as pesquisas norte-americanas representaram pode ser registrado a partir do Projeto Vicos, paradigmático de todo um processo do encontro entre duas culturas e paradigmático, também, dos programas de cooperação e pesquisa. Sobre ele Strickon escreveu:

One of the most significant anthropological efforts in Peru is the Vicos Project sponsored by Cornell University with the cooperation of Peruvian government. The project was directed by Holmberg. The Vicos Project was an attempt to restructure a Peruvian Indian Hacienda community from a position of semiserfdom into a functioning part of the national society. This project represents perhaps the most intensive effort ever made by applied anthropology on the community level. (Strickon, A. em Wagley, 1964:145)

Como se pode ver a partir da citação acima, o Projeto Vicos é, na perspectiva de Strickon, duplamente positivo. É positivo em seu conteúdo, na medida em que é reconhecido pelo autor como um dos mais significativos esforços antropológicos ou como representando o mais intensivo esforço já feito em antropologia aplicada. Ou seja, para Strickon, o Projeto Vicos é um sucesso no campo da disciplina como um todo e numa de suas especializações, a antropologia aplicada. Por outro lado, ele é positivo porque pretende integrar os vicosinos como parte funcional da sociedade

nacional. Muita coisa poderia ser lida sob a noção de integração funcional. Limitar-me-ei a lembrar a imagem de consenso forçado, feito sobre identidades e diferenças que ele evoca. Por outro lado para deslegitimar a comunidade vicosina, Strickon atribui a ela uma posição de semi-servidão. Ou seja, parece-me que a questão relevante aí é a da impossibilidade de existência de uma comunidade fora dos padrões de sociedade, do paradigma cultural e civilizatório norte-americano. A que corresponderia essa alegada semi-servidão? E os vicosinos também assim o considerariam? O que importou, aparentemente, foi atribuir uma qualidade negativa à comunidade para fazer dela parte da sociedade nacional do Peru. É irônica ou, talvez, trágica a maneira desencarnada, sem aparente perspectiva política que Strickon irá falar em cooperação do governo peruano - o que nos faz voltar ao tema da responsabilidade política das elites no processo de modelização do continente - e na "sustentação" dada por Cornell. Num outro momento do seu comentário sobre o Projeto Vicos, Strickon nos revela o que, positivamente, desejavam os norte-americanos, qual era a perspectiva do projeto: definir mudanças. Tal perspectiva de atuação nas mudanças, de integração funcional (algo como uma síntese entre aquilo que é universal e o que é particular, respectivamente sociedade nacional e comunidade) ganham sentido quando lembramos que acontecem num quadro de instrumentalização das pesquisas com vistas à superação do desconhecimento em relação ao continente e, por conseguinte, a realização científica da influência

norte-americana. Numa outra perspectiva é interessante ver como Strickon atribui o papel de motivar os vicosinos aos norte-americanos. Os mesmos que sustentaram as pesquisas, gostariam, então, de motivar os vicosinos a tornarem-se consumidores, talvez, cidadãos e, assim deixar seu estado de semi-servidão. Ele escreve:

Following this it was necessary to introduce the changes or, more accurately, to motivate the Vicosinos to do so and then to learn whar impact these changes had on the community. (Strickon, A. em Wagley, 1964:145)

Como na intervenção política o que é relevante é a pragmática, não nos é estranho perceber como Strickon reproduz a etnografia do projeto:

In this attempt to apply anthropological and other social science theories, techniques, philosophy, and values to practical application, many problems had to be faced in practice which normally would have been only analytical. The relations of the Indian community to the national upper-class groups which had originally owned the hacienda that Cornell took over had to be described and analyzed. Relations within the community, within the neighborhood, and to the national state had to be plotted. The meaning of all this in terms of the behavior and expectations of the Vicosinos themselves had to be determined. (Strickon, A. em Wagley, 1964:145)

Assim, parece-me que o condicionante mais geral à experiência da alteridade em Charles Wagley foi o quadro géo-político onde ele experimentou o encontro com o outro. Ou seja, seu limite no reconhecimento das diferenças é determinado por um conjunto de figuras e temas políticos pertinentes ao universo das relações internacionais nascidos no pós-guerra. Se isto representa, para muitos uma obviedade e para todos um consenso, procurei registrar descritivamente tal obviedade para permitir minha definição do tema desta tese, os registros da experiência de alteridade em Charles Wagley.

2. O IDEAL NORTE-AMERICANO

1.2.1. QUEM FALA EM LIBERDADE E DEMOCRACIA?

No primeiro item deste capítulo, procurei estabelecer minha narrativa a partir de três temas do trabalho antropológico de Charles Wagley. No início, procurei registrar nos textos de Wagley, Strickon e Karst os interesses norte-americanos. Em seguida, procurei falar do virtual perigo àqueles interesses, o desconhecimento da América Latina. Por último, tentei atribuir um papel às pesquisas norte-americanas em ciências sociais. Isto é, a promoção, através da produção de informações, das bases para a construção da influência norte-americana na região e de um consenso inter-hemisférico firmado a partir de valores como cooperação e o entendimento simpático. Ou seja, o quadro que procurei traçar no item anterior descreve os limites mais gerais do trabalho científico de Wagley. O meu ponto aqui é a afirmação de que aqueles limites condicionam sua relação com o outro, definindo, a partir de contornos sociológicos, a experiência de alteridade vivida por Wagley. Pode-se dizer, também, que o universo onde se situam aqueles limites temáticos é de natureza eminentemente política e sua atualização se inscreve na minha tentativa de começar a construção do objeto desta dissertação pelos contornos mais externos.

Neste item, gostaria de continuar dialogando com o universo político de Wagley e trazer, assim, mais elementos no sentido de caracterizar com eficiência os parâmetros gerais e os elementos mais externos do contexto do seu trabalho científico. As palavras anteriores têm por função neutralizar

o sentimento de fragmentação que, por (des)ventura, a minha abordagem um tanto impressionista daqueles limites possa causar ao leitor. Poderia ser-me dito que a eleição e o detalhamento de algumas questões seriam mais promissores epistemologicamente. A isso responderia que a construção da narrativa que proponho obedece aos objetivos de abordar e registrar os elementos mais gerais ao campo histórico onde a experiência e a representação do outro foram vividas por Charles Wagley. Ou seja, minha abordagem do universo político de Wagley tem apenas e exclusivamente o caráter de aproximação à dimensão principal de minha leitura de seus textos, a questão do outro. Assim, minha intenção, nesse capítulo, é registrar uma evidência da obra de Wagley: a intersecção entre uma série de temas políticos e uma série de temas epistemológicos. Essa intersecção é que, me parece, representa o horizonte da experiência do outro para o antropólogo norte-americano.

As considerações feitas no parágrafo anterior me permitem, então, trazer para o espaço dessa narrativa, outros elementos de natureza política que compõem o horizonte existencial e epistemológico que venho tentando estabelecer. Trazer aqueles elementos, enunciados e representações, significa identificá-las e reuni-las num novo conjunto, a narrativa. Para começar parece-me importante registrar de que maneira Charles Wagley foi representado pelas elites locais. Ou seja, caberia perguntar de que maneira Charles Wagley era visto por seus amigos do hemisfério? Que idéias faziam dele?

Sai que a resposta às perguntas anteriores mereceria, por si só, uma dissertação. Sua construção teria que considerar os diversos grupos com os quais ele interagiu ou dialogou, implicando um recorte, simultaneamente, sociológico e histórico. Ou seja, teríamos que considerar ser a maneira como Wagley foi visto no início de sua carreira pela elite carioca diferente da visão, por exemplo, da elite paraense que colaborou para *Amazon Town: a study of man in the tropics* de 1953. Ou, ainda, o modo como ele foi representado pelos chimaltecos difere daquele feito pelos Tapirapé. Sendo assim e fazendo uso da eventual abordagem impressionista, que me permite apontar questões e me manter no plano do enunciado, gostaria de trazer a maneira como Wagley foi representado por Adolfo Molina Orantes encarregado de prefaciar seu estudo sobre Santiago Chimaltenango. Ele escreveu:

El autor de este estudio es el doctor Charles Wagley, personalidad bien conocida en el mundo de las disciplinas sociales, en las que ha descollado por sus acuciosos estudios sobre antropología social realizados en varios países de la América Latina, especialmente en el Brasil. (Orantes, A.M. em Wagley, 1957: X)

O quadro onde Molina Orantes define Wagley é dominado pela preocupação com a autoridade. A autoridade de Wagley como cientista social é para Molina Orantes o ponto de fuga e, conseqüentemente, a perspectiva para a qual se desenvolve o enunciado. Tal autoridade, expressa no enunciado citado através da figura da personalidade bem conhecida no mundo das disciplinas sociais, tem uma história e confunde-se com o renome de Wagley. Por outro lado, é preciso afirmar a identificação entre autoridade e competência, como o

demonstram seus "acuciosos" estudos ao redor do mundo. Ou seja, a apresentação que Molina Orantes faz de Wagley ao leitor de *Santiago Chimaltenango*, oferece alguns referentes do universo onde a construção da influência norte-americana no continente aconteceu. No centro desses referentes está a fórmula da legitimidade para a intervenção na realidade latino-americana: autoridade fundada na competência. Esta fórmula é aquela mesma que, para Wagley, adquire a dimensão de um entendimento simpático e de cooperação. Como se sabe, por outro lado, autoridade, competência e intervenção emprestam uma conotação tecnocrática e administrativa ao trabalho de Wagley. É assim que, entre muitas leituras que o trabalho antropológico de Wagley comporta, está aquela onde ele aparece como um técnico da cultura. A linhagem que ele fundou, os antropólogos aplicados, são, em extensão, os herdeiros desse horizonte caracterizado pela intersecção entre política e cultura, por um lado, e pela instrumentalização da cultura, por outro. Contra a instrumentalização anteriormente mencionada poderá se lembrar o empobrecimento intelectual e teórico que a ênfase nos domínios aplicados da disciplina traz. Wagley, entretanto, se pudesse, responderia que tal empobrecimento é um falso problema na medida em que o importante é cumprir a tarefa histórica das mudanças por meios pacíficos e democráticos, a mudança da realidade com vistas ao bem estar do homem, combinando tecnocracia e humanismo na afirmação da influência norte-americana na região.

Sobre o trabalho de Wagley, Molina Orantes diz:
El trabajo del doctor Wagley contiene un analisis de los

aspectos antropológicos y sociales de una pequeña comunidad indígena, Santiago Chimaltenango, (...). Aun para los no versados en los métodos y las técnicas de las ciencias sociales, esta monografía ofrece un valioso acopio de elementos informativos que pueden ser de gran provecho, no sólo para la especulación académica, sino para orientación de los programas locales de desarrollo y mejoramiento social patrocinados por el Gobierno u otras instituciones. (Orantes, A.M. em Wagley, 1957: X)

Fica claro o elemento que deve ser evitado na construção do consenso inter-hemisférico, a especulação. Especular é, para os autores do universo teórico e político comprometido com a géo-política norte-americana, uma prática dúbia, que colore com tintas de impotência aquele que a usa. Com efeito, a especulação e o questionamento são perigosos para o ideal de uma grande família americana com os Estados Unidos no papel central, de ponto de equilíbrio e coordenação de um consenso inter-hemisférico e, capilarmente, construído a partir de cada república americana. Nesse sentido de capilaridade a que me refiro, é que o enunciado citado toma a integração social na Guatemala. Ou seja, tematiza o movimento de assimilação de populações indígenas à sociedade nacional, tal, como em outra ocasião, o fez o Projeto Vicos no Perú. Tudo se passa como se um conflito regional pudesse colocar em risco a ordem hemisférica, a partir dessa mesma capilaridade necessária ao consenso que me referi anteriormente. Nessa perspectiva, as integrações ou consensos regionais precedem a integração hemisférica. No plano do enunciado, além de representar um elemento político, a descrição feita por Molina Orantes do trabalho de Wagley aponta sua principal característica, a ênfase no trabalho prático voltado à superação de conflitos que é fonte de toda a autoridade

acadêmico-política conseguida por ele.

Uma outra dimensão do tema da autoridade é a prática do treinamento de novos alunos. Como se sabe, aquele a quem se atribui um saber se delega a autorização a socializar os conhecimentos, ensiná-los e a treinar aspirantes. No Brasil, foi o Museu Nacional que serviu de espaço para Wagley realizar a virtualidade contida na fórmula que relaciona saber, autoridade e formação de novos quadros acadêmicos, como atesta um trecho de um relatório anônimo da Divisão de Antropologia e Etnografia do Museu Nacional, provavelmente datado na década de 30:

(...), aproveitando a estada de Charles Wagley, antropólogo de Columbia (U.S.A), entre os índios Tapirapé, de Mato Grosso, o D.A.E. fez com que, em 1940, se reunissem a esse pesquisador dois estudantes que frequentavam a Divisão havia meses. Visava-se dar início a um programa de treinamento em pesquisa de campo para iniciantes em antropologia. (anônimo, s/d:2)

Assim, o que me parece importante afirmar é que a eficácia das pesquisas, quanto ao seu papel no jogo géo-político norte-americano, é correlata à totemização daquele que a faz, sobretudo pela atribuição de uma dimensão pedagógica ao processo de construção de sua autoridade. Desta forma, a autoridade fundada na competência permitiu que Wagley

Sei o quanto usar um texto anônimo e sem data, não-referenciado portanto, pode enfraquecer uma abordagem intelectual e acadêmica da questão em foco. Sei, também, que o uso de um texto nas características acima pode implicar um certo mal estar do leitor, uma sensação de que o autor da dissertação não reconheceu o direito que o leitor de uma dissertação tem conhecer as fontes e poderá, então, perguntar-se pela origem de tal procedimento, pelo porquê de tal escolha e de tal prática heterodoxamente acadêmica. Pois bem! Que o leitor fique descansado quanto ao ponto em questão dado que tal fragmento de texto foi conseguido no Rio de Janeiro com o Prof. Mércio Gomes e que seu uso se deve à congruência de suas significações com os objetivos perseguidos pelo autor na narrativa.

interviesse na realidade, propondo soluções para problemas que obstassem a realização da influência norte-americana na região. Por outro lado, permitiu treinar alunos, socializando-os numa perspectiva aplicada de pesquisa como condição epistemológica à integração inter-americana. No Brasil, lembraria a quantidade de pesquisadores que foi treinada por Wagley. Entre eles, Eduardo Galvão, Samuel e Elisa Sá e Mércio Gomes. Poderia citar, também, aqueles que vieram no Projeto Bahia-Columbia, Bill Hutchinson, Marvin Harris, Lincoln Allison Pope, entre tantos.²

No interior das pesquisas como *a priori* epistemológico à construção da influência norte-americana, a competência daquele que a pratica é fundamental para o bom êxito que a missão etnocentricamente civilizatória implícita à americanização das sociedades latino-americanas requer. Nesse exercício de redenção civilizatória que se constituiu historicamente a prática profissional e disciplinar de Wagley, um ponto central é, com efeito, o conjunto de representações políticas que o constituíram, seu ideário político. Nele, pode-se ver um dos elementos fundantes da retórica da integração onde a liberdade aparece como um valor universal e um veículo de aproximação cultural entre as Américas, um princípio político gerador da integração desejada.

Num texto escrito em 1956 para a comemoração do bi-centenário da Universidade de Columbia, *Barreiras à Educação nas Américas*, Wagley expôs com absoluta clareza esse

² No capítulo 4 da parte A da dissertação, há um registro dos pesquisadores do Bahia-Columbia.

elemento de seu universo político:

Através das Américas, temos apregoado o ideal da igualdade, da dignidade humana, dos direitos inalienáveis de todos os homens à justiça, à liberdade da palavra e de opinião política, à liberdade de culto e religião, à educação e à busca de conhecimentos. (Wagley, 1956:13)

Wagley afirma a igualdade, a dignidade e os direitos que, além de se mostrarem como valores de seu universo político, deixam antever um modelo de sociedade baseado na cidadania, na justiça de oportunidades e na mobilidade social e, também, na circulação das idéias em suas diferentes formas. Sociedade onde a busca de conhecimento empresta um sentido filosófico e reforça a cidadania. Por outro lado, ainda, a ênfase na educação deixa antever uma das regiões de pesquisa mais importantes ao projeto géo-político, na medida em que apenas ela poderia, na visão de Wagley, levar a mudanças sociais de caráter pacífico e democrático, que enfatizassem a cidadania como prática central: reformas que a sociedade brasileira se coloca ainda hoje. Isto não elide a utilidade, àquela altura, da democracia e da educação como meios indispensáveis ao "simpático entendimento" entre as repúblicas americanas, prelúdio ao consenso inter-americano.

Na figura de cientista competente - aquele que recebeu da sua sociedade o conhecimento e as verbas para produzir as informações necessárias à integração e ao consenso sobre uma base de igualdade - Wagley problematizará as barreiras ao ideal americano. Ele diz:

Neste trabalho, pretendo discutir a maneira pela qual essas barreiras impediram a plena realização dos direitos inalienáveis de todos os homens à educação e à busca do saber, o que constitui senão um dos aspectos importantes do grande ideal americano, de democracia social, econômica e política. (Wagley, 1956:14)

Assim, no texto ora em questão, Wagley irá mostrar como as desigualdades de classe para as sociedades latino-americanas e as de raça, para a norte-americana, constituem obstáculos à cidadania e à concretização do modelo de sociedade que o ideal americano encerra, obstáculos à sociedade democrática. No final do enunciado citado, Wagley afirma alguns elementos do modelo implícito de sociedade ao processo de construção da influência norte-americana: uma democracia social, econômica e política. A liberdade como um valor universal, a democracia como a supressão dos conflitos (étnicos ou de classe) e a cidadania através da Educação são elementos do modelo de sociedade correlato à missão civilizatória que Wagley exerceu.

Neste item, procurei trazer alguns elementos do universo político de Wagley. Sua participação foi condicionada pela construção da hegemonia norte-americana no continente, representada como um movimento de integração hemisférica das repúblicas americanas a partir do consenso construído em cada república. Por outro lado, tal hegemonia deveria estar alinhada a mudanças sociais de caráter pacífico (reformas) mas autoritários, na medida em que não são a simples superação das desigualdades, mas uma luta contra as diferenças. Como modelo de sociedade está, obviamente, a norte-americana, caracterizando a dimensão etnocêntrica do consenso. À pesquisa, por sua vez, caberia conhecer as sociedades latino-americanas, fora dos quadros de qualquer especulação acadêmica, e fornecer elementos aos políticos para as

iniciativas pertinentes ao projeto afirmado, principalmente, a partir do fim da segunda guerra mundial.

I.2.2 O CONSENSO EM TODA A PARTE

Convém explorarmos um pouco mais o texto de 1956, *Barreiras à Educação nas Américas*. Escrito com a finalidade de expor as principais origens, na visão de Wagley, dos conflitos que poderiam ameaçar o ideal americano e, por conseguinte, neutralizar o projeto de uma ordem hemisférica continental sob a égide norte-americana, o texto tematiza o mito e o dilema norte-americanos:

Paralelamente a seu sistema racial de castas, os Estados Unidos têm alimentado o ideal de que "todos os homens são iguais" e fez da história da "Cabana de Madeira para a Casa Branca", que sugere a extensão de oportunidades iguais para todos, apesar das diferenças de posição social e econômica, um mito nacional. Este paradoxo foi denominado por Gunnar Myrdal, em sua brilhante análise das relações raciais nos Estados Unidos, o "Dilema Americano". Nesse livro diz ele: "O negro da América (i.e. dos Estados Unidos) não possui os direitos civis e políticos elementares da democracia formal, inclusive uma oportunidade mínima para ganhar a vida, sobre a qual já se chegou a um acordo geral na época em que primeiro tomou forma o Credo Americano. Esse anacronismo constitui o problema atual tanto dos brancos como dos negros". (Wagley, 1956:21)

A citação acima aponta outras características do modelo de sociedade no qual o consenso inter-hemisférico deveria se fundar. Pode-se ver que, primeiramente, seria necessário neutralizar os focos de conflito nos EUA. Em outras palavras, poderíamos dizer que a construção da hegemonia não supõe apenas um consenso inter-hemisférico, mas um consenso interno à sociedade norte-americana também. Será nesse sentido que, citando Gunnar Myrdal, Wagley trará para seus leitores a posição de que seria necessário aos EUA superar um dilema que consiste, exatamente, na retórica da igualdade ao lado de um

sistema racial de castas associado à diferenças de posição social e econômica que colocaria o negro fora do "american way of life". Se enfatizarmos o significante mais que o significado poderemos então concluir que Wagley expressa uma tensão entre igualdade e diferença, consenso e conflito que tem sua correspondência histórica naquilo que poderíamos chamar o esforço pela ordem ou a luta contra a anomia. Há, em Wagley, toda uma série de significantes negativos e, entre eles, está a palavra diferença. Parece-me que aí podemos encontrar o nexó entre uma situação histórica e o conteúdo da relação de alteridade em Wagley. Isto é, parece-me pouco provável que alguém que tenha sido, por uma injunção histórica, levado a significar negativamente a diferença possa manifestar diante do outro algo mais que uma compaixão humanista. Longe de se tratar de uma crítica a Wagley, minhas afirmações acima são o reconhecimento das representações sobre os sujeitos, dos discursos sobre os atores.

Por outro lado, em que consiste a igualdade que serve como parâmetro para a construção do consenso? Consiste, primeiramente, numa superação das diferenças tomadas como ilegítimas porque colocam em risco o projeto norte-americano de hegemonia. Em segundo lugar, tal igualdade, admitida como um mito norte-americano, é pensada como uma extensão de oportunidade para todos, situando-se no plano da cidadania. Que a igualdade de direitos e de oportunidades fundamenta uma concepção liberal de cidadania não há dúvida. Entretanto, em Wagley, a noção de igualdade é, também, uma forma de

neutralização de conflitos que nos EUA assumem uma face étnica. Igualdade, democracia formal, cidadania, oportunidades, entre tantos, são valores definidores primeiramente, do tipo de sociedade que os norte-americanos reservaram, em seu projeto, para a América Latina.

A negação do ideal americano que em Wagley implica a negação da hegemonia norte-americana na medida em que coloca em causa o centro mesmo daquele consenso, uma integração fundada na neutralização de diferenças através de uma igualdade abstrata e induzida, também ocupou sua atenção no texto de 1956:

A discriminação baseada nas diferenças de classe sócio-econômica contribui em quase toda a América Latina para impedir a realização do ideal americano. (Wagley, 1956:18)

Wagley, na citação anterior, toma o efeito pela causa ao colocar a discriminação como a antítese do ideal americano. Não é a discriminação a antítese e sim as desigualdades sociais que são correlatas a ela. Ou seja, não seria acabando, apenas, com a discriminação que o ideal americano poderia se realizar, mas, fundamentalmente com as desigualdades que a engendram. São as desigualdades que impedem a extensão de oportunidades. A própria existência de uma sociedade de classes representa, em si, a negação do ideal americano.

Para fundamentar empiricamente a quase necessidade histórica com que Wagley via a construção da hegemonia norte-americana no continente, ele irá buscar um "exemplo" de como o ideal americano de igualdade política e econômica se apresentava aos amazônidas. É curioso ver como

Wagley atribui ao outro, a partir de uma intermediação científica, uma necessidade que ao outro é, ao menos em princípio, totalmente estranha. Certo é que Wagley move-se num universo tradicionalmente científico de predominância do ver sobre o ouvir, isto é, a Wagley restaria dizer como tantos antropólogos antes dele fizeram "é assim porque eu estive lá e vi". Ou seja, o chamado realismo etnográfico. Ele escreve:

A gente na Amazônia deseja ardentemente melhorar sua vida material, mas deseja ainda mais prestígio e consideração de seus semelhantes, o que encontra quando patrocina uma festa religiosa ou quando são os anfitriões numa festa de aniversário em que recebem parentes e amigos. Trabalharão com mais afinco para ganhar dinheiro com essa finalidade do que para satisfazer suas necessidades mínimas. As melhorias materiais, tais como rádios, aparelhos elétricos, ferramentas agrícolas mecânicas, roupas baratas e alimentos importados, geralmente são inexistentes nas zonas rurais da Amazônia ou, quando são encontradas, estão além das posses do povo; por conseguinte, tais melhorias pouco incentivo oferecem. (Wagley, 1953: 291)

Wagley não poderia ter sido mais eloquente na evidenciação de elementos constituintes do ideal de sociedade baseada na iguladade que teria por finalidade ser um programa cultural e político investidos da categoria de condições de possibilidade para a afirmação da hegemonia buscada. Contra a situação histórica dos habitantes da região representadas pela expressão "posses do povo", Wagley opõe supostos desejos daquela população. Tais desejos, seus objetos ao menos, nada mais são que a "melhoria da vida material", "prestígio e consideração" e produção representada na citação pela expressão "trabalharão com afinco". Ora consumo, prestígio e produção seriam, àquela altura, elementos externos ao sistema cultural amazônico. O que cumpria era, então, acrescentar estes elementos ao sistema. Wagley está propondo um choque

cultural que levasse a valores próprios ao "american way of life", no mesma linha de conteúdo que o fizeram vários projetos e programas posteriormente, entre eles o Projeto Vicos no Perú. Parece-me ficar clara a conexão entre as pesquisas, seu papel, e o processo géo-político de construção de uma solidariedade inter-hemisférica não apenas lastreada em mecanismos formais que passassem por instituições continentais, mas uma construção da hegemonia em sentido gramsciano, uma organização dos amigos a partir de seus elementos culturais. Será nessa esteira que poderemos compreender uma espécie de cartografia da miséria enunciada por Wagley em *Amazon Town: a study of man in the tropics* de 1953. Para compreender tal cartografia, seria preciso aceitar que a miséria e suas potencialidades revolucionárias representariam uma ameaça à hegemonia norte-americana, ao ideal americano. Os conflitos ligados à miséria são os mesmos que nos enunciados de *Barreiras à Educação nas Américas* aparecem como diferenças de posição social e econômica. Para Wagley, as zonas tropicais e semi-tropicais não deteriam o monopólio da miséria, entretanto estariam entre as "mais retardadas" do ponto de vista econômico e com um clima "menos favorável ao homem". Quase resvalando para a argumentação de determinismo geográfico de que E. Huntington com seu livro *Civilization and Climate* foi a proeminência, pela associação e, conseqüente sugestão, de uma relação entre clima e estado cultura, Wagley escreve:

A maioria das áreas sub-desenvolvidas está situada nas zonas tropicais e semi-tropicais, embora, é claro, os trópicos não detenham o monopólio da miséria. Mas as regiões tropicais da

África, Ásia, das Ilhas do Pacífico, do Oriente Médio e das Américas, são em geral as mais retardadas do ponto de vista econômico. E são, sobretudo as zonas tropicais, quentes e úmidas, como as da África Equatorial, da Bacia Amazônica e da Nova Guiné que, em contraste com as zonas tropicais quentes, mas áridas, têm proporcionado até o presente, o clima menos favorável ao homem. (Wagley, 1953:19)

Mas Wagley, com um forte sentido de pioneirismo, irá conceder ao Vale Amazônico o "status" de fronteira de recursos inexplorados e conflitos. Região ideal para colonizações num duplo sentido, o geográfico e o político-cultural. Assim, escreve ele:

Essas áreas tropicais menos populosas, como o Vale da Amazônia, são, na realidade, fronteiras. Atraem nosso interesse, não só pela luta dos povos que as habitam, como também por seus recursos inexplorados, suas terras ainda virgens, e o potencial que encerram futuras colonizações. (Wagley, 1953:19)

Na citação acima, pode-se ver que o projeto de hegemonização era um referente de época e uma ação politicamente organizada aos detalhes.

Com os parágrafos anteriores, gostaria de haver avançado no sentido da reconstrução de um perfil do conjunto de valores através dos quais a hegemonia norte-americana se processou. Gostaria, no próximo sub-ítem, de buscar uma reconstituição da perspectiva política de Wagley que, suponho, poderá mostrar o sentido imediato do processo de hegemonia, o que ele visava.

1.2.3 UMA CENA POLÍTICA DO BRASIL

Nesse sub-ítem, gostaria de comentar alguns enunciados feitos por Wagley sobre a política brasileira num de seus principais momentos recentes, a interrupção constitucional de 1964. Para tanto, utilizarei o texto *Brazil: crisis and change*. Escrito para o Departamento de Estado, o

texto se mostra informativo mais que analítico e tem por finalidade colocar diplomatas e políticos de Washington informados sobre o Brasil. No trecho que selecionei, Wagley comentará "importantes figuras" políticas do Brasil. Ao comentá-las, entretanto, Wagley sugere uma perspectiva política própria cuja leitura tem por finalidade registrar o grau de comprometimento do autor ao projeto de uma solidariedade inter-hemisférica, assim como a sua não hesitação quanto ao lado a tomar.

Para comentar algumas "importantes figuras", Wagley não deixará o lugar de cientista, não abandonará a busca da neutralidade. Esta, aliás, é um elemento na estratégia do comentário, oferecendo a ele uma maior solidez na medida em que retira, aparentemente, o autor do jogo político que ele pretende descrever. Nesse sentido, ele aparece como alguém que descreve a "cena política brasileira". Aliás, essa metáfora teatral marcará todo o comentário, atribuirá seu sentido. Na busca do "entendimento" do teatro político brasileiro - e teatro num duplo sentido: primeiro pela possível aproximação do processo político àquela manifestação estética e, em segundo lugar, teatro como representação. Esta como um jogo de papéis mas, também, como a dimensão virtual da realidade, uma vez que esta havia sido quebrada pela força. Assim, não poderia ser outra a metáfora que anima o comentário. Está condicionada pelo imperativo, em Wagley, de dizer a verdade. Este imperativo aponta para uma inserção no plano do enunciado, da verdade histórica do golpe - cabe a

Wagley dizer algumas "palavras" sobre personagens importantes e tudo para "entender o background de desenvolvimentos contemporâneos". É, portanto, numa perspectiva científica que Wagley se movimenta e nós já vimos o porquê disso.

Wagley abrirá o comentário afirmando a dicotomia entre partidos e homens. Para ele, a cena política brasileira é dominada por personalidades, uma idéia que não é nova para a comunidade de cientistas sociais brasileiros e que nos remete, por exemplo, a Sérgio Buarque de Holanda e seu *Raízes do Brasil*. Esses homens ou "mais importantes figuras do passado recente" é que deverão ser entendidas para "socorrer" os norte-americanos em seu esforço de saber o que era 64. Parece-me curioso ver os norte-americanos demandando socorro e mais curioso, ainda, que Wagley o providencie. Na verdade, deveríamos, aqui, lembrar que na década de sessenta, Wagley já havia conquistado uma grande reputação, construído uma autoridade como especialista em América Latina e, particularmente, em Brasil. Em suas próprias palavras:

Because men, not parties, dominate the Brazilian political scene a word about some of the more important figures of the recent past will help us understand the background of more contemporary developments. (Wagley, 1964a: 37)

Desqualificados os partidos políticos como centro da análise a partir de uma constatação de que são mais importantes que eles atores individuais, Wagley iniciará a revista dos personagens por João Goulart, a quem definirá como o "presidente recentemente deposto". Usando da descrição como estratégia de narrativa, quase não se pode perceber a presença de Wagley no comentário que assume, então, a aparência de se

auto-construir. Wagley caracterizará a João Goulart como um "proprietário de enormes fazendas" e temido por seus "adversários como um radical". O que Wagley deixa implícito é a contradição entre a condição de proprietário e a radicalidade. Ou seja, Wagley, sub-repticiamente, deslegitima Goulart como um ator político individual pela associação entre sua suposta riqueza e suas posições. O que, em verdade, está implícito é o jogo da hegemonia onde Goulart representou, ao menos para Wagley, uma barreira e uma ameaça. Como imagem desqualificante fica a de um ídolo com pés de barro, sendo esses representados por suas "enormes fazendas". O conteúdo do comentário de Wagley tem por função interditar Goulart ao jogo político, como se fosse possível uma interdição maior do que aquela por ele sofrida. Nas palavras de Wagley:

First, let us begin with João Goulart, the recently deposed president. During part of Vargas presidency of 1950-54, he was minister of labor and as such was an important figure in the PTB. He is in his early 40's, from Rio Grande do Sul, and was closely connected throughout his career with Getúlio Vargas until the latter's suicide. The candidate of the PTB, in 1960 he was elected vice-president (a post he has also held under Kubitschek). He served with President Jânio Quadros, who ran on a more or less personalist ticket with the support of the UDN, the PDC and parts of the PTB. (In Brazil, the president and vice-president need not be of the same party). Goulart, who owned enormous ranches in his own state as well as in others, was feared by his opponents as a radical. (Wagley, 1964a: 37)

O segundo personagem a ser analisado por Wagley no campo dos radicais é Leonel Brizola. Será nos enunciados destinados a Brizola que Wagley aumentará sua interdição sobre Goulart, informando que Brizola freqüentemente falava por ele. O interessante, ao emprestar falta de autoridade a Goulart, é que Wagley não a afirma, apenas a sugere como algo de domínio

público o que fortalece a interdição. Trata-se da suspeita onde se chega à uma caracterização da personagem política como radical e sem autoridade, como se a consequência dos atos políticos derivasse da presença da autoridade. Nisso tudo poderíamos ver uma forma conservadora de pensar iniciativas políticas.

Brizola, entretanto, será representado por Wagley de uma maneira muito mais explícita no que tange ao seu conteúdo negativo. Brizola é aquele que rompeu o direito de propriedade ao nacionalizar companhias norte-americanas e é, também, um personagem que se associou a Francisco Julião e às Ligas Camponesas. Ou seja, Brizola é o contrário de Wagley, diferente dele, ao menos no que respeita à hegemonia norte-americana no continente. Na totalidade do enunciado, diz Wagley:

Leonel Brizola, Goulart's brother-in-law, formerly governor of the state of Rio Grande do Sul and more recently deputy of the state of Guanabara was another important figure. Some people thought he often spoke for Goulart. It was Brizola, like Goulart a wealthy landowner, who ordered the expropriation of the properties of the International Telephone and Telegraph Company in Rio Grande do Sul. He formed a leftist coalition with Francisco Julião's Peasant Leagues and the PSB and publicly denounced the Alliance for Progress. (Wagley, 1964a: 37)

Jânio Quadros é uma terceira figura daquilo que para Wagley constitui o campo dos radicais. Com efeito, é muito difícil a um brasileiro aceitar a atribuição da qualificação de radical a Jânio Quadros, quer pela sua história política, quer pela sua posição no campo político brasileiro. Entretanto, para Wagley, a noção de radicalidade no âmbito de seu comentário sobre a "cena política brasileira"

está diretamente relacionada à posição da personagem ante os EUA e suas pretensões imperialistas ou hegemônicas. O que quero afirmar é a relatividade dessa categoria em Wagley. Para ele, radical seria qualquer um que se opusesse ao consenso e ao entendimento simpático, às reformas democráticas realizadas por meios pacíficos.

Jânio Quadros, entretanto, é um personagem político que apresenta uma certa ambigüidade para Wagley. Se ele é aquele que tentou praticar uma independência em relação aos EUA em política externa e, portanto, ignorou ainda que teatralmente a presença norte-americana e o contexto géo-político; ele é também aquele que iria combater a corrupção, colocando-se, então, na perspectiva política do estabelecimento do império da lei, condição formal para a democracia.

Sobre ele, escreveu Charles Wagley:

Jânio Quadros is another controversial figure in Brazilian politics, although recently he has had little voice in national affairs. He began his major political career as mayor of São Paulo city and then was elected governor of the state. He was elected president of Brazil in 1960 with the greatest majority ever given to any Brazilian presidential candidate. His platform was symbolized by a "broom": he promised to sweep out corruption. Soon after taking office he developed a foreign policy which emphasized his country's independence of the United States and aroused misgivings in Washington. (Wagley, 1964a: 37-8)

Para fechar a posição do espectro político destinado aos radicais, Wagley acrescentará um juízo de valor às personagens políticas por ele comentadas e que foram aglutinadas como radicais. Ele escreve:

In the author's view, they would be most accurately described as ultra-nationalist, opportunistic politicians, each in his own way a demagogue. Of the three, Quadros was undoubtedly the best administrator. (Wagley, 1964a: 38)

Parece-me interessante notar que mesmo qualificando-os como "políticos oportunistas" e "demagogos", Wagley ainda reivindicará uma "melhor descrição", o que converge para a idéia da descrição como uma estratégia de sustentação da autoridade do sujeito do discurso. Na qualificação que faz deles, Wagley vai numa ordem crescente de negatividade, chegando quase ao xingamento (este talvez tenha sido evitado pelo ideal de neutralidade e descritividade buscado por Wagley). Ultra-nacionalista é uma posição política que se podemos discordar não podemos negar que ela pertence ao plano político, portanto àquilo que é coletivo. Políticos oportunistas é um qualificativo de transição, onde se justapõem um elemento do universo coletivo (ser político) e um do universo individual (oportunista). O terceiro qualificativo é aquele que vai diretamente ao indivíduo, quase apontando uma falha de caráter. De qualquer forma, na topologia política construída por Wagley a pretexto de entender a cena política brasileira, Goulart, Brizola e Quadros estão no inferno, isto é, naquilo que há de mais negativo: o lugar daqueles que se opõem à hegemonia norte-americana.

Uma posição intermediária na topologia criada por Wagley é aquela ocupada por Miguel Arraes. Poder-se-á argumentar que Arraes foi tão crítico aos programas norte-americanos de ajuda e cooperação, ou mesmo mais, que os personagens anteriores e que, então, deveria ter sido representado junto aos personagens anteriores ou à esquerda deles. Isto seria correto se o que define a topologia fosse,

única e exclusivamente, a posição ante a influência norte-americana. É preciso que se lembre que, para Wagley, importam certas qualidades morais, certas virtudes, como, por exemplo, a honradez. Assim, a diferença de Arraes com Goulart, Brizola e Quadros- na visão de Wagley e tomando-se o âmbito do comentário por ele feito a esses personagens em *Brazil: crisis and change*- está em sua coerência e honestidade. Como escreveu Wagley:

A prominent figure of the highly nationalistic left was Miguel Arraes, formerly mayor of the city of Recife and more recently governor of the important Northeast state of Pernambuco. During his administration as a mayor and later as governor, he was accused of allowing Communist infiltration in the government and of seeking Communist support in elections. If he did not necessarily support, he tolerated the work of Francisco Julião among the northeastern peasants. He was regarded by his followers as an efficient and honest administrator and idealist. By 1963, he had so thoroughly antagonized the administrators of the Alliance for Progress in the Northeast that several parts of that program were suspended in his state. (Wagley, 1964a: 37-40)

Como se pode ver acima, se por um lado Wagley usa um certo tom acusatório para falar da abertura de Arraes para os comunistas e de sua posição de tolerância ante o "trabalho de Francisco Julião", por outro reconhecerá nele uma posição de destaque na esquerda, somado às qualidades de honesto administrador, eficiente e idealista ainda que algo neutralizados pela menção da origem da qualificação, os seguidores de Arraes. É uma posição de respeito onde se misturam o registro da radicalidade e o reconhecimento de algumas virtudes, uma espécie de purgatório.

No campo da direita, os moderados e os conservadores, Wagley destacará a figura de Carlos Lacerda:

Opposed to nationalist-leftist leaders (and more might be mentioned) were a number of prominent moderates and

conservatives. Outstanding is Carlos Lacerda, the present governor of Guanabara state. Lacerda has played a crucial role in Brazilian politics in the last 15 years as a critic and opponent of administrations in power. The founder and the ex-editor of *Tribuna da Imprensa*, an afternoon newspaper in Rio de Janeiro, he began his career as an extreme leftist and was long associated with the Communist party until he broke with it and became a vigorous anti-Communist. His violent criticism of the Vargas regime created a climate that led to an attempt on his life in 1954. In turn this was regarded as one of the factors which caused Vargas to take his life. He bitterly denounced Quadros for his pro-Castro sympathies, and his continual criticism of the Goulart regime had something to do with its downfall. Lacerda is an astute debater and likes to appear on television. As a governor of the state of Guanabara he has proved to be an excellent administrator. (Wagley, 1964a: 40)

Em contraste ao tom aparentemente desapaixonado com que Wagley se referiu aos radicais, sua representação de Carlos Lacerda é uma verdadeira peça de propaganda. Não há, na representação que Wagley faz do outrora governador da Guanabara, nenhum elemento negativo ou sequer neutro. Sua representação é pura positividade e no centro dela está sua conversão anti-comunista. Além da ênfase nessa mudança de posição, Wagley ainda atribuirá a Lacerda a imagem de crítico dos poderes constituídos e de astuto debatedor. Por último, lembrará que Lacerda é jornalista e fundador da *Tribuna da Imprensa*, o que é significativo quando sabemos o papel da circulação de informações numa sociedade democrática. Enfim, não me é necessário detalhar o conteúdo do comentário reservado por Wagley a Lacerda para ver a profunda simpatia com que ele é feito, o que nos informa, também, acerca da posição política de Wagley: democrata comprometido com a construção da hegemonia norte-americana. Em relação a Lacerda, Wagley carrega na adjetivação pessoal e na super-valorização da personagem.

O que desejei fazer ao construir uma espécie de comentário ao comentário de Wagley sobre a cena política brasileira foi trazer elementos de conexão e nexos entre as determinações histórico-sociológicas que constituem o processo de hegemonia norte-americana e o personagem da história da Antropologia no Brasil que a recebeu como herança histórica e a partir da qual projetou seu trabalho no campo. Será nesse quadro histórico, também, que Wagley construirá sua representação da política brasileira a partir da posição dos atores ante o processo de construção da hegemonia norte-americana. Afinal, liberdade, democracia e consenso requerem atores e se realizam na cena política.

FRANCISCO TADEU RIBAS SANTOS ROSA

A ALIANÇA E A DIFERENÇA: UMA LEITURA DO ITINERÁRIO INTELECTUAL
DE CHARLES WAGLEY.

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Departamento de Antropologia Social do
Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas da Universidade Estadual de
Campinas .

VOLUME II

Final

Agosto/1993

3. A REFORMA CULTURAL

1.3.1 A QUEM SE DESTINAM ?

Em 1957, quando as pesquisas feitas por Wagley para seu doutorado vieram à luz editorial sob o nome de *Santiago Chimaltenango: Estudio Antropológico-Social de una Comunidad Indígena de Huehuetenango, Guatemala*, Adolfo Molina Orantes fez o prefácio do texto onde se pode entender o significado de uma adequação cultural das reformas que visavam, etnocentricamente, levar as sociedades da América Latina à condição de uma sociedade de consumo semelhante aos Estados Unidos. Molina Orantes não esconde seu orgulho pela edição de Wagley em espanhol:

Por ello, la obra de Wagley que hoy se publica en español, es un magnífico exponente de lo que debe buscarse en estos trabajos de campo por el investigador social, y también la forma como se debe buscarse para no obtener información equivocada o falseada. Y es además muy orientadora en cuanto a la futilidad de emplear sistemas de mejoramiento cultural inadecuados al medio en donde habrán de aplicarse. Qué resultados positivos podría, por ejemplo, producir una campaña alfabetizadora en Santiago Chimaltenango, donde toda la vida social y aun el pensamiento religioso giran cardinalmente alrededor de la agricultura del maíz; donde el hombre, desde muy temprana edad, se habitúa a trabajar todo el día en el campo, y se recoge al crepúsculo; donde acostumbra alumbrarse con ocote o astilla de pino; donde el periódico, si llegara, tendría escasísimo interés noticioso para gentes que viven aisladas dentro de circunscripciones municipales, sin comprensión muy exacta de lo que es el departamento o región, mucho menos de lo que es la nación o el mundo? Por qué habría de darse prioridad al deber de alfabetizar a estas gentes, cuando antes debe llevarseles mejores condiciones sanitarias o métodos más productivos de cultivo? (Orantes, A.M. em Wagley, 1957: XII-XIII)

Principal elemento a ser evitado no processo de construção do consenso na Guatemala é a dúvida que se expressa nas questões que Molina Orantes se coloca. Ele, na verdade, quer saber o melhor meio ou caminho para construir o consenso guatemalteco, integrando índios e ladinos. A dúvida, se é

simbolizada pelas questões auto-propostas por Molina Orantes, é, por ele substantivada pelo medo à informação equivocada ou falsa.- Ou seja, numa espécie de paranóia correlata ao consenso, a busca da certeza com que ele se faz é representada, também, pelo zelo em não empregar sistemas de melhoramento cultural inadequados ao meio onde deverão aplicar-se. Isto é, em outras palavras, é preciso levar em consideração no processo de construção do consenso algo que poder-se-ia chamar de adequação cultural das reformas.

Contra a dúvida, a falsidade na informação e o erro, Molina Orantes opõe a obra de Wagley, "magnífico expoente", exemplar na área de humanidades e ciências sociais. A exemplaridade da obra de Wagley reside na capacidade de prescrição quanto ao que deve ser buscado e de que forma fazê-lo para afastar a dúvida. Molina Orantes coloca Wagley no lugar de estar em possibilidade de liderar um caminho científico e de pesquisa, reconhecendo nele uma autoridade que, no campo acadêmico norte-americano foi cuidadosamente perseguida durante décadas. Por outro lado, é preciso registrar que, para Molina Orantes, só a compreensão muito exata de unidades culturais como o departamento, a região ou a nação podem opor-se à incerteza que é própria ao processo político em sua generalidade e, particularmente, ao processo de construção de um consenso ou como os guatemaltecos preferiram chamar, integração.

A autoridade de Wagley no campo das ciências sociais norte-americanas e, particularmente, no sub-campo

representado pela América Latina não é, a meu ver, indissociável da exemplaridade da obra ou do orgulho sentido por Molina Orantes na sua tradução ao espanhol. Eles formam uma totalidade que tem por objetivo criar as condições para a reforma, constituindo-se num exemplo de exercício tecnocrático. Quanto aos chimaltecos, como se pode ler no texto, para que alfabetizá-los se o que eles precisavam seriam melhores condições sanitárias ou métodos mais produtivos de cultivo? De qualquer maneira, a adequação cultural das reformas guarda um nexó com o exercício tecnocrático, e Molina Orantes não hesitou em atribuir a Wagley a condição de paradigma da prática científica.

A partir da estratégia discursiva empregada por Molina Orantes, pode então Wagley aparecer como legítimo na proposição de elementos de reforma oriundos de sua pesquisa. A citação acima é, por conseguinte, paradigmática, em seu conteúdo, quanto às alianças necessárias às reformas. Alianças que colocaram, lado a lado, elites locais e os Estados Unidos da América. Se nos deslocarmos para o plano da atividade individual, poderemos registrar que Wagley soube ao longo de sua carreira atingir o coração das diversas elites com que dialogou, logrando, por conseguinte, alcançar mais facilmente as alianças necessárias à construção de uma influência norte-americana. Concretamente, lembraria sua amizade com a elite amazônica, seu trânsito junto aos guatemaltecos ou sua fácil mobilidade junto à elite carioca e brasileira.

Sobre a imagem do chimalteco no texto de Wagley,

Molina Orantes escreveu:

El hombre chimalteco aparece en la obra de Wagley con perfiles netos y firmes, que evidencian el experimentado espíritu de observación y la capacidad del autor para seleccionar los rasgos personales y sociales que son característicos del grupo social objeto de su estudio. (Orantes, A.M. em Wagley, 1957: XIII)

Molina Orantes potencializa as virtudes científicas de Wagley e os chimaltecos são apenas um pretexto para ele reafirmar a autoridade científica de Wagley, percebida pelos seus efeitos descritivos, "perfiles netos y firmes" e pelo experimentado espírito de observação atribuído a Wagley o que, convenhamos, seria improvável quando ele fez a pesquisa na Guatemala, era um pesquisador iniciante. De qualquer maneira, o que importa para Molina Orantes é projetar, com seu discurso, a autoridade sobre a qual se assenta a legitimidade para Wagley, enquanto um representante norte-americano, ser o sujeito político da integração das diferenças representadas, ao menos em princípio pelos chimaltecos. Na extensão ou perspectiva da autoridade e legitimidade de Wagley estão a autoridade e legitimidade dos ladinos, de sorte que afirmar as positivities em Wagley é confirmar uma ordem social onde os ladinos submetem os índios.

Assim, pode-se dizer que o consenso hemisférico passa pelos consensos locais, numa ordem hemisférica, e lhe é correlato, demonstrando a homogeneidade das ações políticas norte-americanas no continente ao longo dos últimos cinquenta anos.

1.3.2 O DESENVOLVIMENTO E A REDENÇÃO DA MISÉRIA HUMANA

Charles Wagley abre *Amazon Town: a study of man in the tropics* de 1953 com uma citação de Arnold Toynbee. A

localização da citação, como uma epígrafe de abertura, já seria muito eloquente do conteúdo do livro e, por extensão, de uma certa mentalidade de época, um certo espírito ou sentido na História. Ela nos sugere, por exemplo, a importância que Wagley atribui às reformas, pensadas como uma extensão de benefícios e como um veículo político da hegemonia norte-americana. Não importando se por ingenuidade ou por astúcia política, o fato é que Wagley converge para a posição das reformas e se identifica profunda e integralmente com elas. Por humanismo desinteressado e ingênuo ou não, Wagley responde, antropológicamente, às demandas de sua época, quer engajar sua prática científica no projeto norte-americano, situando-se na curiosa posição de conciliar objetividade científica e prática política.

Reproduzindo a citação de Toynbee para melhor nos situarmos ante o momento onde a antropologia de Charles Wagley recebeu seu impulso e se definiu como aplicada, gostaria de afirmar a existência de certos imperativos de época aos quais o autor Charles Wagley não pode transcender.

Toynbee escreveu:

Na minha opinião, a nossa era será principalmente lembrada, não por seus crimes horripilantes ou suas espantosas invenções, mas por ter sido a primeira, desde o alvorecer da civilização, há cinco ou seis mil anos atrás, em que os homens ousaram pensar em estender a toda a raça humana os benefícios da civilização. (Toynbee, A.J., Not the Age of Atoms but of Welfare for All, New York Times Magazine, October, 21, 1951 em Wagley, 1953: frontispício)

Toynbee atualiza o contexto onde irá opor os "crimes horripilantes" e as "espantosas invenções" à extensão dos "benefícios da civilização", definindo "nossa época". Ou

seja, para ele, a definição do tempo em que vive se insere num contexto onde aparecem valores como a pluralidade, simbolizada pela expressão "na minha opinião"; pela valorização de uma certa concepção de História, pensada como uma memória da humanidade ("nossa época será lembrada"); pelo sentido de progresso e de evolutividade, afinal a civilização possui um "alvorecer", pelo espírito de iniciativa e pioneirismo.

Nesse contexto é que Toynbee escolherá pelos "benefícios da civilização" contra os "crimes horripilantes" ou as "espantosas invenções".

Em relação a Wagley, o que gostaria de registrar é o pretexto pelo qual as reformas deveriam ser implantadas, melhorar a vida das pessoas, um ideal humanista sob o qual passaria a mercadoria da hegemonia norte-americano. Não duvido, sinceramente, que muitos norte-americanos estivessem realmente imbuídos de um ideal nobre e humano, extensão dos benefícios da civilização a outros povos. Esse elemento, entretanto, não neutraliza o caráter etnocêntrico e os objetivos políticos da ciência aplicada. Não vejo como incompatíveis a ingenuidade de alguns e um imperativo de época, embora saiba que muitos se engajaram conscientemente na construção da influência norte-americana no continente.

Se o espírito para as reformas foi, historicamente dado, sua base consistia no perigo das desigualdades mundiais, assim como em suas consequências. No sentido de aproximar, algo mais, a questão acima, é-nos interessante ver o que Wagley escreveu a este respeito. No

texto de 1953 *Amazon Town: a study of man in the tropics* ele tematiza as desigualdades mundiais e suas consequências, escrevendo:

O interesse pelas regiões do globo economicamente marginais, começa a despertar. Extensas áreas do globo, habitadas por povos sub-nutridos, não industriais, pareciam-nos, outrora, de pouca importância para o nosso próprio bem-estar. Mas, aos poucos, fomos compreendendo que a luta desses povos afetava todo o mundo. (Wagley, 1953:18)

Usando expressões como "regiões do globo" ou "Áreas do globo" que dissolvem todo o conteúdo concreto e empírico que Wagley tanto procurou ao longo de seu trabalho, categorias geográficas que elidem as diferenças culturais entre os povos dessas nações, Wagley definirá como "economicamente marginais" e "sub-nutridos" esses mesmos povos e a eles dará existência, os reconhecerá pelo que eles se relacionem com o interesse e bem-estar norte-americanos. Correndo o risco da repetição, parece-me clara a motivação do encontro do outro em Wagley. O outro interessa a ele pelo que possa ameaçar o bem-estar e o interesse norte-americano. Assim, nada mais lógico que estender o bem-estar a todos esses povos, retirá-los de sua marginalização e sub-nutrição, leia-se não-industrialização, características definidas no interior do projeto político norte-americano e seu correlato cultural, o etnocentrismo.

Continuando sua argumentação em favor dos interesses norte-americanos, Wagley citará Truman, aquele que decidiu pela aniquilação das diferenças e dos diferentes em Hiroshima e Nagasaki. Escreveu Wagley no mesmo *Amazon Town: a study of man in the tropics*, obra prima de antropologia

aplicada:

Em 1949, o presidente Truman revelou ao público o problema que constituem essas áreas, tanto para os povos que as habitam, como para aqueles mais afortunados que vivem nos países tecnicamente adiantados. "Mais da metade da população do mundo", declarou, "vive em condições que se aproximam da miséria. Sua alimentação é insuficiente. São vítimas das doenças. Sua vida econômica é primitiva e estagnada. E a sua pobreza é um empecilho e uma ameaça, não só a eles próprios, como às áreas mais prósperas".(1) [a referência bibliográfica é Discurso de posse, pronunciado em 20 de janeiro de 1949]. (Wagley, 1953: 18)

A citação anterior traz algumas informações sobre Wagley e sobre o contexto no qual desenvolveu *Amazon Town: a study of man in the tropics*. Começaria apontando como Wagley deixou de lado a suposta neutralidade expressa nas noções de área ou regiões. As áreas ou regiões transformaram-se em "problema" revelado por Truman ao público. Esta imagem aliás mostra o contexto político onde Wagley formulou o enunciado, um contexto de democracia formal simbolizada pelo diálogo entre governantes e governados. Como se fosse um segredo de Estado, Truman teria revelado o problema das áreas economicamente marginais e não-industrializadas. Para Truman, o problema, definido num quadro de vida econômica estagnada, pobreza, fome e doença, consiste na ameaça que tais áreas representariam àquelas onde se localizam os mais afortunados e prósperos. Para Truman, que usou como estratégia discursiva a denúncia da miséria, as áreas mais prósperas seriam vítimas em potencial daqueles desafortunados e antes que os conflitos colocassem em questão a ordem norte-americana do pós-guerra, cumpriria estender o bem-estar social a todos como pedia Toynbee. Nesse processo é que Wagley entra como o especialista em cultura, espécie de

maestro do time de especialistas. O enunciado anteriormente citado é, a meu ver, o registro empírico, no plano dos textos de Wagley, daquilo que venho tentando reconstruir: o papel de Wagley e de sua antropologia na construção da hegemonia norte-americana no continente.

Nos marcos da citação anterior toda diferença é neutralizada através de sua transformação em desigualdade e, também, por sua inclusão em categorias científicas e políticas generalizantes. Enfatizo esta dimensão daquele enunciado como um exemplo da quase-impossibilidade para Wagley em reconhecer como legítimas as diferenças. O reconhecimento de diferenças implica a aceitação de que o outro é autônomo ou soberano (no caso de uma nação) para escolher entre possíveis. A escolha, esta sim não tem lugar na construção de um consenso baseado na supressão das diferenças e não em sua negociação.

Terminando sua argumentação, Wagley dirá:

Mas a melhoria da condição de vida desses povos não precisa, necessariamente, esperar por novos progressos científicos. A humanidade possui os conhecimentos técnicos, fruto do acúmulo das contribuições dos homens das várias nações no decorrer dos séculos, necessários para melhorar o seu quinhão. O problema consiste em estender os conhecimentos e as habilidades técnicas que parte do mundo já possui à outra metade que ainda não os tem. É este um dos problemas cruciais de nossos dias. (Wagley, 1953:18)

Assim, para ele, a melhoria das condições de vida desses povos passa pela extensão de conhecimentos técnicos (pensado como contribuição internacional) e não como consequência de novos progressos científicos. Ora, uma tal direção argumentativa colide com a idéia de uma ciência conseqüente ao meio social e físico. Ou seja, a argumentação da extensão de conhecimento como via para a superação da

pobreza relativa se opõe à linha argumentativa apresentada por Wagley em entrevista a Nirlando Beirão de Veja¹ onde defendeu uma ciência identificada com suas raízes, algo na linha de Gilberto Freyre.

No processo aberto pelas palavras de Truman, caberia à Ciência, antropologia incluída, descobrir os caminhos pelos quais a extensão dos conhecimentos tida como um objetivo anti-revolucionário fosse mais fácil. A meu ver, toda a prática antropológica de Charles Wagley se explica a partir desse imperativo de época. Em função disso é que encontraremos em *Amazon Town: a study of man in the tropics* aquilo que chamarei de as problematizações do atraso. Ou seja, o conjunto de questões a partir das quais podemos nos encontrar um pouco mais com a substância da época.

Wagley começa sua problematização do atraso colocando-se no enunciado como um médico que realiza um exame, ou seja, Wagley tenta se colocar na posição de quem faz uma semiologia de uma área ou região atrasada. Podemos, no enunciado, ver tal perspectiva quando lemos que Wagley usa a categoria 'indícios'² para nomear sua experiência de problematizar a Amazônia. Indício é uma categoria semiológica, uma categoria de alguém que trabalha cientificamente à maneira de um médico em sua propedêutica. É na neutralidade tentada pelo uso da palavra indício que Wagley mostrará que seu objeto

¹ Beirão, N., op. cit.

² A esse respeito, Mariza Corrêa me sugeriu a possibilidade de um paralelo entre Wagley e Carlo Quinzburg.

é o ambiente amazônico, tomado negativamente a partir de suas características como "população esparsa", "péssimas condições sanitárias", "padrões de vida deploravelmente baixos" e "ausência de indústria". Todos esses elementos, todas essas características das mais diversas ordens ou planos serão tomados, em conjunto, como um obstáculo insuperável ao desenvolvimento. É claro que Wagley quer saber até que ponto o ambiente seria um obstáculo, como afirmavam alguns deterministas geográficos, ao desenvolvimento. Este sim, é o que interessa a Wagley, na medida em que a extensão do bem-estar social a todos, elemento necessário na lógica da hegemonia em construção, realiza-se concretamente como uma política de desenvolvimento, tem-no como um objetivo. Wagley quer saber qual a relação entre ambiente e desenvolvimento. Este seria limitado pelo primeiro? Se o fosse, como, então, deveria ser feita sua superação, ou seja, de que maneira deveriam os norte-americanos agir para chegar ao desenvolvimento de regiões que lhes eram géo-politicamente estratégicas?

Detalhando a problematização do ambiente como um obstáculo ao desenvolvimento e, portanto, à construção da hegemonia norte-americana, Wagley escreverá que,

Em outras palavras, o ambiente tropical, quente e úmido, imporá limitações ao desenvolvimento humano a ponto de tornar quase impossível o aumento do padrão de vida nessas regiões? Esta é uma questão decisiva para todas as regiões tropicais. Nas condições específicas da Amazônia, será esta uma fronteira que deverá ser habitada e desenvolvida em benefício da fome do mundo, ou estará ela fadada a ser para sempre o "deserto verde"? (Wagley, 1953: 22-3)

O que gostaria de ressaltar na citação anterior

é a posição oposta e inversa que ocupam as noções de limite e desenvolvimento. Ora, todo o desenvolvimento é, de alguma forma, feito contra um limite. Não só Wagley desejaria ver as limitações ambientais longe do projeto de desenvolver a região, como a própria lógica do desenvolvimento é uma lógica de superação dos limites, é uma lógica da transgressão. Embora saiba a fragilidade da base onde argumento, apenas um enunciado, sou tentado a dizer que a própria dinâmica da hegemonia é uma dinâmica da transgressão. Por outro lado é preciso que se veja que no detalhamento de suas problematizações a respeito do ambiente como limite, Wagley nos forneceu a dimensão do desenvolvimento para os norte-americanos, uma "fronteira". Ou seja a tarefa de desenvolver é, para os norte-americanos, uma fronteira e, simultaneamente, a Amazônia- lugar tomado para a problematização e o desenvolvimento- é, também, uma fronteira naquilo que possa conter de informação científica e recursos naturais. Somada à idéia de fronteira está a Amazônia como um "deserto verde".

Entretanto, *Amazon Town: a study of man in the tropics* é um estudo de comunidade sobre Gurupá, nome verdadeiro de Itá. É nessa comunidade, elemento concreto, que as problematizações de Wagley encontram suas respostas parciais. Sobre Itá ele escreve:

Apesar de alguns melhoramentos, entretanto, Itá ainda é uma comunidade atrasada, decadente e isolada. Em 1948 não possuía telégrafo, nem estação de rádio; a "Amazon Cable Company", que outrora mantivera uma agência na vila, fechara suas portas. (Wagley, 1953: 92)

Na citação acima, talvez, possamos ver a

verdadeira face do desenvolvimento: uma redistribuição de tecnologia. Itá é atrasada, decadente e isolada e o é pela falta de tecnologia. Sendo assim, o desenvolvimento da região passa, necessariamente, pela redistribuição de tecnologia. Além da redistribuição de tecnologia, o domínio da palavra escrita é outro elemento fundamental para o desenvolvimento, condição de cidadania. Ou seja, será a Educação pensada como veículo civilizatório e a tecnologia como seu componente básico, fundamental diria, do processo de desenvolvimento. Este por sua vez, é a condição para a construção do controle norte-americano à região pelo domínio simbólico e cultural a que se convencionou chamar influência. Como a citação seguinte de *Amazon Town* mostra:

O atraso de Itá reflete-se no pequeno número de pessoas que lá sabem ler e na precariedade de seus meios de educação. Em 1948, apenas duas pessoas recebiam jornais ou revistas, apesar de que estes eram emprestados a cerca de umas dez outras. Mais de 40 por cento da população da cidade e cerca de 80 por cento da população rural da comunidade eram totalmente analfabetos: os que sabiam ler correntemente formavam apenas um punhado. (Wagley, 1953: 93)

O atraso que é sinônimo de conflito e de barbárie; sinônimo de pré-capitalismo, se uma expressão como essa não corresse o risco de se desmanchar no ar, é, então, definido por sua relação com o domínio da palavra escrita e com a tecnologia. Sendo assim, é importante perceber que os esforços pelo desenvolvimento apenas seriam positivos, teriam sua eficácia, se as condições estruturais do atraso fossem superadas, pudessem ser substituídas, portanto, pelos elementos do desenvolvimento:

Como já dissemos acima, mais de 60 por cento da população do Vale são analfabetos e é evidente para qualquer um que conheça intimamente os distritos rurais, que muitas dessas pessoas

classificadas de alfabetizadas são na realidade "semi-analfabetos" e mal podem assinar o nome. A menos que se proporcionem maiores oportunidades educacionais a Itá e outras comunidades amazônicas, essa região permanecerá nas mesmas condições de atraso. (Wagley, 1953:96)

Ou seja, acima podemos ver que a noção de atraso, tal qual foi representada por Charles Wagley, se define, histórica e culturalmente, em relação ao par analfabetismo/educação. Identificado ao atraso, o analfabetismo é, simultaneamente, idêntico a ele e sua condição. O desenvolvimento, representado como a negação do atraso, é consequência da educação. Como escreveu Wagley,

Não se pode esperar o êxito permanente de um programa de saúde pública, como o que está sendo executado pelo SESP, ou de qualquer outro programa de desenvolvimento, a não ser que se eleve o nível da educação dos habitantes do Vale. (Wagley, 1953:96)

Em Wagley, Educação e êxito permanente dos programas de desenvolvimento ocupam uma mesma série e se diferenciam apenas porque a Educação aparece, a ele, como a condição do êxito permanente.

Mas Itá não é apenas atrasada porque seus habitantes não dominam a palavra escrita ou não possuem rádios ou telégrafos, tecnologia. Itá é atrasada por causa de seu sistema econômico ("predatório"), e também pelas práticas agrícolas de sua população herdadas dos indígenas. Itá é tão atrasada que sua população "ainda vive da extração de borracha". Ou seja, Itá não é uma comunidade norte-americana e, portanto, sempre faltará a ela, na representação de Wagley, algo que a torne uma comunidade norte-americana e que Wagley tem por tarefa científico-política descobrir o que é:

Mas Itá é atrasada de várias outras maneiras. O sistema econômico, tradicionalmente predatório, do Vale Amazônico ainda prevalece em Itá, como na maioria das zonas rurais do

Vale. Sua população vive ainda da extração de borracha e outros produtos naturais da floresta, ou das velhas técnicas indígenas de agricultura que consistem na derrubada e queimada. Na realidade, a agricultura é tão pouco desenvolvida na comunidade, que grande parte dos alimentos básicos tem que ser importada. (Wagley, 1953:96)

Contra o atraso definido nos enunciados anteriores Wagley propõe o uso de "conhecimentos agrícolas modernos", a melhoria dos transportes e inovações. É claro que como perspectiva está a produção, seu incremento. Desenvolvimento é, também, sinônimo de aumento da produção. Afinal, uma sociedade de consumo precisa criar mercados e aumentar, portanto, sua produção:

Mesmo um emprego mínimo das técnicas e dos conhecimentos agrícolas modernos aumentaria consideravelmente a produção da região. Melhores condições de transporte e umas poucas inovações, como a centralização de fábricas de farinha, maquinaria simples e animais de tração, poderiam incrementar a produção agrícola de Itá, como o fizeram na região de Belém-Bragança, perto da foz do Amazonas. Mas, enquanto prevalecerem os atuais métodos agrícolas predatórios, a produção de alimentos constituirá seu principal problema. (Wagley, 1953:110-11)

O atraso, afinal de contas, tem sua superação no aumento da produção e isto é desenvolvimento, para Wagley. Na verdade, um desenvolvimento etnocêntrico que parte de uma comparação cientificamente ilegítima entre Itá e comunidades norte-americanas ou francesas para concluir pela inferioridade (não pela diferença) de Itá. Feita tal comparação e naturalizado seus resultados, retirados da História, Wagley parte, então, para a proposição de iniciativas ao desenvolvimento, conjunto de fórmulas políticas, tecnológicas e econômicas que deveriam fazer de Itá uma comunidade norte-americana, retirando dela sua identidade de comunidade amazônica. Tal procedimento, como vimos anteriormente será

criticado- menos pelo que comporte de etnocêntrico e mais pela disposição política a ele imanente de resolver questões que o nacionalismo científico brasileiro cria como sendo sua reserva de mercado epistemológica.⁹

Entretanto em sua análise de Itá, Wagley apenas poderia concluir pelo desenvolvimento enquanto uma possibilidade. Para fazê-lo, ele irá, primeiramente, desqualificar pelo não-reconhecimento, as explicações propostas pelo determinismo biológico e geográfico para o atraso da região amazônica e para o atraso em geral. Não são a "hereditariedade biológica do povo" ou os "obstáculos climáticos indestrutíveis" que Wagley vê como limites ao desenvolvimento. Não são E. Huntington ou Ratzel que ele reconhece como detentores da verdade em questão mas, evidentemente, os antropólogos. Se o "atraso técnico" e a "miséria humana" derivassem do ambiente físico ou biológico, então a construção da hegemonia norte-americana estaria questionada, mesmo quando se pode intervir radical e drasticamente nos dois planos em questão. Aquela altura, entretanto, as causas naturais como determinantes do atraso eram o "fracasso dos programas". Wagley, ao contrário, quer, por um lado trazer a contribuição da antropologia social aos povos e, simultaneamente, colaborar na afirmação géo-política norte-americana. Assim, para ele, as "razões fundamentais" do atraso são "nitidamente sociais e culturais" e é preciso ver no advérbio empregado por Wagley a presença de um debate mais

⁹ Ver Ianni e Wootmann já citados.

que uma dúvida. A aceitação de causas sociais e culturais para o atraso permite, em primeiro lugar, uma intervenção na direção do desenvolvimento. Por outro lado, permite que o segundo nível da intervenção se apresente e afirme, as receitas culturais. A escolha de causas sociais e culturais possibilita "planejar e executar programas de transformações sociais e econômicas". Assim, o que me é significativo reside na busca de transformações sociais e econômicas, as mesmas que deverão moldar a sociedade em questão, no caso a amazônica, pelos parâmetros da sociedade americana. Triunfo do desenvolvimento e fim das diferenças fundantes da identidade cultural e étnica. Lendo Wagley podemos nos inteirar disso na totalidade do enunciado:

Se o atraso técnico e a miséria humana de certas regiões da terra fossem devidos à hereditariedade biológica do povo que as habita ou à obstáculos climáticos indestrutíveis, os programas destinados a modificar essas condições estariam fadados ao fracasso. Como, entretanto, as razões fundamentais do atraso técnico e dos baixos níveis de vida são nitidamente sociais e culturais, podem-se planejar e executar programas de transformações sociais e econômicas, muito embora eles provoquem questões de economia e política nacional e internacional. (Wagley, 1953: 349)

A influência e hegemonia norte-americanas para serem concretizadas necessitavam, então, superar aquilo que pelos norte-americanos era percebido como atraso, as diferenças entre as sociedades latino-americanas e a norte-americana. Superar a miséria, a falta de indústria, a baixa produtividade agrícola e reconhecer-se num ideal de sociedade forjado com objetivo político de anular diferenças, sinal de conflito. Nesse processo a noção de desenvolvimento a que me referi anteriormente ocupou um importante papel.

Entretanto, segundo J.J.Parsons, os planejadores enfatizaram, no processo de desenvolvimento, a criação de condições para o surgimento de uma sociedade de consumo, centrando os programas de desenvolvimento na sua dimensão econômica e promovendo "drásticas ascensões da produtividade e do incentivo ao consumo". Para tanto, segundo Parsons, foi necessário enfatizar meios políticos imediatos de mudança contra as consequências ambientais de longo prazo. Ou seja, os planejadores forma imediatistas:

Recent development programs in Latin America have been directed largely toward economic development. To the planners this is likely to mean drastic rises in productivity and in the incentive to consume. Emphasis on the immediate political means of change easily diverts attention from the long-term consequences, the increased pressures on resources, and increased rates of extraction. Yet the physical environment on which the Latin Americans depend for food, water, shelter, and fiber has been taking a dreadful beating in many places. (Parsons, J. J. em Wagley, 1964: 63-4)

Tal pressa é um elemento a mais na confirmação de que o projeto norte-americano para o continente não previa a participação dos latino-americanos. Isto é, parece-me que houve, a despeito dos esforços de antropólogos e outros cientistas sociais, uma padronização da vida latino-americana pela busca de uma sociedade de consumo assemelhada, senão igual, à sociedade norte-americana. Por outro lado, a demanda por desenvolvimento uma vez instalada contou com o estímulo de atores nacionais como o empresariado e os intelectuais. Rex Hopper citando Costa Pinto mostra esta dimensão:

As Costa Pinto (1963) has remarked, In these societies everything is on the table for debate and all debate is a political debate. Development in Latin America today is not only a transition from plantation system to factory system. In fact, what is under debate is the whole heritage of the archaic society- the economic, political and intellectual heritage- as well as the archaic society itself-

its structure, its values, its prospects. Living in a transition of this scope, any decision is a political decision- in the highest meaning of the word. So social situations soon become social actions and social actions become political decisions.

Surely it is the social responsibility of sociologists to contribute to a body of scientific knowledge which will illuminate social situations, could inform social actions, and might even influence political decisions. (Hopper, R. em Wagley, 1964:244)

Pensado nos marcos de uma responsabilidade social profissional, corporativa, onde o sociólogo é aquele que ilumina, informa e influi, a citação que Hopper faz de Costa Pinto traz, em seu conteúdo, a representação do desenvolvimento não mais como uma transição entre fases econômicas, do engenho para a fábrica, mas como a superação de uma herança de uma sociedade arcáica em sua totalidade econômica, política e intelectual.

De qualquer maneira, como transição entre fases econômicas ou como liquidação de uma herança, a passagem do atraso ao desenvolvimento supõe reformas. Estas, por sua vez, são a condição para a identificação etnocêntrica entre as sociedades norte e latino-americanas. Intermediando a passagem, estão as pesquisas - em si mesmas, muitas vezes, etnocêntricas. Assim, o que gostaria de abordar nas próximas linhas é o que chamarei a substância das reformas.

Em *Amazon Town: a study of Man in the Tropics*, exemplo e paradigma de uma "Ciência Social socialmente responsável", Wagley afirma o conteúdo da questão das reformas, as define. Para ele, as "áreas sub-desenvolvidas", objeto (num duplo sentido) deveriam sofrer uma reforma cultural. Antes de explorar a noção de reforma cultural

colocada por Wagley, gostaria de lembrar que tal noção ganha, em sua representação, uma aparente neutralidade. Seu aparecimento, no enunciado, acontece numa série de outras noções e colocações aparentemente neutras. Para Wagley, tratava-se de adquirir "o conhecimento de vida do homem da Amazônia" para buscar "indícios" de como agir ante a reação dos amazônidas contra o choque cultural que os norte-americanos tentavam impor a eles. Mais exatamente, Wagley desejaria "prever alguma das reações que não poderão deixar de provocar a introdução de novos elementos na cultura amazônica". A busca do conhecimento e dos indícios, assim como a previsão das reações constituem os pressupostos da noção de reforma cultural.

Pelos elementos anteriores podemos ver alguns referentes à reforma em questão. A associação do conhecimento à ação política de previsão empresta um caráter voluntarista à reforma, algo como uma missão civilizatória onde seu objetivo seria o de produzir transformações sociais e culturais com vistas à passagem de um sistema de engenho para um fabril (no caso do desenvolvimento pensado como transição) ou à liquidação, em sua totalidade, de uma herança cultural. Em ambos os casos, para as duas definições, trata-se de combater o atraso e elevar "áreas sub-desenvolvidas" à condição de réplicas mal acabadas e sem identidade da sociedade norte-americana de consumo. Para Wagley, aliás, a reforma cultural não é a mera transferência de conhecimentos ou o simples treinamento de pessoal nos Estados Unidos. A reforma

cultural que Wagley propõe e que podemos ver como a prática da hegemonia consiste na "modificação de uma cultura" e do "modo de vida de seu povo". É claro que o processo de reforma cultural deveria servir aos propósitos da transferência daquilo que Wagley chamou "nossas conquistas científicas e nosso progresso industrial" para a melhoria dos padrões de vida das populações de áreas sub-desenvolvidas. Em outras palavras, reforma é sinônimo de extensão do bem-estar social ao planeta como reclamaria Toynbee, mas, para Wagley, tem por veículo o conhecimento do modo de vida das populações alvo do choque cultural.

Ao desvincular a noção de reforma cultural dos processos de treinamento de pessoal e da mera transmissão mecânica de conhecimentos, Wagley afirma o papel do antropólogo e coloca a dimensão antropológica das reformas com vistas ao entendimento simpático ou a colaboração entre as repúblicas americanas e os Estados Unidos da América.

Na próprias palavras de Charles Wagley:

O conhecimento do modo de vida do homem da Amazônia fornecerá os indícios do que deverá ser modificado para que possam ser melhorados os padrões de vida. Esse conhecimento nos permitirá prever algumas das reações que não poderão deixar de provocar a introdução de novos elementos na cultura amazônica. O ideal que consiste em "fazer com que os benefícios oriundos de nossas conquistas científicas e de nosso progresso industrial concorram para o progresso e o crescimento das áreas sub-desenvolvidas" requer uma reforma cultural. Não é um processo simplista de enviar técnicos especializados para essas áreas, de realizar inquéritos e estudos para apurar os recursos econômicos básicos das mesmas, ou mesmo de enviar trabalhadores, engenheiros, administradores e outros especialistas para estudar nos Estados Unidos e lá adquirirem a experiência acumulada por aquele país- embora todos esses esforços sejam proveitosos. O que a tarefa requer é a modificação de uma cultura- de um modo de vida- e o reajustamento das relações de um povo com o ambiente que o cerca. (Wagley, 1953: 39)

Entretanto, há um outro nível onde Wagley define a reforma cultural que não o da transferência de tecnologia ou as modificações de uma cultura necessárias para uma transformação de uma região. Esse nível é o do ponto-de-aplicação da reforma cultural, ou seja, aquilo que ela deve atingir para cumprir seu objetivo de modificações que levem à superação do atraso ou sub-desenvolvimento. Trata-se da base sociológica onde se articulam, aglutinam e fundem-se os padrões culturais a serem modificados. Em relação ao paradigma que é o Vale Amazônico nessa questão escreve:

O sistema comercial na Amazônia já não é mantido pelos velhos "Regulamentos dos Seringais", nem pela polícia e seus rifles 44, como durante a primeira década de nosso século. Todavia, as obrigações do seringueiro para com o comerciante e do comerciante para com a firma exportadora e importadora ainda constituem, essencialmente, a base das relações que canalizam as relações comerciais e sociais da região. A força desse sistema tradicional é um elemento importante que se terá de combater caso se queiram modificar as condições econômicas e sociais do Vale. Durante a última guerra frâcassaram todas as tentativas para vender os suprimentos diretamente ao comerciante, sem o intermédio da firma exportadora e importadora, e para a extração direta da borracha, devido à pressão das tradicionais relações, comerciais e sociais, entre o comerciante e a grande companhia da cidade. (Wagley, 1953:146)

A busca do desenvolvimento pode ser política e sociologicamente correta e, no caso da Amazônia, até desejável. Nesse sentido, a ocupação da fronteira Amazônica representou uma tarefa civilizatória. Ao lermos a citação anterior saltam à nossa atenção os signos da barbárie e da força representados pelos velhos "Regulamentos dos Seringais" ou pela "polícia e seus rifles 44". Uma ordem social fundada na força e não na legitimidade, uma dominação que não passe pelo convencimento parece-nos tão revoltante quanto iníquo.

Nesse caso, parece-me que a reforma cultural, a implantação de uma sociedade de consumo e, portanto, o desenvolvimento necessitariam de um combate para mudar as obrigações entre os atores sociais na cena Amazônica. Mudança que, certamente, não poderia ser para pior. O elemento que me parece importante para a melhor caracterização da noção de reforma cultural é, entretanto, a idéia de um combate contra os laços de sociabilidade, a mudança de instituições. Ou seja, a reforma cultural no caso de Itá (e acredito ser possível generalizar sem cometer nenhuma heresia lógica) passa pela negação das formas tradicionais de sociabilidade. Passa, também, dentro de um estrito pragmatismo, pelo seu uso:

E, no entanto, até mesmo esse sistema comercial da Amazônia poderia ser útil para a introdução de novas práticas. Por meio das firmas da cidade, poder-se-iam introduzir novas idéias, novas técnicas e novos instrumentos, primeiramente entre os comerciantes e depois entre os seringueiros e lavradores das áreas longínquas do Vale. (Wagley, 1953:147)

Para Wagley, numa reforma cultural existe a possibilidade de uma dupla interação entre as formas básicas de sociabilidade (chamada por ele de sistema) e o sujeito do choque cultural pensado como uma nação. Além disso, há uma série de outros elementos definidores da noção de reforma cultural em Charles Wagley. Por exemplo, a noção de reforma cultural distancia-se da possibilidade de ser realizada por uma disciplina isolada, tal a magnitude e complexidade dos problemas envolvidos. Por outro lado, no plano das consequências, uma reforma cultural deve evitar uma desagregação social na sociedade em que ela será aplicada. Em outras palavras, a negação das estruturas tradicionais deve

ser acompanhada por sua rápida substituição. No plano da sua realização, uma reforma cultural deve, para Wagley, contornar a oposição ou reação daqueles que sofrem o choque cultural. Além disso, toda reforma cultural é feita nos limites ou quadros da inter-dependência entre os diferentes níveis (Comunidade, Sociedade e Plano Géo-Político Internacional).

No eixo do que poderíamos chamar positivities, Wagley irá colocar "o perfeito conhecimento da família da sociedade visada" como o centro das preocupações. Isto porque, para ele, é através da família que a reforma cultural se processa. É através dela e, também, nela que os valores antigos são substituídos na direção do novo conjunto de valores. Wagley afirmará a insuficiência do uso de instituições como a Escola ou o Posto de Saúde se não houver, na família, uma aceitação dos novos valores. Simultaneamente ao combate na família, o uso de lideranças religiosas ou políticas é um dos elementos de propulsão das reformas culturais. Além disso, como fica evidente do que disse anteriormente, a reforma cultural tem como condição de possibilidade em Wagley, a cooperação inter-disciplinar e a abundância de créditos. Por último, pode-se dizer que, em Wagley, uma reforma cultural visa uma "situação humana concreta" a ser atingida na comunidade pelo método da observação participante. Entretanto, como os elementos anteriores aparecem no texto paradigmático, quanto a uma reforma cultural, que é *Amazon Town: a study of man in the tropics?*

Escreve Wagley:

A transformação econômica de Itá depende do melhoramento dos

transportes e meios de comunicação, de facilidade de crédito mais amplas e mais eficientemente administradas, da remoção das barreiras comerciais e da disponibilidade de equipamento técnico moderno. Tudo isto, evidentemente, é determinado por condições que ultrapassam as fronteiras de uma simples comunidade. Em outras palavras, o melhoramento do sistema econômico de Itá dependerá das tendências e políticas nacionais e internacionais. Contudo, é na comunidade que essas tendências e políticas se defrontam com situações humanas concretas e afetam a vida da população. (Wagley, 1953:149)

Ou seja, governada por tendências políticas nacionais e internacionais a mostrar a inter-dependência dos níveis de determinação da reforma, Wagley elenca um conjunto de elementos necessários às reformas em Itá. Eles são, basicamente, capital e livre comércio. Além destes, a estrutura das classes sociais em Itá foi percebida como um obstáculo à reforma:

A estrutura das classes sociais da região amazônica brasileira é, entretanto, um obstáculo que precisa ser superado por qualquer programa destinado a promover a transformação social e econômica. (Wagley, 1953:203)

Numa espécie de concepção hegeliana das reformas culturais, Wagley aproxima as "estruturas das classes sociais" e a "transformação social e econômica" do Vale, ligados por uma relação lógica de superação. Isto é, para Wagley, a reforma cultural é o avesso ou, mais propriamente, a negação da estrutura de classes amazônica. Não que se deva ver nessa passagem uma simpatia por qualquer processo revolucionário. O que aí se apresenta é uma dialética entre a reforma e seus obstáculos.

Ao pensar em obstáculos, Wagley está, evidentemente, pensando na eficácia da reforma cultural. Com vistas a isso é que ele escreveu sobre o papel da família na condução da reforma:

Qualquer programa de reforma social tem que se basear no

perfeito conhecimento da vida de família da sociedade visada. Isto se aplica, sobretudo, a um programa que implique na modificação de hábitos, valores ou atitudes, que são inculcados na intimidade da vida familiar. Pode-se tentar promover modificações em uma comunidade e nos membros que a constituem, através de escolas, centros de saúde, ou vários outros meios administrativos, mas se tais medidas estiverem em desacordo com os padrões de comportamento e com os valores predominantes na intimidade da família, terão poucas possibilidades de êxito. Pode-se, por exemplo, ensinar noções de higiene nas escolas e o centro de saúde poderá por em prática um excelente programa de educação pública, mas, se esses ensinamentos não penetrarem no seio da família e não forem também por ela adotados, só serão aceitos "em teoria" e pouco efeito exercerão sobre as crianças. (Wagley, 1953:255)

Ao tematizar a dimensão da eficácia da reforma cultural, por ele chamada êxito, Wagley argumentará que a família é o lugar privilegiado para a realização da reforma. Ou seja, para que estas não sejam aceitas apenas "em teoria", mas que sejam internalizadas pelos indivíduos, a reforma deverá atingir a família. Wagley também argumentará que a introdução de uma modificação cultural, seja um hábito ou um padrão, mostrar-se-á estéril através do que ele chama "meios administrativos" (Escolas, Posto de Saúde) se não houver uma prévia aceitação pela família. Assim, para Wagley, a família aparece como a chave da reforma cultural.

A eficácia da reforma supõe, também, o reconhecimento do outro, tomado pelo registro de seu imaginário não-científico:

Não obstante a sua origem, as crenças populares da Amazônia constituem um importante aspecto da concepção geral do homem rural, simples, da região. Tais crenças, aliadas ao procedimento usual a elas associado, freqüentemente determinam a aceitação ou rejeição dos conceitos científicos de importância vital para a transformação técnica do Vale Amazônico. (Wagley, 1953:296)

Wagley, na citação anterior, deseja apontar a necessidade do reformador social levar em conta as

representações dos indivíduos sobre quem se vá aplicar um choque cultural. Parece-me evidente que a reforma cultural que Wagley pregou e propôs é, também, uma conversão ao discurso científico, uma aceitação de suas verdades. Isto quer dizer, por outro lado, que uma reforma cultural é uma substituição de mentalidades. Wagley liga a transformação do Vale Amazônico à aceitação de uma cosmovisão científica e esta, por sua vez, para se implantar deve levar em consideração as crenças populares. Nesse sentido, uma reforma cultural é um processo de sucessivas negações entre formas de representar o mundo.

A eficácia da reforma será tanto maior quanto mais inter-disciplinar ela se apresentar e bem se poderia dizer que, para Wagley, uma reforma cultural é um evento multidisciplinar. Sobre isso escreveu:

A melhoria das condições econômicas e sociais das chamadas áreas subdesenvolvidas do mundo exigirá a cooperação de uma grande variedade de especialistas, bem como conhecimentos sobre toda a vasta extensão da ciência moderna. Necessitará do concurso de engenheiros, sanitaristas, enfermeiras, agrônomos, educadores e outros técnicos em ciências aplicadas. Serão indispensáveis estudos e pesquisas por economistas, cientistas políticos, sociólogos, geógrafos e especialistas em outros ramos das ciências sociais e das humanidades. Os complexos problemas com que se defronta não poderão ser resolvidos por qualquer disciplina científica isolada. Como outros ramos da ciência, a antropologia tem uma grande contribuição a fazer. Não oferece qualquer panacéia, mas possui um ponto de vista e uma massa de conhecimentos sobre o comportamento humano que serão de grande utilidade para todos os que de algum modo são responsáveis pelos programas de desenvolvimento econômico e assistência técnica. (Wagley, 1953: 347-48)

A reforma cultural, para Wagley, revela-se, em si mesma, um exercício de valores "rooseveltianos", é um jogo entre cooperação e isolamento, conhecimento e solução de complexos problemas. Wagley opõe ao isolamento de uma disciplina científica solitária a cooperação de uma grande

variedade de especialistas. Ele o faz porque a cooperação parece a ele a alternativa lógica dos "responsáveis pelos programas de desenvolvimento econômico e assistência técnica" à complexidade dos problemas propostos pelas áreas sub-desenvolvidas. Por outro lado, a cooperação somada ao conhecimento são a própria condição de possibilidade das reformas culturais. Nesse exercício de solidariedade científico-política em que Wagley transformou sua reforma cultural, o lugar da antropologia está garantido pelo ponto de vista e conhecimentos específicos de que dispõe. Cooperação, conhecimento e ponto-de-vista formam uma totalidade cujas relações determinariam, para Wagley, a eficácia da reforma cultural. Em outras palavras, o sucesso ou êxito de uma reforma cultural é algo como uma combinatória dos elementos anteriores.

No tema da eficácia, não é apenas a totalidade formada por cooperação, conhecimento e ponto-de-vista que definem seu conteúdo. Para Wagley, a afirmação do desenvolvimento supunha a renúncia à uma concepção não científica do mundo. Ou seja, equivaleria a renunciar à própria cultura e identidades em favor de uma cultura de fora que aqui chegaria via a construção da hegemonia norte-americana:

Enquanto uma concepção científica do mundo não suplantar a atual concepção popular dos brasileiros do interior, a transformação econômica e social não poderá integrar-se plenamente na vida brasileira. (Wagley, 1953:369)

A adoção de uma concepção científica do mundo é o corolário exato para a totalidade conhecimento/cooperação/

ponto-de-vista. Ou seja, a superação do sub-desenvolvimento é, também para Wagley, a superação de uma concepção não-científica do mundo.

Por último, a viabilidade da reforma cultural e, por conseguinte, da construção da hegemonia norte-americana depende, fundamentalmente, dos créditos e extensão dos conhecimentos. Necessitaria de agências que os levassem (créditos e conhecimento) ao habitante da mais isolada comunidade. Na exposição desse ponto, Wagley compara Itá e Plainville:

Além disso, em comparação com Plainville, o lavrador de Itá recebe pouco auxílio "de fora", isto é, do governo estadual ou federal. Conquanto, na primeira, haja grande oposição a qualquer "reforma", o agente municipal da "AAA" ensina-lhes os métodos modernos de agricultura e a "Farm Security Administration" (Administração de Seguro Agrícola) concede empréstimos "numa média que não chega a 500 dólares" às famílias dos lavradores. (Wagley, 1953: 383)

Partindo de uma comparação que será alvo de muitas críticas posteriores, Wagley coloca numa aparentemente ingênua comparação, Itá e Plainville. É claro que tal comparação só tem por função reforçar a necessidade das reformas em Itá pela afirmação de uma contínua falta, nos mais variados registros, tornando Itá inferior a Plainville. Entretanto a necessidade da concessão de créditos ao agricultor, junto à visão científica de mundo, é colocada por Wagley como condição da reforma. Na guerra pela eficácia, o uso de lideranças comunitárias não poderia ser esquecido:

James West sugere a possibilidade de se utilizarem as igrejas e os pregadores para, com a sua influência poderosa, introduzirem a agricultura científica. (Wagley, 1953: 385-6)

Curiosa associação entre Ciência e Religião proposta por Wagley. Reconhecendo a relativa falta de

penetração do discurso científico nas comunidades agrícolas, Wagley, pela referência ao enunciado de James West, gostaria mesmo é de colocar os religiosos e sua influência poderosa a serviço da ciência para que ela, talvez num futuro, pudesse tomar o lugar da religião na mentalidade dos caboclos e plainvillers.

Wagley, entretanto, sabe que a reforma proposta pode não obter êxito, pode não ser eficiente na medida em que promova uma "desagregação social" da comunidade a ser reformada, pela característica comunal, tradicional, que tal comunidade apresente. Para ele as "transformações" serão drásticas e levarão aquela comunidade para a posição de pertencer à "modalidade brasileira da moderna cultura ocidental":

O impacto da agricultura moderna e outras influências novas pode ser ainda mais desagregador na sociedade de Itá. As transformações que ali se operam são transformações de um modo de vida comunal, em que a técnica, as instituições sociais e a religião pouco se modificaram nos cem anos que precederam o vigésimo século. É uma transformação do analfabetismo para a alfabetização, de um conceito fictício do mundo para a aceitação da ciência e de um sistema popular, tradicional, para uma modalidade brasileira da moderna cultura ocidental. (Wagley, 1953: 386)

Entretanto, é preciso considerar que, para Wagley, os programas não foram sempre pensados de maneira infinitamente positivas. Ou seja, parece-me oportuno e correto desde uma perspectiva historiográfica, dizer que Wagley, de alguma forma teve consciência de que as reformas continham em si sua própria negação, seu próprio limite. É nessa linha que ele, avaliando os programas no texto de 1953, os verá como "paliativos" ou "redondos fracassos". Tal avaliação decorre de

uma sobre-valorização da "tecnologia ocidental" tomada pela dimensão de sua capacidade de transformação:

Contudo, a maioria dos programas destinados a proteger, integrar ou incorporar pequenos enclaves primitivos em nossas complexas e modernas sociedades foram, na melhor das hipóteses, paliativos e, na pior, redondos fracassos, em vista do poder avassalador da tecnologia industrial contemporânea. (Wagley, 1953: 278)

Sobre os antropólogos nesse processo escreveu:

Os críticos têm acusado os antropólogos de serem agentes do colonialismo. Assinala-se, e não inteiramente sem justificativa, que os estudos antropológicos muitas vezes foram usados para controlar os grupos nativos ao invés de melhorar suas condições de vida. Além disso, eu seria o primeiro a admitir que os antropólogos que tentaram intervir na política ou programas de ação objetivando melhorar o destino dos povos que estudaram raramente foram bem sucedidos. (Wagley, 1953: 278). [segue citação do Projeto Vicos]

Fazendo em 1977, *Welcome of Tears: the Tapirapé Indians of Central Brazil*, uma espécie de balanço dos programas de cooperação e, portanto, de sua própria atividade; ao menos numa de suas dimensões, Wagley parece reconhecer que "melhorar o destino dos povos" foi apenas uma virtualidade, uma ilusão no processo de construção da hegemonia norte-americana. Foi a ilusão do cientista, do técnico que acredita poder cercar-se do poder para à maneira de um conselheiro, soprar verdades nos ouvidos dos políticos. Tal virtualidade é reconhecida no interior de um diálogo com os críticos dos antropólogos com quem afinal, Wagley concorda. Nega, por conseguinte, o papel redentor dos programas de cooperação para ver neles um instrumento político. De qualquer maneira, a proposta de uma reforma cultural é um sinal diacrítico e, portanto, caracterizador de seu trabalho antropológico, que o diferencia de outros reformadores.⁴

⁴ Sobre a relação entre antropologia e desenvolvimento, ver

I.3.3 A EDUCAÇÃO COMO CONDIÇÃO DA REFORMA

A realização da reforma cultural proposta por Wagley, em que pese seu ponto-de-aplicação ser a família, passa, necessariamente, pela educação na medida em que apenas sua reforma poderia garantir uma identificação entre os habitantes que receberiam a reforma com a mesma. Ou seja, até mesmo a reforma, pensada como um elemento de superação do sub-desenvolvimento, supõe algumas condições prévias. Estas giram em torno da superação do analfabetismo, condição essencial para a existência da reforma. O analfabetismo, representado como uma falta de acesso das "massas às facilidades educacionais", é o elemento a ser superado pelos programas de cooperação com vistas à implantação da hegemonia norte-americana. O próprio êxito dos programas de cooperação dependeria de elevação do nível de educação da população:

Entretanto, o alto grau de analfabetismo da população da maioria das nações latino-americanas no princípio deste século (e mesmo hoje) é uma prova de que a massa do povo não teve acesso às facilidades educacionais. (Wagley, 1956: 24)

Mas o analfabetismo não é, para Wagley, apenas um índice da má distribuição da educação nas sociedades latino-americanas, ele é, também, uma ameaça ao "êxito permanente de um programa de desenvolvimento" e, por conseguinte, uma ameaça à própria construção da influência norte-americana. Sendo assim, como tarefa intermediária cumpriria "elevar o nível educacional da população", talvez para que ela deixasse de ser "massa" e se tornasse um povo, um

Escobar, A., "Anthropology and the development encounter: the making and marketing of development anthropology", *American Anthropologist*, 18(4), nov. 91.

conjunto de cidadãos. Como escreveu Wagley,

Não se pode esperar o êxito permanente de um programa de saúde pública, como o que está sendo executado pelo SESP, ou de qualquer outro programa de desenvolvimento, a não ser que se eleve o nível da educação dos habitantes do Vale.
(Wagley, 1953:96)

Mas o que é, para Wagley, a Educação nas sociedades latino-americanas? As informações para nossa resposta serão buscadas, principalmente, em *An Introduction to Brazil*, de 1963. Nesse livro, Wagley faz uma descrição do sistema educacional brasileiro com vistas a mostrar que ele representa um obstáculo às reformas culturais, na medida em que era correlato de uma concepção de sociedade que a própria reforma teria por objeto negar.

Wagley começará negando o sistema educacional brasileiro, afinal ele deseja mudá-lo para firmar as condições para a reforma cultural que terá de levar à negação do Brasil arcaico, onde tal sistema educacional existe. A negação que Wagley fará do sistema educacional brasileiro, começará por qualificá-lo como fraco na promoção das bases para a identidade nacional. Tal condição deriva de sua incapacidade em integrar todos os brasileiros ao sistema e, portanto, deriva de sua capacidade em fabricar o analfabetismo. Além do mais, sua taxa de crescimento não acompanha a taxa de crescimento populacional gerando, para Wagley, mais e mais analfabetos. Ele escreveu:

The formal educational system of Brazil would seem to be a weak institution in which to seek a basis for national unity. Almost 50 percent of the Brazilian people are illiterate, and almost the same percentage of school-age children are not attending school. The growth of educational facilities cannot keep pace with the rapid expansion of the population.
(Wagley, 1963:204)

Como a aceitação científica do mundo supõe o domínio da palavra escrita, então seria necessária uma reforma do sistema educacional para criar as bases para uma implantação de uma democracia política e social no Brasil e, por extensão, na América Latina. Seu caráter discriminatório e sua condição de principal mecanismo para a transmissão da cultura de elite não foram ignorados por Wagley. Assim, ao primeiro momento da negação anterior representado por sua "fraqueza", somam-se seu caráter discriminatório e sua condição de instrumento de manutenção de uma ordem social a que muitos não hesitarão em chamar de arcaico:

The formal educational system remains out of reach for many Brazilians, and offers a program of study beyond the grasp of most teachers and their pupils. Weak as the educational system may be, however, it is the principal mechanism carrying on the literate Great Tradition mentioned earlier in this book, namely, the written codes of law, historical records, philosophy, theology, science, literature, and other aspects of the European tradition in Brazil. (Wagley, 1963: 204)

Entretanto o que me parece mais significativo, na citação anterior, é a associação que Wagley faz entre a tradição de ilustração que, em perspectiva, sustenta uma ordem arcaica e a Europa. Parece-me significativo, na medida em que a construção da hegemonia norte-americana que, a meu ver, é o referente de época que orienta a compreensão e racionalidade do processo onde Wagley se insere e que é dele uma ator, passa pela exclusão da Europa, em particular da França, como elemento de organização intelectual das sociedades latino-americanas e seu fornecedor de padrões culturais. Será nessa perspectiva que Wagley argumentará que

The Brazilian educational system is oriented toward the upper class. It is theoretical and encyclopedic in orientation, with little emphasis upon what we might call empirical and

pragmatic problems. (Wagley, 1963:204-5)

Ou seja, a Grande Tradição a que se refere Wagley tem por referência a teoria e a ilustração, contrários à ênfase na solução de problemas empíricos e no pragmatismo. É preciso registrar que a dicotomia Teoria/Prática, assim como a dicotomia Ilustração/Empirismo são as mesmas que no plano das culturas oporá, no imaginário de Wagley, as sociedades latino-americanas às anglo-americanas, tornando-se, então, significativas para um registro das matizes da reforma cultural proposta por Wagley como conteúdo da construção da hegemonia norte-americana. Como se estivesse falando uma vez em tese e outra "realmente", o que demonstra sua distância em relação à idéia de que as teorias e os discursos são o mundo, Wagley argumentará que o sistema educacional brasileiro é um conjunto de padrões ideais de comportamento projetadas pela sociedade, mas realizada por uma pequena parcela da população, a elite. Nessa realização parcial dos padrões culturais é que possamos, talvez, buscar um sentido mais profundo para o argumento que confere à educação no Brasil a incapacidade em lançar as bases para a identidade nacional, legitimando a idéia de que se tal argumento é verdadeiro então é legítima uma reforma educacional, quando mais para evitar o fracionamento da educação dos cidadãos, opondo uma "massa de analfabetos" à uma "elite ilustrada". Nas palavras de Wagley, *In reality, however, the Brazilian educational system from primary to university level consists of a series of "ideal patterns"- concepts projected by the society and held in esteem by all, but realized by only a small fragment of the population. (Wagley, 1963:205)*

Poderíamos argumentar que Wagley não enfatizou o

papel político da Educação, o de veículo ideológico que leva a Escola à condição de aparelho ideológico de Estado. Ele assim não o fez para salientar a necessidade de superação do sistema educacional brasileiro comprometido, a seu ver, com uma sociedade agrária e arcaica. As reformas sociais e, fundamentalmente, a reforma cultural por ele defendidas supõem, ambas, a superação das raízes do Brasil. A manutenção de um sistema educacional voltado para a elite é, também, um obstáculo às reformas na medida em que impede a criação de bases para a mobilidade social, elemento central na representação norte-americana de sociedade porque correlato à idéia de igualdade de oportunidades e dissimulação da hierarquia social. Como escreveu Wagley:

As presently constituted, even the Brazilian elementary school reinforces the old closed class system of Brazil, maintaining the elite and making it difficult for those of lowly origin to move up in the society. (Wagley, 1963: 214)

Por conseguinte, outra não poderia ser a conclusão quanto ao sistema educacional brasileiro. Ele traria em si a negação do ideal americano de igualdade e daquilo que se convencionou chamar o "american way of life".

Nesse sistema, a escola elementar agiria como um filtro, eufemismo pelo qual Wagley nomeou a exclusão que caracteriza o sistema educacional brasileiro. Para Wagley,

It is quite clear that the elementary school system acts as a filter, making it impossible for the majority of the Brazilians to have the necessary qualifications for secondary education in any form. Secondary education has been in the past, at least, reserved for the elite. (Wagley, 1963: 214)

Para Charles Wagley, a afirmação de uma Educação que pudesse antecípar a construção da hegemonia norte-americana e oferecer meios para tanto suporia,

necessariamente, a superação de algumas condições antagônicas, algumas negatividades diria. Para ele, basicamente, uma Educação sintonizada com uma modernidade representada pelos EUA deveria superar, primeiramente, uma herança demográfica representada pelo rápido crescimento da população em sociedades latino-americanas. Por outro lado, o alto custo do ensino era um grande obstáculo a ser vencido. Alto custo presente no secundário e na educação superior, um "filtro", como diria Wagley. Além da dimensão demográfica e da dimensão econômica, o ensino elitista a que Wagley se refere como uma condição de negação do progresso social nas sociedades latino-americanas, haveria, ainda, a dimensão cultural do problema. Esta seria representada pelos diversos planos feitos com riqueza de detalhes e enfática inteligência que, para Wagley, caracterizam uma cultura que privilegia a lei e a inteligência contra o pragmatismo e a empiria. Ou seja, leis e editos formalmente brilhantes teriam sido propostos para resolver o problema da educação, problema número um na construção de uma sociedade de consumo e numa democracia de massa. Para Wagley, o gosto brasileiro e latino-americano pela dialética e pelas soluções formais, legais, caracterizariam um dos entraves à uma educação de massa. O reconhecimento desses obstáculos não escurece, por conseguinte em Wagley, a aceitação de uma positividade imanente à educação latino-americana, qual seja, sua natureza de filtro e de produção de quadros mantenedores da ordem social e da dominação própria às sociedades latino-americanas.

Ao propor suas idéias sobre educação, Charles Wagley o faz no interior de um debate com educadores brasileiros e é aí que ele mostra seu entusiasmo com a Lei de Diretrizes e Bases de 1961, conjunto de iniciativas no campo da Educação Brasileira que visavam aproximar nossa Educação à dos EUA. Tal entusiasmo é justificado na medida em que reconheçamos ser o problema da expansão do ensino, da transformação de um princípio legal (o da educação para todos) numa positividade histórica, o principal para Wagley. Isto é, na sua representação do problema, a expansão do ensino é o fundamental na prática de um ensino de massa. Wagley celebrará tal expansão como uma "verdadeira revolução" e a Lei de Diretrizes e Bases como o instrumento político para "adaptar nossa sociedade às condições de um Brasil democrático e em desenvolvimento".⁵ A expansão do ensino, pensada por Wagley como a criação de um ensino de massa é uma das condições que ele reclamara para a eficácia e o êxito dos programas de cooperação do Departamento de Estado. A revolução no ensino, sua expansão rumo à uma educação de massa, é, também, pensada por Wagley como o elemento oposto ao rápido crescimento demográfico e, não me parece incorreto supor que uma política demográfica passasse, para ele, pela expansão da educação:

This would seem to be a veritable revolution, [a expansão do ensino] but once again Brazilian education has not overcome its heritage or the problem of a rapidly expanding population. (Wagley, 1963: 215)

As referências a um ensino de massa são claras em seus textos como podemos ver a partir de alguns enunciados:

⁵ Sobre Wagley e a LDB, ver Corrêa, M., "A Antropologia no Brasil (1960-80), 1993, mimeo.

It is also clear that secondary education is generally costly and that an economic barrier remains between those who are able to take advantage of the still limited facilities and those who are not. (Wagley, 1963:215-6)

A negação do ensino brasileiro, e por extensão admitimos o latino-americano, passa pela denúncia de seu caráter elitista, apontado pelo seu caráter acadêmico, ou como escreveu Wagley:

Brazilian educators seem to agree that the stilted and highly academic program of their secondary schools is totally out of keeping with contemporary Brazilian society; it derives from a time in the recent past when only a very few attended secondary schools and is hardly adjusted to mass education on the secondary level. (Wagley, 1963:217)

A superação do caráter elitista e acadêmico de inspiração francesa seria realizada por programas de cooperação na área educacional, criando e ao mesmo tempo sendo um instrumento de hegemonia e de influência. Wagley não consegue esconder seu desapontamento ante o fracasso de um desses acordos:

A bilateral agreement was signed by Brazil and United States to establish a model high school in Rio de Janeiro. Teachers for this school were being trained in the United States, but, unfortunately, this project has not to date become a reality. (Wagley, 1963:217)

O mesmo raciocínio e a mesma argumentação empregados por Wagley para negar o ensino secundário é utilizado na desqualificação do ensino superior:

Higher education in Brazil is full of paradoxes and dilemmas, some of which are faced by most South American nations, and by the United States. These revolve around the problem of providing higher education for a larger mass of people while still attempting to make the university a center for advanced research and teaching. (Wagley, 1963:222)

Um ponto a se destacar na representação que Wagley faz da educação como um fator de mudança e, por conseguinte, de aproximação com os EUA é a Lei de Diretrizes e Bases. Ele escreve:

In December of 1961, after some twelve years of often heated discussions between educators and legislators, a wide sweeping set of laws governing education on all levels, known as the Lei de Diretrizes e Bases (Law of Directives and Bases), were enacted. These laws amend and extend the educational provisions of 1946 constitution. Their aim is to adapt the Brazilian school system to regional conditions and, in the words of a well-known Brazilian educator, "to adapt the school to the conditions of a democratic and rapidly developing Brazil". (Wagley, 1963:229)

Nascida do debate entre educadores e legisladores, como a confirmar o gosto latino-americano pela retórica, a Lei de Diretrizes e Bases visava, no plano da Educação, lançar as bases para uma sociedade de consumo e um democracia de massa, assim como aproximar nosso sistema educacional do sistema norte-americano:

(...) the Brazilian educational system more nearly approximates our own. (Wagley, 1963:230)

Wagley vê, a partir dos educadores com quem dialoga, a capacidade de as Leis de Diretrizes e Bases tornar mais flexível o ensino, colocando-o numa condição pertinente à uma sociedade moderna, oposta, obviamente, à rigidez do sistema educacional próprio à uma sociedade que visa apenas produzir uma elite governante. Se quisermos ver uma positividade nas intenções de Wagley, ela está na perspectiva de uso da educação para formar, primeiramente consumidores e depois, cidadãos. Sintetizando o que disse, podemos ouvir Wagley:

There is a great enthusiasm among most Brazilian educators for these new laws which they feel will allow them to create a more flexible educational system. It is too soon, however, to judge the full implications and the effect of these laws upon the functioning educational system of Brazil. After all, the educational systems adopted by the individual states may be almost as rigid as those in force before the new laws appeared. Brazilians, like most Latin Americans, are legalistically inclined. They attempt to solve problems by elaborate, often brilliantly conceived laws and edicts. Brazilian labor laws are said to be models of their kind, yet

the condition of the laboring class in Brazil does not seem materially improved by them. Whether or not the Lei de Diretrizes e Bases of 1961 will truly modify Brazilian education remains to be seen. (Wagley, 1963:231)

Entretanto, a perspectiva com que Wagley vê a questão da Educação é a da mudança. Isto é, seu interesse na Educação está condicionado pela curiosidade em saber no que Educação e mudança se tocam, que nexos guardam. Assim, não é espantoso que a questão da Educação e a das mudanças apareçam associadas num enunciado de 1957, Santiago Chimaltenango: un estudio antropológico-social de una comunidad de Huehuetenango. Wagley que fizera sua pesquisa em 1937, voltara em 1957 para, juntamente com outros acadêmicos norte-americanos e guatemaltecos, trabalhar na construção de uma espécie de pacto, passo inicial do processo de construção da hegemonia norte-americana no continente:

Durante mi nueva visita me di cuenta que han ocurrido muchos otros cambios en la sociedad chimalteca, entre 1937 y 1956; es indudable que, si hubiese permanecido más tiempo en el pueblo, me habría dado cuenta de mucho más. Por ejemplo, observé que los escolares estaban mejor atendidos, y era mayor el número de maestros que parecían tomar sus deberes más en serio que en 1937. Además, había una escuela rural en una de las aldeas, a cargo de un maestro entrenado especialmente en las técnicas de la educación rural en una escuela del país. (Wagley, 1957:XXVI)

Wagley registra várias mudanças e estas estão sinalizadas pela existência de escolas e pela melhoria no atendimento aos escolares bem como pela existência de um maior número de professores, demonstrando que mudança e educação têm, para ele, uma relação de contiguidade mas, também, uma relação de equivalência, dado que a mudança se registra por acontecimentos na educação (uma escola, mais professores...).

No mesmo texto encontramos uma avaliação feita por Wagley sobre um habitante de Santiago Chimaltenango, tendo

por conteúdo o aprendizado daquele habitante:

Norberto Carrillo C., tesorero municipal, es un indigena que sólo estudió en la escuela local, pero aprendió contabilidad con los tesoreros y los secretarios ladinos. Es un placer ver sus nítidas cuentas y sus informes. El interés por la educación y el mundo exterior parecia sincero en Santiago Chimaltenango en 1956, a pesar de que no existia en 1937. (Wagley, 1957: XXVI)

Wagley tem por objetivo, no enunciado, afirmar um suposto interesse dos chimaltecos pela Educação. Assim, irá montar uma argumentação que vise, sub-repticiamente, demonstrar que o investimento em educação é um bom investimento. Para tanto contará uma espécie de mito da aprendizagem, onde "um indígena que só estudou na escola local" e que "aprendeu contabilidade com os tesoureiros e secretários ladinos" faz "contas e informes precisos" que levam Wagley a sentir prazer. O que Wagley deseja é convencer os formuladores da política norte-americana que a Educação é um bom investimento, tanto em seu sentido político como econômico.

(II) UMA CIENCIA SOCIAL SOCIALMENTE RESPONSÁVEL

1. ANTROPÓLOGO E ANTROPOLOGISTA

II.11 O DEPOSITARIO DA HISTÓRIA DO OUTRO

Quem é, para Charles Wagley, o cientista de campo? Isto é, quem é aquele que tem por responsabilidade produzir as informações com vistas à tão almejada reforma cultural, versão antropológica da construção da influência norte-americana sobre a América Latina no pós-guerra? Com a palavra o próprio Charles Wagley:

It is the field scientist, who knows the community intimately and thoroughly after almost a year of residence and scientific research, who is best prepared to derive conclusions from his own data, each is therefore alone responsible for the paper which he has signed. (Wagley, 1952: 4)

O cientista de campo é, para Charles Wagley, uma sequência de positividades, uma série de afirmações que visam mostrar sua competência com vistas à tarefa política que lhe cabe, operário da hegemonia norte-americana. Senão vejamos, o cientista de campo é aquele que conhece a comunidade intimamente e esta condição permite a ele, saber mais; ter um amplo acesso ao cotidiano dos habitantes da comunidade, conhecendo, assim, sua cultura naquilo que ela tem de mais imediato, microscópico ou elementar. Da intimidade com a comunidade, resulta, para Wagley, a possibilidade de exercitar uma vontade de saber; uma espiral de informações que levam o antropólogo ao pleno conhecimento e à legítima explicação da cultura da comunidade, sustentado na ilusão de que o conhecimento deriva do olhar: quanto mais se vê, mais se sabe. Por outro lado, suas conclusões são independentes, isto é, derivam de suas próprias pesquisas, busca por informação. Para completar a ilusão de que sabe mais quem vê mais, Wagley coloca como condição para o bom exercício antropológico a

permanência na comunidade por um ano. Assim, em função da intimidade com a comunidade e em função do tempo de permanência, é que Wagley reconhece o cientista de campo como o melhor preparado para exercer uma autonomia de pesquisa (conclusões derivadas de suas próprias observações) e, portanto, melhor preparado a informar administradores e políticos na tarefa de interagir com uma cultura diferente da norte-americana. Para Wagley, vale mais o contato que o texto impresso; mais a vivência que a leitura e mais a observação que a teoria. Para ele, a verdade de uma cultura pode ser melhor compreendida por um antropólogo quando este experimenta a condição cultural do outro, sendo, por conseguinte, um conhecimento que tem sua origem na inter-subjetividade, ainda que, depois, seja moldado de forma a parecer sumamente objetivo.

Justaposta à figura do cientista de campo, a figura do antropólogo social enquanto uma representação feita por Wagley sobre sua própria prática científica nos é interessante para esboçar um quadro do contexto científico à experiência de alteridade em Charles Wagley. Assim, uma das primeiras referências à questão que encontramos em seus textos, está em *Amazon Town: a study of man in the tropics*, de 1953. A ida de Wagley para a Amazônia obedeceu a uma lógica de guerra que impunha a todo cidadão norte-americano colaboração nos esforços de guerra. Dessa forma, Wagley aceitando um convite do General Durhan, foi para a Amazônia com o objetivo de ajudar na instalação de uma extensa rede médica e de

infra-estrutura para elevar a produtividade da extração de borracha. Tal produtividade era solicitada pelo incremento da demanda por borracha surgida com a Guerra. Nesse momento, o interior do Brasil e, particularmente a Amazônia, apareciam aos norte-americanos como algo inóspito e selvagem, um verdadeiro obstáculo àqueles que não a conhecessem. Wagley, então, opõe a esse interior experiência e conhecimento, tentando demonstrar a utilidade do antropólogo:

Vivendo a maioria dessa gente no interior, um antropólogo social, com grande experiência e conhecimento do sertão brasileiro, seria de grande utilidade para o serviço. (Wagley, 1953:10)

A incerteza suscitada pelo sertão era passível de dominação pelo conhecimento, numa espécie de transposição para o plano do texto da necessidade de dominação da barbárie pela civilização, justificação antropológica para as iniciativas políticas norte-americanas. A posse desse conhecimento e dessa experiência, a posse enfim da capacidade em dominar a barbárie, faz do antropólogo alguém útil, alguém que possuidor de um conhecimento é capaz de modificar a incerteza e transformá-la em informações úteis às políticas de reforma cultural e de construção de uma hegemonia.

No mesmo texto, entretanto, pode-se ver que Wagley não se jacta em ser útil. Ao contrário, ele subordina o antropólogo social ao planejador das reformas, deixando ao primeiro a condição de auxiliar do segundo. Ou seja, Wagley insere, obviamente, o antropólogo social numa causa maior, a dos esforços destinados a melhorar as condições econômicas e sociais da região que estuda. Ou seja, para Wagley, a vivência

na comunidade e as consequências e implicações epistemológicas daí derivadas devem atender ao sentido geral dado pela sociedade norte-americana àquela experiência. Com grande esforço, Wagley ainda tenta, pelo uso do verbo "auxiliar", retirar toda a carga política que a posição de colaborador dos planejadores sociais enseja. Ele tenta colocar-se como um técnico, poderíamos dizer, um técnico da cultura:

E é neste plano, dentro da estrutura da pequena comunidade, que o antropólogo está mais apto a auxiliar o planejador social e o administrador, encarregados da execução de programas de saúde, de reformas agrícolas, de campanhas educativas e de outros esforços destinados a melhorar as condições econômicas e sociais. (Wagley, 1953:99)

Noutro momento do mesmo *Amazon Town: a study of man in the tropics*, Wagley representará o antropólogo social como alguém possuidor de uma sabedoria, de um conhecimento derivado do reconhecimento das diferenças culturais e, portanto, consciente do poder da cultura para modelar os indivíduos. Parece-me razoavelmente fácil aceitar que as considerações de Wagley a respeito do conhecimento e suas potencialidades não deriva de intenções especulativas, mas da necessidade, presente em toda a sua rede de textos, de instrumentalizar o conhecimento com vistas a conseguir o melhor efeito político possível a partir dele; com vistas a intervir na realidade social. É algo estranho que Wagley faça a elegia da diferença apenas para negá-la, abrindo uma distância entre os postulados teóricos e a utilização concreta da Teoria. Diferença é, para Wagley, conhecimento e não uma condição, simultaneamente ética e política, para a relação com o outro.

Como ele escreveu:

Estudando várias culturas diferentes, reuniu-se o antropólogo de "um perfeito quadro comparativo de referências culturais". Tornou-se consciente do poder que possui cada cultura para determinar o comportamento do indivíduo e do grupo, da vasta extensão de valores culturais e da diferença das reações de cada cultura diante de situações análogas. (Wagley, 1953: 349)

O antropólogo, entretanto, não auxilia apenas o planejador social. Ele o liberta do etnocentrismo pela posse de um quadro de referências culturais. O que me parece curioso, aqui, é a associação feita por Wagley entre os planejadores e o etnocentrismo. Wagley elegeu aos planejadores sociais como seu outro e colocou-se, curiosamente, na condição de portador de um conhecimento que neutralizaria o etnocentrismo. Wagley, assim fazendo, repôs a assimetria mesma que caracteriza o etnocentrismo. Sendo assim, se fez possuidor de um conhecimento que os outros não têm, esquecendo-se de que o etnocentrismo não era privilégio dos planejadores:

O "quadro comparativo de referências culturais" do antropólogo proporciona conhecimento das diferenças culturais e liberta o planejador do etnocentrismo. (Wagley, 1953: 350)

Para Wagley, entretanto, o antropólogo social é alguém que vive uma contradição, uma ambigüidade, a que ele, com uma vocação para a negação da dimensão conflitiva do mundo seja em que domínio for, enuncia, de maneira neutra, como um duplo papel:

Cada antropólogo, por sua vez, é por si só uma personalidade distinta que manipula, à sua maneira, um duplo papel: o de observador científico e objetivo de uma sociedade e de uma cultura que não são as suas e o de um ser humano forçado a manter relações com um povo com o qual vive por certo tempo. (Wagley, 1977: 213)

Aquilo que Wagley chama de duplo papel é, na verdade, um choque, uma colisão entre dois princípios na prática antropológica; dois registros, a objetividade e a

subjetividade. Ou seja, o duplo papel é, na verdade, uma tensão entre os imperativos do discurso que diz que Ciência é sinônimo de negação do sujeito da pesquisa em nome de regras universalmente válidas e impessoais e o encontro de campo, tomado na sua dimensão do contato e da inter-subjetividade, humanisticamente pensado. Estranhamente ou até como uma manifestação inconsciente, Wagley representa a inter-subjetividade como negativa na medida em que a pensa como uma obrigação, usa a palavra forçado, e, assim, como algo que constrangeria o antropólogo.

No texto *Welcome of Tears: The Tapirapé Indians of Central Brazil*, encontramos a representação que Wagley faz dos limites da prática antropológica enquanto produtora de informações e de conhecimento. Tal representação tem por conteúdo uma oposição entre a impossibilidade de retratar tudo, uma dimensão holística do conhecimento frustrada, e um imperativo de pluralidade:

Os antropólogos devem construir seu conhecimento de uma cultura a partir de variadas pessoas, mas seria impossível retratar toda gama de indivíduos e personalidades que conheci entre os Tapirapé. (Wagley, 1977: 214)

A diferença de opiniões e a variação é um dever, daí imperativo, mas há, para Wagley, uma impossibilidade em representar tudo. Ou seja, o limite para a representação antropológica é uma espécie de diferença entre aquilo que se deve fazer e aquilo que é possível fazer, uma distância entre a teoria e a prática. No interior dessa representação há uma segunda razão para não se poder representar tudo, a escolha de certas pessoas como informantes privilegiados:

Embora um antropólogo colete informações de uma ampla variedade

de pessoas, há geralmente algumas que lhe proporcionam o quadro básico de uma sociedade e cultura particulares. (Wagley, 1977:214)

Dessa forma, o que a citação anterior coloca em evidência é a hierarquização como um princípio de pesquisa, dado que ela se aplica aos informantes e, por extensão, às informações. Assim, o limite que o antropólogo tem que experimentar é, para Wagley, condicionado pela distribuição gradativa dos informantes segundo suas potencialidades em gerar conhecimento. Parece-me evidente que tal hierarquização se choca com o princípio da pluralidade na medida em que um é holista e outro particularista, ainda que funcionalmente superior, na medida em que a partir dele se pode atingir o todo.

Noutro momento do texto de 1977, Wagley atribuirá aos antropólogos uma prerrogativa de falar pelo seu objeto de estudo:

(...) é o antropólogo que se torna o depositário da história e da forma de vida de um grupo indígena ou de uma comunidade, estando mais instrumentado para comunicar-se com as instituições, governos e pessoas com poder de decisão sobre seu destino; ou seja, estabelecer políticas e fomentar ações. (Wagley, 1977:278-79)

Portador de uma sabedoria que tem origem no seu contato prolongado com os habitantes da comunidade e da tribo, detentor, porque depositário, da História de seus interlocutores e de sua forma de vida, o antropólogo ganha, então para Wagley, o direito natural de defensor daqueles que não têm voz. Wagley, entretanto, não tematiza a possibilidade de ao falar por eles, ungido por uma legitimidade e uma competência científica, estar lhes roubando a voz. Ou seja, Wagley não considera a possibilidade de o antropólogo se

colocar como alguém que crie as condições institucionais da fala daqueles que não têm voz. Wagley propõe, então, uma transferência de responsabilidade política ante o próprio destino. O antropólogo seria o representante de uma delegação imotivada. Wagley deve intermediar o conflito entre o princípio liberal da circulação da palavra e os condicionantes da reforma cultural. Se os habitantes fossem ouvidos a respeito da reforma cultural o que diriam?

Como corolário do papel de intermediário entre duas culturas, que Wagley, também, reserva ao antropólogo, sua missão seria sintetizada na fórmula que diz:

É obrigação dos antropólogos tentar educar os civilizados.
(Wagley, 1977: 279)

Como consequência dessa figuração onde o antropólogo assume as feições de um profeta, um diretor de uma missão civilizatória que se confunde com o processo de construção da hegemonia norte-americana no continente, ainda se pode ler:

Ao fim desse resumido relato sobre o que foram as atitudes de campo, realizadas pelo D.A.E. o leigo em antropologia, perguntará, certamente, pelos objetivos dessa ciência. A razão dessas viagens a regiões distantes - o espírito de aventura ou atração do bizarro desses costumes tão diferentes dos nossos?
(Anônimo, s/d: 4)

A citação anterior enfatiza o prazer da diferença registrada numa perspectiva etnocêntrica. Isto é, sugere que a motivação da disciplina antropologia reside no encontro com algo que é exterior a ela mesma. Entretanto, faz, pela qualificação da diferença ("bizarro"), uma inscrição da distância na certeza dos próprios quadros culturais.

II.12 SUA CIENCIA.

Num texto anônimo e, presumivelmente, da década de 30, pode-se ler a razão da recusa em se falar da antropologia:

A resposta não é fácil, pois como para qualquer ciência, a enunciação sumária dos objetivos da antropologia pode resultar numa deformação ou limitação de sua realidade. Contudo tentaremos, partindo da definição clássica, que indica ser a antropologia o estudo do homem sob o ponto de vista físico e cultural(...). (anônimo, s/d:5)

Falar dos objetivos geraria uma deformação ou limitação da realidade da antropologia. Ou seja, a citação acima faz pensar a respeito do papel do sigilo, do segredo na eficácia simbólica da Ciência. Contra essa desarticulação pela enunciação, regra de ouro da psicanálise, o autor opõe a definição clássica de antropologia que nos informa ser aquela ciência um estudo do homem sob o ponto de vista físico e cultural. Avancando um pouco nas definições, o autor noutro momento do texto dirá que,

De há muito que a antropologia, abandonando a discussão de problemas estéreis e se recusando às deduções "de gabinete", se lançou a um intenso levantamento de dados sociais, nas diferentes comunidades humanas, única base capaz de assegurar verdadeiramente a realização de seus objetivos. Para essa tarefa básica, os antropólogos vão buscar seu material, tanto nas chamadas "comunidades primitivas", de que são exemplo as nossas tribos indígenas, como nas povoações rurais ou nos grandes centros urbanos. Não podemos submeter o homem, tal como fazemos com as cobaias, a experimentações sociais. Temos que buscar o documento social onde ele exista, sob condições objetivas, não importa que seja numa taba indígena ou numa cidade industrial. O homem que vive em uma ou outra, é portador de uma experiência histórica considerável, ao mesmo tempo que a renova, modifica e lhe imprime novas diretrizes. A "natureza humana" tão a gosto dos idealistas cede lugar ao homem-função de seu meio social. (anônimo, s/d:5)

Assim, qual o perfil da antropologia social que emerge nesse texto anônimo? Desde já é preciso que se diga que admito a existência de uma influência discursiva, uma coação e um constrangimento da representação de Ciência dada à luz na

passagem citada sobre os autores dessa época, entre eles Charles Wagley. Dessa forma antecipo a objeção daqueles que veriam na passagem anterior um elemento exterior ao universo do autor que tematizo nessa dissertação.

A representação de Ciência e, por extensão, da antropologia social que flui dos enunciados anteriores, é uma representação que procura afirmar uma certa maioridade científica e epistemológica da antropologia social, na medida em que não estaria mais ela debruçada sobre problemas estéreis ou deduções de gabinete. Aliás, a associação entre esterilidade científica e teoria, representada na citação pela referência ao gabinete, é um sinal diacrítico, uma marca da antropologia praticada por Wagley; uma espécie de emblema daqueles que pensaram renovar a antropologia social pela sua aproximação às Ciências Naturais. Na mesma série, que poderíamos chamar de exterioridades, está a experimentação social. Ou seja, a antropologia social deveria excluir os problemas estéreis, provavelmente aqueles de maior investimento especulativo e portanto com retorno epistemológico ou político não-imediato, as deduções de gabinete e a experimentação social. Ligam-se, nessa perspectiva, um compromisso ético (que o Projeto Vicos mostrou-nos ser apenas de princípio) e um compromisso com o conhecimento de emprego imediato, obtido a partir da observação participante e da objetividade. Por outro lado, é exterior à representação proposta o tema de uma natureza humana, elemento de uma concepção idealista do mundo, e,

assim, não-científica, talvez religiosa.

Por outro lado, no interior da representação como seus temas constituintes, estão o "intenso levantamento de dados sociais", as "condições objetivas" do conhecimento e o homem como "função de seu meio social". Aos problemas estéreis, o autor opõe o levantamento de dados sociais como maneira de "assegurar verdadeiramente a realização dos objetivos" científicos. Contra a experimentação, o autor propõe a busca do documento social sob condições objetivas e, por último é uma representação que procura enfatizar o meio e, portanto, a sociedade sobre o indivíduo. Mais uma vez, o núcleo da representação se localiza na imagem de uma ciência objetiva, eticamente erguida com uma definição muito clara de seu objeto.

Noutro momento do mesmo texto pode-se ler:

Pouco a pouco, à luz dos resultados obtidos pelos novos métodos de pesquisa, vão sendo cientificamente destruídas as teorias da superioridade racial que via de regra, se traduzem em termos da superioridade social, haja visto o preconceito de cor. Permitindo uma melhor compreensão do homem e da cultura, a antropologia poderá concorrer efetivamente para a construção desse "mundo melhor" tão anunciado nos últimos tempos. Países como Estados Unidos Inglaterra e Rússia, mantêm equipes de antropólogos que cuidadosamente estudam suas populações nacionais e as de outros países, afim de procurar melhor fundamentar o planejamento da solução de seus problemas internos e uma melhor adaptação ao mundo exterior. (anônimo, s/d: 5-6)

Continuando na descrição da representação de Ciência, o que vemos é a questão do bem-estar social para todos como uma perspectiva. Tal perspectiva supõe a negação de superioridades (raciais ou sociais) pela Ciência. Para o autor, a Ciência tem uma missão, daí o uso de termos como tarefa ou equipe de antropólogos. Por outro lado, o autor

propõe uma representação evolutiva e teleológica de Ciência na medida em que os resultados obtidos geram uma elevação qualitativa do discurso com vistas às reformas que serão planejadas e que possibilitarão um mundo melhor. É interessante notar que a representação anterior tem por finalidade negar conflitos, sendo assim, portanto, que se pode entender as expressões planejar e adaptar.

Um segundo tema na representação da Antropologia Social feita por Wagley é o do lugar da disciplina. Sobre isto escreveu em 1953:

Entretanto, os estudos do sistema bancário de uma região, da organização formal e da doutrina de sua religião, de suas importações e exportações, ou da dinâmica de sua população, nos termos impessoais e objetivos dos economistas e sociólogos, são absolutamente inexpressivos. Nada revelam das circunstâncias de vida, ou do funcionamento dos amplos padrões, e instituições tais como são vividos pelo povo. (Wagley, 1953: 43)

Como lugar da antropologia social, Wagley define as antípodas ao estudo de economistas e sociólogos que, para ele, realizariam estudos impessoais. Para Wagley, aqueles estudos não conseguiriam captar as "circunstâncias da vida" ou o "funcionamento de amplos padrões e instituições tais como são vividas pelo povo". Tal colocação feita por Wagley é curiosa na medida em que a impessoalidade é uma das garantias, no discurso empirista, do acesso ao conhecimento.

O lugar da Antropologia Social, definido como o inverso simétrico ao estudo dos economistas e sociólogos, se insere, entretanto, no tema da pesquisa antropológica. Ou seja, uma disciplina tem seu lugar definido por oposição a outras disciplinas mas, também, por uma geometria que é

anterior a ela e que se define no campo científico ao qual a disciplina em questão pertence. Sobre a pesquisa antropológica, escreveu Wagley:

A pesquisa antropológica nunca é um processo inteiramente isolado e objetivo, embora muitos antropólogos queiram pensar que assim seja. Ela envolve algo da "arte das relações humanas", na qual se conjugam emoções, atitudes e reações subjetivas e, sem dúvida, motivações subconscientes. É um esforço profundamente humano. Enfrentando indivíduos de uma cultura diferente da própria, por longos períodos, o antropólogo, em uma aldeia primitiva ou em uma desconhecida comunidade camponesa, envolve-se em um complexo conjunto de relações humanas, exatamente como se estivesse em seu lar ou na sua sociedade. (Wagley, 1977: 213)

A definição da natureza das pesquisas antropológicas apresenta, em Charles Wagley, um aspecto ambíguo, por vezes duplo. Isto é, ao propor uma definição para a pesquisa antropológica, Wagley se defronta com uma tensão, uma divisão, que o leva ora a identificar a pesquisa antropológica a uma atividade orientada para a objetividade e dela retirando sua legitimidade e ora a identificá-la com uma prática onde a inter-subjetividade compõe sua substância. Assim, ele usará diferentes expressões para afirmar a prática antropológica como uma relação inter-subjetiva. Para ele, a pesquisa antropológica se assemelharia à "arte das relações humanas", onde um "esforço profundamente humano" e um "complexo conjunto de relações humanas" aproximariam, romanticamente, o campo ao lar e a sociedade do outro à sua sociedade.

Por outro lado e na mesma linha argumentativa, Wagley proporrá como objetivo da pesquisa antropológica o entendimento, a compreensão da sociedade do outro, relacionando, projetivamente, a comunidade na sociedade e

verificando as máximas implicações das instituições nacionais nas locais e, assim, intermediando aquilo que é universal com aquilo que é local. Em Wagley, a compreensão, enquanto um procedimento heurístico e metodológico, objetiva obturar o hiato entre a totalidade e a parte.

Como se pode ler:

I have long been aware that a local society must be projected against the background of the region or nation in order to understand the wider implications of its local institutions and the place it occupies in the range of variation of the national society. (Wagley, 1963:VIII)

Wagley, ao propor como meta das pesquisas antropológicas um procedimento que devesse, ao final, relacionar aquilo que é particular com aquilo que é universal, busca, também, evitar a falta de conexão entre os estudos de comunidade, a falta de relação entre eles. Wagley objetiva a constituição de uma taxonomia dos padrões culturais, onde aconteça uma "cooperação de especialistas" que contribuam na compreensão dessas sociedades e que evitem, por conseguinte, uma desarticulação entre os estudos:

Tanto por motivos práticos como teóricos, existe um crescente interesse entre os sociólogos no estudo das culturas contemporâneas de nações estrangeiras e de áreas do mundo. O chamado "estudo regional" tem como objetivo apresentar um quadro integral do padrão cultural de uma área ou de uma nação, ao invés de uma série de estudos não relacionados entre si tratando de aspectos isolados daquela cultura. O antropólogo, com experiência no estudo das sociedades primitivas como padrões culturais integrais, tem muito que contribuir. Mas enquanto para o estudo da população da ilha Trobriand um só homem - o antropólogo - tentou ser ao mesmo tempo economista, linguísta, sociólogo, historiador e especialista em literatura, o estudo das complexas civilizações modernas exige a cooperação de especialistas em várias disciplinas das ciências sociais e das humanidades visando um único fim. Além disso, parece não haver nenhuma conceituação geralmente aceita das unidades geográficas e culturais a serem estudadas. Dever-se-ia estudar a América Latina, o Brasil ou apenas um vale do Brasil? Uma classificação taxonômica das principais formas das culturas do

mundo e suas variedades especiais proporcionaria uma base para análises e estudos objetivos posteriores. (Wagley, 1948:716)

No plano imediato da pesquisa, o trabalho de campo, Wagley aponta as características inter-subjetivas que ligam o pesquisador a seu objeto de pesquisa:

Discutir problemas emocionais com alguém de cultura tão diferente da minha, era difícil; e a barreira da língua continuava sendo o maior entrave. Embora meu vocabulário Tapirapé estivesse aumentando, era insuficiente para sondar a fundo reações emocionais. (Wagley, 1977:223)

Uma das positivities que constituem a representação construída por Wagley da pesquisa antropológica é a prática de "sondar a fundo reações emocionais". Na citação anterior ela aparece em oposição à "barreira da língua". De qualquer modo, entretanto, conhecer a psique do outro parece ter sido um dos objetivos de Charles Wagley enquanto antropólogo, compondo ao lado das outras positivities enunciadas anteriormente a representação sobre a pesquisa antropológica.

Além de sondar a fundo reações emocionais, o que ficaria mais apropriado a um psicólogo, podemos ver com mais clareza o contorno da representação da pesquisa antropológica, seu zelo, quando lemos um enunciado produzido por Eduardo Galvão sobre a formação da cultura da Amazônia:

A assimilação de alguns indivíduos, geralmente filhos e netos de índios emigrados de suas comunidades, destribalizados ou urbanizados, não é suficiente para nos permitir diagnosticar a população Terena, em seu conjunto, como estando em vias de incorporação à sociedade nacional. (OLIVEIRA, 1960:153; cf. RIBEIRO, 1962). (Galvão, 1967:25)

A metáfora médica da doença é evocada a partir da atribuição ao antropólogo da prerrogativa em diagnosticar a aculturação, como se essa fosse uma patologia a ligar duas ou mais sociedades ou civilizações. A idéia de uma pesquisa

antropológica vigilante é confirmada pelo enunciado que aparece em *Race and Class in Rural Brazil*, de 1952:

The population of Minas consists mainly of two races - Negro and White - and the results of their intermixture. Occasional Amerindian characteristics may also be detected, but individuals of pure American Indian descent do not exist. (Harris, M. em Wagley, 1952:49)

O objetivo aí é detectar e, ao lado da prospecção das reações emocionais e do diagnóstico, compõem um quadro onde a pesquisa antropológica tem por referência, como espelho, as Ciências Médicas. Confirmando tal idéia, encontramos no mesmo texto de 1952, a relação entre a pesquisa e a predição, relação necessária a uma ciência objetiva:

It is impossible to predict with any degree of certainty what form the relations among the races in Monte Serrat will take in the near future. (Zimmerman, B. em Wagley, 1952:111)

Tentei apontar elementos do tema da pesquisa antropológica em Wagley. Parece-me que, fundamentalmente, a representação da pesquisa antropológica em Wagley oscila entre a objetividade canônica e a inter-subjetividade de fato.

II.13 O OUTRO CONHECE SEU INTERESSE?

No texto *Amazon Town: a study of man in the tropics* de 1953, pode-se ler:

Não se pode modificar o que já passou; mas do estudo do passado torna-se evidente que a principal barreira para um melhor nível de vida para os habitantes do Vale Amazônico é a incapacidade do homem de orientar seus esforços na direção de seus próprios interesses. (Wagley, 1953:98-9)

Para Charles Wagley, o melhor nível de vida aos habitantes do Vale Amazônico- equivale a dizer, a construção da hegemonia norte-americana por uma reforma cultural- supõe a superação de alguns obstáculos e entraves. Tal superação deve contar, necessariamente, com o concurso da ciência, em particular da antropologia e do antropólogo como seu

praticante. Na citação anterior, apesar de formalmente não-enunciada ou até por essa razão, é a presença do antropólogo, tomado como sinal do homem de ciência, seu representante, que ocupa todo o registro criado pelo enunciado. A melhoria do nível de vida só virá quando forem afastados os fantasmas da ignorância e da impossibilidade de se usar positivamente- quer dizer, de maneira não especulativa- o passado. Wagley deixa antever que apenas o uso da História, tomada na citação por sua dimensão de passado, é que transformará o Vale Amazônico. Assim, ergue-se de maneira neutra, porque assemelhado à Ciência, mas com um conteúdo densamente positivo o "estudo do passado". Será pelo estudo do passado, leia-se História, que Wagley imaginará remover a ignorância mais profunda dos habitantes do Vale Amazônico. A História, na citação anterior, aparece como o instrumento que permitindo mobilizar as lições que a própria História encerra em seu tempo passado, transformará a ignorância dos próprios interesses em conhecimento no sentido da melhoria do nível de vida. É o estudo do passado que permitirá neutralizar a falta de reflexão dos habitantes do Vale Amazônico, verdadeiras crianças políticas na medida em que não conseguiriam orientar seus próprios esforços a seu favor. A noção liberal de interesse emerge, então, como a pedra de toque do estudo do passado. Este deverá levar os habitantes do Vale Amazônico a reconhecerem seus próprios interesses. O que Wagley não se pergunta e o que ele não problematiza é se a melhoria do nível de vida corporifica-se em interesse aos amazônidas. Por outro

lado, Wagley representa muito negativamente os habitantes do Vale Amazônico. Como pode uma coletividade não saber o que constitui interesse para si? Ao negar aos habitantes do Vale Amazônico a capacidade, que é política, de orientar-se segundo seus próprios interesses, Wagley não apenas fala pelo outro, ele abre espaço para a total e irreversível anulação do outro. Aliás, o que Wagley faz, na citação anterior, é exatamente anular o outro, assimilá-lo numa perspectiva que é a norte-americana de extensão do bem-estar social para todos.

No mesmo texto, noutro enunciado porém, Wagley escreveu:

Se, entretanto, as razões do atraso do Vale Amazônico são principalmente de natureza social e cultural, e portanto, determinadas pelo homem, então não há barreiras intransponíveis à capacidade do homem para planejar e controlar a direção de seu futuro desenvolvimento. Existem; evidentemente, numerosas limitações impostas pelo ambiente físico e pelo clima e, o que também é evidente, os problemas econômicos e sociais não podem ser resolvidos localmente, porque a região amazônica está intimamente ligada ao Brasil, como nação, e ao mundo exterior. Ainda assim, a transformação social, quer se manifeste como um reflexo das modificações ocorridas no cenário nacional e internacional, quer como o resultado de acontecimentos puramente locais, implica fundamentalmente em alterações na sociedade e na cultura da comunidade. E é neste plano, dentro da estrutura da pequena comunidade, que o antropólogo está mais apto a auxiliar o planejador social e o administrador, encarregados da execução de programas de saúde, de reformas agrícolas, de campanhas educativas e de outros esforços destinados a melhorar as condições econômicas e sociais. (Wagley, 1953: 99)

Como se pode ver, se no primeiro enunciado as ameaças à hegemonia norte-americana estavam representadas pela incapacidade em instrumentalizar a História e na ignorância dos próprios habitantes do Vale Amazônico, no enunciado anterior, tais ameaças deslocam-se do plano humano da História e da Política, para o plano da natureza. Ainda que

reconhecendo serem as razões do atraso de natureza social e cultural, Wagley admitirá o peso das "limitações impostas pelo ambiente físico e pelo clima". Antes dessa admissão significar uma posição de prudência e coerência científicas, ela simboliza, no plano do enunciado, a afirmação de um valor político, a ponderação e sua consequência, a conciliação. Wagley busca a não-exclusão dos argumentos em favor do peso geográfico sobre o atraso para não excluir seus defensores, como Ellsworth Huntington. Entretanto, se voltarmos ao comentário do enunciado, veremos que o ambiente físico e o clima compõem, ao lado da falta de autonomia política da comunidade as ameaças à melhoria do nível de vida, no enunciado anterior identificado como desenvolvimento. A transformação social, a melhoria do nível de vida e o desenvolvimento são as figuras da reforma cultural no enunciado anterior.

Ao estudo do passado, competência e prerrogativa do antropólogo, Wagley acrescenta, no enunciado anterior, o auxílio ao planejador social e ao administrador na condução das reformas. O estudo do passado cria as condições para a participação do antropólogo na intervenção que levará à reforma cultural, na medida em que oferece ao antropólogo um capital cognitivo que o credenciará a participar das decisões sobre a reforma cultural, legitimando-o. Conhecimento e intervenção ligam o antropólogo ao outro.

A aceitação da natureza social e cultural do atraso, razões humanas, leva Wagley, pela intermediação do

estudo do passado, a depositar uma verdadeira fé científica (se essas palavras não representarem uma contradição em si-mesmas) na "capacidade do homem para planejar e controlar a direção do seu futuro desenvolvimento". O que Wagley deseja é controlar a direção da mudança pelo conhecimento do contexto onde ela ocorre. Controlar as alterações na sociedade e na cultura da comunidade, oferecendo ao desenvolvimento um caráter orientado. Ou seja, para Wagley o conhecimento leva ao controle e este ao planejamento. Como se sabe que os habitantes do Vale Amazônico não possuem capacidade política para sequer identificar seus próprios interesses, resta que caberá aos técnicos norte-americanos mostrar o sentido e a direção do desenvolvimento, de melhorar as condições econômicas e sociais. Se tomados em conjunto, os dois enunciados anteriores apontam no sentido da legitimação do trabalho de técnicos e na consolidação de uma reforma cultural autoritária e imposta, uma verdadeira quebra da identidade amazônica.

Como exemplo do poder que a prerrogativa auto-atribuída de Wagley tem para auxiliar os planejadores pelo conhecimento, podemos ler às páginas 110 e 111 de *Amazon Town: a study of man in the tropics*:

Mesmo um emprego mínimo das técnicas e dos conhecimentos agrícolas modernos aumentaria consideravelmente a produção da região. Melhores condições de transporte e umas poucas inovações, como a centralização de fábricas de farinha, maquinaria simples e animais de tração, poderiam incrementar a produção agrícola de Itá, como o fizeram na região de Belém-Bragança, perto da foz do Amazonas. Mas, enquanto prevalecerem os atuais métodos agrícolas, a produção de alimentos constituirá seu principal problema. (Wagley, 1953: 110-11)

Com a legitimidade conferida pelo conhecimento de que seria portador, Wagley defende a idéia de que os métodos agrícolas dos habitantes da Amazônia seriam os responsáveis pela baixa produtividade. Ou seja, ele quer afirmar o valor da tecnologia norte-americana. Entretanto, para ele o objetivo a ser alcançado é o aumento da produção, seu incremento, não importando se, para os habitantes de Itá isso não se constituisse em problema.

A citação anterior mostra como, na prática, o conhecimento sobre a sociedade amazônica poderia levar Wagley a intervir nela.

2. ESTUDOS DE COMUNIDADE

II.2.1 A PRESENÇA DO PASSADO

Para Charles Wagley, a compreensão de qualquer sociedade depende do conhecimento do passado, isto é, depende de um conhecimento de natureza histórica:

La comprensión de cualquier sociedad depende del conocimiento del pasado, de los sucesos que dieron por resultado el presente, y de la naturaleza de la situación y las tendencias actuales. Para comprender a la sociedad guatemalteca del presente debemos estudiar las culturas aborígenes prehispánicas, la cultura española que llegó a dominarlas, y los períodos colonial y republicano de la historia del país, durante los cuales la cultura nacional de Guatemala tomó forma; asimismo debemos estudiar el pasado reciente. (Wagley, 1957: XVI)

O conteúdo desse conhecimento é composto pelos "sucessos que deram por resultado o presente" e pela "natureza da situação e tendências atuais". Ou seja, o conhecimento sociológico é para Wagley, um conhecimento positivo na medida em que elege o sucesso como seu principal elemento. Para Wagley, o presente, enquanto um tempo em que se situa o observador, é condicionado pelo passado e, principalmente, pelo que há de positivo nele. Além disso, a História é, para Wagley, uma espécie de jogo dos possíveis, na medida em que a direção do fluxo histórico obedece às tendências. Por outro lado, sua concepção de História e, por extensão, de interpretação sociológica é substantiva, isto é, remete o observador ou antropólogo à pesquisa da natureza da situação presente. Não é demais lembrar que, em perspectiva, se coloca a predição dos eventos sociais, uma previsão do caminho histórico, configurando, com ênfase, um conhecimento de ordem positiva.

Poder-se-á argumentar que a noção de compreensão

como que neutralizaria o conteúdo do enunciado anterior de Wagley. Em aparência, tal argumento é verdadeiro. Entretanto, se deixarmos a superficialidade da citação para observarmos o conteúdo que a expressão compreensão ganha no enunciado anterior, veremos que se trata de um procedimento heurístico onde conhecer importa para prever. Ou seja, longe de evocar uma "fusão de horizontes", a compreensão permite, a Wagley, situar o antropólogo transcendentemente ao fenômeno analisado e, assim, supor a possibilidade de controlar mudanças e tendências, forças sociais e perspectivas históricas.

Por último, é preciso ver que, para Wagley, a fórmula heurística que conjuga sucessos, natureza da situação e tendências atuais é universal, isto é, pode e deve ser empregada no conhecimento de qualquer sociedade, como convém à Ciência. Apesar de não aprender nos erros, dado que para ele os erros não são dotados de uma substância geradora da História, não são genéticos, Wagley vê o conhecimento como histórico e é isso que expressará noutros enunciados de seu conjunto de textos.

Na sociologia de Wagley, além do conhecimento do passado é a leitura da História, uma outra versão para o mesmo tema, que organiza sua forma de conhecer:

Several points of theoretical importance can be learned from recent Tapirapé history and from some observations on social and cultural changes since 1940. (Wagley, 1955:100)

O conhecimento do passado, além de se sustentar no conhecimento dos sucessos, das tendências e na natureza da situação, pode, ainda, representar uma origem, um ponto de irradiação de questões teoricamente importantes. Ao menos no

registro desse enunciado, pode-se dizer que a Teoria deriva da História. Por outro lado, junto aos primeiros elementos que ofereciam conteúdo à noção de conhecimento do passado, há as "observações das mudanças sociais e culturais". Ou seja, pode-se dizer que, em Wagley e para ele, mudanças sociais e culturais são sinônimos de sucessos. Ou seja, é pela observação das inflexões históricas que se chega a um conhecimento do presente, isto é, pelos sucessos que produziram uma sociedade tal qual ela se apresenta presentemente.

II.2.2 A "CIENCIA DA PEQUENA COMUNIDADE"

Como Charles Wagley representaria a pesquisa antropológica através do método dos estudos de comunidade? Como Wagley representaria tais estudos? Para responder a essa pergunta vejamos o enunciado seguinte feito em *Amazon Town: a study of man in the tropics*, de 1953:

Finalmente, uma das grandes contribuições que a antropologia oferece aos programas de assistência técnica decorre de seus métodos de pesquisa e do objetivo tradicional dessas pesquisas. Uma das grandes forças da antropologia social como disciplina científica reside no conhecimento profundo e detalhado que adquire o investigador sobre o pequeno grupo demográfico que estuda. Como seus métodos de trabalho de campo incluem observações pessoais minuciosas da vida diária, a participação na sociedade em estudo, além de longas e repetidas entrevistas com uma ampla seleção de indivíduos, seu trabalho de pesquisa tem sido geralmente pouco extenso. Com raras exceções, os antropólogos têm realizado suas pesquisas de campo entre grupos de mil a duas mil pessoas. Têm estudado de forma clássica grupos e povoados primitivos. É este o caso dos estudos do autor entre as tribos indígenas brasileiras. Somados, os grupos tribais não perfazem mais de duas mil pessoas e, conquanto certos povoados tenham sido mais profundamente estudados do que outros, foi possível verificar as observações por meio do conhecimento direto da maioria dos vilarejos do grupo tribal. (...). A antropologia social quase poderia ser descrita como a "ciência da pequena comunidade". (Wagley, 1953: 351)

O primeiro elemento a nos reter a atenção é a enorme série de figuras positivas utilizadas na construção do enunciado, isto é, o conjunto de termos mediante os quais Wagley fixa uma imagem da pesquisa e dos estudos de comunidade. Contra essa gama de positivities, há um conjunto unitário no domínio dos elementos negativos. Senão vejamos. Para Charles Wagley, a pesquisa se caracteriza positivamente por seus métodos e seus objetivos, definidos como uma das "grandes contribuições da antropologia aos programas de assistência técnica". Leia-se, aí, uma grande contribuição às iniciativas géo-políticas norte-americanas. O método, por sua vez, se caracteriza como um "conhecimento profundo e detalhado que adquire o investigador sobre o pequeno grupo demográfico que estuda". Essa é a essência da prática metodológica alinhada sob a rubrica dos estudos de comunidade. Esse conhecimento profundo, por sua vez, é obtido por observações pessoais e minuciosas da vida diária e pela participação na sociedade em estudo. Longas e repetidas entrevistas com uma ampla seleção de indivíduos oferecem o conteúdo às observações pessoais e dão substância à participação na sociedade. Isto configuraria um conhecimento direto que apenas seria limitado por se tratar de um trabalho pouco extenso, isto é, um trabalho que não se aplicaria a sociedades complexas. Para Wagley, a Antropologia Social seria a "ciência da pequena comunidade".

Mas o que caracterizaria o estudo dessas pequenas comunidades? Vejamos Wagley:
O estudo dessas pequenas comunidades muito contribuiu para

nosso conhecimento da natureza da cultura. Em seus estudos de pequenos grupos tribais o antropólogo tinha que se transformar em um estudante da economia, da história, da estrutura social e política, da religião, da literatura e da língua do grupo tribal. (...). A intimidade das técnicas de pesquisa do antropólogo de campo torna-o sensível a minúcias de costumes e comportamentos que em geral passam despercebidos para os estudantes mais convencionais das culturas humanas. (Wagley, 1953: 352)

Para Charles Wagley, o que oferece substância ao estudo das pequenas comunidades que já são, em si mesmos, positivos, é o domínio das técnicas de pesquisa de campo pelo antropólogo. Wagley empresta a essas técnicas o predicativo gerador de uma sensibilidade no antropólogo que não estaria presente nos demais "estudantes mais convencionais das culturas humanas", para usar uma expressão dele que é elegante mas neutra. A intimidade com as pesquisas que por sua vez geram uma sensibilidade especial derivam da especialização. Ou seja, houve um momento na história da antropologia quando o antropólogo podia se "transformar em estudante de economia, de história, da estrutura social e política, da religião, da literatura e da língua do grupo tribal". Ou seja, Wagley atribui à especialização um conteúdo que torna as práticas metodológicas que lhe são posteriores mais complexas que as práticas antropológicas datadas das ilhas Trobriand. Para Wagley, a especialização é um valor e não poderia sê-lo diferente na medida em que o processo de especialização metonimiza, na história da cultura ocidental, a técnica e a eficiência, a competência, enfim tão necessária à extensão do modo americano de vida para o resto do mundo.

O que faria, entretanto, o antropólogo ante o estudo das nações modernas?

Entretanto, quando o antropólogo se volta para o estudo de nações modernas e civilizações complexas, seus métodos de pesquisa exigem certas limitações. Em uma sociedade tribal cada bando ou cada povoado é praticamente uma réplica dos demais. Nessas sociedades existe um mínimo de especialização: todos os homens podem ser, por exemplo, pastores ou lavradores. Nas complexas nações modernas, cada comunidade constitui uma unidade especializada de um sistema social maior e mais complexo. Cada qual tem sua posição especial na sociedade maior determinada pela economia, a posição física, a história e numerosos outros fatores variáveis que entram na composição de uma nação moderna. Não se pode dizer, portanto, de nenhuma comunidade que seja típica de uma nação, por mais cuidadosamente que se escolha. Cada comunidade contém apenas um pequeno segmento da cultura total de uma nação moderna. Além do mais, nas nações modernas há instituições nacionais e regionais, como o sistema jurídico e político, e há grupos sociais que as subdividem em comunidades, que enquadram essas comunidades dentro da sociedade maior e que só podem ser compreendidos numa base nacional ou regional. (Wagley, 1953: 352-53)

A transposição do método de estudos de comunidade para o estudo de sociedades complexas traz uma série de questões metodológicas e, fundamentalmente, inviabilizam, para Wagley sua aplicação. O primeiro dos motivos pelos quais o estudo de nações modernas e civilizações complexas se apresentam como uma limitação ao método é, para Wagley, a inexistência de uma comunidade típica de uma nação. Numa sociedade complexa, a comunidade perde seu caráter de réplica e seu conteúdo mínimo de especializações, para tornar-se "uma unidade especializada de um sistema social maior e mais complexo". Cada comunidade, para Wagley, conteria apenas um "pequeno segmento de cultura total de uma nação moderna". O que faz o conteúdo de uma comunidade numa sociedade complexa é o conjunto de instituições nacionais e regionais que ali se manifestariam. A comunidade é sobre-determinada pela realidade nacional. O que isto significaria? O próprio Wagley nos responde:

Querirá isto dizer que os métodos de pesquisa da antropologia não se podem adaptar ao estudo da cultura das complexas nações modernas? Pelo contrário, uma longa série de estudos de comunidades modernas confirmam a adaptabilidade dos métodos às sociedades complexas, estudos esses que contribuíram grandemente para o nosso conhecimento das culturas nacionais complexas. Esses estudos de comunidade provaram que não basta conduzir a estrutura formal de um governo nacional, a tendência de sua economia, ou outros importantes aspectos da vida de uma nação. Igualmente importante é possuir um quadro completo de uma cultura, tal como funciona em determinada comunidade. Os estudos de comunidade mostram-nos como funcionam as instituições nacionais em uma situação concreta. Proporcionam-nos um conhecimento dos problemas nacionais, tal como se manifestam localmente e acrescentam uma nova dimensão ao quadro convencional e algo inanimado que tão comumente nos apresentam os economistas, os políticos, os historiadores e outros. (Wagley, 1953: 353)

O que Wagley propõe é uma animação dos estudos feitos por economistas, políticos, historiadores e outros. Para Wagley o estudo feito por eles daria um "quadro convencional e algo inanimado" da sociedade. Assim, a aplicabilidade dos estudos de comunidade em sociedades complexas receberia sua legitimidade da possibilidade que tais estudos têm, em Wagley, de oferecer um "quadro completo de uma cultura, tal como funciona em determinada comunidade". Tal possibilidade já teria sido confirmada por uma longa série de estudos de comunidades modernas. Assim, Wagley torna legítima a pretensão da Antropologia Social em estudar sociedades complexas. Além do mais, tais estudos ofereceriam um "conhecimento dos problemas nacionais" a partir de um quadro vivo, contrariamente a outros cientistas sociais.

A. Strickon, comentando a transposição do método dos estudos de comunidade para sociedades complexas, reconhece os problemas metodológicos e agrega outros:

In the study of communities which were part of complex societies (or in dealing with problems which had to be researched in such communities), the anthropologist was faced

with new methodological problems. His traditional methods, developed in his studies of small and nonliterate societies, were no longer completely adequate to describe and analyze a Yucatan city or a Brazilian sugar plantation. To a large degree a primitive tribe could be viewed as an isolated universe. Within this universe the anthropologist could with some confidence become expert in the economics, political organization, technology, religion, and philosophy of "his" people. In the more complex situations which the anthropologist began to face in modern social systems, he no longer had the universe even potentially within his ken. Effective decisions which could have a profound effect upon the people being studied might not be made by them at all very likely were not. Much of the knowledge that the ethnographer might gain by observation and interrogation in a primitive community had to be obtained in a complex society from sources and from experts who were little concerned with the problems of the anthropologist. The expert might inform the fieldworker about what was involved in the signing of a sugar agreement in London. It was up to the anthropologist to see the significance of these outside factors to village baptism, marriage, politics, or kinship organization. (Strickon, A. em Wagley, 1964:138)

Para Strickon, os problemas metodológicos surgidos com a aplicação do método de estudos de comunidade em sociedades complexas derivam, basicamente, da necessidade que o antropólogo teria em contar com o concurso de outros especialistas, diferentemente das comunidades primitivas. Daí a preferência por comunidades isoladas e primitivas:

There has been a marked predilection for research in the communities which are isolated, which are "traditional", and which represent a way of life on the verge of disappearance. (Strickon, A. em Wagley, 1964:150)

Strickon, entretanto, dirá que a aplicação do método em sociedades complexas implicará uma mudança na forma de conceber a comunidade. Esta passará de foco de interesse da pesquisa para um "estágio" onde se possa visualizar as conexões entre a população, sua organização e as várias categorias do fenômeno cultural:

The community would not serve as the focus of interest. It would be merely the stage upon which we could see the myriad of connections (both within and without the locality) among the people, their organization, and various categories of

cultural phenomenon. (Strickon, A. em Wagley, 1964:158)

Nessa passagem, a comunidade é, meramente, a forma onde a cultura existe; o lugar onde o cientista se exercita epistemologicamente pela busca das conexões, das relações que dão conteúdo à cultura.

Convergindo à citação anterior onde Wagley posiciona-se pelos estudos de campo e seus correlatos como a objetividade, a descrição e a empiria, ele ainda citará Arensberg e Kimball para definir melhor o que sejam os estudos de comunidade:

Apesar dos inúmeros volumes escritos por viajantes, naturalistas, geógrafos, etnógrafos, historiadores, folcloristas e outros, que tratam da ocupação humana do vale do Amazonas, o estudo da comunidade humana tem sido mais ou menos esquecido. Isso é especialmente verdade se nos limitarmos à pesquisa que utiliza o método moderno de estudo de comunidade. Esse método conforme diz Conrad Arensberg, "é aquele ... em que o problema é examinado em confronto ou dentro do meio que condiciona o comportamento e atitudes dos indivíduos que integram a vida de uma determinada comunidade. Tem por objetivo estudar o comportamento e as atitudes in vivo pela observação e não in vitro por separação e abstração ou experimentalmente como um modelo" (ARENSBERG & KIMBALL, 1965:29). Em outras palavras, o estudo de comunidade descreve e analisa as realidades da vida dentro do contexto de uma unidade natural da sociedade humana - a comunidade. É concreto, específico e empírico, mas também, analítico e teórico. (Wagley, 1967:41)

Aquilo que substantiva a citação anterior é uma metáfora das Ciências Naturais, onde os métodos laboratoriais da abstração e da experimentação como um modelo- simbolizados na expressão "in vitro"- são identificados ao trabalho de gabinete, isto é, ao trabalho feito sem o contato pessoal com o grupo a ser estudado pelo antropólogo. O estudo de comunidade é, por sua vez, uma espécie de superação dos métodos de laboratório ainda que, contraditoriamente, tente preservar predicativos científicos como a objetividade e a

empíria. Por outro lado, os estudos de comunidade aparecem e prefiguram um estudo do comportamento tomado em sua relação com o meio, com o contexto donde recebe seu significado, o que para Wagley quer dizer estudar "in vivo". O que se deve buscar nos estudos de comunidade, o ponto em perspectiva para onde deve progredir o processo epistemológico envolvido na prática de se fazer estudos de comunidade são as "realidades da vida", tomadas num contexto natural da sociedade humana, a comunidade. Parece-me curioso que antropólogos sociais tentem definir uma de suas categorias como naturais. Talvez se deva entender aí uma tentativa de encontrar um universal epistemológico e menos uma reificação, uma entidade a-histórica. De qualquer modo a oposição entre as pesquisas "in vitro" e as "in vivo" realçam, apenas, a preferência pelo trabalho de campo como uma condição de possibilidade ao exercício dos estudos de comunidade, sua origem. Mais adiante, no mesmo texto de 1967, Wagley escreveu:

O método de estudo de comunidade usado pelos antropologistas e sociólogos implica um conhecimento íntimo da comunidade estudada. O pesquisador, ou a equipe de pesquisadores terá que viver numa determinada comunidade por muitos meses - freqüentemente um ano ou mais. Ele usa a técnica bem conhecida de pesquisa antropológica do "observador participante" - que é a aprendizagem pela experiência de primeira mão vivendo a vida da comunidade. O pesquisador entrevista também muitos indivíduos em todas as posições da hierarquia da comunidade. Pode ainda utilizar técnicas do questionário e mesmo lançar mão de material impresso em periódicos, jornais ou existentes em arquivos locais. Como exemplos de estudos de comunidade modernos no Brasil citaremos o estudo de Cunha em São Paulo, por WILLIAMS (1942); o de Itapetininga, em São Paulo, por NOGUEIRA (1962); o de Minas Velhas na Bahia, por HARRIS (1956); e o estudo realizado por mim e GALVÃO de uma pequena comunidade do Vale do Amazonas em 1948-49 (WAGLEY, 1964; e GALVÃO, 1955) (Wagley, 1967: 41-2)

Fazer um estudo de comunidade é uma experiência

epistemológica cuja eficácia depende da permanência do antropólogo na comunidade. A permanência é a origem, ao menos uma de suas figuras, nessa experiência. Esta tem como objetivo a aprendizagem de uma outra cultura, de uma outra sociedade, intermediadas pelo "conhecimento íntimo", pela observação participante, por questionários e entrevistas. Conhecer, permanecer e aprender são práticas solidárias na medida em que levam aos estudos de comunidade. Conhecer é o fim, aprender o meio e permanecer a origem e a condição do aprendizado e do conhecimento.

Entretanto, nem tudo é positividade na representação que Wagley faz dos estudos de comunidade. Há os problemas e os obstáculos:

Tais estudos de comunidade apresentam vários problemas. Entre eles gostaria de salientar apenas dois. Primeiramente, o problema da "unidade de estudo". O que é uma comunidade humana em determinada região do globo? Será uma grande cidade como Belém ou Manaus? Será uma cidade sede de um município? Será um barracão comercial cercado de casas espalhadas em volta onde residem famílias que se acham ligadas ao seringalista pelo crédito e outros laços econômicos? Será talvez um pequeno agrupamento de roceiros - ou será, todavia, uma grande fazenda de gado? (Wagley, 1967: 42)

Para Wagley, a unidade de estudo é um problema. Ou seja, ele a vê, pode-se deduzí-lo, como um limite à realização das positivities epistemológicas virtuais ou reais dos estudos de comunidade. Isto porque a questão da unidade de estudo coloca uma problematização sobre a própria noção de comunidade, isto é, sobre a própria base da experiência epistemológica em foco. Tal problematização é expressa, na sequência do enunciado, pela série de indagações feitas por Wagley a respeito de qual seria uma comunidade na Amazônia. A

ansiedade sob as perguntas testemunham o valor dos estudos de comunidade para Wagley, na medida em que questioná-los seria questionar a própria trajetória profissional dele, assim como o projeto géo-político a ele associado.

A segunda questão aos estudos de comunidade é aquela onde se focaliza a relação entre a parte (a comunidade) e o todo (a região ou a sociedade inteira):

Em segundo lugar, pergunta-se qual é a relação da unidade a ser estudada com a sociedade regional maior? As comunidades modernas não são unidades sociais isoladas como as tribos. De alguma forma elas participam da vida regional, econômica, política, religiosa e social. São acima de tudo o resultado da história da região a que pertencem. Assim, qualquer que seja a unidade que se escolha é possível estudá-la como um fenômeno isolado sem se levar em consideração o panorama social da região a que ela pertence. (Wagley, 1967: 42)

Para Wagley, a diferença com tribos é o que caracterizaria as comunidades modernas. O conteúdo dessa diferença é retirado da distância entre isolamento e conexão, ambos tomados naturalmente e não como uma construção do pesquisador. É interessante notar que neste enunciado Wagley faz a abstração ou negação do contexto sociológico como se a comunidade pudesse ser lida apenas como resultado de sua história. Wagley afasta desse horizonte a perspectiva de um estudo sincrônico, de um estudo baseado em comparações sucessivas de comunidades pela relação com o contexto sociológico. A comunidade pode e deve, para Wagley, ser estudada nela mesma uma vez que é portadora de uma história que cumpriria ao antropólogo reconstruir.

Acima de tudo, qualquer comunidade é portadora de uma singularidade, talvez mesmo de uma identidade produzida por essa singularidade e que seria o resultado de uma

combinatória de planos:

Da trama complexa de seu meio-ambiente, herança cultural e fatores históricos, cada região do mundo tem produzido um tipo peculiar de comunidade humana. (Wagley, 1967:42)

Parece-me ter sido essa singularidade que Wagley buscou em suas experiências epistemológicas com os estudos de comunidade, na medida em que ela represente o obstáculo à aculturação e às reformas tão necessárias à construção de uma hegemonia.

Em 1955, entretanto, Wagley escreveu uma avaliação metodológica aos estudos de comunidade feitos no Brasil, *Brazilian Community Studies: a Methodological Evaluation*. Na introdução do texto, Wagley aponta para uma possível confusão a respeito dos estudos de comunidade, citando Julian Steward, em decorrência de uma indefinição daqueles estudos. Entretanto, Wagley vê uma evolução nos métodos e na definição do que seja um estudo de comunidade. Na segunda parte do texto, *Community Studies in Brazil*, Wagley faz um mapeamento dos estudos feitos no Brasil, onde aponta um estudo de Lucilla Hermann como "um excelente balanço" das mudanças em Guaratinguetá. Aliás, o estudo das mudanças sociais foi, na visão de Wagley, o centro das pesquisas com estudos de comunidade no Brasil, levando o autor a escrever que *"Brazil will be one of the most best studied nations in the world by the community study technique."* (Wagley, 1955:361)

Para Wagley, também, uma série de questões se colocavam no espaço epistemológico dos estudos de comunidade, cujas respostas supunham, em sua opinião, uma "organização conceitual de referência". Tal tema será detalhado, por

Wagley, nas páginas posteriores do texto. Por outro lado, é preciso que se lembre ser o conhecimento empírico da cultura nacional do Brasil o principal objetivo dos estudos de comunidade, na interpretação de Wagley. Ou seja, a partir de estudos locais, de pesquisas parciais, buscava-se atingir a totalidade representada pela cultura nacional.

A terceira parte do texto é um comentário sobre a diversidade cultural do Brasil. Nesse momento do texto, Wagley é capaz de enunciar uma contradição, ao menos aparente, cuja superação só é possível pelo recurso a instâncias topologicamente essenciais na cultura brasileira. O que desejo registrar é que Wagley abre o texto colocando uma "grande diversidade de padrões culturais" e uma "grande variação nas manifestações locais das instituições nacionais" como problemas de pesquisa numa nação tão complexa quanto o Brasil. Por outro lado e, simultaneamente, Wagley afirmará uma "homogeneidade cultural" que é contraditória à diversidade antes afirmada. Ou seja, Wagley não sabe se, efetivamente, está diante da diversidade ou da diferença. Admitindo que neste texto de 1955 está, embrionariamente, uma interpretação do Brasil que será, posteriormente, desenvolvida em *An Introduction to Brazil*, é neste último texto que encontramos, em suas primeiras páginas, a síntese para a contradição colocada no texto de 1955: o recurso a um denominador comum à cultura brasileira. Ou seja, há no texto de 1955 as bases para a busca da síntese epistemológica e interpretativa representada pelo quadro de referências conceituais que Wagley propõe e que se distribuem

através de dois "conjuntos de variáveis", o regionalismo e as sub-culturas.

Na última parte do texto de 1955 *Research Needs and Recommendations*, Wagley aponta as demandas epistemológicas realizáveis a partir do quadro de referências fundamentado nos grupos de variáveis que são o regionalismo e as sub-culturas. Ele começará o sub-ítem reafirmando a idéia de uma falta do que se poderia, propriamente, chamar estudos de comunidade. Tal falta decorre de uma transposição, que não foi feita no Brasil, do método dos estudos de comunidade de pesquisas feitas em sociedades simples para pesquisas feitas em sociedades complexas. Esta transposição instauradora de uma distância epistemológica reflete, na visão de Wagley, a idéia que os métodos tradicionais de campo são melhor adaptados a pequenas comunidades e populações homogêneas. Em função da inexistência numa sociedade complexa que lembre o mais remotamente uma comunidade numa sociedade simples é que Wagley proporá, no texto, uma inflexão epistemológica quanto ao tema da unidade de estudo. Isto é, ele proporá que se abandone a comunidade como unidade de pesquisa e que se tome, em seu lugar, sub-culturas e segmentos da comunidade. Ele dirá que talvez as comunidades urbanas em sua totalidade não precisem ser o assunto da pesquisa. Para Wagley, a tentativa de transpor mecanicamente o método usado em sociedades simples para sociedades complexas poderia levar a uma "imagem distorcida do Brasil como nação". Ou seja, o que Wagley deixa implícito em seus enunciados anteriores é a necessidade

metodológica que os estudos de comunidade têm de superar uma inadequação entre instrumentos heurísticos e objeto de estudo com vistas a uma eficácia no conhecimento de sociedades complexas. Se, através de seu discurso, Wagley consegue delimitar o obstáculo representado pela transposição do método, qual seriam os antídotos a ele?

Wagley propõe, primeiramente, uma equipe de pesquisas. Apenas uma equipe de pesquisa seria eficiente na aplicação dos estudos de comunidade na medida em que a existência da equipe supõe a existência de especializações e de divisão do trabalho, processos conjugados na obtenção de uma aumento da eficiência. Por outro lado, Wagley propõe que os estudos sejam feitos pela adição de métodos quantitativos da sociologia urbana com métodos clássicos da etnografia. Mais propriamente ele dirá (...) *combining the techniques of ethnography with those of modern urban sociology.*

Por último a sugestão ao tema da eficiência:

Finally, it must be repeated that the frame of reference for community studies suggested above has the purpose of making our studies more useful to an understanding of the national scene. (Wagley, 1955)

O texto de 1955, em que pesem tantos sentidos que se possa emprestar a ele, foi escrito para defender a perspectiva de uma unificação dos estudos de comunidade feitos no Brasil com vistas à obtenção de uma maior eficiência heurística.

II.2.3 O TRABALHO DE CAMPO.

Como Charles Wagley representa os informantes?

Isto é, de que forma ele vê e com que conteúdo o elemento de

ligação entre um desconhecimento, o início da pesquisa, e uma virtualidade, as informações que darão um sentido à leitura de um sociedade?

Como uma primeira aproximação ao tema, é ilustrativo, na medida em que expressa os referentes onde atuou nosso autor, uma citação feita em Santiago Chimaltenango:

No presencié las ceremonias del Día de Difuntos ni las que se efectúan de octubre a abril. Las descripciones referentes al Día de Difuntos, a T'walak-Koman y a la Semana Santa, así como la de la instalación de los nuevos funcionarios el 31 de diciembre, derivan de las narraciones de mis informantes y de Carmelo San José, mi intérprete, que ha residido en Chimaltenango durante la mayor parte de su vida. (Wagley, 1957: 279)

Para Wagley, a presença do informante compensou duas ausências, duas faltas. A primeira, obviamente, é a falta de informação sobre os rituais, festas e cerimônias de finados. Por outro lado, a presença do informante neutralizou e compensou a própria falta de Wagley. Assim, o informante substituiu o antropólogo, colocando em evidência uma enorme confiança de Wagley em seu intérprete e informantes.

Por outro lado, é o procedimento narrativo da descrição que liga Wagley ao conhecimento daqueles ritos de finados e, por extensão, a todo conhecimento sobre a sociedade. Para Wagley, seus informantes são sua imagem e, como ele, descrevem. Além de descreverem e assim ligarem duas realidades colocadas em planos diversos (o desconhecimento e a virtualidade de saber), os informantes são legítimos em sua descrição na medida em que têm a condição de permanecer por longo tempo na sociedade a que descrevem. Nesse sentido, para

Wagley, seus informantes ou se quisérmos um informante típico, é uma espécie de duplo do antropólogo, descrevendo acontecimentos a partir de um conhecimento derivado de uma longa permanência na sociedade. Na virtualidade projetada pelo enunciado desenha-se uma reafirmação da etnografia de Wagley.

Além da permanência por longo tempo, que empresta ao informante uma prerrogativa epistemológica, um segundo momento da representação que Wagley faz de seus informantes é aquela onde aparece a confiança como um elemento essencial ao fluxo de informações da sociedade estudada para a sociedade estudante. Ou seja, é pela confiança que Wagley transforma um desconhecimento em informação e, assim, constrói uma etnografia e um discurso sobre a sociedade estudada.

Num texto de 1943 sobre os Guajajara, ele escreveu:

Considero isto como resposta evasiva a um estrangeiro: os Guajajara só discutem assuntos religiosos particulares com aqueles que lhes conquistaram a confiança. Como lhes houvésssemos merecido confiança, as fáceis explicações em termos cristãos, aprendidas com os missionários, eram todas negadas por mais complicadas crenças nativas. Alguns deles aceitaram aparentemente o cristianismo, e muitos foram até batizados, mas não vi um só Guajajara que compreendesse o cristianismo ou tivesse abandonado suas crenças nativas. (Wagley, 1943: 8)

A confiança do informante no antropólogo além de permitir desvendar uma virtualidade de conhecimento, permite, também, um aprofundamento dos planos de conhecimento. Permite algo como uma arqueologia que leva o antropólogo a planos discursivos mais profundos; permite um revolvimento das camadas de representação e, assim, uma arqueologia na mentalidade dos grupos estudados. Não pode ser outro o sentido

presente no enunciado acima. Wagley ganha a confiança dos Tenetehara e, em consequência, desloca-se até algo como uma verdade religiosa dos índios.

Em sua representação de uma pesquisa antropológica, Wagley acrescenta outros elementos como, por exemplo, a observação participante. Ele escreve:

Este livro [Amazon Town: a study of man in the tropics], baseia-se, sobretudo, em dados colhidos de junho a setembro de 1948, durante um estudo da Amazônia realizado pela Organização Cultural, Científica e Educacional das Nações Unidas, para o Instituto Internacional da Hileia Amazônica. Durante esses meses de pesquisas e residência em Itá, contei com a colaboração de Eduardo e Clara Galvão e de minha esposa, Cecília Roxo Wagley, que também me acompanhou a Itá em 1942. Nossa equipe de estudos alugou ali uma casa onde vivíamos e trabalhávamos. Fazíamos as refeições na casa de um comerciante do lugar. Visitávamos as pessoas em suas casas e elas nos retribuía as visitas. Frequentávamos as festas e os bailes, tagarelávamos nas esquinas e nas lojas, percorríamos com os amigos os seus roçados e viajavamos de canoa para assistir a festejos rurais e visitar os postos de comércio onde os seringueiros ofereciam seus produtos. Participamos da vida de Itá tanto quanto é possível a um estranho fazê-lo. Não havia barreiras de linguagem, pois três componentes de nossa equipe de estudos eram brasileiros e, eu próprio, domino razoavelmente o português. Cada um de nós realizava, diariamente, longas entrevistas com numerosas pessoas de todas as condições sociais e todos os dias tomávamos notas copiosas. Com o auxílio de dois assistentes do lugar, nossa equipe realizou estudos de casos de 113 famílias da comunidade, que abrangeram pormenores sobre sua alimentação, despesas, rendimentos, objetos pessoais, além de várias outras informações específicas, de caráter econômico e social. Além disso, o SESP também nos pôs à disposição os resultados de uma pesquisa sobre hábitos domésticos realizados em Itá, relacionada principalmente com a alimentação. Em 1950, Iris Myers, que se especializa tanto em antropologia como em psicologia, passou várias semanas em Itá. Infelizmente, não me foi possível, ao escrever este livro, computar pessoalmente os resultados de suas experiências psicológicas, mas suas cartas e anotações, forneceram-me dados e maior compreensão da sociedade de Itá. (Wagley, 1953:12-3)

Para Charles Wagley, uma observação participante envolve um prolongado e cotidiano contato com a comunidade que se pretende estudar. Isto é, supõe uma passagem pelo dia a dia

da sociedade a ser etnografada. Por outro lado, uma observação participante pode ser limitada pela língua ("barreiras de linguagem") e pela condição mesma do antropólogo (um "estrangeiro"). Ou seja, uma observação participante deve acontecer, para Wagley, no interior de um domínio da linguagem falada na comunidade e, fundamentalmente, deve se processar pela superação da estranheza que a presença do antropólogo impõe aos habitantes da comunidade. Não é difícil perceber o realce e ênfase que o estabelecimento de uma relação de confiança ganha nesse contexto. Apenas o sentimento de confiança que o antropólogo suscita aos informantes permite uma superação do mal-estar que acompanha o sentimento de estranheza. Por outro lado, a observação participante tem como objeto uma coleta de dados e, por método uma participação na vida da comunidade. Sendo assim, em Wagley, método e objetivo estão em oposição, na medida em que representar o objetivo da pesquisa como uma coleta de dados é naturalizá-la, elidindo o processo pluridimensional segundo o qual tais informações são construídas. No outro plano, o do método, está o processo de participação no cotidiano da comunidade que, até uma formulação em contrário, se faz dialogicamente, isto é, segundo um conjunto de trocas entre o antropólogo e os habitantes da comunidade. Tal processo define a natureza mesma da observação participante, uma perene barganha na constituição da informação. Dessa forma, em Wagley, a prática e o objetivo da observação participante se acham em posições inversas e assimétricas quanto à sua natureza. Por último, há

que se ressaltar que a observação participante coloca-se na perspectiva da compreensão da sociedade. Ela é o veículo pelo qual pode-se analisar tendências e contexto; analisar-se os sucessos que conduziram uma sociedade ao seu presente "status".

Uma observação participante não é, todavia, um fim em si mesmo. Ela se alinha num conjunto metodológico mais amplo; numa sequência ou série heurística que têm, em sua máxima expressão, os estudos de comunidade. Assim, Wagley escreve:

O método de estudo de comunidade usado pelos antropologistas e sociólogos implica um conhecimento íntimo da comunidade estudada. O pesquisador, ou a equipe de pesquisadores terá que viver numa determinada comunidade por muitos meses - freqüentemente um ano ou mais. Ele usa a técnica bem conhecida de pesquisa antropológica do "observador participante" - que é a aprendizagem pela experiência de primeira mão vivendo a vida da comunidade. (Wagley, 1967: 41)

Sem explicitar todos os elementos e contornos do método estudos de comunidade, gostaria de evidenciar alguns elementos que nos auxiliam na descrição do enunciado anterior. O primeiro é aquele onde Wagley define os estudos de comunidade como o "conhecimento íntimo da comunidade estudada". Ou seja, para Wagley, a observação participante é uma espécie de essência de um método, os estudos de comunidade; seu momento mais fecundo dado que gerador de um movimento que levará à superação de um desconhecimento, levará à superação de uma falta de informações. Por outro lado para Wagley, a essência da prática da observação participante é a longa permanência numa comunidade, na citação representada pela expressão "viver numa determinada comunidade por muitos

meses". Permanência e intimidade são os elementos em torno dos quais se organiza a prática da observação participante. Nessa perspectiva é que Wagley, no registro da citação anterior mas com uma boa projeção da representação da prática científica da observação participante, a definirá como uma "aprendizagem pela experiência de primeira mão vivendo a vida da comunidade". Nessa definição já se antecipa o núcleo da representação que Wagley construiu sobre a pesquisa antropológica: a proeminência da prática de campo sobre o arranjo dos dados ou da Etnografia sobre a Etnologia.

Na tematização da reciprocidade que se estabelece entre antropólogo e informante e que, supõe-se, deva evoluir para uma relação de confiança, necessária ao estabelecimento do fluxo de informações no sentido do primeiro, Wagley iniciará o enunciado pela constatação ou reconhecimento de que as contínuas perguntas do antropólogo suscitam, na contra-partida do informante, um sentimento de paciência, de tolerância:

Mas, principalmente, desejo agradecer os muitos amigos de Itá, cuja hospitalidade e cooperação, cuja paciência com as contínuas perguntas do antropólogo a respeito de todos os aspectos de suas vidas, tornou possível a realização deste estudo. Infelizmente, têm que permanecer anônimos; o antropólogo tem obrigação de preservar, tanto quanto possível, todos aqueles que lhe revelam suas vidas e lhe fornecem informações sobre outrem. (Wagley, 1953:14)

Aqueles que recebem a curiosidade do antropólogo devem por uma questão de método e, simultaneamente, de uma mimese à ética de outras práticas científicas, em particular, as médicas, permanecerem no anonimato. Afinal, uma informação é anônima e recebe sua validade não daquele que a transferiu

ao antropólogo mas da possibilidade que ela encerra em diminuir a incerteza e o desconhecimento. Wagley, por seu lado humanista, ainda faz um agradecimento geral, o que, apenas, enfatiza e reforça o anonimato em que os informantes são colocados. Wagley lamenta sua "obrigação de preservar, tanto quanto possível, todos aqueles que lhe revelam suas vidas e fornecem informações sobre outrem".

Para Wagley, entretanto, seus informantes são seus amigos, estabelecendo a reciprocidade necessária à constituição das informações e confirmando a perspectiva da confiança já assinalada anteriormente. Seus amigos, além de informações, lhe transferem "hospitalidade, cooperação e paciência", contribuindo para a realização do estudo. Além de amigos são cúmplices ou co-adjuvantes na pesquisa. Como contra-prestação, Wagley lhes devolve gratidão e o respeito implícito à fórmula ético-científica do anonimato.

O que seria, para Wagley, a coleta de dados, noção com a qual promove uma naturalização da pesquisa e uma neutralização de um de seus mais positivos aspectos, a presença da História?

A coleta de dados, para Charles Wagley, é uma espécie de compromisso entre um ideal científico, o da objetividade, um pressuposto mesmo do seu discurso, e a prática concreta da experiência de campo. Ou seja, há, em Wagley, um desejo em se aplicar o mais objetivamente possível aos seus objetos de estudo associado à limitação imposta pela óbvia constituição de uma inter-subjetividade no momento mesmo

da pesquisa. Sobre isso escreveu:

It is well known that colour or race data in population statistics reflect the social categories of the census takers, and it is interesting to reflect upon the variety of social definitions of "race" which would inevitably be involved in any census of Brazil, especially in view of the information furnished in the chapters that follow. Even our own observations as to the probable "racial" affiliation of an individual or group of people are by necessity "naked eye" judgements certainly coloured by our own social and cultural experience. (Wagley, 1952:14)

Na citação anterior, como se pode entrever, a passagem da subjetividade do pesquisador, sua presença, para a pesquisa (condição que, atualmente, muitos de nós aceitamos como verdadeira) é, sutilmente, neutralizada a partir do termo refletir. Ou seja, Wagley reconhece as limitações de um ideal de objetividade mas não se posiciona a favor de uma definição da pesquisa antropológica como o resultado de um encontro, próprio à uma ciência onde o sujeito e o objeto científicos pertencem à mesma ordem e magnitude. De maneira contrária, Wagley minimiza a falta de objetividade na pesquisa e todo o seu enunciado é construído para mostrar a necessidade de se tornar mais objetiva, portanto mais próxima ao ideal, a mesma pesquisa. Será em direção ao rigor e à ortodoxia científicas, ao cumprimento da norma da objetividade que as equipes de pesquisa do Projeto Bahia-Columbia que fizeram uma pesquisa sobre relações raciais para a UNESCO utilizaram um questionário fotográfico para mapear o universo étnico das comunidades baianas. Afinal, a fotografia como instrumento de pesquisa é a materialização da vontade de ver próprias a uma Ciência que tem por perspectiva a naturalização de seu objeto.

Sobre esses questionários fotográficos,

verdadeiras sínteses e símbolos da posição teórica objetivista, Wagley escreveu:

A group of eight pictures was used for this experiment; four of the photos were of men and four of women. One pair represented the Negro, another the caboclo (Amerindian), a third the mulatto and the fourth the white. Those questioned were then asked to rate the people in the photographs according to a certain number of qualities. The number of votes each person received for each position, with the questions, are summarized in Table II. (Wagley, 1952:98)

Wagley descreve o "experimento" e, então, mostra seu conteúdo: a prática de relacionar a foto com um certo número de qualidades, estabelecendo uma sorte de identidade sócio-psicológica aos grupos étnicos. Tal relação entre predicativo individual e foto aparece como um esforço, feito por Wagley e equipe, em transcender uma certa confusão reinante sobre a identidade do negro, branco, mulato ou caboclo. Wagley age orientado pela mística da visão, como o mais objetivo dos sentidos. Ele se esquece, entretanto, de atualizar a diferença entre ver e olhar. Tanto numa quanto noutra experiência, o conteúdo é determinado por um elemento exterior, a cultura na qual aqueles indivíduos foram socializados. Wagley pensa em suprimir, pela objetividade fotográfica, a contaminação subjetiva da pesquisa, repondo uma ilusão da objetividade. O que se vê na tabela II?

TABLE II

Choice	Male photo				Female photo			
1st 2nd 3rd 4th	1st 2nd 3rd 4th	1st 2nd 3rd 4th	1st 2nd 3rd 4th	1st 2nd 3rd 4th	1st 2nd 3rd 4th	1st 2nd 3rd 4th	1st 2nd 3rd 4th	1st 2nd 3rd 4th
1. Which person is most attractive?								
Caboclo								
Preto								
Mulatto								
Branco								
2. Which person is the wealthiest?								
3. Which person is the best worker?								
4. Which person is the most honest?								

5. Which person is the most religious?

(Wagley, 1952: 99)

Wagley e equipe constroem a tabela de tal modo a criar uma taxonomia moral, de suposta base objetiva, que sirva para posicionar cada etnia em seu território de valores. A taxonomia é uma construção que abre um campo pluridimensional - estético, moral e religioso - que visa reproduzir o lugar que cada etnia tem na sociedade quando tomada naqueles planos. É uma prática científica que visa restabelecer, intermediados pelas fotografia e pelas questões, a identidade de cada grupo étnico. Ocorre que as questões são feitas pelos pesquisadores e, assim, não há garantia alguma contra seu etnocentrismo. De forma antagônica, valores como trabalho, religiosidade e atração informam muito mais sobre a sociedade dos pesquisadores do que sobre a dos pesquisados, o que enfim, parece-me ser a natureza científica das Ciências Humanas.

Não obstante a evidente presença da subjetividade do pesquisador na pesquisa, Wagley e equipe ainda concluem como se movessem num universo positivo e objetivo:

It is clear that a certain general pattern exists: by and large the whites are shown preference, while there is a gradual shading off against the Negroes who usually appear in the final position. (Wagley, 1952: 98)

A questão fundamental, entretanto, quando se trata de estratégia de pesquisa, é aquela colocada por sua natureza. Assim, qual seria a natureza das pesquisas antropológicas e, por extensão nas demais Ciências Sociais, para Charles Wagley? Em torno de que tensões elas se organizam e que opções fez Wagley no interior delas? Para responder a

essas perguntas ouçamos o que nos diz Wagley numa citação de *Social Science Research on Latin America*, exemplar e paradigma da representação que Wagley construiu sobre suas pesquisas:

Most of these scholars (the great Prescottt was an exception) had long and directed experience in Latin America. They had little patience with the general lack of knowledge in the United States about the region, and they were critical of those scholars who interpreted Latin America from afar or who gathered data on quick trips. (Wagley, 1964:5)

Como não poderia ser de outra forma, a representação que Wagley construiu da natureza de suas pesquisas inicia-se pela falta de conhecimento como um elemento original e genético na constituição do conhecimento. Será contra ela mas, simultaneamente, a partir dela que o conhecimento se torna possível e cria uma História. Num segundo momento da representação, Wagley reparte os pesquisadores de América Latina, o que equivale a repartir a própria natureza das pesquisas em "scholars" cujas pesquisas derivam da longa permanência na região, criando uma experiência sobre a América Latina que caberia ao pesquisador apenas contar ao leitor pela narrativa, e aqueles "scholars" que interpretaram a América Latina de longe ou a partir de rápidas viagens. Ou seja, Wagley dividiu o universo de pesquisa em dois campos, aqueles que fazem pesquisa de campo e os de gabinete. Nessa perspectiva, Wagley atualiza uma clássica discussão na epistemologia da Antropologia e, simultaneamente, hierarquiza tais campos, subordinando o segundo ao primeiro, dado que na citação anterior, muito além de uma posição teórica a favor ou contra ou trabalho de campo, está, virtualmente situada, uma discussão acerca da ética do

trabalho. Fazer pesquisa de campo, buscando uma experiência de primeira-mão é posicionar-se positivamente ante o trabalho. Dessa forma, aquela discussão teórica contém uma polêmica cultural.

Para demonstrar sua posição ante a natureza das pesquisas antropológicas, Wagley lançará mão do estratagema do exemplo. Ora um exemplo é uma condensação de uma miríade de positivities que um discurso analítico apenas poderia trazer com imperfeição e insegurança. Assim, ele atualizará as críticas de Bandelier a Daniel Brinton, fazendo de uma incursão ao campo intelectual norte-americano um pretexto para a defesa da objetividade e da empiria:

Bandelier's criticism of the work of Daniel Brinton shows this quite clearly. Toward the end of the nineteenth century, Brinton was professor of American archaeology at the University of Pennsylvania and wrote widely on Central American linguistics, mythology, and prehistory, largely on the basis of library research. Bandelier had these strong words to say about Brinton's work, most of which is totally forgotten today:

He is a very worthy, active, and industrious man, but only a reader and writer. American aboriginal history has never entered into his flesh and bone through practical experience.

So it is the case with many; they gaze at things from an easy chair, invite the nation before them into an elegant study, and when he is seated (after they have washed, combed and perfumed him), they question him, carefully noting what he has to say. In this manner, they study Ethnology! (quoted in Bernstein 1961:137)

Bandelier's complaint heralds a controversy that will be mentioned repeatedly in this book, namely, the difference of opinion between those scholars who believe in long-term intimate knowledge of a culture and a society and those that theories developed elsewhere may be tested and applied in short visits or even from afar. (Wagley, 1964:5-6)

Na construção do enunciado anterior, como se pode ver, Wagley faz uso de três momentos, isto é, cria três planos onde o enunciado possa fluir, possa se tornar enunciado. Primeiramente, Wagley apresentará a crítica de

Bandelier a Brinton, através de uma neutralização do próprio conteúdo da palavra crítica, uma operação de dessubstanciação semântica. Nesse momento, Wagley apresenta os dois interlocutores, verdadeiros símbolos de posições antagônicas quanto à natureza da pesquisa antropológica. Brinton é apresentado como um autor que escreveu largamente sobre a América Latina em vários de seus campos. Por outro lado, Bandelier, possuidor de fortes palavras contra Brinton, é o seu crítico. Ou seja, o primeiro momento do enunciado é aquele onde Wagley mostra a crítica a um autor que usa a escrita como elemento de inserção no campo intelectual. Wagley ainda lembrará, para atribuir maior solenidade e peso às palavras de Bandelier que suas palavras andam esquecidas, à semelhança de uma verdade religiosa.

No segundo momento do enunciado, Wagley faz uma citação de Bandelier que traduz, em essência, sua crítica a Brinton, suas duras palavras. Para Bandelier, Brinton seria apenas um leitor e um escritor. Isto é, seria alguém que teria, sistematicamente, evitado o trabalho de campo. Há uma descrição de Brinton por Bandelier que tem por objetivo mostrar o quanto Brinton seria um autor sem experiência de campo. Por último, Wagley inclui a crítica de Bandelier a Brinton no interior do campo aberto pela dicotomia entre um cientista de campo e um cientista de gabinete. Wagley, obviamente, prefere o primeiro.

Desta forma, Wagley opta pelo estudo de campo, identificando a natureza da pesquisa antropológica ao trabalho

de campo.

A partir dos itens e temas desse sub-capítulo gostaria de haver reunido elementos de sua metodologia e da filosofia a ela associada.

3. A CULTURA

II.3.1 "UMA MENSAGEM DE ESPERANÇA AOS HOMENS ATORMENTADOS"

Para Charles Wagley, a cultura está ligada à natureza por uma relação de utilidade. A natureza, no sentido de conjunto de fenômenos de conteúdo biológico ou físico-químico, é útil ao homem que dela extrai valores pela intermediação cultural. Em 1953, no livro *Amazon Town: a Study of Man in the Tropics*, Wagley desqualificava a altura e o peso, dois índices biológicos, na determinação da cultura. Ao desqualificar aqueles índices, Wagley estava, na verdade, desqualificando a natureza como geratriz da cultura. Para fazê-lo, Wagley trará os egípcios a quem são devidos créditos culturais apesar de seu pouco tamanho. Entretanto, Wagley ainda concebeu uma proximidade entre natureza e cultura, uma ligação. Entre admitir a total separação entre as duas ordens ou admitir a continuidade da natureza na cultura, Wagley propõe uma terceira perspectiva onde a natureza aparece como a requisitante da cultura, tomada nos registros da habitação e do desenvolvimento cultural. Como ele escreveu:

Nem a altura, nem o peso do indivíduo têm qualquer correlação com a capacidade mental e a aquisição da cultura. (...) Os egípcios, um povo que tem a seu crédito inúmeras contribuições culturais, eram sabidamente baixos e fisicamente leves. (...). Essas modificações [ambientais] não têm qualquer correlação com suas aptidões culturais. A importância desses estudos da biologia tropical é ter demonstrado que o clima tropical, como qualquer outro clima, requer do homem certos engenhos e hábitos que facilitem a habitação humana e o desenvolvimento cultural. (Wagley, 1953:28)

Há na citação acima uma continuidade fraca entre natureza e cultura na medida em que o homem, terceiro ponto na representação de Wagley, é instado a desenvolver a cultura por uma solicitação natural. A cultura, em Wagley, não se

desenvolve sem um agente ou sujeito. Para ele, é o homem o criador da cultura, assim como seu propagador. A cultura, por conseguinte, aparece nessa citação como o instrumento humano contra a natureza e que a tecnologia exemplificaria sinteticamente.

No texto de 1953, Wagley já afirmava a intermediação que a cultura estabelece entre o homem e a natureza ao escrever:

A terra só é útil ao homem na medida em que ele possui o equipamento cultural, em um determinado lugar ou ocasião e na medida em que dele se sabe utilizar. (Wagley, 1953: 37)

O enunciado acima quando tomado num contexto de afirmação géo-política leva à possibilidade de se reconhecer nos amazônidas uma falta cultural, representada pela inexistência ou insuficiência, aos olhos norte-americanos, de uma tecnologia eficiente para o relacionamento com a natureza.

Para Wagley, entretanto, a cultura não é representada apenas como o elemento intermediador entre o homem e a natureza. Ela é, também, um conjunto de "fatores humanos" que colocariam o homem na condição frontal aos "limites finitos da civilização". Ou seja, a cultura aparece, aí, como um elemento de superação de estágios sociais e, simultaneamente, como o instrumento pelo qual o homem enfrenta a natureza. Assim, cultura é, para Wagley, superação da natureza ou dos próprios limites tecnológicos e sociais. Tal afirmação, em verdade, se alinha ao projeto de estabelecimento das bases para uma reforma cultural, para a afirmação de uma influência norte-americana, na medida em que supõe uma

evolutividade cultural. Mais precisamente, escreveu Wagley:

"(...) Até que ponto uma determinada nação conseguirá aproximar-se dos limites finitos da civilização dependerá dos fatores humanos". (...) Os "fatores humanos", dos quais tanto depende, são parte integrante da cultura e do sistema social de um povo. São as tradições culturais desse povo que lhe proporcionarão os instrumentos, o conhecimento e a técnica para enfrentar o ambiente. É a cultura que determina os fins para os quais os homens de uma determinada área fazem uso de sua técnica e é o sistema social que determina a organização de trabalho e a distribuição dos produtos desse trabalho. (Wagley, 1953: 38)

Quanto ao Vale Amazônico, objeto principal das preocupações de Charles Wagley em *Amazon Town: a study of man in the tropics*, escreveu:

As principais razões que fazem do Vale Amazônico uma área atrasada e sub-desenvolvida têm que ser buscadas na cultura e na sociedade amazônica e nas relações dessa região com os centros do poder econômico e político e com as origens da difusão cultural. Quais são os equipamentos técnicos de que dispõem os habitantes da Amazônia para explorar seu ambiente? O que é que representa uma "boa vida" para o homem da Amazônia? Em outras palavras, quais são seus incentivos, suas motivações, sua escala de valores? Qual a forma local das instituições fundamentais e universais - família, igreja e governo - pelas quais o homem de toda parte organiza sua vida? Qual tem sido a relação econômica e política da Amazônia com o resto do mundo? A resposta a essas perguntas dirá por que razão essa região é atrasada. (Wagley, 1953: 38)

Wagley apresenta alguns dos itens componentes da cultura. Para fazê-lo, ele começa por negar o Vale Amazônico pela atribuição, a ele, de uma condição sociológica inferior. Em seguida, orienta o leitor para a aceitação de que o sub-desenvolvimento não é natural. Não é natural porque não deriva da natureza e também não o é porque possui uma história. O sub-desenvolvimento, para Wagley, possui uma história cujas raízes estão na cultura. Assim, Wagley leva o leitor ao foco do problema, a cultura dos amazônidas. Nessa estratégia discursiva, Wagley se pergunta, com uma inocência calculada, pelos equipamentos culturais, pelas motivações e

escala de valores, pelas instituições, todos itens culturais. Em perspectiva, quase de soslaio, Wagley deixa a mensagem da influência norte-americana. Se a cultura amazônica não oferece os meios para um enfrentamento da natureza e por uma superação dos limites civilizatórios, então caberia uma reforma cultural que elevasse a condição do homem amazônico. Ao antropólogo caberia contribuir com o estudo da cultura amazônica. É por seu intermédio que os verdadeiros remédios civilizatórios redimiriam o homem amazônico pela aceitação do modo americano de vida. Assim, *Amazon Town: a study of man in the tropics* não poderia ser outra coisa que o estudo de uma cultura, aliás, sub-cultura:

Este livro, portanto, é o estudo de uma cultura, do modo de vida criado pelo homem do Vale Amazônico do Brasil. (Wagley, 1953: 38-9)

Para Charles Wagley, uma cultura não se dá a conhecer de imediato. Isto é, uma cultura, ainda que tomada nos registros isolados dos itens que a compõem não é transparente. Toda cultura é possuidora de uma densidade e de uma verticalidade para as quais apenas o estudo histórico pode se mostrar eficaz. Ou seja, diante de uma cultura a ser estudada, mesmo que a própria admissão da cultura como um objeto já seja em si sua reificação, o procedimento de Wagley será o de pesquisar suas origens, estabelecer seus acontecimentos primordiais, numa espécie de fetichismo histórico, mas também, numa espécie de confusão entre história e passado. O que Wagley faz para estudar uma cultura é reconstituí-la, procurando no passado e na difusão cultural sua ontologia presente. É claro que estamos diante de alguém

que supõe uma evolutividade no fenômeno cultural, resgatável pela metodologia historiográfica. Por outro lado, Wagley pensa a história de uma cultura, que lhe dá seu aspecto presente, de uma maneira mítica, procurando estabelecer o acontecimento primeiro, a origem absoluta e, assim, algo como o grau zero de uma cultura. Origens, acontecimentos primordiais, evolutividade e verticalidade são as condições para se conhecer uma cultura. É claro que o conhecimento pela história obedece a uma lógica que lhe é exterior em seus fins.

Sintetizando as palavras anteriores:

Já que as culturas, historicamente, são desenvolvidas e já que se formam de elementos de origem largamente difundida pelo empréstimo de outras culturas, temos que procurar, no passado e além do Vale, as origens e os acontecimentos que influenciaram a cultura contemporânea da Amazônia.
(Wagley, 1953: 39)

A noção de cultura tem, para Charles Wagley, um valor político imediato, antes do valor político máximo representado pela possibilidade da legitimação de uma influência norte-americana. Ela serviu para que Wagley desqualificasse uma proposta, a seus olhos simplista, que fazia de veículo da hegemonia norte-americana o envio de técnicos e o inter-câmbio cultural entre os Estados Unidos e os países satélites. A noção de cultura é, para Wagley, o fundamento epistemológico de uma iniciativa política de âmbito mundial. A noção de cultura é, obviamente, o centro das reformas culturais. Assim, ganha, em Wagley, foros de um operador político, na medida em que é pelo seu conhecimento que os norte-americanos podem evitar as reações da população que receberá o choque cultural, a reforma, com vistas à

hegemonia norte-americana. Wagley argumentará que se é desejável a mudança cultural de uma região, processo a que deu o nome de reforma cultural, ela só poderá acontecer pela modificação da cultura em questão, o que para Wagley significa reajustamento de um povo com o ambiente que o cerca. Ou seja, para Wagley, a noção de cultura é um instrumento de intervenção e construção da realidade, intermediados pelas noção de reforma cultural. Reajustar um povo com o ambiente que o cerca, significa, em Wagley, aproximar este povo do modo americano de vida e suas implicações géo-políticas. Como ele escreveria:

O conhecimento do modo de vida do homem da Amazônia fornecerá os indícios do que deverá ser modificado para que possam ser melhorados os padrões de vida. Esse conhecimento nos permitirá prever algumas das reações que não poderão deixar de provocar a introdução de novos elementos na cultura amazônica. O ideal que consiste em "fazer com que os benefícios oriundos de nossas conquistas científicas e de nosso progresso industrial concorram para o progresso e o crescimento das áreas sub-desenvolvidas" requer uma reforma cultural. Não é um processo simplista de enviar técnicos especializados para essas áreas, de realizar inquéritos e estudos para apurar os recursos econômicos básicos das mesmas, ou mesmo de enviar trabalhadores, engenheiros, administradores e outros especialistas para estudar nos Estados Unidos e lá adquirirem a experiência acumulada por aquele país - embora todos esses esforços sejam proveitosos. O que a tarefa requer é a modificação de uma cultura - de um modo de vida - e o reajustamento das relações de um povo com o ambiente que o cerca. (Wagley, 1953: 39)

Wagley imagina ser, apenas pelo conhecimento da cultura e os processos sutis que isso gera, possível modificar uma cultura, reformá-la. Ele sabe que resistências poderão acontecer e admite que os novos elementos culturais adicionados à cultura em questão só terão validade, ou seja, apenas se cristalizarão em mudanças, "reajustamento de um povo com seu meio ambiente", se houver uma utilidade para os

novos elementos. Assim é que ele afirmará a necessidade de se conhecer uma cultura antes de se modificá-la:

Qualquer idéia nova só será aceita se, na cultura preexistente, houver uma base que torne útil o elemento.(...). Certas culturas, freqüentemente, apresentam barreiras a métodos ainda mais eficientes. (Wagley, 1953: 39-40)

Para Charles Wagley, os próprios interesses, elementos fundamentais no conjunto do universo político, são determinados pela cultura. Assim, para ele, intervir na cultura é intervir, indiretamente, na força que gera a política, os interesses. A cultura, por conseguinte, aparece a ele como uma sorte de totalidade substantiva que determina até a política. Por outro lado, essa concepção legítima, novamente, a intervenção na medida em que Wagley desconectou a força política, os interesses, de seu sujeito. Uma reforma cultural viria repor esta convergência que os amazônidas teriam perdido ou que não poderiam ter. Para Wagley, a cultura de uma sociedade transcende os interesse que nela tenham lugar. Por conseguinte, a cultura aparece como a condição da política. Mais precisamente:

O homem não é um ser racional no sentido de que seu comportamento é sempre motivado pelo seu próprio e absoluto interesse - seu conceito do que constitui "interesse" é determinado pelos valores de sua cultura particular. (Wagley, 1953: 40)

Por outro lado, Wagley quer chamar a atenção do leitor para uma característica da cultura, sua plasticidade. Ele opõe esta plasticidade - que se expressaria nos empréstimos culturais e que se poderia identificar a um processo de re-significação do elemento cultural emprestado pela cultura emprestante - a uma transmissão mecânica da

cultura que identifica a um "carregamento de mercadorias que se transfere de um grupo para outro". Na perspectiva da reforma cultural que é a questão mais importante no discurso de Wagley sobre a cultura, o conhecimento dessa plasticidade leva ao abandono da idéia da reforma cultural como algo sumário e fácil, deixando em seu lugar a idéia da reforma cultural como um conjunto de processos incertos e imprevisíveis. A incerteza e a imprevisibilidade, por sua vez, são os elementos que, no imaginário de Wagley, são passíveis de afastamento pelo esforço no estudo da cultura.

Em suas próprias palavras:

A cultura, além disso, não é transmitida de maneira mecânica, como um carregamento de mercadorias que se transfere de um grupo para outro. Uma vez aceitas por um povo, as inovações tornam-se parte de sua cultura e por ela são modificadas. Os novos elementos adquirem nova forma e significação, diferentes das que possuíam na cultura de origem. A introdução de novos elementos, por sua vez, provoca reajustamentos na cultura emprestada. Basta observar algumas das numerosas inovações introduzidas na cultura americana na última geração. O cinema foi moldado de várias maneiras pela cultura americana; o cinema, por sua vez, modificou a vida social americana e, de certa forma, sua vida de família. Está agora sofrendo efeitos secundários semelhantes com o advento da televisão. (Wagley, 1953: 40)

Para falar da cultura, Wagley afasta as analogias da máquina ou organismo para colocar em seu lugar uma definição. Para ele, a cultura é um sistema. Sendo ao mesmo tempo sistema e história, pode-se presumir que, para Wagley, há, fundamentalmente, dois métodos para o estudo da cultura, para o conhecimento de sua verticalidade. Parece-me que ao identificar a cultura a um sistema, Wagley fez uma espécie de concessão a um termo de época. Ele escreveu:

Conquanto a cultura não seja uma máquina ou um organismo - as duas analogias foram usadas por teóricos - é um sistema interligado. (Wagley, 1953: 41)

Para Charles Wagley, uma mudança cultural ou um "reajustamento de um povo com seu meio ambiente", é um processo neutro, ao menos no plano dos enunciados. Wagley se esforça por descaracterizar e neutralizar o conteúdo político de uma mudança cultural. Assim é que apresentará a possível industrialização do Vale Amazônico acompanhada do adjetivo novo. Wagley falará na "introdução de novos elementos" de uma maneira neutra como um reajustamento do sistema. Se a cultura é um sistema, ela terá que ser reajustada. Por outro lado, os amazônidas são representados como "povo atrasado", caracterizando que a noção de cultura está a intermediar, em Wagley, uma relação géo-política de influência mas, simultaneamente, de redenção de um grupo numa sociedade nacional. Em *Amazon Town: a study of man in the tropics* pode-se ler:

E a introdução de novos elementos requer o reajustamento do sistema. Qualquer programa destinado a introduzir a técnica moderna e a indústria no meio de um povo "atrasado" terá que considerar as extensas modificações sociais e culturais que elas implicam. (Wagley, 1953: 41)

Para Charles Wagley, a cultura de uma região ou de uma nação moderna possui uma funcionalidade, isto é, define-se como uma organização muito maior que a simples soma das comunidades que a integram. Ou seja, o que me parece positivo nessa definição é a ênfase buscada no substantivo organização. Uma cultura é uma organização, isto é, uma parte integrada e articulada, confirmando a idéia de sistema. Ela não é a soma aritmética, na forma, ou mecânica no conteúdo das parcelas que a compõe. Para Wagley, a cultura é antes de tudo integração e não adição; é organização e não

justaposição. Deriva, então, uma consequência metodológica representada pela necessidade de um estudo holístico de uma cultura. Ou seja, não é possível estudar-se apenas um de seus aspectos na medida em que a compreensão de uma cultura passa, para Wagley, pelo conhecimento de sua organização. Parece-me ser daí que Wagley no texto *Latin American Tradition: Essays on the Unity and Diversity on Latin American Culture* faz um capítulo com o título de *A Organização da Cultura Latino Americana*. Para ele, o aspecto interativo numa cultura que é resultado de sua organização tem um valor mais relevante que elementos isolados da mesma. Nas palavras de Wagley:

A cultura de uma região ou de uma nação moderna possui uma organização muito maior do que a simples soma das comunidades que a integram. (Wagley, 1953: 42-3)

Para Charles Wagley, a integralidade de uma cultura, sua dimensão organizativa, se explicita na linguagem acadêmica pela noção de que há um sistema geral da cultura. Este se define menos pelos seus elementos formadores (religião, economia, crenças, política) e mais pelo aspecto de interligação que os une. Cultura é, para Wagley, sinônimo de organização. Essa organização qualitativamente superior que uma adição de partes constituintes e que ganha coerência na aceitação de um sistema geral da cultura se manifesta ou se expressa na comunidade. Nesse momento é interessante que vejamos ter Wagley feito uma hierarquização entre as noções de comunidade e de cultura. A comunidade é o lugar, no sentido topológico e concreto, onde a cultura acontece. A cultura, simbolizada como uma organização desencarnada, se manifesta na comunidade. Assim, no imaginário teórico de

Wagley, a cultura está na comunidade. Esta é um veículo daquela. Em Wagley, a comunidade se neutraliza no papel de forma para uma cultura que, em si já possui uma forma. A comunidade é uma forma de segunda ordem, de segundo grau. Nessa neutralização coube a ela o papel de suporte da cultura; de espaço para a essência da reforma cultural. Nessa perspectiva, a comunidade não é mais que uma construção metodológica que intermedia a demanda histórica representada pela hegemonia norte-americana e sua viabilidade, sua concretização. A noção de comunidade existe para possibilitar a existência da cultura e esta para que os antropólogos e administradores saibam qual a melhor maneira para se realizar uma reforma cultural; seu menor custo político. Assim, pode-se dizer que, em Wagley, a cultura se realiza na comunidade e esta não é mais que um operador teórico em que pesem os esforços de Wagley para mostrar sua concretude. Como ele escreveu:

É nas suas comunidades que os habitantes de uma região ganham a vida, educam os filhos, levam uma vida familiar, agrupam-se em associações, adoram seus deuses, têm suas superstições e seus tabus e são movidos pelos valores e incentivos de suas determinadas culturas. Na comunidade a economia, a religião, a política e outros aspectos de uma cultura parecem interligados e formam parte de um sistema geral de cultura, tal como o são na realidade. Todas as comunidades de uma área compartilham a herança cultural da região e cada uma delas é uma manifestação local das possíveis interpretações de padrões e instituições regionais. (Wagley, 1953: 43-4)

A linha de raciocínio anterior apenas se confirma quando Wagley declara ser uma comunidade um "laboratório de estudos de uma cultura". Qualquer comunidade serviria porque não há um traço que singularize concretamente nenhuma. Ou seja, para Wagley, a comunidade é mesmo um

veículo da cultura. É preciso lembrar aqui a tentativa de Wagley em buscar uma emulação às Ciências Naturais. Assim é que uma comunidade é metaforizada e apresentada como um "laboratório", um lugar de experiências onde o antropólogo ocupa a posição de sujeito e os amazônidas a de objeto. Laboratório é o substantivo que condensa uma série de relações de natureza etnocêntrica, um desconhecimento do outro, quanto mais não fosse por aquilo que uma metáfora como essa comporta, a negação da identidade dos amazônidas. Em suas palavras retiradas de *Amazon Town*:

Qualquer comunidade da Amazônia brasileira conviria aos nossos propósitos, como laboratório de estudos de uma cultura regional e da forma pela qual ela é preservada por um grupo de habitantes da Amazônia. (Wagley, 1953: 44)

No sentido de oferecer uma concretude étnico-histórica para a imagem da cultura como uma organização, um sistema inter-ligado, Wagley falará na cultura brasileira como o resultado de uma fusão de três tradições culturais: índia, branca e negra. Segundo ele:

A cultura brasileira contemporânea é formada pela fusão de três tradições culturais. (Wagley, 1953: 57)

Se olharmos para Itá, veremos que a noção de fusão aplica-se à sua cultura.. Isto deixa entrever a afirmação de que a parte repete, no conteúdo, o todo. Wagley escreveu:

Itá, como a maioria das comunidades brasileiras, herdou grande parte de sua cultura de Portugal. Além disso, porém, a cultura nacional brasileira sofreu grande influência do negro africano e dos indígenas que habitavam a região antes da chegada dos portugueses. (Wagley, 1953: 57)

Na citação acima, há dois pontos a serem explicitados. O primeiro deles diz respeito à maneira neutra, desapaixonada com que Wagley se refere ao deslocamento

temporal da cultura. Para isso, Wagley utiliza-se do termo herança. Ora, herança é um legado, é aquilo que fica de geração à geração. Pois bem, nessa perspectiva neutra, Wagley não explicita a dinâmica pela qual algo foi levado ao reconhecimento como herdável culturalmente. O segundo ponto, é a maneira com que Wagley se refere às contribuições negra e indígena. Wagley age como se o reconhecimento de uma contribuição cultural dos grupos étnicos mencionados neutralizasse sua "constatação" de que somos, institucionalmente, portugueses e europeus. Poder-se-ia perguntar até que ponto Wagley não estaria expiando uma culpa que a ele chegou apenas pelo casamento com Cecília Wagley? De qualquer maneira, a noção de herança e sua aplicação ao universo brasileiro apontam dois caminhos antagônicos, neutralidade e culpa. Sobre a herança que constitui a cultura brasileira ainda escreverá:

Essas três heranças culturais não se manifestam, entretanto, com a mesma intensidade em todo o Brasil. (Wagley, 1953:58) 20

Nesse enunciado, Wagley trai sua própria perspectiva de neutralizar os conflitos no interior da cultura com a utilização da idéia de herança na medida em que as hierarquiza e atribui uma maior contribuição, diria fundamental, aos brancos como ele. Entretanto, cultura não é apenas herança:

Do passado histórico de Itá e de toda região, surgem as razões fundamentais de seu atraso relativo. Uma cultura é, antes de mais nada, um produto da história - da sequência de acontecimentos e influências, determinados pelo homem, que se combinam através do tempo para criar o modo de vida prevalescente em uma determinada região. (Wagley, 1953:97)

Wagley parte da idéia de um "atraso relativo"

no Vale Amazônico, emprestando àquela noção uma densidade e um sentido empíricos. Em seguida afirma ser possível descobrir em seu passado histórico as "razões fundamentais" para o atraso. O acesso às razões buscadas é intermediado pela cultura, concebida como um produto da história, isto é, de uma sequência de acontecimentos e influências que têm por sujeito o Homem. A manifestação empírica do atraso pode-se ver noutro enunciado:

Os métodos de caça e pesca da cultura regional contemporânea da Amazônia são de origem fundamentalmente aborígine. (Wagley, 1953: 111)

Com relação à reforma cultural e sua relação com uma cultura gerada pela fusão de contribuições, escreverá:

Um elemento novo introduzido numa cultura não substitui imediatamente o antigo; as idéias e os métodos novos devem integrar-se no âmago da cultura anterior e, durante o processo, modificam-se a cultura e os pontos de vista gerais da população. (Wagley, 1953: 343)

A reforma cultural, se concebida como uma integral de mudanças parciais, pode ser resumida numa alternância entre o novo e o antigo. Aliás, a idéia de reforma evoca, por ela mesma, a idéia de substituição. Para Wagley, aquilo que há está do lado do antigo; é negado pela adição de um adjetivo que sugere ao leitor a idéia de superação, de algo que deve ser abandonado. Assim, a cultura a ser reformada possui elementos antigos, métodos antigos. Aquilo que é antigo não tem, em Wagley, direito à existência, não é legítimo. A própria noção de herança conota tradição e, em extensão, um certo arcaísmo. O que Wagley traz é o novo que deverá instalar-se no "âmago da cultura anterior". Ou seja, para

Wagley, uma reforma cultural é um processo profundo e meticoloso; um processo que leva a modificações no ponto de vista da população. Parece-me interessante, entretanto, registrar a série de verbos com os quais Wagley liga o antigo ao novo, ainda que para afirmar o segundo e negar o primeiro. Wagley falará na "introdução" de novos elementos, na "substituição" da cultura anterior, na "integração" e "modificação" da primeira cultura. Ou seja, Wagley realiza, através de uma calculada operação semântica de neutralização e ocultação dos motivos históricos da reforma cultural, uma potencialização dos efeitos da reforma. Isto é, Wagley busca traduzir para o plano do texto a neutralidade e objetividade que permitia a ele falar com isenção nas reformas culturais. Falar apenas em nome de uma extensão do bem-estar social a todos, realizar a profecia de A. Toynbee. Nunca a reforma cultural, a manipulação de uma cultura é pensada em termos de conflito e de interesse, até porque, para Wagley, muitas vezes o Homem precisará de um intérprete para seus interesses, uma espécie de nulidade política redimível pela Ciência. Introduzir, como se faz com um elemento a um sistema num laboratório; substituir como se faz com elementos químicos intercambiáveis; integrar como se as culturas fossem equações matemáticas e modificar são neutralidades laboratoriais que enunciadas davam mais credibilidade aos responsáveis pela reforma cultural. E os habitantes latino-americanos que diriam disso?

A noção de cultura em Wagley tem uma

ressonância, uma quase identidade, àquela noção em Clyde Kluckhohn. Essa ressonância pode ser sentida numa das passagens de *Amazon Town: a study of man in the tropics*:

Ocupou-se este livro com a cultura de Itá, e o conceito antropológico da cultura é a mais importante contribuição que a antropologia pode oferecer aos programas de assistência técnica. "Por cultura", diz Clyde Kluckhohn, "entende a antropologia todo o modo de vida de um povo, o legado social que o indivíduo recebe do grupo a que pertence. Ou pode a cultura ser compreendida como a parte do ambiente que foi criada pelo homem". (1) (Wagley, 1953: 348)

Como se pode ler na citação acima, há dois momentos distintos que o constituem. O primeiro é aquele onde Wagley tematiza a essência de *Amazon Town: a study of man in the tropics*. O segundo é uma citação que Wagley faz de Clyde Kluckhohn para definir, positivamente, a noção de cultura, essência do livro de Wagley. Assim vejamos. Para dizer qual o objeto de seu livro, Wagley, na busca da neutralidade ideal, dirá que o livro se "ocupa do conceito antropológico de cultura". Não é uma noção, mas um conceito. Isto é, algo que do ponto de vista da neutralidade e da objetividade produz um efeito muito maior. Esse produto do intelecto, o conceito antropológico de cultura, é oferecido pela antropologia aos programas de assistência técnica numa espécie de liturgia científico-política sumamente necessária à ocultação dos desígnios históricos da empresa norte-americana. Para Wagley, o conceito de cultura define o papel da Antropologia Social na reforma cultural. Papel importante na medida em que aponta as linhas de menor força para a realização das reformas. No fundo, cabe ao antropólogo pelo conceito de cultura comandar, ungido pela mística científica, os demais atores do processo

de reforma cultural. Isto se daria porque o antropólogo estaria em comunicação, portador que é de uma chave de leitura para tanto, com um nível essencial às reformas: aquilo que determina o comportamento dos indivíduos que receberão a reforma cultural. Não é à toa que Wagley fará logo em seguida no mesmo enunciado a elegia do conceito de cultura como a "mais importante contribuição" da Antropologia Social.

No segundo momento do enunciado, Wagley cita Kluckhohn para confirmar o que diz e dotar suas palavras de uma validade inquestionável, um sobre-sentido, se posso falar assim, com o qual sedimentará o lugar do antropólogo como o poder invisível na reforma cultural. As palavras de Kluckhohn parecem-me eloquentes e, portanto, não necessitam que se lhes busque o texto sob o texto.

Wagley, entretanto, não se esquece da necessidade de uma neutralidade narrativa:

Como todas as culturas humanas, a de Itá inclui as instituições econômicas e religiosas, os costumes, o comportamento habitual e as atitudes dos seus habitantes e, na realidade, todas as maneiras de vida que aprenderam como membros de sua sociedade e que transmitem à sua descendência. (Wagley, 1953: 348-9)

Neutralidade que, como vimos, tem por função potencializar a perspectiva que faz do antropólogo um técnico em cultura e, por conseguinte, aquele que deverá dirigir, ainda que invisivelmente os demais técnicos. Os termos da neutralidade se sucedem e têm diversas origens, a própria antropologia e a sociologia entre outras. Há, porém, um certo conteúdo conservador no conceito de cultura que Wagley nos propõe. Parece-me que aquele conteúdo está na concepção de

uma "transmissão à descendência". A cultura seria um legado, como são os imóveis, os nomes de família e as fortunas. Ora, pensar na cultura enquanto transmissão é pensá-la apenas na perspectiva da continuidade e do consenso. É deixar de lado o conflito e as rupturas. Acaso não seriam as rupturas tão importantes quanto as continuidades para o entendimento de um processo cultural. Para Wagley, a cultura é aquilo que, vitoriosamente, é transmitido. Aquilo que foi excluído não entra em sua contabilidade, na medida em que a pesquisa da exclusão traz à tona uma procura pelo poder que a originou: perspectiva por demais perigosa para um projeto que busca reformas culturais com vistas ao estabelecimento de uma hegemonia. A pesquisa teria que mostrar aquilo que tem por estratégia o dever de ocultar.

Além de tudo o que a noção de cultura é e que já foi exposto acima, ela é, também, um elemento intermediador entre a vontade humana e o mundo. Senão vejamos. Para Wagley, o terreno da inevitabilidade e o limite da humanidade estariam no campo da natureza. Isto é, para Wagley, caso houvesse alguma verdade nos postulados dos determinismos biológico e geográfico, isto é, caso fosse o comportamento humano, sua cultura um reflexo de arranjos genéticos ou das latitudes, então não haveria possibilidade de se fazer reforma cultural e nem de se estabelecer programas de assistência técnica. É claro que Wagley, ao formular o enunciado acima, está em 1953 e não hoje. Assim, o campo onde a vontade humana, sintetizada nas fórmulas científicas, não

alcançaria para os fins de uma reforma cultural seria aquele onde o atraso técnico e a miséria humana seriam decorrência da hereditariedade e de obstáculos climáticos indestrutíveis. O seu término é o fracasso. O fracasso é, para Wagley, a impossibilidade de triunfo da vontade e um evento exilado à cultura. Contra o fracasso tomado como negação da vontade, Wagley opõe o "conceito de cultura" que "leva uma mensagem de esperança aos homens atormentados". Para Wagley, a reforma cultural assume um aspecto de jogo maniqueísta onde o fracasso e a esperança são enfatizados segundo a possibilidade de uma ação pela cultura. Fracasso é a ausência de cultura e esperança sua presença. Será o conceito de cultura, portador de uma carga de remissão quase teológica, que permitirá o planejamento, a execução e as transformações. A cultura é, em Wagley, aquilo que intermedia a transição do fracasso à esperança; do atraso e da miséria à opulência; dos limites à plenitude. É, também a cultura que para Wagley possibilita a realização da vontade pelo planejamento. É a cultura, em suma, o operador privilegiado da reforma cultural. Entender uma cultura é ter o acesso à transformação da sociedade portadora da cultura, uma imagem, por mais paradoxal que possa parecer gramsciana. É digno de registro o lugar que na representação contida no enunciado Wagley reserva aos outros dos norte-americanos, o de homens atormentados. Caso fossem os europeus atormentados com a reconstrução e consolidação do pós-guerra e caso fossem latino-americanos atormentados por uma espécie de natureza das suas sociedades, a tendência ao

atraso. Como escreveu Wagley,

O conceito antropológico de cultura encerra várias inferências. Acima de tudo, "o conceito de cultura leva uma mensagem de esperança aos homens atormentados".(2) Se o atraso técnico e a miséria humana de certas regiões da terra fossem devidos à hereditariedade biológica do povo que as habita ou a obstáculos climáticos indestrutíveis, os programas destinados a modificar essas condições estariam fadados ao fracasso. Como, entretanto, as razões fundamentais do atraso técnico e dos baixos níveis de vida são nitidamente sociais e culturais, podem-se planejar e executar programas de transformações sociais e econômicas, muito embora eles provoquem questões de economia e política nacional ou internacional. Ainda citando Kluckhohn, "são os homens que modificam suas culturas, apesar de que ... em toda sua história passada ... tenham sido instrumentos de processos culturais de que em grande parte não se deram conta."(3) (Wagley, 1953: 349)

No sentido de apresentar o antropólogo como útil ou necessário ao time de especialistas encarregados de realizar as transformações culturais com vistas à hegemonia norte-americana, Charles Wagley argumenta na direção de afirmar uma capacidade da Antropologia e dos antropólogos em retirar os demais membros do time, planejadores e executores dos programas de transformações sociais, das trevas do etnocentrismo. O etnocentrismo, atualizado em "países distantes", colocaria em risco os esforços pela reforma cultural, na medida em que suscitariam na população vivas reações às iniciativas norte-americanas. Contra o etnocentrismo, Wagley opõe uma propriedade da Antropologia Social, um "perfeito quadro comparativo de referências culturais". Este seria derivado do conhecimento que os antropólogos teriam sobre o fato de a cultura ser uma espécie de matriz geradora dos comportamentos individuais e coletivos e variável segundo a sociedade em questão. Isto é, os antropólogos seriam conhecedores das diferenças culturais e

esta libertaria os planejadores do etnocentrismo, ou seja, dos limites, muitas vezes estreitos, de sua própria cultura. Tal estreiteza nos limites decorreria da crença dos técnicos que não fossem antropólogos nos fundamentos de sua própria cultura como "premissas universais". Ou seja, Wagley argumenta pela utilidade do antropólogo no sentido de evitar choques e conflitos com as populações objeto da reforma cultural. Isto é, para Wagley, o etnocentrismo terminaria no exato momento em que se reconhecessem as diferenças culturais. Ele esquece, entretanto, que a própria idéia de uma reforma cultural baseada na premissa de uma espécie de imperfeição sociológica ou cultural dos povos onde a reforma far-se-ia sentir já é em si etnocêntrica. Para Wagley, o etnocentrismo está nos outros da equipe e não no projeto de extensão do bem-estar social para todos. A cultura aparece, então, com uma dupla face quanto à questão. Ela é, por um lado, o elemento que permite a Wagley apontar o etnocentrismo dos planejadores e executores da reforma cultural e, assim, tornar legítima a presença do antropólogo no time de especialistas com vistas à eficácia da ação. Por outro lado, reconhecendo imperfeições na cultura dos povos-objeto, Wagley faz do conceito de cultura um intermediador do etnocentrismo imanente ao projeto de uma reforma cultural. É curiosa a passagem da citação onde o antropólogo aparece como o libertador dos demais técnicos, confirmando a carga messiânica, isto é, potencialmente remissiva que se depositou no conceito de cultura. Como ele escreveu:

Estudando várias culturas diferentes, munuiu-se o antropólogo

de um "perfeito quadro comparativo de referências culturais". Tornou-se consciente do poder que possui cada cultura para determinar o comportamento do indivíduo e do grupo, da vasta extensão de valores culturais e da diferença das reações de cada cultura diante de situações humanas análogas. Várias pessoas que cooperam, quer no planejamento, quer diretamente na execução dos programas de assistência técnica em países distantes, nunca viveram ou trabalharam fora dos limites de sua própria cultura. Em consequência, aceitam como premissas universais os fundamentos básicos de sua própria cultura, e em geral esperam que os povos pertencentes a outras culturas reajam como eles próprios em qualquer determinada situação e que possuam os mesmos incentivos e valores. Muitas vezes não compreendem o comportamento que deles esperam as culturas estrangeiras. O "quadro comparativo de referências culturais" do antropólogo proporciona conhecimento das diferenças culturais e liberta o planejador do etnocentrismo. (Wagley, 1953: 349-350)

Além de ser matéria-prima para a construção de um quadro de referências culturais, o estudo de várias culturas assume outros significados em Wagley:

O estudo de diferentes culturas revela também que, sob vários aspectos, todas as culturas humanas são semelhantes. Em toda a parte a humanidade tem as mesmas necessidades e funções biológicas. Cada cultura humana tem uma maneira diferente de realizar a experiência universal da vida - nascimento, cuidados da criança, procriação, doença, velhice e até mesmo morte. Todas as culturas dispõem de métodos que assegurem pelo menos um mínimo de condições de sobrevivência; provêm alimento e moradia, alguns métodos de defesa, mecanismos de controle social e outras necessidades absolutas do indivíduo e do grupo. Cada cultura humana possui, assim, um sistema econômico, normas que regulem as relações sociais, a família - de uma ou de outra forma - distrações e uma religião. Conquanto diverjam em conteúdo e intensidade, todas as culturas obedecem a um plano básico determinado pela semelhança universal e as necessidades de todos os homens. (...). Um estudo objetivo e aprofundado de uma ou mais culturas proporcionará melhor compreensão de um novo cenário humano em que se venha a ter necessidade de viver e trabalhar. (Wagley, 1953: 350)

A citação acima é eloquente ao apresentar as contradições que envolvem a aproximação das diferenças, necessária à legitimação do antropólogo como um técnico necessário à realização da reforma cultural, com o projeto de uma reforma cultural. Ora, para credenciar-se como motor das

reformas culturais, as considerações de Wagley sobre a Ciência têm que ter uma universalidade que está baseada na premissa de uma semelhança das culturas humanas. Esta, por sua vez, se baseia na natureza biológica. Ou seja, para Wagley, sob uma diversidade cultural que proporcionaria um quadro comparativo e que seria, ao menos em princípio, o élan da cultura, está uma similitude natural. O que quero dizer é que a afirmação de uma semelhança sob as diferenças ganha sentido quando se pensa na lógica das reformas. Estas baseiam-se em postulados científicos, a cultura um deles, que precisam de uma universalidade para ter eficácia. Expressões como "plano básico determinado pela semelhança universal" para definir a cultura, a colocam, na perspectiva de Wagley, como um elemento de superação de demandas biológicas, desconsiderando a própria natureza da cultura enquanto sistema organizado de conhecimentos. Para Wagley, apenas um "estudo objetivo e aprofundado" levaria à descoberta da semelhança sob a diferença.

No sentido ainda de legitimar a presença do antropólogo no time de reformadores pela contribuição virtualmente inscrita no conceito de cultura, Charles Wagley é levado a ver uma consequência da utilização dos métodos de estudo de comunidades e da aplicação do conceito de cultura que é, no mínimo, curiosa. Ele vê uma sensibilidade própria aos antropólogos que os singulariza no quadro dos pesquisadores em Ciências Humanas que é resultado da versatilidade ou ecletismo que o antropólogo experimenta num

estudo de comunidade e na utilização do conceito de cultura. Para Wagley, a presença do antropólogo no time de reformadores é legítima não só porque os antropólogos são aqueles que podem elevar a consciência dos outros especialistas mas também porque os antropólogos são portadores de uma sensibilidade que nenhum outro estudioso das culturas humanas possuiria, uma espécie de dom derivado do método de estudo e da utilização do conceito de cultura:

O estudo dessas pequenas comunidades muito contribuiu para nosso conhecimento da natureza da cultura. Em seus estudos de pequenos grupos tribais o antropólogo tinha que se transformar em um estudante da economia, da história, da estrutura social e política, da religião, da literatura e da língua do grupo tribal. Em consequência, aprendeu a considerar a cultura em questão como um sistema geral e a encarar cada aspecto isolado da vida em relação funcional com todos os demais. Os antropólogos aprenderam que cada cultura possui uma integração e uma harmonia interna e que os costumes e crenças, aparentemente estranhos e ilógicos quando isolados de seu contexto, são mais facilmente compreendidos em relação a todo o sistema cultural de que fazem parte. A intimidade das técnicas de pesquisa do antropólogo de campo torna-o sensível a minúcias de costumes e comportamentos que em geral passam despercebidos para os estudantes mais convencionais das culturas humanas. (Wagley, 1953: 352)

Quanto à relação entre cultura e atraso, escreveu:

Da história da Amazônia emergem as razões de sua atual condição "de atraso". A sociedade e a cultura contemporâneas de comunidades como a de Itá são o produto desse processo histórico. (Wagley, 1953: 388)

Wagley se quer um cientista, isto é, se propõe como alguém neutro e objetivo, imparcial na absoluta parcialidade de uma reforma cultural. É na esteira dessa neutralidade que ele buscará as "razões" para a "condição de atraso" do Vale Amazônico. Para tanto, ele coloca a história e os "processos históricos" como os produtores da sociedade e da cultura e, por conseguinte, produtores do atraso. O que me

parece interessante aqui registrar é a tentativa de Wagley em mobilizar um tema tão aceito quanto o da história para legitimar as imperfeições culturais que as reformas teriam por função corrigir.

A cultura como condição dos programas de reforma é afirmada, por exemplo, na citação seguinte:

Esses programas terão que reconhecer que, na sociedade, a saúde, a economia, a religião, os processos educacionais, a recreação, os valores, a moral, etc., são apenas categorias convenientes. A sociedade e a cultura segundo a qual ela vive formam um único e integrado sistema: a transformação de uma determina transformações na outra. (Wagley, 1953: 396)

Wagley retoma a idéia da cultura como um sistema e parece-me que à medida em que aborda a cultura como um objeto de estudo, Wagley tende a tratá-la historicamente e quando a aborda como um elemento de manipulação com vistas às reformas, tende a tratá-la como um sistema e enfatizar as conseqüências derivadas da intervenção num elemento para o sistema como um todo.

A reforma cultural deverá promover transformações:

As transformações deverão chegar, e inevitavelmente chegarão à região amazônica e outras áreas semelhantes. Os antropólogos sociais discutiram muitas vezes a "relatividade cultural". Salientaram que o progresso, o bem e o mal, o êxito e o fracasso, a beleza e a feiura são valores relativos à cultura determinada em que se encontram. É difícil, dizem eles, julgar se um modo de vida é superior ou inferior a outro. Um povo, como o hindu, dá um grande valor ao desenvolvimento da investigação religiosa e filosófica; outro dá mais valor à técnica, como na Europa e nos Estados Unidos. Esse ponto de vista está certo quando nos ensina a compreender, respeitar e tolerar os modos de vida de outrem. Entretanto, quando uma cultura, em vista da falta de equipamento técnico e por motivos de organização social, deixa de prover às necessidades materiais do homem, além do mínimo indispensável à sua subsistência, essa cultura e essa sociedade terão que ser consideradas inferiores. (Wagley, 1953: 397)

Trata-se de um enunciado complexo, isto é, um enunciado onde aparecem diversas questões colocadas em diversos planos discursivos, uma rede semântica constituindo um painel de diferenças. Wagley precisa afirmar as reformas sociais, afirmar a reforma cultural que, como vimos, é a expressão antropológico-técnica dos processos que confluíram no pós-guerra para a construção de uma hegemonia norte-americana na América Latina. Para tanto, ele presume que a ausência de um equipamento técnico (que é equipamento cultural) e de uma organização social apropriada à providência das necessidades mínimas dos indivíduos e das populações é um critério absoluto à hierarquização das sociedades, necessária, um passo lógico, na argumentação em favor das reformas culturais. Ou seja, para Wagley, uma sociedade será julgada inferior se não conseguir prover por razões que, em última instância, são culturais o necessário à sobrevivência de seus membros. A inferioridade de uma sociedade é o resultado de uma falta cultural que a reforma teria por objetivo superar. Para Wagley, o critério que ele erigiu em absoluto não é relativizável, ou seja, não pode ser tomado de acordo com o contexto. Faria parte de um elenco de valores universais, à semelhança da democracia, da solidariedade e da cooperação. Ou seja, Wagley não problematiza seus parâmetros de reforma e de julgamento das sociedades nos termos de uma particularidade encontrada no relativismo. Ou seja, ele aceita o relativismo até onde não comprometa a iniciativa da reforma cultural. O relativismo,

enquanto uma perspectiva na relação com o outro, perturba Wagley na medida em que, se levada às suas últimas e viáveis consequências, desconstruiria a própria idéia de uma reforma cultural baseada num hipotético e etnocêntrico valor universal como a provisão das necessidades. Num plano posterior, está uma perspectiva humanista em Wagley que faz da vida um bem supremo.

Nesse contexto, Wagley precisa responder aos relativistas. Isto é, precisa tornar a reforma cultural viável aos olhos daqueles que condicionaram o mundo acadêmico e a opinião pública a ver o predomínio da diferença sobre a hierarquia; o predomínio do argumento que torna as culturas diferentes entre si e, portanto, legítimas em suas próprias identidades e aspirações. Nada mais ameaçador à reforma cultural que os argumentos relativistas, na medida em que colocam diante de Wagley a necessidade de se consultar os indivíduos e populações acerca da necessidade das reformas culturais. Wagley não está apenas dialogando com os relativistas culturais, ele está se convencendo de que o que faz é certo e eticamente sustentável. Isto é, tenta dizer a si mesmo que o que faz é regido por um profundo reconhecimento do outro.

Para dialogar com os relativistas, ainda que não eleja nenhum deles como interlocutor particular, Wagley escolhe a estratégia da neutralização e da limitação dos argumentos relativistas. Para ele, o "ponto de vista relativista", cujo conteúdo é a aceitação da inexistência da

dimensão absoluta quando se trata de valores, devem se limitar ao plano do respeito. Ou seja, para Wagley, o relativismo é uma forma de respeitar as diferentes culturas, sem que isso leve à apatia. Os relativistas que haviam esvaziado a carga de palavras como progresso, bem e mal, têm, através de Wagley, um esvaziamento de sua própria tarefa de crítica cultural. Ou seja, Wagley torna a iniciativa relativista de retirar o conteúdo de alguns valores ocidentais sem uma positividade tão evidente. Se, para Wagley, a relatividade cultural deve servir apenas enquanto não atrapalhe a reforma cultural, o que emerge de positivo no enunciado anterior é a inevitabilidade das transformações. Isto é, a inevitabilidade da reforma cultural e, por extensão, da hegemonia norte-americana. As reformas podem não ter alcançado a amplitude e a intensidade desejáveis por Wagley, mas a hegemonia é um fato. Wagley estabelece um juízo maniqueísta de valores para limitar o relativismo. Superpõe um código moral à um código de relação com o outro. Código moral que, a bem da verdade, não passaria nas problematizações relativistas. Wagley reparte o relativismo entre aquele que é certo, o bom relativismo, e aquele que é errado. Ao primeiro, oferece conteúdos que são seus valores: compreensão, respeito e tolerância. O relativismo errado é aquele que não permite as "inevitáveis transformações" e, por conseguinte, a reforma cultural. Wagley transforma uma perspectiva de relação com o outro em sub-conjuntos morais. Quando o relativismo confirma os valores de Wagley, ele é um

bom relativismo. Quando ele conflita com a reforma cultural é um mau relativismo. Ou seja, Wagley não aceita a perspectiva relativista em nenhum dos planos morais constituídos a partir de seu maniqueísmo.

Wagley, porém, se permite ares relativistas como na citação seguinte:

Toda cultura possui padrões e conceitos de imenso valor para seu próprio povo, os quais, uma vez perdidos, causariam um mal irreparável às funções da sociedade e um prejuízo à nossa herança universal. (Wagley, 1953: 398)

Wagley fala, nesse enunciado, de suas esperanças. Ele espera que uma "nova cultura amazônica" - representada como resultado da técnica, das forças produtivas, da Ciência e da indústria - substitua à "tradicional" cultura amazônica. A "nova cultura amazônica", entretanto, deveria conter a "beleza e o valor" da cultura a ser substituída. Ou seja, Wagley busca um compromisso entre o antigo e o novo na projeção da reforma cultural. Para ele, a cultura amazônica existente antes da reforma cultural, pensada como um acúmulo de experiências, deverá contribuir para um amálgama estético das reformas, o que empresta a ela uma cor romântica. Para Wagley, o romantismo presente naquilo que é tradicional deverá ser parcialmente substituído pelo dinamismo expresso na matriz da nova cultura: Ciência e Indústria. Assim escreveu:

A tradicional cultura popular da região amazônica, construída, como é, com experiência de várias gerações, contém muita beleza e valor de que necessitaremos no futuro e que devem ser conservados. Esperemos que se forme uma nova cultura amazônica que reúna as forças produtivas da técnica e da ciência modernas e a eficiência da moderna indústria com os numerosos valores positivos do atual modo de vida. Se se realizar uma nova cultura amazônica, será ela tão característica da região quanto a que descrevemos neste

livro. (Wagley, 1953: 398)

Para a realização das promessas contidas na idéia de uma reforma cultural, Wagley procurou colaborar escrevendo *Amazon Town: a Study of Man in The Tropics* e com a noção de cultura, um operador, simultaneamente, heurístico e político das mesmas. Assim, para Wagley, o fim deve ser o homem e sua cultura, como prescrevia um enunciado anônimo e sem data, brilhante peça positiva:

O que buscamos averiguar é como ele se comporta dentro dessa sociedade, herdeiro que é da experiência de gerações que o precederam, como reage a essa experiência, modificando-a, e como a transmite a seus descendentes. Essa experiência, ou como a chamamos, cultura, não é o refinamento intelectual ou instrução, como à primeira vista, o uso corrente desse termo parece sugerir. Em antropologia, cultura significa o corpo de idéias motivadoras do comportamento do homem dentro de cada sociedade particular, e também o conjunto de técnicas e realizações de qualquer natureza que refletem objetivamente essas idéias. (anônimo, s/d: 5)

II.3.2 CULTURA, SOCIEDADE E HISTÓRIA.

Os padrões ideais, elementos formadores de uma cultura, assim aparecem em Wagley:

Em Itá, como aliás em todas as comunidades do mundo, há, entretanto, uma grande distância entre o ideal e a realidade - entre o que a gente prega e aquilo que faz. Todavia são esses padrões ideais de comportamento (...) que determinam em grande parte, o comportamento na prática. Esses ideais fornecem uma série de regras que todos almejam seguir - mas nunca o conseguem. (Wagley, 1953: 227)

Nesse enunciado, Wagley tematiza a relação entre os dois planos onde a cultura acontece, se realiza. Por um lado, Wagley afirma uma "distância", isto é, uma diferença entre o plano ideal e o plano concreto. É preciso lembrar que em outros enunciados, Wagley afirmava uma condição de síntese, para o conceito de cultura, entre o ideal e o concreto. Ou seja, a cultura seria um terceiro elemento numa série onde os outros dois (idealidade e concretude) estariam

em contradição. A idéia da uma presença de contradição constituindo a própria força de uma cultura é reforçada, na citação anterior, pelo recurso à noção de uma distância entre os padrões de comportamento e as práticas no interior de uma cultura. Por outro lado, é preciso lembrar que Wagley estabelece um enfraquecimento da contradição entre o ideal e o real pela afirmação de que os padrões de comportamento "determinam" a prática dos indivíduos e grupos, numa espécie de mútuo condicionamento. Ainda na citação anterior é digna de nota a crença onde Wagley atribui uma unanimidade à aceitação, pelos indivíduos, dos padrões de comportamento, elementos que "todos almejam seguir".

Sobre a relação entre cultura e história,

Wagley escreveu:

A reconstrução da sociedade Tapirapé na Aldeia Nova (Tawaiho) é um exemplo extraordinário de separação e interdependência entre cultura e sociedade. Indivíduos e famílias tinham retido a cultura ancestral como um sistema de regras, ideologia e conceitos abstratos, durante o curto período em que sua sociedade esteve desfeita. Tão logo as condições o permitiram, a sociedade Tapirapé foi recriada segundo as regras abstratas de sua própria cultura. (Wagley, 1977: 65)

Na citação acima, Wagley menciona as relações entre cultura e sociedade. Para inserir aquela menção no enunciado, Wagley o inicia projetando um contexto densamente positivo, através de palavras como "reconstrução" e "exemplo extraordinário". Para Wagley, aliás, a reconstrução de uma aldeia Tapirapé seria um exemplo extraordinário das relações entre cultura e sociedade. Tais relações seriam de dois tipos: separação e interdependência. Ou seja, uma cultura pode sobreviver sem uma sociedade (separação), mas para

existir concretamente, uma cultura necessita de uma sociedade. Tal relação não nos é estranha, na medida em que pensemos na relação entre cultura e comunidade. Esta é, para Wagley, um veículo da cultura. Da mesma forma, a sociedade é uma forma cujo conteúdo é determinado pela cultura. Conteúdo ideal e material, simultaneamente, na medida em que sobrevive como regras e práticas de uma sociedade. Para Wagley, a cultura se coloca no plano da abstração, enquanto a sociedade é concreta. Noutra passagem relacionando cultura e sociedade escreveu:

Although for a short period Tapirapé society might be said not to have existed, Tapirapé culture continued to live in the minds of these few remaining individuals and it allowed them, given the opportunity, to recreate, although in a much attenuated form, their social life. This is a striking example of the difference between a society and its culture. (Wagley, 1955:102)

A idéia de uma separação entre cultura e sociedade é recorrente em Wagley, através da repetição do "exemplo extraordinário" da reconstrução da aldeia Tapirapé.

II.3.3 A DINÂMICA CULTURAL.

O estudo da mudança cultural como principal tema na compreensão de uma sociedade pode ser sentido a partir de Galvão:

O estudo da mudança cultural, tal como ocorre entre os vários grupos indígenas do norte do Brasil, permite compreender melhor o processo de formação da cultura cabocla (...). (Galvão, 1967:24)

Galvão fala da mudança cultural de uma maneira neutra, como se a neutralidade narrativa pudesse desfigurar a verdadeira dramaticidade que, muitas vezes, acompanha as mudanças culturais. Para Galvão, as mudanças culturais são objetos de estudo e uma condição de possibilidade para a

"compreensão" da cultura cabocla. Ou seja, elas representam elementos epistemológicos antes que conteúdos políticos. Isso nos leva a pensar que, para ele, a Ciência tenha sido prioritária à Política, na medida em que a primeira é uma condição para o bom exercício da segunda.

Noutra passagem de seu texto escreve:

O campo que se oferece à pesquisa etnológica na Amazônia é por força desses fatores, condicionado sobretudo à investigação do processo de mudança cultural a longo alcance. (Galvão, 1967:27)

O estilo narrativo neutro que Galvão empregou, no enunciado anterior, para falar das mudanças culturais se estabeleceu como uma espécie de regra no assunto. Eduardo Galvão, ao comentar as mudanças culturais na Amazônia, utilizará noções como "campo", "pesquisa etnológica" e "investigação". Ou seja, os enunciados anteriores apontam para a perspectiva de uma dessubstanciación política das mudanças culturais através de sua inserção no espaço descrito pelo discurso científico, neutro em seus objetivos e princípios.

Tematizando as mudanças culturais Wagley escreveu:

Ventilou-se a idéia de que se deveria realizar um programa para futuras pesquisas no Vale do Pindaré, semelhantes às definidas por Robert Redfield para o Iucatã. Em resumo, Redfield encontrou uma série uniforme de mudanças, partindo da cidade (Mérida, em Iucatã) para a cultura popular das aldeias circunjacentes, e, finalmente, para os índios Maia, das matas do Iucatã (11).

No Vale do Pindaré as mudanças seguem duas direções. Futuras pesquisas devem começar com um estudo dos simples neo-brasileiros, em São Luiz, e arredores, e prosseguir estudando as comunidades neo-brasileiras, subindo o Pindaré, até os neo-brasileiros vizinhos dos índios. Os dados que coligimos entre os Guajajara servirão de primeiro passo em tal programa de estudos. (Wagley, 1943:12)

O enunciado acima confirma o modo narrativo onde Wagley fala das mudanças culturais. Segue a mesma direção da aparente ausência de interesse, da falta de conteúdo político. A única positividade é dada, no âmbito do enunciado, pela exemplaridade das pesquisas de Redfield em Iucatã. A descrição da exemplaridade, entretanto, já é feita segundo um vocabulário no qual os resultados da pesquisa são definidos como achados. Redfield "encontrou" uma "série uniforme de mudanças". A maneira de um garimpeiro numa mina de ouro que encontra uma pepita, Redfield teria encontrado uma "série uniforme de mudanças". Se o resultado das pesquisas, tomados em seu conteúdo, é extremamente positivo, sua descrição é neutra a tal ponto de dissolver nela as mudanças culturais.

Sobre Redfield e as mudanças culturais:

Redfield was primarily interested in cultural change, especially the effects of modern urbanization upon "folk culture" and the resulting "disorganization of the culture, secularization, and individualization", to use his well-known terms. The primary purpose of the present taxonomy is not to analyze the direction and effects of cultural change but to establish categories which may help to orient many additional problems. (Wagley, 1968: 113)

O estudo das mudanças culturais tem em Wagley, entretanto, a primazia de serem esforços no sentido de evitar a desorganização decorrente do processo de mudanças culturais. Ou seja, para Wagley, o estudo das mudanças que fora descrito de maneira tão neutra, tem uma função política importante: saber qual o alcance disruptivo das mudanças culturais.

Um outro elemento que liga a noção de cultura

aos esforços em favor da hegemonia norte-americana na região é própria noção de mudança cultural:

Independente ou concorrente ao processo de aculturação do indígena por influência do colonizador europeu, fatores como migrações, vizinhança e dominação, incidiram num outro processo de aculturação inter-tribal, de que emergiram gradações culturais de maior ou menor aproximação a um desses dois tipos padrões. (Galvão, 1967:15) 5

O enunciado que nos serve como exemplo da narrativa descritiva e, portanto neutra onde Wagley fala das mudanças culturais e dos processos de aculturação, é o anterior. Nele, as condições para as mudanças culturais ganham o nome de "fatores". Wagley vê as mudanças culturais como uma espécie de operação algébrica na qual o conteúdo político das reformas representado pelos conflitos e pelas rejeições ao seus termos ganham uma dimensão vazia. Isto é, Wagley, pela metáfora aplicada, busca estabelecer o triunfo da técnica sobre a política, condição indispensável ao bom encaminhamento da reforma cultural e, portanto, da afirmação de uma influência global e maciça dos Estados Unidos sobre a América Latina. A neutralidade narrativa ganha, assim, força no processo que envolve a legitimação do papel do antropólogo no time de especialistas e no lançamento das condições de possibilidade para o exercício da hegemonia norte-americana no continente.

CIID ENTRE A ALIANÇA E A DIFERENÇA

1. A AMAZÔNIA: FALTA E DESENVOLVIMENTO

I FRONTEIRA E POTENCIAL

Na conjunto de textos de Charles Wagley, a primeira e, portanto, mais antiga referência à Amazônia está em *The Indian Heritage of Brazil*. Nesse texto, Wagley procura mostrar o que o Brasil deve à cultura indígena e, assim, estabelecer, no plano da cultura um inventário de práticas e valores que o Brasil teria recebido das culturas indígenas Tupi e Jê. Escrito para *Brazil: Portrait of Half a Continent* de T.Lynn Smith, o texto fala da Amazônia nos seguintes termos:

It is in the Amazon region that indian culture survives with greatest vigor in the modern culture. The Amazon did not offer conditions favorable for plantation agriculture, and few Negro slaves were imported into the region (Wagley, 1951:119)

Como se pode ler acima e confirmá-lo ao longo do trecho citado, Wagley não fala, prioritariamente da Amazônia. Sua questão principal é estabelecer no que a cultura indígena contribuiu para formar o Brasil. Assim, a referência à Amazônia deve ser lida muito mais como um artifício retórico de Wagley do que sua questão central no texto. Mesmo assim, não se pode ignorar que há um conteúdo para a Amazônia. Nesse conteúdo, a Amazônia aparece como o lugar onde a cultura indígena mais sobreviveu, talvez por que "poucos negros escravos foram importados para a região". Ou seja, nesse texto de 1951, a Amazônia é algo como uma forma onde uma substância representada pela cultura se alojaria. Como se pode notar, a referência à Amazônia feita por Wagley, nesse texto, traz a questão da cultura como correlata.

Nesse enunciado, Wagley situa a Amazônia num plano geográfico e como suporte para uma atividade representada pela cultura. Não se pode ver, na citação anterior, uma relação direta entre o contexto mais geral representado pela reforma cultural e a própria simbolização da Amazônia. Pode-se, entretanto, ver que o plano epistemológico da cultura tangencia a referência à Amazônia. Por outro lado, não se pode deduzir daí, com alguma segurança, algum elemento na experiência de alteridade cujos contornos este capítulo tem, por objetivo, atingir. Poder-se-ia, com muita imaginação, ver que a Amazônia, nesse texto de 1951, não passava, para Wagley, de um espaço ou lugar onde uma cultura atingiria sua dimensão histórica.

Se em *The Indian Heritage of Brazil* a Amazônia aparece como um lugar, no sentido geográfico, em *Amazon Town: a Study of Man in The Tropics* surgem algumas diferenças que convém explicitar.

A primeira palavra a se dizer é que o texto de 1953 tem como tema central a Amazônia, enfocada sob o prisma da reforma cultural e da Antropologia Aplicada. Ou seja, a Amazônia deixa a condição de artifício retórico para ser a principal preocupação de Wagley no livro. Sendo assim, novas tintas deverão colorir uma simbolização da Amazônia que tem, em sua vizinhança, as questões do desenvolvimento, das reformas e do papel da Antropologia nessa empresa.

Ao longo de *Amazon Town: a Study of Man in the Tropics*, um dos primeiros enunciados que me pareceu sugestivo

em termos de uma representação da Amazônia é aquele onde se pode ler:

A maioria das áreas sub-desenvolvidas está situada nas zonas tropicais e semi-tropicais, embora, é claro, os trópicos não detenham o monopólio da miséria. Mas as regiões tropicais da África, Ásia, das Ilhas do Pacífico, do Oriente Médio e das Américas são, em geral, as mais retardadas do ponto de vista econômico. E são sobretudo as zonas tropicais, quentes e úmidas, como as da África Equatorial, da Bacia Amazônica e da Nova Guiné que, em contraste com as zonas tropicais quentes, mas áridas, têm proporcionado, até o presente, o clima menos favorável ao homem. (...). Essas áreas tropicais menos populosas, como o Vale Amazônico, são, na realidade, fronteiras. Atraem nosso interesse, não só pela luta dos povos que as habitam, como também por seus recursos inexplorados, suas terras ainda virgens, e o potencial que encerram para futuras colonizações. (Wagley, 1953:19)

Wagley inicia a definição do lugar da Amazônia pela atribuição de uma série de predicativos negativos a ela associados. Assim, Wagley identificará áreas geográficas tropicais e áreas economicamente "sub-desenvolvidas", "retardadas do ponto de vista econômico" para usar palavras dele. Como se não bastassem o sub-desenvolvimento e o retardamento econômico, Wagley ainda acrescentará ser a Amazônia um lugar onde o "clima é menos favorável ao homem". Clima, economia e desenvolvimento se conjugam no enunciado de Wagley para dar ao leitor uma certa sensação de pessimismo, definindo o primeiro momento do enunciado. Vendo um certo pessimismo resultante das condições da Amazônia, Wagley cria o muro a ser transposto e, para tanto, abrirá um segundo momento no enunciado: o momento onde entram em cena as positivities da Amazônia.

Assim é que ela será definida, sucessivamente, como uma "fronteira", um lugar de "recursos inexplorados" e de "potencial para futuras colonizações". Wagley, no plano do

enunciado e da narrativa, opera uma inversão que tem por efeito lançar o leitor da sensação de pessimismo para uma onde a Amazônia se revela como um lugar onde se deve investir, nas mais diversas modalidades de significação que esse termo possa ter. Wagley exprime, ao longo do enunciado, a certeza de que a Amazônia é um bom negócio pelas suas virtualidades. Estas são de natureza econômica e epistemológica como provam os sucessivos estudos lá realizados nas mais diversas áreas do conhecimento e os negócios que a caracterizam como fronteira capitalista.

Tendo como pano de fundo a questão do desenvolvimento, essa primeira citação que escolhi para reconstruir o que, no plano dos textos, pode ter sido a Amazônia para Wagley a define, primordialmente, em termos de virtualidade e, assim, de futuro. Essa definição revela uma aproximação entre o conteúdo da Amazônia e o contexto expresso pela Reforma Cultural e pela Antropologia Aplicada. Parece-me razoavelmente evidente que ao representar a Amazônia como virtualidade, Wagley legitima uma intervenção econômico-científica sobre ela. Sendo assim, ele deixa a preocupação com as diferenças e enfatiza as desigualdades, ainda que em uma figura positiva como a da potencialidade.

Se a citação anterior traz a ênfase com que Wagley definiu a Amazônia pelas suas virtualidades econômicas, a citação seguinte mostra, por sua vez, como a Amazônia, enquanto uma objetificação discursiva, foi representada sob as luzes da empresa científica que é correlata à econômica.

Wagley escreve:

Qualquer comunidade da Amazônia brasileira conviria aos nossos propósitos, como laboratório de estudos de uma cultura regional e da forma pela qual ela é preservada por um grupo de habitantes da Amazônia. (Wagley, 1953: 44)

É preciso ver que nos enunciados anteriores, a Amazônia não é mais definida em segunda ordem. Isto é, ela ocupa o centro do enunciado. Por outro lado, é preciso ver que nos enunciados anteriores estão as principais linhas-de-força, os eixos nos quais a experiência de alteridade pode acontecer entre norte-americanos e amazônidas, norte-americanos e brasileiros. A presença da metáfora natural, "laboratório", apenas reforça a condição que fazia da palavra autorizada a palavra científica e esta tinha por modelo as Ciências Naturais. Pode-se ver que, em Wagley, a Amazônia passou de unidade geográfico-cultural (1951) para uma unidade econômico-científica (1953). Poder-se-á dizer que as pesquisas na Amazônia foram, grandemente, feitas no final da década de 40 e que por conseguinte a diferença que aludi anteriormente se deve muito mais aos textos onde os enunciados estão do que a uma possível mudança na forma como Wagley representou a Amazônia. Concorro que isto é possível mas que, por outro lado não invalida uma leitura que veja no texto de 1951 a problemática da fusão cultural e sua relação com a Amazônia e no de 1953 a expressão de uma vontade de hegemonia norte-americana do pós-guerra.

Ainda em *Amazon Town: a Study of Man in The Tropics*, Wagley constrói um enunciado sobre a Amazônia a partir do pre-texto de contar sua história. Isto é, tentando

explicar o que a Amazônia seria em 1953 pelo que ela teria sido no início do século, Wagley faz uma imagem da Amazônia algo barroca, evidenciando contrastes. Ele escreveu:

Calcula-se que de 1850 a 1900 a população do Vale aumentou duas vezes. O dinheiro rolava. Foi construído um magnífico Teatro Municipal em Manaus, a meio caminho do Rio Amazonas, onde representavam companhias européias, afrontando os perigos da febre amarela e da malária. Imitando as casas européias do campo e da cidade, construíram-se em Belém e Manaus, com a riqueza produzida pela borracha, habitações absolutamente inadequadas ao clima tropical. As pessoas mandavam vir suas roupas do estrangeiro e diz-se até que muita gente mandava suas vestimentas mais finas para serem lavadas em Lisboa. Imperava a jogatina, a exploração dos recém chegados, a prostituição e a anarquia de toda ordem. (Wagley, 1953:76-7)

A Amazônia da citação anterior, reúne, em suas positivities, o aumento da população, o dinheiro, as realizações arquitetônicas e artísticas que, em síntese, seriam afirmadas por Wagley na expressão "riqueza produzida pela borracha". Para Wagley, então, a Amazônia seria uma empostação da Europa, criada pela indústria da borracha e seria feita contra, curiosamente, transgressões. Isto é, seria feita contra a transgressão da saúde representadas, no espaço do enunciado, pela febre amarela e a malária e pela transgressão da ordem social e, profundamente, do parentesco que são a "exploração dos recém-chegados" e a "prostituição". Wagley resumiu muito bem as transgressões contra as quais uma imagem da Amazônia feliz como perífrase da Europa se afirmaria: "anarquia de toda a ordem". Ou seja, toda a desordem.

A Amazônia é o lugar de sobrevivência da cultura indígena, é um espaço de relações político-econômicas condensadas na expressão "fronteira" e é, também, um lugar de

superação da transgressão, de afirmação da ordem pela imitação da Europa. Em todos os três planos, a Amazônia se define, para Wagley, como a expressão de uma falta: conteúdo no primeiro caso, presente no segundo (é uma virtualidade) e identidade no terceiro dado que é um espelho da Europa.

A indústria da borracha que tanta prosperidade parece ter trazido à Amazônia em sua época de ascensão, foi a mesma que, em seu declínio, trouxe tristeza e pessimismo. Trouxe a decadência. Nessa passagem da prosperidade para o infortúnio e a decadência é que Wagley foi encontrar inspiração para pintar um quadro oposto àquele projetado na citação anterior:

O Vale Amazônico, tão próspero e que parecia ter um futuro tão brilhante durante a primeira década do século, tornou-se rapidamente isolado e atrasado. Um pessimismo profundo tomou conta da região e refletia-se na atitude de seus habitantes. Esse pessimismo, por sua vez, influenciava os forasteiros que visitavam o Vale. "A Amazônia", escreveu um talentoso ensaísta da região, "tem sido até agora a vítima principal de sua própria grandeza" (20). Seu atraso foi explicado como "não da culpa do homem, mas do ambiente (físico)" (21). (Wagley, 1953: 83)

"Isolado", "atrasado", tomado por um "pessimismo profundo" são expressões pelas quais Wagley recria uma imagem triste da Amazônia. Uma imagem portadora de uma afecção que repete, no plano do enunciado, a decadência de que foi tomada a economia da Amazônia. Wagley ainda citará um "talentoso ensaísta" da região, legitimando, a partir dos próprios amazônidas a imagem de uma Amazônia incapaz de promover seu desenvolvimento econômico. Uma Amazônia "vítima principal de sua própria grandeza", expressão com a qual se pode afirmar a minoridade política da região e colocá-la, por conseguinte,

sob a tutela de sociedades preocupadas com uma reforma cultural que distribua, pelo mundo, aquilo que considera como desenvolvimento.

Na citação anterior, a prosperidade e o "futuro brilhante", elementos de significação com os quais a virtualidade Amazônica fora afirmada saem para dar lugar à imagem da Amazônia como vítima de si, que, à maneira dos loucos e das crianças, requer uma tutela. Nesse enunciado, origina-se a noção de uma Amazônia como uma área a ser disciplinada. Uma tal intenção só pode ser precedida por uma anulação das diferenças e uma conseqüente transformação do seu reconhecimento numa afirmação de desigualdade. Em outras palavras, para Wagley e demais norte-americanos aquilo que é distância cultural e natural é percebida como falta e, conseqüentemente, apropriada sob a forma de um objeto intelectual e econômico, um ponto de aplicação para uma reforma cultural.

Continuando na estratégia político-discursiva de trazer para seu texto citações de amazônidas e de brasileiros e, assim, legitimar a neutralização do reconhecimento das diferenças e sua substituição pela noção etnocêntrica de falta, Wagley invocará um dignatário brasileiro para, juntamente ao intelectual amazônico citado, mostrar que há um consenso quanto à sua posição de reforma cultural. Ele dirá:

Em 1940, em um discurso pronunciado em Manaus, já o presidente Getúlio Vargas prometera que as necessidades da área constituiriam assunto de interesse nacional e, com o advento da guerra, cumprindo sua promessa, determinou importantes medidas nesse sentido. Em 1942 foi estabelecido o SESP, em virtude de um acordo internacional entre o Brasil e os Estados Unidos e como parte do esforço de guerra. (Wagley, 1953: 88)

As "necessidades da área", Getúlio Vargas oporá o "interesse nacional". Wagley, por sua vez, verá no SESP, uma afirmação concreta da compreensão com que o governo brasileiro via a questão amazônica. Assim, cada vez mais, fica consolidada a simbolização da Amazônia como um lugar a se desenvolver; um lugar dotado de uma falta cultural e tecnológica às quais apenas o gênio norte-americano poderia, por uma reforma cultural, transformar.

A Amazônia aparece, assim, como uma fronteira. Ela é uma fronteira científica com a qual os norte-americanos retirariam o modo de superar os limites físicos e assim adentrar a fronteira econômica. Para Wagley e mesmo para nós, a idéia da Amazônia como uma fronteira tem um sentido e, portanto, um lugar em nosso imaginário. A diferença consiste no conteúdo dessa fronteira.

Pode-se dizer que, para Wagley, a Amazônia, enquanto uma representação, começou de uma maneira quase neutra e despretensiosa como uma forma na qual um conteúdo cultural se atualizaria. Sob as pressões das questões do desenvolvimento ela se transformaria numa representação sobretudo política, onde a negação das diferenças culturais e naturais seria substituída pela comparação equivocada que visava afirmar uma falta e, assim, criar as condições para uma intervenção racional na realidade e produzir uma reforma cultural.

A Amazônia enquanto aquilo que falta para ser como os Estados Unidos recebe sua confirmação num enunciado de

Amazon Town: a Study of Man in the Tropics onde Wagley vale-se da expressão área colonial para falar da Amazônia. Por outro lado, as comparações que Wagley estabelece entre Itá (comunidade onde realizou seu estudo) e comunidades da França e dos Estados Unidos, principalmente Plainville, são o exemplo dessa prática de comparar incomparáveis e que Octávio Ianni, com alguma agressividade, censurou em Wagley.

Wagley escreve:

O Vale Amazônico continua a ser uma das áreas coloniais do mundo. Nunca, em sua história, teve acesso ao que de melhor oferece a técnica ocidental. Nunca pode o homem da Amazônia utilizar-se dos conhecimentos e técnicas de que dispõem as regiões mais adiantadas para a exploração e controle do mundo físico. A falta de equipamento técnico, a predominância de uma economia extrativa, um rígido sistema de classes e outros fatores sociais e culturais combinaram-se para manter a Amazônia no estado de atraso em que se encontra. (Wagley, 1953: 389-90)

Como se pode ler acima, Wagley usa, ao longo do enunciado, o advérbio nunca duas vezes e o substantivo falta uma vez para representar uma Amazônia em "atraso". O que quero dizer é que o enunciado acima é a prova documental da prática de substituir diferenças por desigualdades. Ou seja, na medida em que Wagley identifica a Amazônia ao atraso, cria uma outra identificação e uma caracterização, a da Amazônia como área colonial.

Mais uma vez Wagley cita Getúlio Vargas:

Desde 1940 vem o Brasil revelando novo interesse pela Amazônia. Em sua famosa "mensagem do Amazonas" disse àquele ano o presidente Vargas: "Nada nos impedirá de realizar, neste supremo esforço que representa o vigésimo século, a mais importante tarefa do homem civilizado: a conquista e o domínio de grandes vales de torrentes equatoriais, transformando sua força cega e extraordinária fertilidade em energia disciplinada. A Amazônia, com o impulso fecundo de nossa vontade, de nosso esforço e de nosso trabalho, não permanecerá um simples capítulo na história do universo, mas, na mesma base de outros grandes sistemas fluviais, tornar-seá um

capítulo na história da civilização". (Wagley, 1953: 390)

Wagley cita Vargas e, por conseguinte, pode-se reconhecer uma identidade de posições entre ambos, no tocante à Amazônia. Para Vargas, a Amazônia seria, então, um "simples capítulo na história do universo". Ou seja, seria um elemento situado na ordem natural que é o que significa a palavra universo. A Amazônia enquanto pura natureza deveria - através do "interesse", do "esforço", da "vontade" e do "trabalho" - ser "disciplinada", "conquistada" e "dominada" para tornar-se um capítulo na "história da civilização". A disciplina e a vontade, para Vargas, são os veículos civilizatórios que levariam a Amazônia de parte do universo para parte da civilização. A chave da citação anterior e, talvez, o princípio ativo da empresa norte-americana que Wagley batizou de reforma cultural seja a oposição entre universo e civilização, forma atenuada da oposição entre natureza e cultura. Hoje ainda quando se fala na Amazônia refere-se à ela como natureza e o discurso ecológico apela, mesmo numa forma mínima, para a salvação de uma paisagem mítica e a preservação da natureza.

Por outro lado, a citação anterior condensa, admiravelmente, o projeto de reforma cultural: vontade, trabalho, esforço e disciplina para uma mudança qualitativa na forma de vida da Amazônia. Vargas parece reivindicar isto para o Brasil como se anteviesse o caráter conflitivo que a Amazônia enquanto uma fronteira política oferece. Tudo se passa como se ele dissesse aos cidadãos na mensagem do Amazonas: colonizemos nós mesmos antes que outra nação o faça.

A Amazônia, para Vargas, não é apenas natureza a ser convertida em civilização. Ela é, também, neutralidade. Uma neutralidade que acontece pela justaposição das expressões "força cega" e "extraordinária fertilidade". Juntos, esses termos se anulam como quantidades antagônicas. A Amazônia teria, assim, uma superação da contradição entre uma força que não atua e uma potencialidade. Aliás, pode-se ver como na expressão "extraordinária fertilidade" contida por uma "força cega" reaparece o tema da Amazônia como virtualidade a ser concretizada por um "ethos" que inclua vontade, disciplina, esforço e trabalho. Pode-se dizer que Vargas militariza a imagem da Amazônia e o trabalho social necessário para tirar o gigante da natureza e levá-lo à cultura. Cumpre lembrar que ainda hoje, quando se discute bio-diversidade, a Amazônia é pensada como uma virtualidade a ser concretizada não mais pela disciplina do trabalho mais pela ciência e tecnologia. O tema da Amazônia enquanto potencial aparece, aliás, noutras passagens de *Amazon Town: a Study of Man in the Tropics*:

E, no entanto, a imensa área do Vale Amazônico, com seu imenso potencial, não é apenas uma importante fronteira brasileira, mas uma fronteira do Novo Mundo. É a mais extensa área de população esparsa do mundo. O desenvolvimento de uma tal região com os recursos da técnica moderna será a resposta ao horrível espectro apresentado pelos neomalthusianos que nos ameaçam com a exaustão do suprimento alimentício do mundo em face do crescimento de sua população. (Wagley, 1953: 392)

Na citação acima, a Amazônia é pensada no espaço que vai do terror expresso pelo "crescimento populacional" codificado pela interpretação neomalthusiana da "exaustão de alimento" à idéia da fronteira. Para Wagley, a Amazônia seria uma "resposta" à fome. Tal resposta, evidentemente, seria

condicionada pela técnica e sua capacidade em promover o desenvolvimento. De qualquer forma, a Amazônia é, aí, um potencial. Talvez a exuberância da floresta e a exotividade nela presente a um olhar norte-americano tenham amplificado a representação da Amazônia enquanto uma fronteira e uma virtualidade.

Como fronteira ou como potencial, noções que aliás se completam na estratégia de representar a Amazônia como falta, Wagley procurou, ao tematizar a Amazônia, estabelecer uma correspondência entre a representação da Amazônia e o projeto de reforma cultural. O exemplo desse procedimento está na citação da mensagem do Amazonas de Getúlio Vargas. Combinação de fé no trabalho com vontade de saber, o enunciado que citei sintetiza, paradigmaticamente, o projeto que Wagley batizou de reforma cultural.

II DESERTO VERDE

Na década de sessenta, dois textos tematizam a Amazônia e são, por isso, objeto de minha leitura. O primeiro é *An Introduction to Brazil*. Escrito em 1964, representa, para o campo de estudos brasileiros, um esforço de Wagley em sintetizar aquilo que sabia sobre o Brasil. Por outro lado, o texto é uma referência obrigatória a todos os que desejarem conhecer o Brasil sob a ótica de uma antropólogo aplicado ou do desenvolvimento.

O segundo texto que me serviu como fonte foi escrito em 1967 e é uma iniciativa coletiva que teve por base um simpósio sobre a Amazônia realizado no Museu Goeldi. Do

Simpósio participaram inúmeros pesquisadores em diversas áreas. Tomado em referência à pesquisa de Wagley da década de quarenta, o simpósio a que me refiro traz uma diferença quanto à forma de pesquisa. Ou seja, a investigação passou de uma situação onde era feita por um indivíduo para outra onde vários especialistas participam. O texto donde retirei as citações é de Eduardo Galvão.

Em *An Introduction to Brazil* pode-se ler sobre a Amazônia:

It is the region that catches the imagination of Brazilians and foreigners alike. It has been called "Mysterious Amazon", "Green Hell", "Bread Basket of the World", and other colorful epithets. It is actually none of these, but is one of the most romantic of all Brazilian cultural regions. (Wagley, 1964:59)

A Amazônia, para Wagley em 1964, deixara de ser a fronteira plena em potencialidades cuja realização seria feita pela ciência. Ela, curiosamente, passara de promessa de redenção a desencanto. Em outras palavras, o enunciado de sessenta e quatro define a Amazônia pela sua capacidade em capturar a imaginação de brasileiros e estrangeiros. Se antes ela era promessa e seria objeto da vontade e do esforço implícitos à reforma cultural, no enunciado anterior ela é pensada de uma maneira algo idílica. É simbolizada de uma forma a ser definida como a "mais romântica das regiões culturais do Brasil". Nesse intervalo de tempo que vai da década de 40 à década de 60, a própria noção de uma reforma cultural talvez tenha desencantado Wagley. É preciso lembrar que em *Welcome of Tears*, editado em 1977, Wagley critica, veladamente, a avaliação positiva que antropólogos norte-americanos fazem do Projeto Vicos, particularmente

Dobyns.

Mesmo tendo refreado sua vontade de intervenção e, portanto, definido a Amazônia de uma maneira a deslocá-la da ordem das preocupações concretas para a imaginação, Wagley ainda continuaria, na década de sessenta, a pensar a Amazônia em relação à categoria desenvolvimento. Ele escreve:

The Amazon Valley accounts for about 45 percent of the total area of Brazil. However, less than 5 percent of the Brazilian people live in this vast region. Present conditions in the Amazon certainly qualify it as one of the world's greatest underdeveloped regions. Even in relation to the rest of Brazil, the Amazon makes a poor showing. Illiteracy in the state of Amazonas is 65 percent of the population over ten years of age, infant mortality is shocking high, diet is seriously substandard both in caloric intake and in quality, the collecting economy is stagnant and utterly at the mercy of world-market price fluctuations, and less than 1 percent of the area is under cultivation. Even this small part is exploited with the most primitive tools and techniques.(...). Some authorities are inclined to view this region as a place of great potential agricultural and population growth. Others are inclined to believe that the poor soil, humid climate, and prevalence of disease (especially malaria) doom the Valley to remain forever a "Green Hell", a "Green Desert", or "Green Opium" (referring to the fancies of the optimists). Is this an underdeveloped or undevelopable part of the world? (Wagley, 1964: 65)

Wagley nos apresenta, na citação acima, uma visão algo pessimista da Amazônia. Em primeiro lugar ela é pessimista porque abre um espaço muito grande para a adjetivação negativa. Isto é, Wagley menciona, reiteradamente, as condições de saúde, a dieta, a economia da região. Todos os itens anteriores tomados sob indicadores negativos. Em segundo lugar, é uma visão pessimista porque Wagley expressa, através da questão onde se pergunta se Amazônia seria sub-desenvolvida ou não seria desenvolvível, uma dúvida que os textos da década de quarenta e cinquenta não trazem. Ou seja, nesse ponto é preciso ver que Wagley já se desencantara com a reforma

cultural e sua promessa de felicidade.

Não se pode deixar de registrar que, novamente, o tema da Amazônia enquanto potencial reaparece. Entretanto não é mais no registro positivo que ela acontece. Ela aparece para confirmar a dúvida de Wagley. Ou seja, a menção à Amazônia enquanto potencial é apenas uma forma de legitimar a certeza que Wagley tem na impossibilidade de desenvolver a Amazônia. Estabelecendo um jogo de contrários que coloca em oposição economia e potencial agrícola; tecnologia e amplitude territorial, Wagley projeta, em perspectiva, sua dúvida quanto à possibilidade de desenvolver a Amazônia. Ela é, por conseguinte, um "deserto verde" ou um muro à vontade norte-americana. A Amazônia que fora uma fonte inesgotável de positivities tornara-se, agora, o objeto do ceticismo de Wagley, sua desconfiança.

Eduardo Galvão, analisando as pesquisas sobre a Amazônia, deixa um traço de representação sobre a Amazônia através de dois enunciados que, em conjunto, mostram uma imagem positiva da Amazônia, repondo os temas da complexidade cultural e da fronteira. A bem da verdade, a Amazônia seria uma fronteira de extensa complexidade cultural.

No tema da complexidade cultural, Galvão escreve:

Na Amazônia, antes da chegada do europeu, tivemos um número de tradições culturais que atingiram marcado grau de complexidade tecnológica e sofisticação artística, evidenciadas pelos cerâmicos de Marajó, Cunani, Maracá, Santarém, Miracanguera e outros. (Galvão 1967:13)

Como se pode ler acima, Galvão simboliza a história da Amazônia em relação aos europeus: Ele divide o

tempo em duas metades, antes e depois dos europeus como a história do Ocidente está dividida em antes e depois de Cristo. Aliás, a chegada dos europeus é a chegada de Cristo ao continente americano. Na mitologização da história proposta por Galvão, há um passado paradisíaco que é pré-europeu. Nesse espaço de tempo, as culturas seriam complexas e as sociedades então existentes seriam tecnologicamente avançadas e artisticamente conseqüentes. Para conferir concretude à mitologização da história, Galvão requer o artifício discursivo do exemplo. Nessa leitura que Galvão faz da Amazônia, ela aparece como um paraíso degradado pelos europeus. Estes seriam o pecado, isto é, trariam o pecado. Nessa versão da Amazônia proposta por Galvão há, parece-me, uma recriação da essência do mito do bom selvagem.

Para finalizar, Galvão retoma o tema da fronteira, pensada num espaço discursivo onde a Amazônia está oposta a outras áreas do Brasil:

Ao contrário de outras áreas, como as do Brasil Central e do oeste que somente agora estão sendo conquistadas, temos na Amazônia, uma das fronteiras mais antigas e permanentemente devassadas do Brasil. (Galvão, 1967: 20)

Galvão, de maneira curiosa, sintetiza na citação acima, o núcleo da história da Amazônia na versão de Wagley: a condição de fronteira e, portanto, limite que é, permanentemente, negada. Nessa negação, momento de uma dialética entre civilização e limite, evidenciam-se os papéis da Ciência como condutora da redenção e do antropólogo como reformador cultural. E, também, no âmbito da fronteira que a Amazônia se colocou como objeto da hegemonia política

norte-americana.

2. O BRASIL: UM LABORATÓRIO

Ever since the sixteenth
century, Brazil has been a
natural laboratory for the study
of human society.
(Wagley, 1979:1)

O que é o Brasil de Charles Wagley? Em outras palavras, como, ao longo de sua conjunto de textos, nosso autor representou o Brasil? Podemos, em princípio, supor que os condicionantes da representação da Amazônia sejam os mesmos que atuaram na representação do Brasil, dado que são elementos da época. Poder-se-ia desdobrar tais elementos, evidenciando os planos onde estão inseridos. Uma tal linha argumentativa implicaria uma demonstração cujos contornos os capítulos anteriores, ainda que de maneira esparsa, já ofereceram. O que me interessa, aqui, é identificar as linhas-de-força nas quais os enunciados do Brasil se realizam. Meu objetivo, portanto, é comprovar que na conjunto de textos de Wagley os operadores de época como a reforma cultural e a antropologia aplicada produziram uma substância da desigualdade, moldada pela atuação competente de Charles Wagley. Por outro lado, é preciso lembrar que pode-se olhar para as relações entre a representação da Amazônia e a representação do Brasil como dois conjuntos que têm entre si uma relação de inclusão que é, neste caso, determinada por definições geográficas e culturais. Pode-se, também, ver as similitudes e as diferenças entre Amazônia e Brasil, enquanto versões da alteridade em Wagley, mas, fundamentalmente, deve-se saber que a Amazônia é

o lugar onde ele começou a estudar o Brasil.

I. NAÇÃO, PAÍS E LABORATÓRIO.

Na década de 40, o Brasil aparece representado em *Regionalism and Structural Unity in Brazil*. Nesse momento de seu itinerário intelectual, Wagley está, desde o ponto-de-vista de sua cultura antropológica, tomado pela vontade de mapear o Brasil e a América Latina. Naquele momento de sua vida ele não era ainda e como viria a se definir mais tarde um antropólogo aplicado. Aquela altura ele era um ex-aluno de Franz Boas, profundamente identificado com o potencial heurístico e civilizatório que a noção de cultura, parecia a ele, encerrar. Mais tarde, a noção de cultura foi perdendo lugar para o caráter aplicado como centro de seu modo de praticar antropologia. Assim, no texto mencionado acima e que procurava estabelecer uma taxonomia cultural brasileira, um recorte para nossa sociedade que tivesse por categoria principal o regionalismo entendido como um plano de diferenças culturais constituintes da identidade brasileira e que se opusesse ao recorte sociológico da segmentação segundo classes sociais (bastaria lembrar que o livro de Caio Prado sobre a *Formação Econômica do Brasil* era recente), Wagley descreve as várias regiões culturais do Brasil. Nesse mesmo texto, Wagley enfatiza a homogeneidade cultural brasileira dizendo que (...) o Brasil é um país com uma cultura nacional homogênea. (Wagley, 1948: 717).

Charles Wagley, entretanto, quer afirmar a diferença cultural entre o Brasil e os demais países da América Latina. Para ele, o Brasil, como é óbvio, seria

portador de algumas singularidades como aquela da língua:

Não somente é o Brasil o único país do Hemisfério Ocidental cujo povo fala o português, mas também o português do Brasil é bastante diferente do que é falado em Portugal. (Wagley, 1948:721).

Ao mesmo tempo em que é portador de uma cultura nacional homogênea e de uma singularidade ante todos os demais países da América Latina, o Brasil é, para Wagley, uma variação da cultura latino-americana. Tal afirmação é particularmente importante porque faz do Brasil um país na cultura latino-americana. Ou seja, para Wagley, há padrões culturais latino-americanos e brasileiros que são comuns, particularmente aqueles que dizem respeito aos papéis de gênero e à sexualidade¹. Nesse sentido, Wagley escreve:

Contudo, o Brasil deve ser considerado, na opinião do autor, como uma variação única e importante da cultura latino-americana. (Wagley, 1948:716).

Na conclusão desse texto vemos:

O Brasil é uma distinta e importante área cultural da moderna América Latina (...). (Wagley, 1948:724)

Assim, o Brasil era para Wagley, na década de 40, uma área cultural da América Latina, portadora de uma cultura nacional homogênea em que pese a heterogeneidade que a noção de regionalismo coloca. Em *An Introduction to Brazil* de 1964, Wagley não verá mais uma homogeneidade na cultura brasileira e sim uma organização comum. Ele deslocará a semelhança do plano do conteúdo para o plano da forma, da organização. Ele falará na existência de padrões culturais comuns o que, convenhamos, está longe da imagem plena que a expressão homogeneidade cultural traz. Assim, Brasil é, para

¹ Comparar *An Introduction to Brazil e Latin American Culture*, sobre esse tema.

elo, uma região da experiência antropológica determinada pela noção de cultura. O Brasil não é mais *uma mancha verde no mapa mundial* como na década de 30 antes de vir ao Brasil ele o definia. Se na década de 30, como me contou em entrevista, o Brasil era nada (posto que é isso que significa ser uma mancha verde no mapa mundi), na década de 40, Wagley substantivou o Brasil, a partir de um estudo sobre sua cultura. Quanto às diferenças, elas são mais afirmadas do que tomadas em consideração, dado que a própria noção de cultura como uma substância humana impõe uma necessária inscrição das diferenças num quadro de semelhanças. Em outras palavras, as diferenças, no discurso culturalista, estão lá apenas para lembrar as semelhanças das quais derivam e sobre as quais se assentam.

No mesmo campo semântico aberto pelas definições de cultura propõe, o texto *The Indian Heritage of Brazil* fala do Brasil a partir da Geografia Física:

"Henceforth the term "Brazil" will be used to signify the geographical area of South America now covered by the modern nation of Brazil. (Wagley, 1951a:104)

Em relação a *Regionalism and Structural unity in Brazil*, o enunciado acima guarda uma diferença quanto à maneira de definir o Brasil. Na citação acima, como disse, a Geografia Física substitui a Cultura. A noção de área geográfica substitui a noção de área cultural. Por outro lado, parece-me evidente que tanto um lugar quanto outro denotam uma tentativa neutra em falar do Brasil que só é negada pelo caráter eminentemente político da noção de área.

Na década de 50, sob os auspícios da UNESCO,

várias pesquisas sobre relações raciais foram levadas a cabo no Brasil com a intenção de demonstrar as bases da democracia racial brasileira e a possibilidade de exportá-la como um antídoto ao racismo. De uma dessas pesquisas nasceu *Race and Class in Rural Brazil* que Wagley participou como colaborador e organizador do volume, editado em francês e inglês. Nesse texto, há algumas diferenças quanto à construção da imagem do Brasil e, por conseguinte, quanto ao seu conteúdo. Nos textos da década de 40, o Brasil aparece como uma nação dotada de uma homogeneidade cultural que lhe conferia uma singularidade no grupo de nações e culturas constituintes da América Latina.

Em *Race and Class in Rural Brazil*, Wagley escreverá:

Brazil indeed is a country of striking social contrasts.
(Wagley, 1952:7,8)

O enunciado acima pareceu-me, particularmente, importante porque traz uma nova maneira de representar o Brasil. De maneira simultânea, conota um novo contexto discursivo à definição. Com efeito, a expressão "graves contrastes sociais" sugere uma perspectiva que, para se falar minimamente, é oposta ao conteúdo da expressão "homogeneidade cultural". Em outras palavras, gostaria de chamar a atenção para a passagem de uma posição onde aquilo que é prioritário na análise centra-se no consenso (homogeneidade) para uma posição onde aquilo que merece destaque são as desigualdades. Isto é, Wagley passa de uma percepção do Brasil quase ingênua para uma percepção que tem por lógica o reconhecimento das desigualdades. Ou seja, Wagley enfatiza os desequilíbrios em detrimento da monótona placidez que a homogeneidade cultural

confere ao Brasil.

Uma segunda passagem do texto de Wagley chama nossa atenção na medida em que coloca em relevo um conteúdo diametralmente oposto aos que ele vinha utilizando para definir o Brasil. Nos enunciados que citei e que situam-se na década de 40, o Brasil é, em alguns momentos, definido como nação e, em outros, como país. Sem aprofundar uma discussão semântica ou filológica sobre os termos em questão, pode-se dizer que como país ou como nação, o Brasil é portador do reconhecimento da singularidade que, anteriormente, Wagley afirmara. Entretanto, vejamos o que Wagley nos diz em *Race and Class in Rural Brazil*, de 1952:

But objective field studies of race relations as they exist in modern are relatively few despite the great interest which students of race relations have in this "Laboratory of Civilization", as Rudinger Bilden once called Brazil[3]. (Wagley, 1952: 8).

Não há como não percebermos que na década de 50, o Brasil que fora uma "mancha verde no mapa mundial", um "país" e uma "nação" portadores de uma singularidade, tornara-se um "laboratório civilizatório". Ou seja, perdera a dignidade e o reconhecimento que as expressões nação ou país traduziam para situar-se no movimento internacional da Ciência tornando-se um lugar de experiências. Nesse sentido, o Brasil perdera sua condição de país para, em função dos "graves contrastes sociais", tornar-se um território para experiências; um objeto da vontade em tornar-se as Ciências Humanas úteis e merecedoras de créditos no sentido de reconhecimento e no sentido financeiro daquele termo. O que quero afirmar é como as pressões originadas no pós-guerra a

partir da configuração géo-política que então se instalou, mudaram, ao menos no plano do texto, a forma de conceber o Brasil. Talvez, o surgimento da guerra fria, no plano internacional, e a industrialização, no plano interno, tenham, de alguma maneira, contribuído para o Brasil ser pensado como um "laboratório". Nesse sentido, o deslocamento da homogeneidade para o contraste acompanha, termo a termo, o deslocamento da nação/país para o laboratório civilizatório. O que teria acontecido para Wagley mudar de opinião? Os contrastes, que podemos ler desigualdades e conflitos, estavam latentes e apenas a taxonomia geográfico-cultural dos anos 40 não deixavam emergir ou a homogeneidade precedeu o contraste no próprio fluxo histórico do Brasil? Quando Wagley emprega o termo nação para definir o Brasil está, correlatamente, empregando o termo cultura. Reconhecendo tradições e costumes. A idéia de um laboratório vem para quebrar com tudo isso e colocar o Brasil na condição de um objeto da Ciência.

No texto de 1952, Wagley não abandona, entretanto, uma certa busca do regionalismo. Para ele, as diferenças brasileiras projetar-se-iam sobre os planos da natureza e da cultura. Ele diz:

Yet Brazil is a country of accentuated regional differences both in natural environment and in cultural traditions (...)
(Wagley, 1952: 8).

Outro texto da década de 50, *Amazon Town: a Study of Man in the tropics*, reafirma a idéia do Brasil como um país de contrastes:

O Brasil é um país de grandes extremos e contrastes.
(Wagley, 1953: 359).

Nesse texto, entretanto, Wagley retoma um tema

que aparecera fortemente na construção da representação da Amazônia: a potencialidade. Na representação da Amazônia, a potencialidade da região seria ativada por uma reforma cultural centrada numa antropologia aplicada. Embora, a virtualidade brasileira a ser ativada não dispensasse os cuidados norte-americanos, Wagley acrescenta um novo elemento à representação do país, seu povo. Ele dirá:

O Brasil potencialmente é uma das nações mais ricas do mundo, mas ainda não utilizou o principal recurso de que dispõe: seu povo. (Wagley, 1953:360).

O "laboratório" cede lugar, então, à virtualidade histórica, à "potencialidade". Parece-me interessante, entretanto, assinalar que, pelo menos nesse enunciado, cabe ao povo a redenção do Brasil, idéia que aliás ainda não abandonou totalmente o imaginário político de certas tendências brasileiras. Se olharmos com a devida atenção para o enunciado anterior, veremos que o povo é um "recurso" cuja mobilização dependerá do conhecimento e da técnica. Talvez haja, nessa passagem em Wagley, uma antecipação da vontade de organizar contida na expressão "engenharia política" que só seria utilizada anos mais tarde por cientistas políticos norte-americanos.

Um certo balanço na descrição que vamos construindo, nos mostra que há um ponto importante na trajetória da noção de Brasil. Neste ponto, mudam os referentes e a definição torna-se mais próxima de uma linguagem politizante que emprega termos como "contrastes" ou "povo", categorias que, com efeito, tendem a privilegiar, na narrativa, a dimensão política da experiência de contato entre

norte-americanos e brasileiros. Por outro lado, na década de 50 parece ter ficado mais clara e coerente a associação entre o desenvolvimento e a Ciência. Nesse ponto do tempo, o Brasil talvez estivesse sendo pensado como um país que pudesse contribuir, como "matéria prima", para a produção de conhecimento na área de Ciências Humanas aplicadas mas a partir de um padrão comprovado de eficiência, as Ciências Exatas e Naturais.

Em *Barreiras à Educação nas Américas*, texto de 1956, Charles Wagley fala do Brasil como se nosso país tivesse algum ensinamento a oferecer ao mundo. Wagley nos coloca naquilo que poderíamos nomear como sendo o Brasil como um "laboratório". Ele escreve:

O Brasil é, provavelmente, um exemplo típico da crise educacional que se verifica atualmente em outros países da América Latina em consequência da melhoria das condições econômicas, da destruição de obstáculos criados pelo sistema sócio-econômico feudal de classes à educação e do crescimento de uma nova classe média. (Wagley, 1956:26).

Como se pode ler acima, o Brasil ganha a condição de "tipo-ideal" da crise educacional. O Brasil é o exemplo ou paradigma de um conjunto de transformações sociológicas que se expressariam na crise do ensino. Esta seria um fenômeno de superfície, um epifenômeno, correlato à emergência de uma classe média e de uma certa modernização do país. Ou seja, o Brasil também aí seria singular em sua exemplaridade, reunindo o melhor ponto para a observação da crise educacional dos anos 50 e se fazendo, portanto, um laboratório para interpretações pedagógicas, históricas e sociológicas da crise. Em relação à América Latina, o Brasil é

singular e, paradoxalmente, paradigmático. Ele é portador de um conjunto de diferenças mas, principalmente, condensa as semelhanças para um fim pedagógico.

Na década de 30, o Brasil não tinha significação para Wagley, tanto que ele se vale de uma imagem (a do *mapa mundi*) para simbolizá-lo; na década seguinte, Wagley falará do Brasil a partir de um vocabulário que privilegia o consenso mas que reconhece no Brasil uma alteridade. Na década de 50, por força das pressões surgidas no pós-guerra, Wagley valor-se-á de uma linguagem mais próxima da Sociologia para falar do Brasil e este passará à condição de objeto científico. Na década de sessenta, tendo reunido um relativo conhecimento sobre o Brasil, Wagley será muitas vezes chamado a explicar o Brasil para diplomatas e empresários. Será em 1964 que escreverá uma síntese daquilo que sabia sobre o Brasil. *An Introduction to Brazil*, onde procurará recortar o Brasil sob o ângulo do regionalismo que é, primordialmente, culturalista e sob o ângulo das classes sociais que é, primordialmente, marxista. Na verdade, a impressão que se tem na leitura do livro, é que Charles Wagley busca um compromisso e uma convivência entre os dois recortes. Algo como se ele quisesse aproximar contrários. Na verdade, *An Introduction to Brazil*, permite quando comparado com o passado da obra de Wagley a observação de que três linhas de sustentação epistemológica às imagens do Brasil. A primeira, que remonta à década de 30 e que se identifica ao culturalismo. É o momento da identificação do Brasil à uma nação. Um segundo momento é

aquelo onde o Brasil é identificado a um país e, teríamos aí, uma linguagem politizante para falar do Brasil. A terceira e que recobre as outras duas mesmo delas se diferenciando é aquela onde o Brasil se torna um laboratório, um eixo cientificista na construção da representação. Ou seja, Wagley foi, ao longo de sua trajetória intelectual, moldando-se à linguagem de época mais que fixando um quadro de categorias que lhe permitissem ser identificado a uma escola. As inflexões que as mudanças na linguagem impõem ao próprio processo de representação e que são simbolizadas pelas categorias nação, país e laboratório, condensam-se ao longo de *An Introduction to Brazil*. Há capítulos em que Wagley vale-se de uma linguagem antropológica e da noção de cultura para falar do Brasil. Noutros momentos é o sociólogo Wagley quem fala dos contrastes e das classes sociais. De qualquer maneira, Wagley não renuncia à Ciência para falar do Brasil. Desta forma o Brasil é seu "laboratório".

Enquanto nação, isto é, enquanto uma cultura e um conjunto de tradições é que o Brasil interessa a Charles Wagley. Está aí, por certo, a mais forte motivação de Wagley. É como antropólogo que ele gostaria de falar do Brasil. Ele escreve:

(...) *I became interested in Brazil as a nation* (...).
(Wagley, 1963:VIII).

Mesmo que seu interesse no Brasil possua outras raízes, Charles Wagley elegeu a dimensão antropológica deste como a origem de seu interesse. Não se pode esquecer que ao chegar ao Brasil, Wagley fez uma enunciação de identidade

profissional declarando-se *anthropologist*. Enquanto antropólogo é que Wagley desdobrará seu interesse. Na perspectiva daquele desdobramento aparecerão as práticas pelas quais seu interesse no Brasil concretizar-se-á em conhecimento antropológico. Ele dirá:

In this book, I am stepping out of my role as a student of brazilian local communities and attempting to describe, analyze, and interpret Brazil as a nation. (Wagley, 1953:VIII)

Descrever, analisar e interpretar são as modalidades pelas quais o interesse de Wagley no Brasil se concretiza. Nas práticas nomeadas pelos verbos anteriores estão os momentos da Etnografia e da Etnologia. O Brasil, enquanto uma nação, suscita descrição, análise e interpretação. Mas, o que descrever, analisar e interpretar? Em outras palavras qual é o objeto do interesse de Wagley que irá transformar-se em Ciência? Ele nos responde:

Brazil is an immense nation of many contrasts and inner differences (...). (Wagley, 1963:1).

Os "muitos contrastes" e as "diferenças internas" serão o objeto de sua especulação. Nas expressões anteriores se expressam os dois idiomas pelos quais a linguagem científica fará do Brasil um laboratório. Os contrastes serão tomados como a dimensão sociológica do Brasil, ao passo que as diferenças comporão sua dimensão antropológica.

Um interesse que se atualiza em certas práticas e que elege os planos da diferença e das desigualdades ou contrastes como seu objetivo excluiria do horizonte da simbolização a dimensão, tantas vezes tematizadas nesse capítulo, das semelhanças. Em outras palavras, teria Wagley em

1964 abandonado por completo a herança culturalista? Parece-me que a resposta é não. Para fundamentar uma tal resposta lembraria que Wagley assim se pronunciou sobre o Brasil enquanto uma nação católica:

Brazil should be thought of as a "Catholic culture" (...). (Wagley, 1963: 232).

Parece-me que a substância com a qual a cultura brasileira seria definida é o catolicismo. Nesse sentido, além da citação anterior, Wagley escreveu:

(...) Brazil has been called "the most Catholic nation of our times". (Wagley, 1963: 233).

O que quero enfatizar é que simbolizar o Brasil através da categoria nação contem, em Wagley, os planos do contraste, da diferença e, fundamentalmente, o plano da semelhança. Esta é resolvida por Wagley na identificação do Brasil ao catolicismo. Wagley se esquece, lamentavelmente, das diferenças o que implicaria reconhecer que a religião oficial é a Católica mas, que entretanto, há mais religiões no Brasil do que certos prelados conservadores fingem ver. O Brasil é uma nação católica, assim como é uma nação umbandista ou protestante. Não há nada, empiricamente, que permita concluir pela substantiva predominância de uma ou outra religião. Parece-me que a identificação do Brasil ao Catolicismo lembra muito mais um compromisso de Wagley com o substantivismo culturalista da década de 30 do que com a realidade empírica.

Se a década de 40 deu a Wagley a categoria nação com seu conteúdo, a noção de cultura enquanto uma substância histórica, a década de 50, como já foi dito, tornou o discurso

de Wagley menos antropológico e mais próximo da Sociologia. Ou seja, Wagley deixa de chamar o Brasil de nação ou, diria, emprega com menor frequência esta categoria para trocá-la por país. É o Brasil enquanto país, isto é, enquanto unidade política que colocará as principais questões géo-políticas para Wagley.

Assim ele escreve:

Until very recently Brazil was one of the least known countries in Latin America, despite the fact that it is the largest and perhaps the most important. (Wagley, 1963:VIII).

Como país, o Brasil é um dos "menos conhecidos", embora seja um dos "maiores" e "mais importantes". A meu ver, na oposição entre condição do conhecimento e importância reside a problemática da hegemonia norte-americana em relação ao Brasil no contexto da guerra fria. No desconhecimento está o perigo do descontrolo. Ou seja, desde um ponto-de-vista norte-americano, parece-me, não seria vantajoso ter um grande país desconhecido na América Latina. Assim, cumpriria a realização de uma reforma cultural que garantisse a hegemonia norte-americana no país. O que gostaria de apontar, porém, é que tais questões géo-políticas emergem quando o Brasil é pensado enquanto um país.

A ênfase no tamanho do Brasil e numa certa dimensão teatral que acompanha os gigantes aparecem no seguinte enunciado:

I wanted to explain this gigantic and magnificent country to my friends, students, and finally to general public. (Wagley, 1963:VIII-IX).

Wagley deseja estender a preocupação com o desconhecimento de um país gigantesco e importante ao mais

extenso leque possível de ouvintes. Assim, ele escreve para o público acadêmico, que é específico, mas para o grande público, que é geral. Sua preocupação talvez seja reforçada pela idéia de uma internacionalização do Brasil, sugerida quando Wagley diz que,

Brazil, even without the Amazon Valley, is an underpopulated country. (Wagley, 1963:66).

Como nação ou como país, Wagley pretende falar como cientista daí o Brasil ser chamado de laboratório:

In the process of my research, I became enamored of my "scientific laboratory". (Wagley, 1963:VIII).

Sobre a metáfora do Brasil como laboratório não há muito mais o que dizer. Reforçar apenas a relação que ela propõe entre Brasil e EUA: a manipulação intermediada pelo sonho de uma reforma cultural guiada pela Ciência.

Há, entretanto, ao longo do texto de Wagley, algumas imagens interessantes pelas significações novas que articulam. Dentre elas, destacaria duas. A primeira coloca o Brasil como espelho dos EUA e diz:

Formally, Brazil looks like a representative democracy similar in many respects to that of the United States, but in fact it is not. This is why Lambert is able to say: "But, even when the presidential regime functions normally and constitutional legality is respected, the institutions inspired by the United States work in such a different way and produce such unexpected results that North Americans observers cannot believe they are honestly carried out and become indignant at the duplicity of the officials". (Wagley, 1963:262) [citação de J. Lambert, Os dois Brasis.]

Formalmente uma democracia, o Brasil causaria "espanto" quando confrontado com o modelo. Ou seja, a história anda à frente do espelho. Tal movimento seria responsável pela concepção do Brasil enquanto o preâmbulo do espanto.

Uma segunda imagem traz o Brasil como um "país

americano" que diante de mudanças sociais estaria se perguntando pela própria identidade. Não é preciso lembrar que a década de 60 foi, em termos de mudanças sociais, muito rica para o Brasil. Mudanças que muitas vezes foram lidas como agitação e como uma espécie de aquecimento e aceleração da História. O enunciado a que me refiro diz:

"An American country, yet fully participant in Latin culture, very young and yet old, Brazil finds itself between the United States and Europe, intermediary between one and the other. It is tied to the former by the direction of social change in its way of life, and to the latter by its cultural tradition. It is exactly in this position that it might find its own characteristic traits." (Wagley, 1963: 294)

Para Wagley, o Brasil seria uma espécie de solução de compromisso entre uma certa "tradição cultural" e as "mudanças sociais". Ao primeiro, Wagley identifica a Europa e à segunda os EUA. Para Wagley, o Brasil seria o meio termo entre um e outro. É curioso, também, que Wagley identifique a Europa àquilo que é velho e os EUA àquilo que é novo. A resposta brasileira à inquietação pela identidade que se manifestava, por exemplo, no período em torno de 64, seria uma inscrição do vigor da democracia norte-americana (política e social) numa tradição européia.

Na década de sessenta, dois outros textos, escritos por Wagley, tematizaram o Brasil: *Brazil: Crisis and Change* e *The Brazilian Revolution: Social Change Since 30*. Na verdade, este último fora escrito na década de 50 e procurava analisar as mudanças sociais no Brasil desde o fim da República Velha e o surgimento do Estado Novo. Em outras palavras, tratava Wagley de analisar as mudanças surgidas desde sua chegada ao Brasil.

É preciso lembrar que, ao contrário das décadas anteriores, a de 60 trouxe acontecimentos que sobre-determinaram as imagens que Wagley construiu sobre o Brasil. Wagley nos outros textos da década que não *An Introduction to Brazil*, buscou explicar o sentido das mudanças sociais ocorridas no Brasil, particularmente, aquelas posteriores ao movimento político-militar de 1964. Assim, Wagley abre *Brazil: Crisis and Change* dizendo que o Brasil é "Bigger than the Abyss". (Wagley, 1964a:3) Ou seja, por maiores que fossem as mudanças sociais aqui ocorridas e por mais que fossem desconhecidos os sentidos da mudança, o Brasil seria maior que o abismo, palavra usada para substituir a surrada crise.

II. UM "MELTING POT" OU A DEMOCRACIA RACIAL

O Brasil enquanto uma nação ou um país, é, certamente, um laboratório para Charles Wagley. Enquanto laboratório, o Brasil pode ser um lugar para experimentações científicas e civilizatórias. Enquanto uma nação, portador de uma cultura, o Brasil tem, para Wagley, a aparência de um lugar onde os conflitos são resolvidos segundo linhas de menor tensão. Isto é, um lugar onde todos cedem para a construção de consensos. Seria assim na política mas, principalmente, nas relações raciais. Pensado como uma democracia racial, o Brasil seria um lugar para experimentações no campo das relações raciais, daí sua condição de laboratório.

Em *Brazil: Crisis and Change*, Charles Wagley escreve sobre o Brasil enquanto um mosaico de raças. Ele diz: *Although Brazil has never experienced the massive immigration of Europeans such as that which peopled the United States and*

even Argentina, it has been one of the world's most successful melting pots. (Wagley, 1964a:7)

O caminho pelo qual, para Wagley, o Brasil tornou-se um lugar de grande mistura racial, não é o mesmo que outros lugares na América como EUA ou Argentina. Ou seja, não foi, para Wagley, através de uma política migratória que o Brasil atingiu à condição de um "melting pot". Na verdade, para Wagley, a fusão de raças no Brasil pertence a uma fase em nossa história quando se encontraram índios, negros e brancos. Ou seja, a mistura de raças no Brasil aconteceu mais por uma implicação da colonização do que por uma política deliberada de imigração. Tal fusão de raças coloca, no horizonte, a questão do amalgamento inter-racial que Wagley resolveu através do esquecimento dos conflitos raciais, esquecimento das dominações para, abstratamente, comparar Brasil e EUA e concluir pela natureza pacífica das relações raciais no Brasil. *Amazon Town: a Study of Man in the Tropics* é um exemplo do procedimento epistemológico de Wagley ante o conflito inter-racial no Brasil.

Na década de 70, quando escreveu *Anthropology and Brazilian National Identity* para uma homenagem que a ele prestaram Maxine Margolis e William E. Carter, *Brazil: Anthropological Perspectives*, Wagley se referia ao Brasil da seguinte forma:

Brazil became both physically and culturally a mosaic of three continents. (Wagley, 1979:2)

O que era um "melting pot", também se definia como um "mosaico dos três continentes". Ou seja, em ambas as direções o Brasil emerge como um lugar onde as diferenças,

culturais ou naturais, têm uma convivência pacífica, uma justaposição. Nos enunciados anteriores está presente a idéia do Brasil como um lugar onde as diferenças têm uma solução negociada, daí seu caráter pedagógico ao mundo e o interesse que desperta, fazendo do nosso país um laboratório. Afirmar que o Brasil é um "melting pot" ou um "mosaico" significa dizer que não há hierarquia racial senão fusão. Por outro lado, na perspectiva do projeto norte-americano de reforma cultural sob os parâmetros de uma antropologia aplicada, a imagem de um lugar onde as diferenças convivem harmoniosamente numa espécie de pacto social imotivado, faz do Brasil o lugar do consenso. Esta figura política é uma condição para o sucesso da reforma cultural. Esta, no plano técnico visa implantar um economia de mercado. No plano político, busca uma democracia política e uma paz social dos quais o consenso é a prova histórica.

A idéia de um lugar onde o convívio naturalizado das diferenças aconteça levou Charles Wagley a condenar os intelectuais brasileiros pela aceitação dos determinismos geográfico e biológico nos termos que se segue:

Following the prevalent "scientific thought" of nineteenth and early twentieth century Europe and United States, it seemed clear to Brazilian intellectuals (and to many not so intellectual) that Brazil was doomed to an inferior status among nations by two immutable conditions. These were the racial inferiority of the Negro and the Indian, and of mixed offspring of these darker races with the European. Even the darker European Mediterranean from which the Portuguese derived were considered inferior to the lighter Nordic northern European. Furthermore, this nineteenth-century "scientific thought" which carried over into the twentieth century stressed the enervating influence of the tropical climate. In the tropics, the white man was doomed to disintegration - to disease, to low productivity, to alcoholism, and to general depression. Brazilian intellectuals

had read the racist theories of Comte de Gobineau, Houston Chamberlain, Madison Grant, Gustave Le Bon, and others; they were also familiar with the environmental determinist theories of Ratzel and Ellsworth Huntington. Both racial origin and climate seemed to condemn Brazil to second-rate status. (Wagley, 1979:2)

O enunciado acima, que pertence a *Anthropology and Brazilian National Identity*, tem por função negar a imagem de imutabilidade a que o Brasil estaria associado desde uma perspectiva determinista. Para um "melting pot" ou "mosaico", verdadeiras figuras do paraíso na terra, nada pior que a imagem de desintegração que o trópico emprestaria ao Brasil. Ou seja, na perspectiva de um Brasil igualitário no tratamento das raças, nada pior que o "sentimento de inferioridade" provocado pelos Negros ou índios. Aquilo que em Wagley é a positividade que sustenta a figura do amálgama, nas teorias citadas é, exatamente, o oposto. Ou seja, desde uma perspectiva onde a justaposição das diferenças seja elevada à condição valor político, a existência de teorias que afirmem o contrário não ameaça, apenas o campo intelectual, mas, principalmente, o campo das reformas políticas que Wagley batizou de reforma cultural. Seja como nação ou como país, o experimento com as diferenças não pode acabar sob o preço de se perder o laboratório.

III. POTENCIAL E CONTRASTES INTERNOS.

O Brasil que foi em alguns momentos pensado como nação e, em outros, como país foi, sem dúvida, um laboratório. Foi um laboratório porque, no Brasil, poder-se-ia aprender sobre o convívio pacífico das diferenças. Além de representar tudo o que citei acima, o Brasil é, para Charles Wagley, um

potencial. É certo que a figura do potencial aparecera na Amazônia. Ou seja esta era um potencial a ser ativado pela reforma cultural e pela tecnologia norte-americana. Da mesma forma, o Brasil é, para Wagley, um potencial. Sobre isso, escreveu em *Brazil: Crisis and Change*:

(...), the world began to discover that Brazil was a vast country with a rich economic potential." (Wagley, 1964a:10)

"Vasto país" e "rico potencial econômico" são manobras de dizer que o Brasil não poderia ser deixado a si mesmo. Na verdade, a presença do sentimento de grandeza e de potencialidade não se manifesta apenas na afirmação de um potencial econômico. Wagley irá fazer, no mesmo texto onde aparece o enunciado imediatamente anterior, uma intersecção com o plano da política e a potencialidade econômica algo vaga de um vasto país que tem uma forma na identificação com a China. Wagley dirá:

Such development could well convert Brazil into a "China of the Western Hemisphere" (...). (Wagley, 1964a:58)

A potencialidade não é mais econômica apenas. Ela é, também, uma potencialidade política e não é preciso lembrar o significado da China num contexto de Guerra Fria. O que Wagley faz ao identificar o Brasil à China é lembrar diplomatas e "policy makers", afinal *Brazil: Crisis and Change* é escrito para eles, de que os EUA tem uma responsabilidade na manutenção de sua hegemonia no continente. Por outro lado, um país como a China situado na América Latina representaria, não é demais lembrar, algo imponderável nas relações de força demergidas da segunda guerra mundial. A potencialidade brasileira e sua realização são, sem dúvida, assunto

norte-americano.

A concretização da potencialidade implícita à identificação do Brasil com a China implica meios. Ou seja, de que forma Wagley imaginou ser possível que a potencialidade econômica do vasto país que se assentava na tolerância racial e na justaposição das diferenças deixa-se o plano da virtualidade? Como poderia o Brasil deixar sua condição de país do futuro? Não preciso dizer que a resposta à essa pergunta passa pelo confronto Leste-Oeste e pelo cuidado norte-americano com a região. Assim, Wagley escreve:

Brazil has the possibility of achieving its goals by democratic and evolutionary means. It is a vast and rich country, the fifth largest in the world, with enormous underdeveloped natural resources. (Wagley, 1964a:58)

Colocado na oportunidade histórica de escolher entre uma ditadura comunista como a de Cuba e uma democracia a mais próxima possível da norte-americana, Charles Wagley considerou que o Brasil deveria realizar sua potencialidade e tornar-se terra do presente através de "meios democráticos" e "evolutivos". Nada que pudesse colocar em risco a hegemonia norte-americana na região. A própria idéia de evolução traz, em si, a lembrança da ordem e da tranquilidade. Para dar seu grande salto, nada de rupturas como a que acontecera na China. O Brasil deveria fazer o seu desenvolvimento através de um modelo político que lembrasse os EUA e, principalmente, sem rupturas. A matéria pela qual realizaria seu grande salto seria sua população como podemos conferir no texto *The Brazilian Revolution: Social Change Since 30:*

In terms of population, there is no doubt that Brazil will become one of the major nations of the world. (Wagley, 1964b:189)

Na perspectiva de uma potencialidade econômica ou na de uma potencialidade política, o que nos interessa é ver que a idéia de potencialidade, aplicada ao Brasil, à Amazônia ou mesmo à América Latina, mostra a necessidade de meios e instrumentos para sua concretização. Ou seja, a representação do Brasil como um lugar de potencialidades, em que pese a base empírica que serviu para uma tal afirmação, obedece ao objetivo de legitimar a reforma cultural. Por outro lado, a associação entre potencialidade e reforma cultural subtrai na lógica de produção da representação e mesmo na política que a acompanha a soberania brasileira. Além da potencialidade está, com certeza, uma forma de representar o Brasil que implica o anulamento das diferenças e sua substituição por desigualdades que cabe, no fundo, à reforma cultural produzir e resolver.

A potencialidade que Wagley emprestou ao Brasil como forma de legitimar uma reforma cultural tem seu núcleo histórico-sociológico na transição entre formas "tradicionais" de sociedade para formas "novas". Ele escreveu:

Brazil is midway in a process of changing from its "traditional" structure of the nineteenth century to a "new" Brazilian society of the future. (Wagley, 1964b:178)

O "processo de mudança" que Wagley vê na sociedade brasileira é o momento da representação de Brasil em que, para ele, acontece a oposição entre moderno e arcaico. Esta oposição concentra a noção de transformação e de potencialidade. Como vimos, anteriormente, tais transformações deveriam ser paulatinas e democráticas. O processo de mudança que Wagley aponta na citação anterior

equivale e expressa, simultaneamente, a noção de potencialidade. Ela é a potencialidade enquanto, no discurso de Wagley, a referencia. Por outro lado, a percepção do Brasil em transformação convoca os norte-americanos, confrontados com sua reponsabilidade política hemisférica, a se ocuparem dela por meio de reformas culturais ou de outras vias menos diplomáticas.

Em *The Brazilian Revolution: Social Change Since*

30, Wagley escreve:

There is every reason to believe that at the end of this century, Brazil will have become one of the great powers, not only large in area and population, but also in providing a high standard of living for its people. The new capital, Brasilia, dedicated in 1960, is a symbol of Brazil's determination to bring the undeveloped interior into the national society. It is also a symbol of Brazilians' national pride. By tradition, Brazil is allied with the United States. The direction of its internal development as well as its international policies are important to us. Brazil will need the help and understanding of the United States to live through this most important epoch in its history. "The little solutions" or jeitinhos, so common in Brazil, will not be enough. The Brazilian revolution demands far-reaching changes. But, with its long tradition of peaceful solutions, there is every promise that Brazil will overcome its "growing pains" and emerge as one of the world's strongest democracies. (Wagley, 1964b: 230)

O enunciado acima não poderia ser mais direto ao conjugar a representação do Brasil como uma potencialidade - bastaria notar que Wagley se vale do tempo futuro para falar do Brasil - e a importância que os meios e as conseqüências da concretização da potencialidade, sua realização, têm para os EUA. Na citação acima, aparecem, também, algumas imagens com as quais Wagley retratou o Brasil. A primeira delas é, sem dúvida, a de um Brasil que atingisse a condição de uma potência. Imagem antiga e permanente a certos atores coletivos

brasileiros, a condição de potência seria a posição para a qual a virtualidade que o potencial representa evoluiria. Isto é, a condição de potência seria o caminho conseqüente daquele país ou nação onde os conflitos são negociados e onde as diferenças se justapõem segundo uma ordem que, ao menos comparativamente a outras regiões do globo, é tolerante. É claro que a realização da potencialidade em potência obedeceria a "meios democráticos" e seria feito paulatinamente. Na citação anterior, por outro lado, Wagley define o conteúdo da condição de potência. Isto é, ele elege um "alto padrão de vida para a população" como aquilo que torna plena uma potência. Não seria militarmente ou economicamente que o Brasil seria potência, mas pela implantação de uma democracia social e política o que, corresponderia, à distribuição de tecnologia que Toynbee reclamava na década de 40.

Com "forte democracia", o Brasil, também, afirmaria sua potencialidade. Para Wagley, superadas as contradições sociais do início da década de 60 ou no momento em que o Brasil conseguisse se encontrar, "a meio caminho entre os EUA e a Europa", a potencialidade se tornaria potência. Para tanto, o papel norte-americano seria importante. Ou seja, aos EUA caberia prestar "socorro" e "entendimento" ao Brasil. Como "aliado dos EUA", o Brasil é, simultaneamente, colocado como amigo mas inferior.

Quanto ao que a imagem do Brasil potência significa podemos ver na citação que se segue retirado de

The Brazilian Revolution: Social Change Since 30:

It is clear that Brazil will some day be one of the world's most important economic powers and that its economic system will be a modified form of industrial capitalism. Politically, Brazil is allied with the west, and much of its past and present political thinking points to a democratic form of government. Culturally, it has by tradition looked to Europe, first to Portugal, and later to France. Isolated by language and traditions from Hispanic - and Anglo-America, it has only in the last decades really come to known to its American neighbors. More recently the United States has grown to be its most important foreign market and its most important source of imports. As trade has turned the United States, Brazil has also sought technological inspiration there, and nowadays thousands of Brazilians, who in the past would have gone to Europe, travel to and study in the United States. Probably the United States, more than Europe, will influence the emergent Brazilian society. (Wagley, 1964b:209)

O Brasil que aparecera como uma potencialidade política se mostra, na citação anterior, como " uma das mais importantes potências econômicas". Wagley, ao definir o Brasil, lembra sua aliança com o Ocidente e sua posição quanto à economia dos EUA. Assim, o Brasil enquanto uma potencialidade tem, em Wagley, os caminhos da política e da economia. Enquanto potencialidade, o Brasil se revela uma área de influência dos EUA.

Uma outra imagem com a qual Charles Wagley retratou o Brasil foi a do país de contrastes. Aparentemente incoerente com a imagem do amálgama de raças, onde os conflitos seriam esquecidos em função de uma coesão social injusta mas tolerável, a idéia de contraste não é, em princípio conflito. Ela se ajusta mais à idéia de uma dinâmica da sociedade brasileira. Ou seja, a percepção do Brasil como um lugar de contrastes se alinha à imagem do Brasil como uma potencialidade a ser ativada ou como uma potencialidade cujas transformações sociais o levariam de uma sociedade

"tradicional" para uma sociedade "nova". As transformações sociais de que fala Wagley são, com efeito, o resultado de contrastes.

Nesse sentido, os contrastes sociais é que seriam o veículo de realização das potencialidades brasileiras. Sem dúvidas, Wagley sugere uma concepção teleológica da dinâmica social.

Em *The Brazilian Revolution: Social Change Since* 30, ele escreve:

Brazil continues to be a country of great internal contrasts."
(Wagley, 1964a: 14)

"País de grandes contrastes internos", para Wagley, a natureza desses contrastes seria econômica como ele deixa antever quando compara, através de um recorte regional, Brasil e EUA. Ele diz:

Thus, from a regional point of view, Brazil presents a picture contrasting with that of the United States. In Brazil, the northern states are agrarian and underdeveloped; the southern states are more highly industrialized and more progressive technologically. (Wagley, 1964a: 16)

Em termos de contrastes regionais, o Brasil seria os EUA de ponta cabeça. Por outro lado, os parâmetros dos quais Wagley se vale para oferecer um conteúdo aos contrastes internos são o desenvolvimento, a tecnologia e a industrialização.

A passagem do tradicional ao novo ou do rural ao urbano requer os contrastes sociais. Para Wagley, o Brasil, em função das transformações sociais e dos contrastes estaria passando de uma aristocracia agrária com bases no século XIX para uma nova sociedade onde suas potencialidades econômicas pudessem emergir. Não é preciso dizer de que lado está Wagley

nessas duas imagens de sociedade. Para ele, assim como para alguns autores antes dele (Sérgio Buarque de Holanda), a emergência de um novo Brasil consistiria na liquidação de suas raízes agrárias. Tais raízes, para Wagley, seriam as responsáveis pelo analfabetismo e outras mazelas. Como ele escreveu, a passagem do arcaico para o moderno, no Brasil, passaria pela negação da herança rural:

Brazil no longer conforms to the 19th-century image of a typical Latin American country - a nation of landed gentry representing 10 percent of the population and a mass of illiterate peons, mestizos and squatters. True, Brazil is still a highly stratified society in which there are many survivals from the semifeudal system of the past. (Wagley, 1964a:18)

IV. MODERNO OU ARCAICO?

Uma imagem importante que Wagley faz do Brasil é aquela onde nosso país aparece numa espécie de encruzilhada histórica, confrontado entre as opções do moderno e do arcaico. Consequência lógica da existência dos contrastes sociais, as transformações sociais que nosso país enfrentou na década de 60 se expressam, com máxima clareza, nas opções já mencionadas.

Em *The Brazilian Revolution: Social Change Since 30* Wagley apresentou com maior continuidade os contornos da imagem de um Brasil situado na encruzilhada anterior. Numa passagem ele escreve:

Brazil of the mid-twentieth century seems to live in a state of feverish crisis. (Wagley, 1964b:177)

O "estado de crise febril" a que se refere Wagley é, por assim dizer, o estado latente da escolha entre o moderno e o arcaico. É, por assim dizer, seu germe. Por outro lado, tal estado de crise é um dos sinais a partir dos quais

Wagley pode reconstituir o paradigma das transformações e da passagem de uma sociedade tradicional para uma "nova sociedade".

A transição entre as duas formas de sociedade que o parágrafo anterior menciona mostra de um lado uma sociedade identificada ao campo e do outro uma sociedade urbana e industrial. Para Charles Wagley, estas foram as formas histórico-sociológicas em competição. Ele escreve no mesmo texto:

While Brazil is still predominantly a nation of villages and hamlets, its cities have been growing much faster than the rural areas. (Wagley, 1964b:189)

Seu fascínio com as cidades só é contrabalançado por um certo desprezo pelo campo e tudo que o lembrasse. O crescimento superior das cidades relativamente ao campo é algo que, decididamente, alegra Charles Wagley. Nessas passagens é legítimo que vejamos sua preocupação com as raízes rurais da sociedade brasileira, uma superação do arcaico. Para Wagley, o Brasil novo é o Brasil industrial e democrático.

A imagem negativa do Brasil rural, o Brasil arcaico se adensa e profunda quando Wagley diz:

In the first decade of this century, Brazil was a relatively poor and isolated nation. It had less than eighteen million people; only about 25 per cent of them were illiterate. (Wagley, 1964b:179)

Nação "pobre e isolada" com um quarto da população analfabeta. Esta é a imagem que Wagley faz do Brasil rural, afinal é preciso negá-lo para que aquilo que é moderno, o capitalismo industrial e a democracia política apareçam como a potencialidade realizada. Em Wagley, pode-se dizer, o Brasil seria uma nação com uma espécie de sina para o moderno. Uma

sina sociológica, uma vocação, cuja realização Wagley, como intelectual, deveria ajudar e que teria numa reforma cultural seu conteúdo.

Para marcar, decididamente, uma diferença entre uma velha formação social e uma nova, Wagley usará a seguinte oposição:

More remarkable, Brazil seems to have jumped from the age of the ox cart to the age of the air. In this vast country, air travel has become not just a convenience but a necessity. (Wagley, 1964b: 193)

Colocado diante de uma representação do Brasil que se sustentava mais numa distinção adjetiva (a oposição entre o velho e o novo) do que na natureza da sociedade brasileira (se quisermos retomar antigas teorias, tanto a velha sociedade tradicional quanto a nova são sociedades de classe e, portanto, possuem a mesma natureza), Charles Wagley se vê na necessidade de definir com mais densidade a oposição entre velho e novo, tal como ele a usa. Assim, ele buscará ancorar tal oposição numa observação que, em si mesma, é uma oposição entre o "carro de boi" e as "viagens aéreas". Ao escolher o conteúdo de sua oposição, deteve-se num aspecto, o da tecnologia, para caracterizar a diferença entre o velho e o novo. Isto, por si mesmo, mostra a preferência de Wagley pela tecnologia como um sinal diacrítico e que o aproxima, por exemplo, a Leslie White e Darcy Ribeiro.

O que quero mostrar é como a categoria fundante da diferença pela qual Wagley representou o Brasil traz, em muito, uma opção civilizatória e pessoal de Wagley. Opor o "carro de boi" ao avião é o mesmo que dizer que a diferença

entre sociedades modernas e sociedades arcáicas está na natureza da tecnologia de ambas, em seu grau tecnológico. Nessa construção, Wagley faz, no plano histórico, aquilo que, constantemente realizou no plano do encontro entre Brasil e EUA: a transformação da diferença na desigualdade.

A mentalidade correspondente à uma sociedade que é pensada como nova aparece na seguinte citação retirado de

The Brazilian Revolution: Social Change Since 30:

Brazil is perhaps one of the most air-minded countries in the world - many little towns have their own "Air Club", and young Brazilians who have never driven an automobile have "soloed" in the air. (Wagley, 1964b:193)

A mentalidade do ar, a mentalidade do jato, para Wagley, já teria invadido as pequenas cidades. Tal invasão poderia ser vista como um espraiamento da nova sociedade pelos poros da sociedade brasileira. Entretanto, Wagley tenta manter uma posição realista ante as transformações sociais e a passagem do arcáico para o moderno. Ele escreve:

Although Brazil is still predominantly an agricultural nation, there has been a marked upsurge of industry, particularly during the last fifteen years. (Wagley, 1964b:193)

A imagem de um Brasil em transição de uma sociedade agrária e rural, arcáica, cujo símbolo seria o "carro de boi" para uma urbana e industrial, moderna, cujo símbolo seria o jato está, definitiva e sinteticamente, afirmada na citação que se segue:

Brazil is in a stage of transition from a society essentially agrarian and rural, with a rigid class system, to one that is industrial and urban-oriented, in which older class lines are fading and a new social, economic, and political order is beginning to emerge. (Wagley, 1964b:227)

Em *Lágrimas de Boas Vindas: os índios Tapirapé do Brasil Central*, Charles Wagley fixou os deveres nacionais do

emergente. Brasil moderno ante sociedades indígenas:

Ao longo de séculos, grupos étnicos têm mantido sua identidade no âmbito de poderosas nações, embora partilhem, em muitos aspectos, da cultura dominante. Na qualidade de país que se orgulha de sua democracia racial, o Brasil pode muito bem estender essa tolerância às sociedades nativas que, de alguma forma, sobreviveram à devastação da expansão da civilização brasileira. (Wagley, 1977: 277)

Noutra passagem escreveu:

O Brasil moderno tem obrigação de garantir a posse da terra às populações aborígenes remanescentes e dar-lhes a necessária proteção até que sejam completos cidadãos da nação e aptos a se protegerem. (Wagley, 1977: 277)

Para Wagley, a modernidade se explicita na capacidade da sociedade nacional impedir a "devastação da expansão da civilização brasileira". Wagley deseja uma modernidade com feições humanas. Não é uma modernidade a qualquer custo. Por outro lado, apelará ao orgulho nacional e uma de suas principais formas segundo Wagley (a democracia racial), para resguardar a "identidade", a "propriedade", o direito à "proteção" e a "cidadania" dos habitantes das sociedades que interagirem com o Brasil. Ou seja, Charles Wagley quer garantir a sobrevivência cultural e física dos índios em contato com a emergente potência, a sociedade moderna resultante da superação das contradições que se exprimem em contrastes sociais. Uma democracia política e social com ênfase industrial deverá, ainda, resguardar a cidadania e a identidade de outros da sociedade brasileira. Parece-me estar aí um dos momentos mais interessantes em Wagley, na medida em que coloca questões políticas e sociais associadas ao desenvolvimento.

3. A AMÉRICA LATINA: LAND OF MANANA

I. CLASSES SOCIAIS OU "LAND OF MANANA"

A América Latina, para Charles Wagley, é, por assim dizer, representada sobre um dilema, assim como a Amazônia e o Brasil. Para nosso autor, a América Latina é uma área cultural que aparece numa sorte de encruzilhada entre a tradição e a mudança. Ela estaria no centro de uma tensão histórica que colocaria de um lado "the impact of rapid social change" e do outro "a remarkable resistance to change". (Wagley, 1968: 6). Esta última, para Wagley, teria origem nos padrões ideais aristocráticos da elite latino-americana. Sobre isso escreveu:

These elite ideal patterns of Latin America nurtured in the colonial period have a remarkable resistance to change even under the impact of rapid social and economic change. (Wagley, 1968: 6)

Entretanto, se a "resistência à mudança" deriva dos padrões ideais da elite latino-americana, está, fundamentalmente, na natureza dessas mesmas sociedades e em sua expressão, as classes sociais. Para Wagley, as "classe sócio-econômicas" são um mal muito maior que o preconceito e a discriminação, quando relacionados ao desenvolvimento e ao bem-estar social:

(...) nas nações americanas a que chamamos de América Latina, a classe sócio-econômica constitui um obstáculo mais difícil de se transpor do que o preconceito e a discriminação raciais, (...). (Wagley, 1956: 14)

Ou seja, a existência de classes sociais tem, para Wagley, um valor de elemento antagônico às mudanças sociais e, assim, representam algo a ser transposto na reforma cultural. A resistência à mudança derivaria da existência de

classes sociais e da falta de industrialização. Essa condição seria, por si só, maior que qualquer preconceito ou discriminação conhecidos por Wagley. Ele escreveu:

Afirma-se que em grande regiões da América Latina, as classes feudais mantiveram-se entricheiradas até os século 20, principalmente por causa da falta de industrialização e da permanência da base econômica agrária da sociedade. (Wagley, 1956:14)

Para caracterizar as sociedades da América Latina como resistentes à mudança porque dominadas por uma elite aristocrática a que Wagley chama de feudal, ele utilizará uma classificação de Gino Germani que mostra as sociedades latino-americanas oscilando entre a tradição e a industrialização, entre o velho e o novo. O enunciado com a classificação, o gradiente, proposto por Germani mostram um momento onde a Sociologia caminhou ao lado da reforma cultural. Tal enunciado expressa, com perfeição, a natureza aplicada da ciência:

He (Gino Germani) points out that Latin American societies range from traditional structures with clearly separated strata to industrial ones whose many strata are neither clearly separated nor readily identifiable. (Wagley, 1964a:24)

Um outro indício ou vestígio dos obstáculos à reforma cultural na América Latina, está na convivência entre uma "tradição literária da elite educada" com um grande "número de analfabetos em muitos países" (Wagley, 1964a:28). Esta oposição caracterizaria, em si mesma, a desigual distribuição do saber em nossas sociedades e a falta de oportunidades que isto acompanha. A elite educada é a mesma que produz os padrões ideais que mantêm a divisão de classes na América Latina e que se opõem à reforma cultural, colocando em risco o consenso interno e a hegemonia norte-americana. Na

tradição erudita latino-americana são incluídas as universidades, as instituições de pesquisa e os muitos especialistas em ciências sociais. Wagley diz:

Despite the large numbers of illiterates in many countries, Latin America has a literate tradition. The educated elite have written about themselves and their countrymen for centuries. Today, there are hundreds of universities and other institutions of higher learning and many specialists in the social sciences. (Wagley, 1964a: 28)

Ao lado da resistência à mudança, das estruturas tradicionais e das classes sociais estão outras mazelas da América Latina como a pobreza, a instabilidade política, a inflação, a falta de oportunidades educacionais contra as quais apenas a mudança social e econômica podem valer alguma coisa. Mais ainda, apenas uma reforma cultural conduzida por especialistas norte-americanos coadjuvados por latino-americanos seria capaz de conjurar o perigo da instabilidade social e política. Wagley diz:

At the same time, Latin America suffers from poverty, illiteracy, political instability, inflation, food shortages, lack of educational facilities, and a multitude of other serious social and economic problems. These concerns are reflected in the research and theory of Latin American social scientists, which focus upon practical immediate political and policy problems. Latin American social scientists are interested almost exclusively in social and economic change. Their economists are apt to accuse their North American colleagues of overemphasizing equilibrium rather than economic development. And a Chilean sociologist has stated: "Some sociologists in North America seem to think that a society that is changing is destroying itself, but we consider that unless our societies are in process of change, they are destroying themselves." (Wood and Wagley, 1961: 41). (Wagley, 1964a: 28).

Entretanto, para Wagley, a América Latina não é o que de pior há no mundo. Todas as negatividades produzidas pela natureza da classe das sociedades latino-americanas são neutralizadas pela comparação que Wagley faz entre a América Latina e a África ou Ásia. Toda "miséria humana", "falta de

autonomia econômica" que, segundo Wagley, os intelectuais latino-americanos atribuem às "tradição imperialista inglesa ou norte-americana" são neutralizadas quando Wagley compara a área cultural a outras áreas que, pretensamente, seriam mais "atrasadas". Para ele, tal comparação é necessária para que se mantenha, no horizonte, a necessidade e a oportunidade da reforma cultural. Ele escreve:

By comparison with most areas of Asia and Africa, Latin America is not backward, although pockets of comparable human misery certainly exist in both rural and urban areas. Yet Latin America since the 1820s, and especially since 1850, has not achieved a large measure of economic autonomy; hence, many of its scholars and intellectual community refer to their colonial past and present, to the imperialist tradition of Great Britain and latterly of the United States. (Stanley J. Stein em Wagley, 1964a:112)

Assim, a América Latina de Charles Wagley é uma região de tensão e de potencial conflito. Isto é, a América Latina aparece como o resultado de uma antinomia entre desenvolvimento econômico e pobreza, analfabetismo, instabilidade política ... Ou seja, a América Latina é uma escolha entre a mudança e a tradição. Caberia aos especilistas norte-americanos, Wagley incluído, retirar a América Latina de sua instabilidade, através de uma reforma cultural e, assim, levá-la da tradição para a mudança, do velho ao novo, configurando o maniqueísmo que sustentou a necessidade daquela mesma reforma.

Para sugerir a necessidade e a oportunidade da reforma cultural, Wagley representará a América Latina como uma virtualidade, assim como o Brasil e a Amazônia. Isto é, a América Latina é "land of mañana". A expressão anterior foi a maneira como Wagley quis expressar aquela virtualidade. Uma

expressão híbrida, construída em dois idiomas e que, em perspectiva, traz para o plano do texto a cooperação necessária à transformação das sociedades latino-americanas, traz para o texto a influência norte-americana. Em suas próprias palavras,

The region (Latin America) has become the "land of mañana" in a strikingly new sense. Specifics of what tomorrow holds are difficult to foresee; clearly, however, Latin America is being caught up and swept along in a process of development that is world-wide in its implications. Certainly the area presents a tremendous research challenge to sociologists. (Rex Hopper em Wagley, 1964a: 243-44)

Para Wagley, entretanto, a potencialidade implícita à expressão "land of mañana" tem a sua realização condicionada pela superação, antes, ela é a superação da natureza "aristocrática" da sociedade latino-americana e que se expressa na estratificação social com a qual Wagley caracteriza a América Latina:

But everywhere in Latin America, despite these gradations, the essential division in the social hierarchy is between the dominating upper class and "the people". (Wagley, 1968: 55)

Assim, a "divisão" constituinte, para Wagley, das sociedades latino-americanas opõe o povo à dominante classe alta. Essa oposição já traz, em si, a lembrança e a necessidade da superação das desigualdades com vistas ao bem-estar social. Nessa perspectiva, a América Latina é uma região ou área cultural onde a presença norte-americana e sua perspectiva da reforma cultural são importantes para que a potencialidade da terra do amanhã se concretize. São importantes para que os males como a inflação, a instabilidade política e a falta de escolas, para citar apenas alguns, não ameacem a hegemonia norte-americana no continente. Ou seja, a

representação da América Latina como uma virtualidade e a identificação dos obstáculos à concretização de seus potenciais são elementos da retórica de Wagley que servem para legitimar a ação racional norte-americana na transformação do continente, na reforma cultural. Dessa forma, os norte-americanos aparecem como os redentores da América Latina e, em certa medida, seus novos conquistadores.

II. UMA COMUNIDADE POLITICA

No item anterior, procurei afirmar, a partir de uma leitura dos textos de Wagley, que a representação que nosso autor faz da América Latina tem na oposição entre a natureza de classes das suas sociedades e uma virtualidade que permite a Wagley chamá-la de terra do amanhã, um de seus núcleos e principais elementos retóricos para a legitimação da Antropologia da intervenção que o contexto de atuação de Wagley sugere. Isto é, procurei pela abordagem dos enunciados que têm por objeto as classes sociais nas sociedades latino-americanas, afirmar que a presença norte-americana na região era legítima a partir de uma leitura do outro onde Wagley faz das sociedades latino-americanas uma espécie de resultado de um dilema, um impasse entre a escolha da continuidade ou da mudança e cuja superação supõe uma redenção científica e política sob o nome de reforma cultural.

Da mesma forma como representou a América Latina como um vértice de um triângulo onde os outros dois são a continuidade (classes sociais) e a mudança (potencialidade), Charles Wagley também usa uma outra oposição, uma antinomia

para representar a América Latina. Trata-se da oposição entre a América Latina como uma totalidade substantiva e a América Latina como uma totalidade construída sobre as diferenças que a compõe. Escreve Wagley:

Latin America is a political community, and ... events in one country frequently have effects on other countries. (Merle Kling em Wagley, 1964a: 194)

A América Latina, na citação anterior, aparece como uma totalidade substantiva, isto é, como uma comunidade que tem na política sua natureza. Tal afirmação permite a Wagley concluir por uma espécie de capilaridade cultural que ligaria as diversas nações do continente. Uma tal capilaridade seria uma nova água no moinho da reforma cultural. Tal capilaridade conferiria à reforma cultural uma velocidade muito maior que a aquela imaginada pela má vontade de eventuais técnicos e políticos norte-americanos. Tal capilaridade permite a Wagley tirar uma consequência geo-política muito importante e que poderíamos chamar de teoria do dominó. Isto é, o que acontece num país repercute nos demais países da região e assim sucessivamente. Ou seja, o que me parece importante aí é a homogeneização das diferenças feita por Wagley com a finalidade de mostrar que uma reforma cultural na América Latina não demandaria grandes investimentos de pesquisa. Afinal, se os países da América Latina são culturalmente semelhantes, então bastaria planejar a reforma uma única vez e adaptá-la, levemente, a cada novo uso. A comunidade (artificial) latino-americana representa uma diluição de diferenças das mais diversas ordens numa homogeneidade que tem por valor de uso dar à política e

diplomacias norte-americanas uma certa previsibilidade aos acontecimentos no continente. Ou seja, Wagley substitui a diversidade existente por uma semelhança de laboratório.

Além da imagem da América Latina como uma comunidade política, que, por assim dizer, confere uma dimensão sincrônica à construção da mesma, há uma outra que empresta à mesma construção uma dimensão diacrônica. Wagley escreve:

Despite all its Indian and African traditions, Latin America is fundamentally an extension of Europe. (Wagley, 1964a: 27)

E também,

For over 400 years, Latin America has been an offspring of Europe. (Wagley, 1964a: 27)

Ser uma extensão da Europa, ser uma continuação da Europa é um predicado que ao mesmo tempo em que explica a natureza elite-orientada das sociedades latino-americanas, empresta um ar de semelhança aos EUA, também uma extensão da Europa. A proximidade e a familiaridade buscadas por Wagley, no enunciado, servem como um elemento a mais na afirmação de que os EUA poderiam, racionalmente, conhecer o continente.

No pólo oposto ao de uma totalidade substantiva, isto é, na outra ponta desse núcleo da representação latino-americana está a imagem de uma América Latina como uma totalidade construída a partir das diferenças:

So different are the various regions of that part of the Western hemisphere which we call Latin America from one another, and so varied is man's experience in them, that one sometimes wonders how Latin America can form a viable social and cultural entity. (Wagley, 1968: 9)

Como se pode ler na citação anterior, a América Latina aparece, primeiramente, como o resultado de uma

nominalização e, também, como um lugar onde as diferenças se fazem, quer no plano da experiência humana, quer na variedade regional. Por outro lado, a América Latina aparece como um desafio à possível instabilidade que aquela mesma diferenciação pudesse criar, nos planos social e cultural. Por conseguinte, a América Latina é o resultado de um espanto diante da diversidade. Ou seja, o resultado de um estranhamento quanto à viabilidade das diferenças serem reconstituídas numa "entidade social e cultural". A elegia da viabilidade social latino-americana apesar de suas diferenças marca, em Wagley, um apelo à necessidade de se compreender como nosso continente, em termos de formação social, pode se fundar nas diferenças.

Apesar das diferenças, escreve Wagley:

Although Latin Americans recognize today that they form a community of nations within the world order and although objective observers can state that in Latin America "there are probably more profound similarities among the countries than among any similar number of countries anywhere in the world" (Adams, 1965: 279) (...) (Wagley, 1968: 9)

Como se pode ver, a partir da citação acima, a América Latina aparece como uma totalidade substantiva, novamente. Uma "comunidade de nações", cujo reconhecimento é uma expressão da identidade latino-americana. Por outro lado, a América Latina aparece como uma campeã das similaridades. Ou seja, ela é, para Wagley e a partir da citação de Adams, o lugar do planeta onde haja o maior número de países semelhantes. Isto é, a América Latina é uma totalidade substantiva, indicado na expressão "comunidade de nações". Nesse ponto, para não perder o controle do convencimento de

burocratas e políticos norte-americanos a respeito da viabilidade da reforma cultural. Wagley retoma a tese da América Latina como uma totalidade substantiva, saindo de uma indefinição que poderia custar verbas e a tese da reforma cultural.

Para Wagley, entretanto, a América Latina além de ser a totalidade substantiva que expressões como "comunidade política" ou "comunidade de nações" indica, ela tem sua substância nas relações familiares. Escreve Wagley:

One must understand the family affiliations of one's friends and colleagues in Latin America if one wishes to understand the Latin American way of life. It is common for a business enterprise to be a family affair. People seek out a cousin when in need of a lawyer or physician. (...) Knowledge of the surnames of the more important families in the region in which one lives in Latin America and of the social, political, and economic position of these families is important for the understanding of any local society. (Wagley, 1968:57)

Ou seja, a América Latina seria a área cultural onde a proeminência da família, que indica uma ênfase em padrões ideais aristocráticos e agrários, sobrepor-se-ia às relações formais entre os indivíduos. Ou seja, o modelo de uma sociedade agrária, cujos laços de sociabilidade seriam dados na família, se anteciparia ao de uma sociedade industrial onde a sociabilidade seria definida pela lei e o contrato. Conhecer a família enquanto uma instituição é fundamental para a proposição de iniciativas políticas. Assim, para Wagley, conhecer a América Latina é fazer um estudo de famílias. Tal via familiar, é claro contribui para uma homogeneidade latino-americana e, além dela, está a religião:

Religious homogeneity has influenced Latin America in many ways. It has created a bond of solidarity between peoples of widely divergent social classes and of a variety of racial groups. In many ways Latin America might be said to have a

Catholic culture. (Wagley, 1968: 63-4)

A citação acima é exemplar quanto à segunda tensão que sustenta a representação de América Latina. Nele vemos, por um lado, as figuras da diferença, "widely divergent social classes" e "variety of racial groups", e, por outro, as figuras da semelhança: "Religious homogeneity", "bond of solidarity" e "Catholic culture". Tais figuras foram, por Wagley, relacionadas através de uma subsunção da diferença à semelhança. As figuras da diferença se alojam na homogeneidade da cultura católica. É claro que a homogeneidade desejada por Wagley esbarra na existência de uma cultura popular como se pode ver na citação seguinte:

Throughout Latin America there are also individuals who administer folk medicine, who are believed to have special religious powers and knowledge, and who are often believed to predict the future. (Wagley, 1968: 68)

Para Wagley, entretanto, as manifestações de misticismo a que o enunciado faz referência não são expressão de uma religiosidade não domesticada e, portanto, diferente da religiosidade católica. Ela é a preponderância de uma cosmo-visão mágica sobre uma cosmo-visão científica:

The presence of numerous spiritualist mediums and healers in Latin American towns and cities indicates that many dwellers of these communities also have a folk rather than a scientific concept of disease. (Wagley, 1968: 68)

Interpretando aquilo que por falta de melhor denominação chamarei misticismo popular como uma cosmo-visão não-científica, Wagley abre a possibilidade de uma intervenção racional nesse campo pela educação. Por outro lado, ele nega a existência, mesmo nesse plano mínimo, de uma diversidade religiosa e de religiosidade que é muito maior que quaisquer semelhanças.

A imagem de semelhança e continuidade com as quais Wagley define a América Latina (comunidade de nações com uma herança ibérica comum) é, parcialmente, quebrada por ele a partir de um parêntesis epistemológico quando diz:

Latin America is not a particularly fortunate laboratory for these theoretical formulations. It does not have the long cultural and social continuity of Sweden, Greece, India, or West Africa, to cite but a few examples. One cannot trace the development of the Latin American peasantry directly back to the Middle Ages and further back to the Neolithic Age. (Wagley, 1968:120)

Mais uma vez, temos o tema do laboratório, metáfora que traz, para o plano do texto, o tema da Antropologia Aplicada. Agora, contrariamente ao Brasil, à América Latina é recusado, por Wagley, o título de laboratório. No enunciado anterior vemos os parâmetros pelos quais uma região e, suponho, um país é escolhido como um laboratório, "continuidade social e cultural". Além dela, um bom laboratório é, para Wagley, aquele que permite uma reconstrução do desenvolvimento - parece-me da evolutividade - de um dado tema no interior daquela região ou nação. Contrariamente à Grécia, Índia, África do Sul ou Suécia, a América Latina não seria um bom laboratório de estudos por não possuir a continuidade que os países citados por ele apresentam. Se pudermos aceitar a continuidade social e cultural como parâmetro, deveremos, porém, perceber que Wagley colocou, lado a lado, formações sociais muito diferentes, cuja aproximação deve ser feita não em função de um parâmetro mas em função de suas diferenças. Por outro lado, Wagley não define a amplitude da continuidade necessária a um estudo para, posteriormente, concluir pela sua ausência na América

Latina. Por sorte, o procedimento equivocado de comparar diferenças para encontrar semelhanças, exclui a América Latina do etnocêntrico termo laboratório. De qualquer forma, pensar uma região como laboratório, bom ou mal, não deixa de representar o contexto da reforma cultural e da antropologia aplicada falando através de Wagley.

Num texto de 1948, Wagley escreve:

Recentemente, o Dr. John Gillin, num artigo publicado em Social Forces, apresentou um conceito muito útil de cultura latino-americana moderna, com padrões e valores comuns, distinguindo-a de outras variedades da cultura ocidental. As instituições, os elementos culturais e os valores que unificam a cultura latino-americana moderna são, segundo o Dr. Gillin, principalmente ibéricos e derivados de uma herança comum espanhola e de uma experiência comum sob o domínio colonial espanhol. Essa cultura latino-americana moderna (ou "creoula"), embora encontrada em toda a América do Sul e Central, tem muitas formas regionais e locais devidas a grandes diferenças no meio natural e na influência de várias culturas indígenas. (Wagley, 1948:716)

Na citação acima, a América Latina é definida pelas suas diferenças em relação ao Ocidente, segundo um recorte cultural. Para Gillin - e nele possamos, talvez, identificar a origem da idéia - a América Latina é pensada como uma totalidade substantiva cuja coerência deriva de uma herança ibérica comum mas que encontra diferentes contextos para se atualizar. Mais adiante, no mesmo texto, escreve Wagley:

Como salientou o Dr. Gillin, a cultura latino-americana é católica romana na religião, e este catolicismo é ibérico na sua ênfase ao culto dos santos, às festas públicas, às ordens monásticas e irmandades religiosas. "Ideologicamente, esta cultura (da América Latina moderna) é antes humanística do que puritana ... e intelectualmente é antes caracterizada pela lógica e pela dialética do que pelo empirismo e pragmatismo". Na América Latina a família é uma unidade excepcionalmente forte e sólida. Há um duplo padrão forte de moralidade sexual. Existe uma larga extensão de termos de parentesco e usam-se padrões de parentesco cerimonial (padrinhagem) para maior solidariedade social. As cidades latino-americanas são

construídas em torno de uma praça, em contraste com o nosso plano (americano) baseado numa rua principal (Main Street), e suas casas são geralmente colocadas em frente de rua, sem jardim na frente. Os padrões latino-americanos de lei e de processo legal seguem o Direito Romano conforme foi desenvolvido pelo Código Napoleão, em vez dos padrões anglo-americanos que conhecemos. (Wagley, 1948:720)

Como se pode ver acima, Wagley detalhou o conteúdo da semelhança latino-americana. Isto é, nosso autor aponta as instituições e os planos onde a homogeneidade latino-americana se expressa. O catolicismo com ênfase ibérica, a família, o parentesco, o direito e a arquitetura das cidades são as instituições onde Gillin define a cultura latino-americana. Como conteúdo cultural, a América Latina seria caracterizada pelo humanismo, a lógica e a dialética, em oposição à cultura norte-americana que teria, como traços fundamentais, o puritanismo, o empirismo e o pragmatismo. Talvez, estes últimos traços expliquem, para alguns poucos, a situação de força que os EUA se encontram diante do mundo.

A partir da afirmação de uma "herança ibérica comum", Wagley tematizará o conteúdo dessa herança pelo uso da noção de padrões ideais de comportamento. Ele dirá:

As a result of their common Iberian cultural heritage and of similarities in historical experience in the New World, a set of traditional "ideal patterns" which guide the behavior of most Latin Americans seems to act as a common denominator through the whole culture sphere (Gillin 1947B; 1955). (Wagley, 1968:2)

Os padrões de comportamento são um "resultado" da herança cultural ibérica e de uma situação histórica. Para Wagley, eles são o "denominador comum do pensamento latino-americano". Sobre os padrões ideais escreveu:

The ideal patterns which are common through Latin America and which seem to me profoundly influence the behavior of most Latin Americans are mainly patterns of behavior and institutional forms that derive from the Iberian Peninsula of

sixteenth and seventeenth centuries but that have been modified in their New World setting. They include familism, ceremonial and fictive kinship (the compadrasgo system), double standards of sexual morals, emphasis upon social class, a disdain for manual labor, high regard for formal etiquette, an emphasis upon the saints and a love of display in religion (that is, religious processions and festivals), and other patterns of behavior and institutions (Gillin 1947B;1955). Such ideal patterns of Latin American culture will be described and analyzed in the papers that follow, but it should be noted now that most of them are aristocratic patterns and derivative of the gentry. (Wagley, 1968:3-4)

Na citação acima, Wagley, uma vez mais, descreve instituições latino-americanas. Em sua descrição, pode-se registrar que as expressões "extensão da Europa" e "padrões aristocráticos" assumem a condição de sinônimos. Ou seja, o passado da América Latina levaria, conseqüentemente, a um modo aristocrático de vida onde os padrões representam uma expressão. Na citação acima, o que Wagley procura afirmar é uma América Latina arcaica, aristocrática e ultrapassada tecnologicamente, carecendo, portanto, da intervenção norte-americana como um indutor do desenvolvimento.

O estudo das instituições tem, para Wagley, um papel muito importante a cumprir na economia da reforma cultural. O estudo das instituições é a bússola para que o reformador ou administrador possa transitar da vontade de reformar para a reforma. Nesse sentido, a idéia de que a América Latina possui uma herança ibérica comum, com leves modificações históricas em tal ou qual país, serve para sustentar a tese da totalidade substantiva e esta para legitimar uma reforma cultural eficiente e barata. Wagley escreve:

As a result of their common Iberian cultural heritage and of similarities in historical experience in the New World, a set of traditional "ideal patterns" which guide the behavior of

most Latin Americans seems to act as a common denominator through the whole culture sphere (Gillin 1947B; 1955). (Wagley, 1968:2)

Ao mesmo tempo que portadores de uma "herança ibérica comum", nós, os latino-americanos, seríamos, para Wagley, portadores de similaridades na experiência histórica no Novo Mundo. O Novo Mundo é, para Wagley, uma região que recebe sua identidade e diferença quando confrontado com o Velho Mundo. No Novo Mundo estão os países latino-americanos e os anglo-americanos.

Noutro enunciado, Wagley reafirma a "herança espanhola" da América Latina. Ele diz:

The ideal patterns which are common throughout Latin America and which seem to me profoundly influence the behavior of most Latin Americans are mainly patterns of behavior and institutional forms that derive from Iberian Peninsula of the sixteenth and seventeenth centuries but that have been modified in their New World setting. (Wagley, 1968:3)

Na citação acima, como uma extensão da Europa, a América Latina é, também, o resultado das modificações que a História impôs àquela herança.

A herança espanhola, uma sociedade agrária e resistente à transformação, deverá ser, então, o ponto de aplicação da reforma cultural, o alvo para a atuação sobre o outro, os latino-americanos:

In fact, it has been shown again and again that the persistence of these agrarian and elite-oriented ideal patterns provides a barrier to economic development, educational reform, and political modernization. (Cardoso 1964; Silvert 1961; 1967; Benjamin 1965; and Wagley 1963, for example). (Wagley, 1968:7)

"Persistência dos padrões ideais agrários e elite-orientados" versus o "desenvolvimento econômico, a reforma educacional e a modernização política", eis aí o núcleo que Wagley faz da representação da América Latina, uma

condição para a retórica da reforma cultural.

III. UM CONTRA-PONTO A ANGLO-AMÉRICA

Em *Barreiras à Educação nas Américas*, Charles Wagley escreve:

A América Latina tem uma formação essencialmente ibérica e uma tradição fundamentalmente católica. A Anglo-América é de tradição norte-européia e predominantemente protestante. (Wagley, 1956: 15)

A leitura do enunciado anterior nos sugere, apenas, uma descrição desinteressada, pelo seu autor, de diferenças entre duas regiões culturais. Uma descrição que define as regiões pela sua origem européia e por sua religião. Tal enunciado não mereceria maior destaque (não é portador de nenhuma grande revelação etnográfica), se não soubéssemos que, para seu autor, as origens referidas têm uma diferente significação, uma significação hierárquica. O que quero dizer é que o aparente e ingênuo registro de uma diferença histórico-cultural esconde, na verdade, uma hierarquia entre a América Latina e a Anglo-América. Ou seja, para Wagley, a "tradição norte-européia" é superior à "formação essencialmente ibérica". Esta superioridade da cultura protestante sobre a cultura católica implica uma legitimidade na condução das relações entre ambas e, por extensão, a legitimidade para que a porção norte-européia redima a porção ibérica. Tal redenção é a forma pela qual o contra-ponto que ambas representam uma para a outra é transformada por Wagley em hierarquia, em evolutividade e, por conseguinte, transformada na necessidade de correção, na normalização de uma pela outra através da reforma cultural.

A porção a ser reformada culturalmente possui, entretanto, seus encantos:

In these papers, I have conceived of Latin America as a broad culture sphere set off in many ways from the Anglo-American culture sphere with which it shares the New World. Although it is fashionable nowadays to stress the dynamic social and economic changes underway in Latin America, I have stressed in these papers the persistence of traditional ways of thought and behavior patterns and their tenacity in face of fundamental social and economic change. (Wagley, 1968:VI)

Anglo-América e Latino-América juntas, possivelmente em aliança formando um bloco oposto, sob vários sentidos, ao Velho Mundo. Bloco que tem no contraste entre uma região onde convivem modos tradicionais de pensamento e comportamento e outra onde a mudança social e econômica não é necessária pela presença do estado de bem-estar social a sua oposição fundamental. Se isto é correto, cumpre, então, superar o impasse entre o velho e o novo para que o bloco como um todo não fique ameaçado; para que a aliança persista e sobreviva. Tal sobrevivência é o entendimento entre as duas culturas, principal chave política para que Wagley abrisse a eventual resistência de certos setores políticos latino-americanos às positivities de uma reforma cultural e à vantagem de pertencer ao bloco ocidental.

Como se isto não bastasse para caracterizar o entendimento, ele pode ser definido como a expressão máxima da necessidade de legitimidade que a reforma cultural e a hegemonia norte-americanas necessitavam:

The ways of life of North America and South America differ. There are differences in customs, in traditions, in institutions, in ideologies, and in individual attitudes and behavior patterns between the two Americas. These differences are sometimes marked and vivid, but they can often be traced to different emphases, variant interpretations of a similar custom, or unlike functions of similar institutions. Such

differences make it difficult for the people of North America to understand Latin America and vice versa. It is hoped that this description will be of some help in explaining Latin American culture to North Americans. (Wagley, 1968: 29-30)

Reconhecer as diferenças para depois diluí-las na expressão vacilante de uma variante cultural, parece ter sido o caminho pelo qual Wagley chegaria à busca do entendimento entre latino-americanos e norte-americanos. Entendimento necessário à hegemonia e à organização do continente latino-americano pelos EUA. É para isso que Wagley quer colaborar e é para isso que sua condição de antropólogo o credencia. Ou seja, reformar culturalmente uma área e mantê-la sob a hegemonia norte-americana requer entendimento, isto é, requer uma atitude de escuta do outro, de observação de suas diferenças ante nós, ainda que seja para concluir que os dois continentes não passam de variações culturais ou que as diferenças aparentes realçam uma semelhança que deve encorajar a prática da reforma cultural através do estudo racional e aplicado da região.

Dessa forma, representar a América Latina como um contra-ponto à Anglo-América mas, ao mesmo tempo, como sua aliada natural foi a maneira que Charles Wagley encontrou para, aproximando as duas Américas, tornar natural a superioridade de uma sobre a outra e, em perspectiva, uma negação das diferenças entre ambas em favor da hegemonia anglo-americana. Da mesma forma, "land of mañana" e uma "comunidade política" também são representações que se alojam no espaço aberto pela lógica da reforma cultural que é a lógica da transformação da diferença na desigualdade e, por

consequente, da legitimação da intervenção cultural.

(D) REFERÊNCIAS: ENTREVISTAS, BIBLIOGRAFIA GERAL E
DE CHARLES WAGLEY

1. ENTREVISTAS

As informações que me permitiram uma reconstrução do itinerário de Charles Wagley - ainda que não creditadas diretamente no texto para evitar uma sensação de fragmentação na narrativa - me foram prestadas pelos seguintes personagens através de entrevista:

BERTA RIBEIRO

CARLOS MOREIRA NETTO

CECÍLIA WAGLEY

CELESTE BRAGA

CHARLES WAGLEY

DARCY RIBEIRO

EXPEDITO ARNAUD

YONNE LEITE

LUIS DE CASTRO FARIA

MARIANNE SCHIMINCK

MERCIO GOMES

NASSARO NASSER

OCTAVIO IANNI

PENNIE MAGEE

POMPEIA LIMA

ROBERTO CARDOSO DE OLIVEIRA

THALES DE AZEVEDO

WILLIAM HUTCHINSON

2. BIBLIOGRAFIA GERAL

AZEVEDO, T., 1984. As Ciências Sociais na Bahia, Fundação Cultural do Estado da Bahia.

BEIRAO, Nirlando O. 1976. "Uma paixão pelo trópico, decano dos brasilianistas fala de 37 anos de estudos sobre um país que desconhece", Revista Veja nº 392, março.

BISHOP, E., Poemas, São Paulo, Companhia das Letras.

BOURDIEU, P., 1983. "O campo científico", in Renato Ortiz, ed., Pierre Bourdieu, São Paulo, Atica.

CALDEIRA, T.P. do Rio, 1988. "A presença do autor e a pós-modernidade em Antropologia", Novos Estudos CEBRAP, nº 21, julho.

CANDIDO, A., 1982. "O Significado de Raízes do Brasil", em Holanda, S.B. de, 1982.

CARDOSO, R. (org.), 1986. Aventura Antropológica: Teoria e Pesquisa, Rio de Janeiro, Paz e Terra.

CARDOSO DE OLIVEIRA, R., 1988. "A Vocação metadisciplinar da etnologia das Ciências", Sobre o Pensamento Antropológico, Rio de Janeiro, Ed. Tempo Brasileiro.

/, "Tempo e Tradição. Interpretando a Antropologia", in Anuário Antropológico/84, 1985 (também in Sobre o Pensamento Antropológico, o.c.)

CHARTIER Roger, 1982. "Intellectual History or Sociocultural History? The French Trajectories", Modern European Intellectual History: Reappraisals and New Perspectives (Dominick La Capra e Steven L. Kaplan, Orgs.) Ithaca, Cornell University Press.

, 1988. A História Cultural, entre práticas e representações, Difel e Bertrand do Brasil, Lisboa e Rio de Janeiro. (Trad. de Maria Manuela Galhardo).

CLIFFORD, J., Maurice Leenhardt in the Melanesian World,

CORREA, Mariza, 1987. *História da Antropologia no Brasil*, Vol. I, Campinas, Unicamp/Vértice.

/, 1988a. "Traficantes do Excêntrico. Os Antropólogos no Brasil dos anos 30 aos anos 60". *Revista Brasileira de Ciências Sociais* 6(3), São Paulo.

/, 1988b. "A Revolução dos Normalistas", *Cadernos de Pesquisa*, Fundação Carlos Chagas, Cortez Editores, São Paulo.

/, 1993. "A Antropologia no Brasil (1960-80)", mimeo.

/, 1988. "Os índios do Brasil Elegante e a Professora Leolinda Daltro", *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.1.

DA MATTA, R., 1985. "De Volta aos Tristes Trópicos: notas sobre Lévi-Strauss e o Brasil", *Ciência Hoje*, A(21), nov/dez, Rio de Janeiro.

, 1981. *Relativizando: uma introdução à Antropologia Social*, Petrópolis, Vozes.

, 1978, "O ofício do etnólogo ou como ter anthropological blues", em Edson de Oliveira (org.), *A Aventura Sociológica*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

DOBYNS, H.F. e DOUGHTY, P. (eds.), 1971. *Peasants, Power and Applied Social Change: Vicos as a model*, Beverly Hills, Calif., Sage Publications.

ESCOBAR, A., 1991. "Anthropology and the development encounter: the making and marketing of development anthropology", *American Anthropologist*, 18(4), nov..

FALHABER, P., 1987. *O Navio Encantado, Etnias e alianças em*

Tefé, MCT-CNPq/Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém.

FERNANDES, F., 1968. Sociedade de Classes e Sub-desenvolvimento,
 , (org.) 1975. Comunidade e Sociedade no Brasil:
 leituras básicas de introdução ao estudo macro-sociológico,
 São Paulo, Ed. Nacional.

FOUCAULT, M., 1986. A Arqueologia do Saber, Forense-
 Universitária, Rio de Janeiro. (Trad. de Luiz Felipe Baeta
 Neves).

, 1971. L'ordre du discours, Paris, Gallimard.

, 1968. "Réponse au Cercle d'épistémologie", Cahiers
 por l'Analyse, été.

, 1984. "What is an author?", in Paul Rabinow, ed.,
 Foucault Reader, New York, Pantheon Books.

GALVAO, E., 1979. Encontro de Sociedades: índios e brancos no
 Brasil, Rio de Janeiro, Paz e Terra.

, 1955. Santos e Visagens, São Paulo, Ed. Nacional.

GEERTZ, C., 1983. Local Knowledge: Further Essays in
 Interpretative Anthropology. Basic Books Inc. Publishers, New
 York.

GILBERT, Felix, 1971. "Intellectual History: Its Aims and
 Methods", Daedalus, Winter.

HARRIS, M., 1990. "Charles Wagley's contribution to
 Anthropology", Florida Journal of Anthropology, Special
 Publication, nº 6, Gainesville, University of Florida Press.

HOLANDA, S.B. de, 1982. Raízes do Brasil, José Olympio Editora,
 Rio de Janeiro.

HOLMBERG, A.R., 1960. "Changing Community Attitudes and Values
 in Peru: a Case Study in Guided Change", Social Change in

Latin America Today, New York, Vintage Books.

HOLMBERG, A. R. e DOBYNS, H. F., 1962. "The Process of accelerating community change", Human Organization, 21:107-09.

HUNTINGTON, E., 1939. Civilization and Climate,

IANNI, O., 1958. "O método em uma comunidade amazônica", Sociologia, 20.

JACOB, F., 1983. A lógica da vida: uma história da hereditariedade, Rio de Janeiro, Graal. (Trad. de Angela Loureiro de Souza).

KLUCKHOHN, Clyde, 1949. Mirror for Man, New York, The McGraw-Hill Book Company, Inc.

KUNH, T., 1975. A Estrutura das Revoluções Científicas, São Paulo, Ed. Perspectiva.

KUPER, Adam, 1978. Antropólogos e Antropologia, Rio de Janeiro, Francisco Alves. (Trad. de A. Cabral).

LA CAPRA, D., 1983. Rethinking Intellectual History: Texts, Contexts, Language. Ithaca, Cornell University Press.

LÉVI-STRAUSS, C., 1955. Tristes Trópicos, Lisboa, Edições 70.

LINTON, R. (ed), 1940. Acculturation in Seven American Indian Tribes, New York, Appleton-Century.

/, REDFIELD, R. e HERSKOVITS, M., 1936. "Memorandum for the study of acculturation", American Anthropologist 38, nº 1:149-52.

MAGEE, P. L. e WILSON, J., (eds.) 1990. "Looking through the Kaleidoscope: Essays in honor of Charles Wagley", Florida Journal of Anthropology, Special Publication Number 6, Gainesville, University of Florida Press.

MARGOLIS e CARTER (eds.), 1979. Brazil, Anthropological Perspectives - essays in honour a Charles Wagley. New York.

Columbia University Press.

MASSI, Fernanda P., 1988. "Franceses e Norte-Americanos nas Ciências Sociais Brasileiras (1930-1960)", Série História das Ciências Sociais nº 5, IDESP, São Paulo.

MELATTI, Júlio César e outros, 1984. "Depoimentos: A Antropologia no Brasil", Anuário Antropológico 82. Rio de Janeiro, Ed. Tempo Brasileiro.

MELATTI J. C., 1984 "A Antropologia no Brasil: um roteiro", BIB (17), Rio de Janeiro, 1984

MÉTRAUX, A., 1978. Itinéraires I, Paris, Payot.

MICELI, S., 1979. A desilusão americana, São Paulo, Idesp/Sumaré.

, 1989 (org.). A História das Ciências Sociais no Brasil, Idesp/Vértice, São Paulo.

MOUSINHO GUIDI, M. L., 1962. "Elementos de Análise dos Estudos de Comunidades realizados no Brasil e publicados entre 1948 e 1960", Educação e Ciências Sociais - 10(19), jan/abril, Rio de Janeiro.

PASSADOR, Luiz H., 1987. "Herbert Baldus: Um Ensaio". Trabalho escrito para o exame de Mestrado em Antropologia Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, (Mimeo).

PEÇANHA, A. M. DE MENEZES, 1976. "Fundação Serviços de Saúde Pública - FSESEP, um estudo de desenvolvimento institucional, Revista da Fundação SESP, vol. XXI(1), Rio de Janeiro.

RABINOW, P., 1986. "Representations are social facts: modernity and post-modernity in anthropology". In James Clifford e George Marcus, eds., Writing Culture - The Poetics and

Politics of Ethnography. Berkley, University of California Press.

SA, SAMUEL e SA, ELISA, 1990. "Wagley no espelho triangular", Florida Journal of Anthropology, Special Publication, nº 6, Gainesville.

SAID, E.W., 1990. O Orientalismo, São Paulo, Companhia das Letras. (Trad. de Tomás Rosa Bueno).

SCHOLTE, B., 1983. "Cultural Anthropology and the Paradigm Concept: a brief history of thier recent convergence", em Functions and Uses of disciplinary histories, Vol. VII, Grahah, L., W. Leperiences e P. Weingart (orgs).

, 1966. "Epistemic Paradigms: Some Problems in Cross-Cultural Research on Social Anthropological History and Theory", in American Anthropologist, 68 (pp.1192-1201).

SCHORSKE, Carl, 1980. Viena fim de século: política e cultura, São Paulo, Companhia das Letras.

SEBE BOM MEIHY, José Carlos, 1987. "Visita ao Velho Senhor: Charles Wagley", Revista da USP nº5, junho.

SILVERMANN, Sydel, 1981, Totems and Teachers: perspectives on the history of anthropology. New York, Columbia University Press.

STOCKING, Jr., George W., 1974. "The Basic Assumptims of Boas Anthropology", Franz Boas: The shaping of American Anthropology. 1983/1911, Chicago, The University of Chi- cago Press.

STOCKING, Jr., 1986. Malinowski. Rivers, Benedict and Others: essays on culture and ppersonality. Madison, Univ. of Wisconsin.

STOCKING Jr., 1985. *Objects and Others essays on museums and material culture*. Madison, The University of Wisconsin Press.

STOCKING, Jr., 1968. *Race, Culture and Evolution: Essays in the History of Anthropology*. New York, Free Press.

STONE, L., 1979. "The Revival of Narrative: Reflections on a New Old History", *Past and Present*, Nº 85, November.

TODOROV, T., 1983. *A Conquista da América: a questão do outro*, Martins Fontes, São Paulo. (Trad. de Beatriz Perrone Moisés).

VELHO, O. G., "Processos sociais no Brasil pós-64: as ciências sociais", B. Sorj, e M.H.T. de Almeida (orgs), *Sociedade e Política no Brasil pós-64*, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1983.

WOORTMANN, K., 1972. "A Antropologia Brasileira e os Estudos de Comunidade", *Universitas* nº 11, Salvador.

3. BIBLIOGRAFIA DE CHARLES WAGLEY

1940 "The Effects of Depopulation upon Social Organization as Illustrated by Tapirapé Indians". *Transactions of the New York Academy of Sciences*, series II, vol. 3, nº 1, pp. 12-16.

"World View of the Tapirapé Indians". *Journal of American Folklore*, vol. 53, nº 2109, pp. 252-260.

1941 *Economics of a Guatemalan Village*. *Memoirs of the American Anthropological Association* Nº 58, pp. 86.

1942 *O Estado de Êxtase do Pagé Tupi*. *Sociologia* IV(3): 285-292. São Paulo.

1943 "Tapirapé Shamanism", *Boletim do M.N. Antropologia* (3), Rio de Janeiro.

Notas Sobre Aculturação entre os Guajajara (Tenetehara), *Boletim do Museu Nacional, Antropologia*, Nº 2, Rio de

Janeiro.

1945 Um Tapirapé Atinge a Maioridade. Revista do Museu Nacional 3:16-17, Rio de Janeiro.

Estudos Regionais e Problemas Sociais. Revista do Instituto Brasil Estados Unidos iii (9) 61-70. Rio de Janeiro. (Reimpresso na Revista do I.N.E.P.)

Antropologia Aplicada. Revista de O Jornal, 29 de Abril, Rio de Janeiro.

Resenha de Plainville, USA de James West. Revista de O Jornal, 13 de Maio, Rio de Janeiro.

Algumas Lendas Indígenas (Tenetehara). Revista de O Jornal (27 de Maio), II (24 de Junho), III (15 de Julho), Rio de Janeiro.

A Educação Sanitária do Povo Brasileiro na Zona Rural. Revista de O Jornal, 5 de Agosto, Rio de Janeiro.

1946 O Museu Nacional como Centro de Pesquisas Antropológicas. O Jornal, 6 de Janeiro, Rio de Janeiro.

Métodos Educativos em Saúde Pública. In Problemas de Medicina Prática e Preventiva no Brasil. Beatrice Berle, ed., Rio de Janeiro, Agir Editora.

Resenha de The Masters and the Slaves: A Study in the Development of Brazilian Civilization de Gilberto Freyre. Political Science Quarterly LXI (4):282-282.

com Eduardo Galvão

Tupi-Guarani Kinship. Boletim do Museu Nacional, Antropologia Nº 6, Rio de Janeiro.

com Eduardo Galvão

O Parentesco Tupi-Guarani: Considerações à Margem duma

Crítica. Sociologia VIII(4). São Paulo.

- 1947 Resenha de The Eastern Timbira de Cúrt Nimuendaju.
American Antiquity 12(4).

- 1948 Area research and Training: a conference report on the
study of world areas. N.Y., Social Science Research
Council, Pamphlet, nº 6, New York.

The Study of World Areas: A Report on the National
Confernce. Items, Social Science Research Council 2(1).

Regionalism and Structural Unity in Brazil. Social
Forces. 26 (4) (Tradução para o Português em Boletim
Geográfico, Ano VI, 67:716-724, Rio de Janeiro)

A Social Survey of an Amazon Community with
Recommendations for Future Research (original em inglês
com traduções para o Francês e o Espanhol), Paris UNESCO
(mimeografado).

com Eduardo Galvão

The Tapirapé. Handbook of South American Indians. Julian
Steward, ed.III: 167-78. Bulletin 143, Bureau of American
Ethnology, Smithsonian Institution.

com Eduardo Galvão

The Tenetehara. *ibid.*

- 1949 Com Eduardo Galvão

The Tenetehara Indians os Central Brazil, New York,
Columbia University Press.

Brazil. Most of the World, Ralph Linton (ed.), New York,
Columbia University Press.

The Social and Religious Life of a Guatemalan Village.
Memoirs of the American Anthropological Association Nº

71.

Resenha de Cunha de Emilio Willems. *American Anthropologist* 51(2) 306-308.

Experiment in the Amazon Vally. The Story of our Time. New York: Grolier Society.

Ruth Fulton Benedict: 1887-1948. *Boletim Bibliográfico de Antropologia Americana* XI:363-364.

1950 *Races et Classes dans le Brésil Rural*. UNESCO (organizador).

Resenha de *Empire's Children: The People of Tzintzuntzan* de George Foster. *Hispanic American Historical Review*, Maio, pp218-220.

Resenha de *Awakening Valley* de John Collier Jr. e Anibal Buitron. *Hispanic American Historical Review*, Novembro, pp. 515-516.

com Thales de Azevedo e Luís A. Costa Pinto

"Uma pesquisa sobre a vida social no Estado da Bahia", Secretaria da Educação e Cultura, Publicação do Museu do Estado, re-publicada na revista *Antropologia*, 2(1) de 1954.

1951 com Thales de Azevedo

Sobre Métodos de Campo nos Estudos de Comunidade. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo V.

"Cultural Influences on Population: A Comparison of Two Tupi Tribes". *Revista Museu Paulista*, Vol. V, pp. 95-104, São Paulo.

"The Indian Heritage of Brazil". In Alexander Marchant & T. Lynn Smith (eds.), *Brazil: Portrait of Half a*

Continent. New York: Dryden Press. pp. 104-124.

The Brazilian Amazon: The Case of an Under-Developed Area. Four Papers Presented in the Institute for Brazilian Studies. Nashville, Vanderbilt University Press.

1982 The Folk Culture of the Brazilian Amazon. Proceedings and Selected Papers of the XXIX International Congress of Ameericanists. University of Chicago Press. pp. 224-30.

Race and Class in Rural Brazil, Paris, UNESCO.

Cultural Hints for Personnel Going to Latin America. Foreign Service Institute, Washington.

Resenha de Exploration of the Valley of the Amazon, de William Lewis Herndon. New York Times Book Review, 11 de Maio.

Race Realtions in Brazil: Attitudes in the Backlands. UNESCO Courier V, Agosto/Setembro, Nº 8-9.

Resenha de Cruz das Almas: a Brazilian Village, de Donald Pierson. Americas IV, Nº 10.

Resenha de The Culture of Security in San Carlos: A Study of a Guatemalan Community of Indians and Ladinos, de John Gillin. Hispanic American Historical Review, Fevereiro.

Resenha de The Black Carib of British Honduras, de Douglas MacRae Taylor. Amaerican Anthropologist LIV(4): 538-9.

Com Sidney Mintz

Social Conditins in Latin America. Preliminary Report on

World Social Situation. United Nations, pp. 136-147.

1953 Com Carl Whithers (James West)

Relatório de sugestões ao projeto sobre a situação educacional brasileira.

Amazon Town: a study of the man in the tropics, New York, Macmillan.

An Introduction to Latin American Culture. Foreign Service Institute, Washington.

Resenha de Life in a Mexican Village: Tepptzlan Restudied, de Oscar Lewis. The Americas IX(3): 373-374.

Enter the European: II, Into Brazil - Half of South America. The Beaver, Setembro, pp.3-9.

1954 Resenha de Bibliografía Selectiva de las Culturas Indigenas de las Americas, de Juan Comas. Hispanic American Historical Review XXXIV, Maio, pp. 234-5.

Estudos de Comunidades no Brasil sob Perspectiva Nacional. Sociologia XVI(2):3-22, São Paulo

The Problem of the Amazon. Britannica Book of the Year.

1955 "Brazilian Community Studies: a methodological evaluation". Anais do XXVI Congresso Internacional de Americanistas de São Paulo.

"Tapirapé Social and Cultural Change, 1940-1953". Anais do XXVI Congresso Internacional de Americanistas (1954), vol. I, pp. 99-106. São Paulo.

Race and Class Barriers to Access to Knowledge in the Americas. Responsible Freedom in the Americas, Angel del Rio (ed.), New York, Doubleday.

Resenha de Aventura e Rotina: Sugestões de uma Viagem à

Procura das Constantes Portuguesas de Carácter e Acção,
de Gilberto Freyre. *Hispanic American Historical Review*.
Prefácio de *As Elites de Cor: Um Estudo de Ascensão
Social*, de Thales de Azevedo, Companhia Ed. Nacional,
São Paulo.

Resenha de *Bibliografia Crítica de Etnologia Brasileira*,
de Herbert Baldus. *American Anthropologist* 57(4):872-6
Ralph Linton 1893-1953. *Revista do Museu Paulista* IX,
pp.299-306.

Brazil. Garden City, Nelson Doubleday Inc.

Prefácio de *The Trumai Indians of Central Brazil*, de
Robert Murphy e Buell Quain. *American Ethnological
Society*.

com Marvin Harris

A Typology of Latin American Subcultures. *American
Anthropologist* 57(3):428-51.

1956 *Barreiras à Educação nas Américas* (tradução). *Educação e
Ciências Sociais*, Ano 1, vol.1(2): 13-27.

1957 "Plantation-America: a culture sphere", *Caribbean
Studies. A Symposium*, Vera Rubin (ed.), N.Y., Institute
of Social and Economic Research.

Resenha de *The People of Puerto Rico*, de Julian Steward,
et al..In *The Scientific Monthly*.

*Santiago Chimaltenango: Estudio Antropologico-Social de
una Comunidad Indigena de Huehuetenango, Guatemala*.

Uma Comunidade Amazônica, Estudo do Homem nos Trópicos,
São Paulo, Brasiliana. (Trad. de Clotilde da Silva
Costa).

com Marvin Harris.

The Situation of Negro in the United States.
International Social Science Bulletin, UNESCO, vol. IX,
nº 4, pp 427-438.

1958 Com Marvin Harris

Minorities in the new World: six case studies. New
York, Columbia University Press.

Resenha de Culturas e Línguas Indígenas do Brasil, de
Darcy Ribeiro. Hispanic American Historical Review.

Resenha de Vassouras: a Brazilian Coffee County, de
Stanley Stein. Hispanic American Historical Review.

Resenha de WAI-WAI: Through the Forest North of the
Amazon, de Nicholas Guppy, Hispanic American Historical
Review.

1959 On the Concept of Social Race in the Americas. Actas del
XXXIII Congreso Internacional de Americanistas, San
Jose, Costa Rica, pp. 403-417.

Articles on the "Arawak", "Carib", "Tupi-Guarani",
"jivaro", "Ge" e "Ona" for The World Book Encyclopedia,
Chicago.

Brazil: The People. Encyclopedia Britannica.

1960 A Revolução Brasileira, Uma Análise de Mudança Social
desde 1930, tradução de Archimedes P. Gimarães, pp. 79,
Publicação Nº 2, Programa de Pesquisas Sociais da
Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia.

"Comment" a Social and Cultural Pluralism, de M. G. Smith.
Social and Cultural Pluralism in the Caribbean. Annals
of the New York Academy of Sciences, vol. 83, pp. 777-780.

Champukwi of the Village of the Tapirs. In the Company of Men, de J. Casagrande. New York, Harper and Co., pp. 397-416.

- 1961 "The Social Sciences, parochia or Cosmopolitan? Reflection on the Inter-American Conference on Research and training in Sociology". Social Science Research Council, Item 15: nº 4 (December).

The Brazilian Revolution: Social Change since 1930. Social Change in Latin America.

- 1963 An Introduction to Brazil, New York and London, Columbia University Press.

Resenha de The Mansions and the Shanties: The Making of Modern Brazil, de Gilberto Freyre. New York, Alfred Knopf, 1963. New York Times, May 12, 1963.

- 1964 Brasil: crisis and change. Foreign Policy Association, New York, October (headline Series Nº 167).

Social Science Research on Latin America, New York and London, Columbia University Press.

The Peasant. Continuity and Change in Latin America, J. J. Johnson, ed. Stanford University Press.

The Dilemma of the Latin American Middle Class. Proceedings for the Academy of Political Science at Columbia University on Economic and Political Trends in Latin America, May 5, Lancaster, Pa., Wickersham Printing Co.

Social Science Research on Latin America: Summary of Possibilities and Needs from the Report of the Summer Seminar, 1963. Social Research Council ITEMS, 18(4):

49-54 (Dezembro).

Luso-Brazilian Kinship Patterns: The Persistence of a Cultural Tradition. Politics of Change in Latin America. Joseph Maier and Richard Weatherhead, eds., New York, Praeger.

Alfre Métraux: Obituary. American Anthropologist 66(3)I: 603-613.

1967 Introduction. Latin American Sociological Studies. The Sociological Review, Monograph Nº 11. Paul Halmos, ed.

1968 The Latin America Tradition: essays on the Unity and diversity of latin American Culture, New York, Columbia, University Press.

1969 The Maya of Northwestern Guatemala. Handbook of Middle American Indians, Vol.7, Ethnology, Part I, Austin, TX.

1970 Com Cecília Roxo Wagley
"Serendipity in Bahia", 1950-1970. Universitas 6/7, Salvador.

"Kamairaho: A Tapirapé Indian Leader". Universitas, nºs. 6-7, Maio-Dez., pp. 359-371. Salvador.

Resenha de The View from the Barrio, de Lisa Redfield Peattie. Political Science Quarterly LXXXV (4): 674-5.

What Happened to Ariel? SECOLAS Annals1:172-83.

Research Opportunities and Problems in Latin America in 1968. Latin America in Transition. Stanley R. Ross, ed. Albany, State University of New York Press.

Resenha de Human Ways, de John Gillin. American Anthropologist 72(6): 1466-67.

1971 Com Adelin Linton

- Ralph Linton: *The Man and his Theories*. New York: Columbia University Press.
- 1972 Latin America. Higher Education: From Autonomy to Systems. James A. Perkins, ed.. International Council for Educational Development, pp. 229-241.
- 1974 *Man in the Amazon*. Gainesville, University of Florida Press. (Editor e articulista).
- Com Solon Kimball
- Race and Culture in School and Community*. Office of Education, HEW, pp. 188.
- The Road of Brazilian Indians*. Review 1974. Center for Inter-American Relations. New York. Spring pp. 40-46.
- 1976 *Resenha de Brazilian Society*, de T.Lynn Smith. *The Hispanic American Historical Review*, February 1976, pp.113-114.
- 1977 *Welcome of Tears: The Tapirapé Indians of Central Brazil*. New York, Columbia University Press.
- 1979 *Prefácio a Dialectical Societies: The Ge and Bororo of Central Brazil*, editado por David Maubury-Lewis. Cambridge, MA, Harvard University Press.
- "Anthropology and Brazilian National Identity". *Brazil: Anthropological Perspectives*, editado por Maxine Margolis e William E. Carter, New York, Columbia University Press.
- 1985 *Prefácio a The Amazon Caboclo: Historical and Contemporary Perspectives*, editado por Eugene P. Parker, pp.vi-xvi. *Studies in Third World Societies*, publication nº 32. Department of Anthropology, College of William

and Mary, Williamsburg, Virginia.

1988 Lágrimas de Boas Vindas, Itatiaia/Edusp, 1988, Editora
Universidade de São Paulo. Tradução de Mafra Cabral
Nasser.